U.PORTO

MESTRADO INTEGRADO

ARQUITETURA

Plano Urbano em Aveiro:

Da Identidade e História à (de)Composição do Projeto

João Pedro Rebelo Pinto Freitas Naia

M

2021

Plano Urbano em Aveiro:
Da Identidade e História à (de)Composição do Projeto

Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura apresentada à Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto sob a orientação do Professor Doutor André Miguel Guimarães dos Santos.

João Pedro Rebelo Pinto Freitas Naia
Porto, 2021

Nota prévia:

O texto presente nesta dissertação foi escrito ao abrigo do novo Acordo Ortográfico, com exceção de transcrições, onde se opta por manter a grafia original.

Todas as citações presentes ao longo do texto, originalmente, em língua estrangeira, foram livremente traduzidas pelo autor a fim de assegurar uma melhor continuidade de leitura.

Os desenhos de síntese produzidos do primeiro ao terceiro capítulo têm por base, ou são cópias, de desenhos originais, interpretados pelo autor, para estarem conforme ao *layout* usado.

Os documentos originais para a elaboração destes desenhos encontram-se em anexo.

Alguns destes desenhos interpretados pelo autor não constam no anexo por impossibilidade de obter autorização para a sua digitalização. De todo o modo as obras onde estes podem ser consultados estão referidas nas fontes bibliográficas.

Agradecimentos

Ao meu orientador, Professor Doutor André Santos, pelo apoio e empenho no desenvolvimento deste trabalho, pelo conhecimento, opiniões e sugestões que tornaram esta dissertação possível.

À Faculdade e todos os professores e colegas que me ajudaram a construir este percurso.

Aos meus amigos pelo apoio e companheirismo, pelos momentos de lazer e intervalos no processo deste trabalho.

Aos amigos de curso, por fazerem parte deste percurso, por todos os momentos passados, pelo apoio, ajuda, pelas conversas e discussões que permitiram superar esta etapa, e em especial ao Miguel, ao Ronaldo, ao Fábio, à Ticha e à Inês.

À minha família por toda a ajuda e apoio incondicional, pela força e confiança demonstrada ao longo destes anos, e em especial à minha mãe por todos os esforços e sacrifícios, por toda a motivação e presença em todas as etapas. Obrigado.

Resumo

A presente dissertação tem origem numa inquietação perante o estado atual da cidade de Aveiro que, apesar das muitas iniciativas de reabilitação e requalificação do espaço urbano, parecem desconstruir uma perceção coesa da cidade. Numa realidade urbana que demonstra várias carências nas suas esferas socioculturais, propõe-se refletir quanto à elaboração de um plano focado no investimento na cultura e habitação, e na requalificação dos espaços património da cidade, como a ria e os seus canais.

Estrutura-se um percurso que pretende compreender e identificar os aspetos urbanos atuais mais característicos de Aveiro, objetivando-se o seu reforço no espaço da cidade, ou a criação de novos. Assim como, todos os fatores históricos que construíram a cidade e que merecem ser *redignificados*.

Assim, através de um objeto de estudo concreto, os espaços junto aos canais na zona norte da cidade, e uma motivação de caráter interventivo, representativo do papel do arquiteto, explora-se a oportunidade para a elaboração de um estudo que formule uma possível solução de planeamento urbano. Solução essa, que visa a requalificação de espaços desconsiderados junto aos canais.

A partir desta intervenção, remata-se este trabalho com uma reflexão crítica que o confronta com os momentos anteriores de planeamento da cidade, bem como com a perspetiva da sua implementação nas consequência para com o território em questão.

Palavras chave: Arquitetura; Urbanismo; Aveiro; História; Identidade.

Abstract

The present work has its origin in a restlessness towards the current state of the city of Aveiro, which despite the many rehabilitation and requalification initiatives on its urban space, seem to deconstruct a cohesive perception of the city. In an urban reality that demonstrates various deficiencies in its sociocultural fields, it is proposed to reflect on the design of a plan focused on cultural and housing investment, and on the requalification of the city's heritrage spaces, such as the lagoon and its canals.

A strategy is structured in order to compreend and identify the most characteristic contemporary Aveiro's urban aspects, aiming the reinforcement of those in city's space, or the creation of new ones. As well as the historical factors that shaped the city and deserve to be redignified.

Therefore, through a specific object of study and a motivation of interventional character, representative of the architect's role, an opportunity for the elaboration of a critical study that formulates a possible urban planning solution is created. A solution that aims to requalify disregarded spaces along the canals.

Based on this intervention, this work will be concluded with a critical reflection confronting it with previous city planning moments, as well as with the perspective of its implementation and consequences for the territory in question.

Keywords: Architecture; Urbanism; Aveiro; History; Identity.

Agradecimentos 3
Resumo 5
Abstract 7

Sumário **8**

Introdução **13**
Objeto 16
Objetivos 16
Metodologia 16
Estrutura 17

1.Imagem **21**
1.1 Limites 25
1.2 Vias 28
1.3 Zonas 32
1.4 Cruzamentos 36
1.5 Pontos Marcantes 41
1.6 Inter-relações 45

2.Memória **49**
2.1 Origem 55
2.2 Expansão 57
2.3 Caos 68
2.4 Progresso 75
2.5 Reafirmação 79

3.Ordem **87**
3.1 Moreira da Silva (1948-1960) 91
3.1.1 *Espaço de Circulação* 91
3.1.2 *Espaço Público* 93
3.1.3 *Edificado* 95

3.2 Auzelle (1963) 97
3.2.1 *Zona Portuária* 97
3.2.2 *Zona Industrial* 99
3.2.3 *Zona Habitacional* 101
3.2.4 *Equipamentos* 101
3.2.5 *Espaços Verdes* 103
3.2.6 *Circulação* 103
3.3 Távora (1963-1965) 107
3.3.1 *Circulação* 108
3.3.2 *Norte do Canal* 110
3.3.3 *Canal do Cojo* 110
3.3.4 *Sul do Canal* 113
3.4 Macroplan (1979) 115
3.4.1 *Bairro de Santiago* 117
3.4.2 *Universidade de Aveiro* 117
3.5 Polis (2003) 119
3.5.1 *Antiga Lota* 121
3.5.2 *Cais da Fonte Nova* 123
3.5.3 *Cais do Paraíso* 123
3.5.4 *Canal de S. Roque* 123
3.5.5 *Lado Nascente* 125
3.5.6 *Marinhas* 125

4.Lugar **127**
4.1 Motivação 130
4.2 Contexto 131
4.3 Percurso 137
4.3.1 *Sul do Canal* 139
4.3.2 *Norte do Canal* 143
4.3.3 *Rossio* 145
4.3.4 *Cais do Paraíso* 147

5.Plano **149**

5.1 Desígnios 153

5.1.1 *Programa* 153

5.1.2 *Premissas* 155

5.2 Proposta 157

5.2.1 *Intenções* 157

5.2.2 *Síntese* 163

5.3 Reflexão 202

Considerações Finais **205**

Referências **209**

Bibliografia 210

Páginas Web 212

Indice de Imagens 212

Anexos **224**

Fig. 1 - Aspecto da cheia, na Rua de João Mendonça. 1910.

Introdução

"*A ria, como o Nilo, é quase uma divindade. Só ela gera e produz. O homem nestes sítios é quase anfíbio: a água é-lhe essencial à vida e a população filha da ria e condenada a desaparecer com ela. Se a ria adoece, a população adoece. A ria é mágica e possui uma luz própria que a veste.*"[1].

[1] **BRANDÃO, Raul** - *Os Pescadores*.

Propõe-se com a presente dissertação refletir sobre o contexto da cidade de Aveiro e desenvolver uma proposta urbana e projetual para um terreno em contexto real, enquanto síntese e criação de identidade. Partindo desta realidade urbana como objeto de estudo pretende-se que o tema convoque os vários fatores que incidem na organização do espaço para uma prática urbana e projetual mais integradora do espaço português.[2]

A vontade da modulação do espaço é uma caraterística inerente à existência humana, desde a pequena à grande escala. Nesta perspetiva, a cidade pode ser vista como "*… um objeto gigante produzido pelo Homem, um trabalho de arquitetura e engenharia, que atravessa o tempo*; ..."[3], que define e é definido por um lugar, uma cultura, uma sociedade, e que se materializa na arquitetura. Assim, a cidade surge de uma ambição de um espaço ideal e de uma intenção estética.

Nesta dissertação pretende-se olhar para a história como ferramenta operativa no planeamento urbano e projeto arquitetónico. Assim, deverão ser abordados os diferentes períodos da evolução urbana da cidade de Aveiro, desde as suas origens até à contemporaneidade. Destes, destacam-se alguns momentos de decadência devido às condições geográficas, de desenvolvimento da indústria e do comércio, devido à introdução da indústria ferroviária, e de aumento demográfico, uma vez que contribuíram para a execução de planos urbanos e territoriais. Esses planos, que na sua maioria nos séculos XX e XXI redesenharam o traçado e a organização da cidade, alteraram a forma como nesta se vivia. Para além da contextualização histórica, será pertinente tornar esses planos objeto de estudo para a compreensão de estratégias, intenções e condicionantes a ter em conta na elaboração de um plano urbano no contexto desta cidade. Em complemento, não se poderá ignorar uma estratégia de apreensão da realidade urbana aveirense, e do terreno a intervir.

O contexto de uma realidade que tem vindo a demonstrar uma rápida evolução urbana nos dois últimos séculos ainda apresenta a necessidade de um plano que seja capaz de integrar e organizar as várias transformações urbanas desta cidade. Assim, entende-se oportuna a realização de um exercício que ponha em prática todo o material analisado. Ou seja, a recolha desta informação torna-se numa oportunidade para a elaboração de uma proposta de um plano urbano motivada não só pelo gosto que esta prática desperta, mas também por uma necessidade de redignificação e reconstrução urbana e pela investigação de modelos urbanos e arquitetónicos.

---

2 **TÁVORA, Fernando** - *Da Organização do Espaço*. (p. 47).

3 **ROSSI, Aldo** - *A Arquitectura da Cidade*. (p. 29).

Objeto

Na presente dissertação assume-se como objeto de estudo a imagem do espaço urbano de Aveiro, a evolução urbana desta cidade e os planos urbanos, dos séculos XX e XXI, inerentes a esse crescimento. Esses planos serão escolhidos pelo seu caráter exemplificativo e pelas suas especificidades contextuais. Ainda, como objeto de estudo assume-se a realização de um plano urbano para a cidade e a sua reflexão crítica e comparativa com os planos mencionados.

Objetivos

Como primeiro objetivo desta dissertação pretende-se construir uma perceção do espaço urbano Aveirense, com base na enumeração dos seus elementos estruturantes, uma vez que sintetizam a imagem daquela realidade.

Perante uma realidade atual de natureza evolutiva procura-se, também, retratar e desenvolver uma linha cronológica explicativa das épocas históricas, e dos eventos, que moldaram a espacilidade urbana de Aveiro, a sua sociedade e a sua cultura.

Em complemento à recolha histórica, pretende-se compreender um conjunto de planos urbanos que nos últimos dois séculos representaram iniciativas de reorganização e requalificação da espacialidade aveirense.

O principal objetivo foca-se na forma como a interpretação do contexto atual da cidade, a análise histórica, e o pensamento de outros arquitetos se refletem na elaboração de uma proposta. Ou seja, como conceber uma ação de planeamento urbano que seja síntese do estudo a desenvolver.

Metodologia

Este trabalho, cujo principal objetivo é a criação de uma proposta de planeamento urbano, e o seu processo de desenvolvimento, segue uma metodologia que se pode dividir em dois momentos. O primeiro momento, do capítulo primeiro ao terceiro, trata-se de bases teórico-práticas, já o segundo momento, quarto e quinto capítulos, foca-se no lugar e nas intervenções a propor neste.

Desta forma, a metodologia inerente aos três primeiros capítulos estrutura-se na recolha e análise de informação quanto ao estado atual da cidade de Aveiro, com o objetivo de apreender indícios e premissas essenciais ao desenvolvimento do plano. Esta procura de conhecimento pelo objeto de estudo, Aveiro, apoiada por

fontes bibliográficas, é conduzida com a intenção de explicar as características mais relevantes do espaço urbano da cidade, que se consideram operativas para os capítulos seguintes.

Quanto ao terceiro capítulo, torna-se importante salvaguardar que apesar de estar incluído no momento teórico do estudo, este reúne um conjunto de trabalhos de índole prática, pela necessidade de convocar exemplos que se assemelhem ao principal objetivo desta dissertação, complementando o estudo com referências de modos de agir na mesma realidade.

Assim, reconhecidas as principais bases para a elaboração de uma estratégia de intervenção numa realidade urbana, no segundo momento, o estudo é conduzido para o reconhecimento do lugar a intervir, numa primeira fase, e posteriormente para a apresentação da proposta.

Aqui, a metodologia parte do contacto com o local a intervir, reconhecendo a sua espacialidade e os problemas caracterizadores desta, dando-se início à indicação das premissas e objetivos a incluir na ação de planeamento. Após o seu reconhecimento, a segunda fase deste momento na dissertação foca-se na enumeração de ações que procuram dar resposta aos vários problemas mencionados, e consequentemente, na apresentação das peças desenhadas que expliquem a sua materialização.

Tratando-se este estudo de um exercício de planeamento urbano conclui-se o segundo momento com uma reflexão crítica quanto à pertinência, às suas qualidades e incapacidades de resposta.

Estrutura

No capítulo inicial, **Imagem**, que terá como base a obra de Kevin Lynch, *A Imagem da Cidade*, elaborar-se-á um estudo semelhante quanto à imaginabilidade da cidade de Aveiro. Assim, numa dissertação que objetiva principalmente a criação de uma proposta de intervenção urbana, o primeiro capítulo pretende apresentar a cidade com base nos seus principais elementos, limites, vias, zonas, cruzamentos e pontos relevantes, (des)construindo as características mais salientes para a imagem da cidade. Deste modo, o capítulo, constitui o primeiro passo à interpretação de Aveiro e do seu espaço urbano.

O segundo capítulo, **Memória**, será composto por uma contextualização histórica da cidade de Aveiro, um momento de compreensão da evolução das várias realidades sociais, culturais e económicas da cidade e das relações entre estas e o crescimento urbano, tal como a sua materialização. Deste modo, esta análise

histórica deverá ser um momento de compreensão dos fatores que organizam e organizaram a realidade urbana aveirense, e por consequência, de todos os fatores que resultam desta organização. Procurar-se-á, ainda, compreender de que forma a evolução histórica transmitiu os seus valores para a atualidade na cidade e definiu a sua identidade ao longo do tempo.

No entanto, considerando o já referido, não se poderão desprezar intervenções de carácter semelhante ao que se irá propor no capítulo quatro. Intervenções que tentaram corrigir ou expandir um espaço urbano, e que pela sua natureza se revelam referências para esta investigação. Assim, no terceiro capítulo, **Ordem**, ir-se-ão analisar os planos urbanos e projetos, realizados, em Aveiro, e as transformações que foram consequência destes. Este momento terá então como objetivo a compreensão de alterações no espaço urbano através de exemplos em contexto real, e o pensamento crítico, desenho e gestos que os organizam.

No quarto capítulo, **Lugar**, o estudo será conduzido para a análise e caracterização do local da cidade escolhido para o plano urbano, assim como, a sua envolvente próxima e relevante. Aqui, o problema prender-se-á com a identificação e compreensão de uma identidade para o local através de todo o conteúdo já mencionado. Perante estes dados, e uma motivação urbana e projetual, o estudo continuará para a construção e enumeração do(s) problema(s) que o local escolhido apresenta e paralelamente para a apresentação de uma proposta de resolução.

Neste sentido, o quinto capítulo, **Plano**, será o de apresentação do plano urbano,um momento destinado à explicação da solução através de material escrito e desenhado. Assim, este ponto será uma síntese de todo um estudo produzido ao longo da dissertação, na tentativa de encontrar uma solução integradora e que recupere, ou atribua uma identidade e organização ao local em questão. Para rematar este capítulo será elaborado um momento de reflexão sobre a solução apresentada e de comparação com os planos analisados no terceiro capítulo.

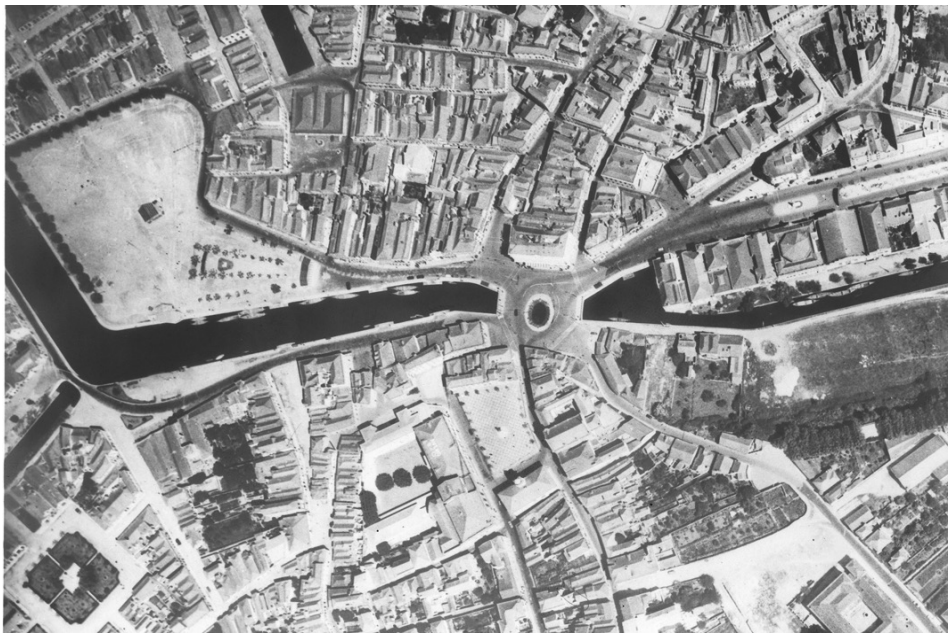


Fig. 2 - Vista aérea do centro histórico. Década de 1960.

1. Imagem

"*As coletividades (ou os que as dirigem), como os indivíduos a elas ligados, têm necessidade de pensar simultaneamente a identidade e a relação, e, para o fazerem, de simbolizar os elementos constituintes da identidade partilhada* (...)*, da identidade particular* (...) *e da identidade singular ..."*[4].

[4] **AUGÉ, Marc** - *Não Lugares: Introdução a uma Antropologia da Sobremodernidade*. (p. 46).

A cidade, e a imagem que lhe está associada, é senão o resultado da imagem do conjunto que a habita, uma sobreposição de imagens que cada um cria deste espaço[5], apesar do papel do arquiteto enquanto protagonista de mudança. Assim, cabe ao arquiteto, ao urbanista ou, à figura que na sua prática reúne estas duas áreas disciplinares (apoiados por uma equipa interdisciplinar), o dever de apreender e reproduzir a multiplicidade de interpretações pessoais, tal como combinar este conjunto com a sua versão de imagem, em cada uma das suas intervenções, recriando, um meio ambiente relacionado com o contexto sociocultural de um espaço.

Em complemento, além da perceção subjetiva do indivíduo, existe um outro conjunto de fatores que influenciam a imagem da cidade, assim como a sua interpretação, por exemplo, o significado social, a função, a história, ou até o nome[6]. Mas quando o objetivo de se compreender a cidade enfatiza a análise da sua forma, e paralelamente, devido a uma relação de simbiose, a dos elementos que a compõem, interessa a compreensão das suas arquiteturas, dos seus espaços, da sua organização, resumidamente dos elementos que constituem o espaço urbano enquanto momento percetível.

Uma vez que o campo da urbanística não é novo, nem assim tão recente, e que não se deve ter uma posição indiferente a toda a investigação e trabalho já produzidos referentes a esta disciplina, parece oportuno recorrer a modos e pressupostos teóricos de análise para sustentar a base compreensiva a aplicar no caso de estudo de Aveiro. Se considerarmos, ainda, as referências teóricas como imprescindíveis, ao suporte de um processo projetual e sua reflexão crítica, então este momento de compreensão e descrição da forma da cidade em causa deverá seguir um, ou mais, métodos de análise anteriormente desenvolvidos.

Deste modo, o presente capítulo, irá seguir a mesma perspetiva de observação e estudo urbano apresentada por Kevin Lynch, na sua obra *A Imagem da Cidade*. Pois, a estrutura que rege este método de perceção da cidade consiste numa análise compreensiva da organização daquilo que se considera o espaço entendido pelo indivíduo que o habita. Uma perceção um pouco abstrata, mas mais concreta para este indivíduo que observa a cidade e que não se atrai pelas especificidades arquitetónicas que a caracterizam. Ou seja, a ênfase da leitura do espaço urbano assenta na legibilidade do espaço, uma vez que também não se pretende uma mera descrição cenográfica da cidade ou uma representação estática, como uma planta.

---

5 **LYNCH, Kevin** - *A Imagem da Cidade*. (p. 51).

6 *Idem*, *ibidem*.

A estrutura de análise que o autor apresenta para uma explicação da leitura do espaço urbano sustenta-se em cinco elementos fulcrais que definem a imagem da cidade, sendo estes as vias, os limites[7], os bairros, os cruzamentos[8] e os pontos marcantes[9]. Não obstante, a ambiguidade inerente às características destes elementos, permite, dependendo dos casos, uma categorização circunstancial, por exemplo uma autoestrada, ou um caminho de ferro, podem ser definidos enquanto vias, para os motoristas e passageiros, ou enquanto limites, para os peões[10].

Porém, este exemplo pretende constituir-se apenas como uma base de apoio, entre tantas outras produzidas, para o desenvolvimento de uma leitura da mesma natureza para a cidade de Aveiro. E, quanto às disciplinas de arquitetura e urbanística nenhum processo deve ser encarado como um dogma ao qual se recorre para obter respostas metodológicas, ou soluções *a priori.*

Deste modo, a estrutura a usar na análise da imagem de Aveiro será semelhante à apresentada no livro, seguindo a metodologia desenvolvida pelo autor. Neste caso não se recorrerá a um inquérito, mas apenas à elaboração de uma "*… imagem ambiental evocada por observações experientes no terreno.*"[11]. Todavia, é necessário salientar que o estudo elaborado resultou da observação de grandes cidades norte-americanas, cuja dimensão e complexidade ultrapassam em grande escala qualquer realidade urbana portuguesa.

Ponderando estas circunstâncias, os elementos a considerar para a perceção da imagem de Aveiro serão as vias e os limites que serão expostos *ipsis verbis* comparativamente aos apresentados por Lynch. Quanto aos restantes três elementos, os bairros irão ser entendidos enquanto zonas, usando o sentido lato da palavra *districts* referenciada na obra. A perceção dos cruzamentos ficará reduzida apenas aos espaços públicos como praças, largos (cujas características os tornam dignos de lugar de paragem), ou rotundas. Por último, nos pontos marcantes ir-se-ão omitir monumentos e elementos naturais,

---

7 Segundo o autor, os limites são o espaço negativo das vias, podendo este ser natural ou criado pelo Homem, e dentro desta categoria de espaços criados pode ser edificado ou vazio. Na sua essência são os elementos que limitam a permeabilidade no espaço contínuo da cidade. - **LYNCH, Kevin** - *A Imagem da Cidade*. (p. 52).

8 Este elemento é definido pelo autor como uma simples convergência de vias, que marca a reunião de regiões na cidade, ou, como um grande espaço público que estimula a convergência de observadores. - **LYNCH, Kevin** - *A Imagem da Cidade*. (p. 52).

9 Os pontos marcantes não se esgotam no campo da arquitetura. Do ponto de vista do autor são considerados um ponto geográfico, um elemento natural, ou um qualquer objeto físico que possuir um carácter de coordenada no espaço da cidade.

10 **LYNCH, Kevin** - *A Imagem da Cidade*. (p. 53).

11 *Idem*. (p. 143).

dando-se apenas importância aos objetos arquitetónicos que se destacam no pano de fundo que é a construção comum que compõe a malha urbana.

Finalmente, torna-se necessário salvaguardar que por vezes poderá ser útil, ou até mesmo necessário, recorrer a outras perspetivas de compreensão do espaço da cidade, complementando a metodologia já exposta, para uma visão mais completa e diversa da cidade de Aveiro.

• • •

O presente capítulo, **Imagem**, uma vez que se baseia na obra *A Imagem da Cidade*, ficará subdividido segundo os vários grupos de elementos urbanos mencionados. Assim, será composto por cinco subcapítulos, correspondendo cada a um dos elementos, e por um sexto que abordará a relação entre os vários elementos.

O primeiro subcapítulo, **Limites**, corresponderá à enumeração dos elementos urbanos que constituem uma impossibilidade à continuidade do espaço de Aveiro.

O subcapítulo seguinte, **Vias**, fará referência aos vários trajetos que se consideram essenciais à circulação na cidade.

O terceiro, **Zonas**, mencionará os principais bairros e áreas de interesse público que caracterizam a espacialidade urbana de Aveiro.

O quarto subcapítulo, **Cruzamentos**, irá enumerar dois tipos de espaço, os principais espaços públicos da idade e os grandes cruzamentos viários.

O quinto subcapítulo, **Pontos Marcantes**, apresentará os edifícios que pela sua excecionalidade se destacam no panorama comum da cidade.

O último subcapítulo, **Inter-relações**, será o de compreender as relações entre os vários elementos anteriormente analisados e o de perceber como estas relações afetam o impacto que estes têm na imagem da cidade.

1.1 Limites

Os elementos urbanos em análise são as vias, os limites, as zonas, os cruzamentos e os pontos marcantes. Deste modo, este exercício, de compreensão da cidade de Aveiro, começa pelo primeiro tópico, os limites, uma vez que delimitam e definem o espaço a considerar.

Deve-se entender limites como qualquer elemento natural ou artificial que, constitua uma fronteira entre áreas diferentes[12]. E, podem-se organizar em grupos mais específicos como vias, topografia, elementos geográficos, ou até fronteiras de zonas urbanas. Em Aveiro existe um elemento claramente dominante dos limites que a cidade apresenta. A presença da Ria torna-se um elemento aquático caracterizador da visão que um observador elabora da urbe, e, enquanto limite, destaca-se pela sua extensão, assumindo-se barreira da continuidade da cidade. Mesmo assim, apesar dos limites impostos pela Ria, estes já se encontram pontualmente atravessados com a construção de vias na sua superfície.

A configuração da costa de Aveiro não se manteve constante ao longo da sua história. Este limite aquático deve ter sido mais marcante antes do crescimento da Barra, altura em que a região da cidade apresentava uma verdadeira costa proveniente da ligação ao mar. No entanto, desde a formação da laguna que esta relação entre cidade e água se tornou imagem de Aveiro através da costa e dos canais que penetram o espaço urbano. Estes últimos, apesar de outrora serem usados como vias, relacionadas com atividades económicas, devem-se agora entender como barreiras à continuidade do espaço percorrível da cidade, uma vez que apenas são ocasionalmente transponíveis. Mas também poderão ser consideradas vias secundárias, uma vez que ainda servem para circulação, nomeadamente percursos turísticos, e observação da cidade.

Assim, há que compreender os canais enquanto elementos limite, resultado da relação da cidade com a Ria de Aveiro. A sua natureza de esteiros tem vindo a ser alterada e geometrizada, com o objetivo de dominar este elemento aquático, permitindo o seu melhor controlo e atravessamento. Algumas destas intervenções, feitas durante várias épocas, contribuíram para reforçar, ou desqualificar, a imagem destes limites. Há semelhança da situação de Boston, onde "*… o limite constituído pelo rio Charles deixou de ser um terreno de águas pantanosas para se tornar uma linha definida e desenvolvida*."[13], o canal da

---

12 **LYNCH, Kevin** - *A Imagem da Cidade*. (p. 66).

13 *Idem*, *ibidem*.

Fig. 4 - Segmento da autoestrada A25 junto à cidade.

Fig. 5 - Canal do Cojo e o seu remate do cais da Fonte Nova.

Fig. 6 - Segmento da avenida Europa.

Fig. 7 - Parte da ria de Aveiro que faz fronteira com a cidade.

Fig. 3 - Planta onde se denotam os limites físicos da cidade de Aveiro.

Fonte Nova, e parte do canal do Cojo, antes de existirem faziam parte de uma zona alagada e pantanosa, cuja ocupação se evitava. Com a construção destes canais e o seu remate, o cais da Fonte Nova, desenvolveu-se como uma linha de água clara e definida, um novo limite, mas um elemento com forte contributo para a imagem da cidade, e que, na atualidade, estimula a edificação deste espaço. Outro exemplo, o canal de S. Roque, sempre constituiu um limite da cidade, porém sem um desenho rigoroso e um fim fácil de precisar. Quando o desenvolvimento da indústria se começou a sentir em Aveiro, este canal foi redefinido, para melhor apoiar esta atividade, ganhando uma forma linear e uma extensão mais presente, estabelecendo-se como barreira entre a cidade e a Ria. O último exemplo de limites aquáticos é o canal do Paraíso e as suas ramificações, na zona do Alboi. Enquanto esteiro, antes da requalificação e redesenho, este elemento fazia o limite poente a sul do canal Central, e tinha maior impacto devido ao seu comprimento e aos vários braços que deste saiam. Após as intervenções nesta zona, a presença do canal perdeu algum valor pelas amputações na sua extensão. Já a introdução da autoestrada, e das conexões a esta, junto ao canal do Paraíso encurtaram a sua extensão e desvalorizaram a relação com a Ria. Além de que, o impacto que estas vias têm no espaço da cidade colocam o canal enquanto elemento limite em segundo plano, assumindo-se as vias como barreiras à continuidade da cidade.

Como já referido, algumas vias podem ser categorizadas como limites, dependendo da força condicionante que representam no espaço urbano. As autoestradas, vias rápidas, ou caminhos de ferro, além de vias a considerar, são alguns exemplos que limitam a circulação pedonal e a expansão da cidade de Aveiro, e até poderão limitar relações visuais nesta. A autoestrada A25, localizada no extremo norte-oeste da cidade, por exemplo, trata-se de uma via encerrada a peões ao longo de todo o seu comprimento, com a exceção da passagem para a zona da antiga lota. Este limite pode-se assemelhar a uma muralha que acompanha a laguna, que se eleva e pousa nos terrenos alagados desta, limitando a passagem pedonal e a relação visual com a água. Por isto mesmo, esta zona é um caso em que a perceção da Ria enquanto limite físico da cidade tem decaído, devido ao impacto que a autoestrada ganhou na imagem de Aveiro. Já a via rápida, como a avenida Europa, presente do lado oposto da cidade assume-se como último limite, devido à distância desta ao núcleo urbano, o que ainda torna a transição pedonal difícil, ou quase impossível.

Quanto às ferrovias em Aveiro, estas devem-se classificar por aquilo a que Lynch se refere como limite fragmentário, uma vez que, apesar de impedirem a passagem a peões, junto ao núcleo urbano são atravessáveis ocasionalmente. Estas passagens resultaram do facto de os caminhos de ferro isolarem a cidade

de todo o território a nascente, contudo mantendo uma relação visual. Deste modo, abriram-se passagens de nível, com o objetivo de cortar esta barreira e garantir a circulação viária e pedonal entre os dois lados da via-férrea, como por exemplo a ligação inferior entre Aveiro e Esgueira, ou a ligação entre a avenida Dr. Lourenço Peixinho e a avenida Europa. Atualmente estas ligações ganham maior destaque, pois a cidade começa a expandir-se para as zonas compreendidas entre os caminhos de ferro e a avenida Europa.

1.2 Vias

"*Vias são canais ao longo dos quais o observador se move, habitual, ocasional ou potencialmente. Podem ser ruas, passeios, faixas de trânsito, canais, caminhos-de-ferro.* (…). *As pessoas observam a cidade à medida que nela se deslocam e os outros elementos organizam-se e relacionam-se ao longo destas vias.*"[14].

Passando para os elementos mais próximos da realidade urbana segue-se a compreensão das vias. Este elemento cuja interpretação comum remete para os espaços de circulação, pedonal e viária, como ruas ou avenidas, no entanto segundo esta interpretação tem um significado mais restrito. Pois, não se pretende uma observação do espaço urbano que permite a circulação, como se tratasse de uma perceção entre o cheio e o vazio. O entendimento das vias consiste na seleção daquelas, que do ponto de vista do observador, permitem *a deslocação habitual, ocasional ou potencial*[15], mas que simultaneamente estabelecem relações com outros elementos, e que servem de coordenadas para a orientação de um indivíduo na cidade. Logo, é necessário ser seletivo nas vias a nomear, obedecendo aos critérios mencionados.

Assim, entre as diversas qualidades, que podem tornar um espaço de circulação numa via, enquanto elemento urbano, estão os seguintes – as ligações que estabelecem; a presença de algum tipo de atividade; a presença, ou proximidade, de equipamentos públicos; as características espaciais; a imagem; a história; o estímulo de afluências pedonais ou viárias; a continuidade. Convém ainda salientar que qualquer via se pode inserir em mais do que um tipo de categoria, por isso a nomeação que se segue é em função das vias, e não das suas características.

---

[14] **LYNCH, Kevin** - *A Imagem da Cidade*. (p. 52).

[15] *Idem. Ibidem*.

Das características mais importantes para especificar vias constam os acessos que estas estabelecem, a capacidade de unir pontos do espaço relevantes, principalmente quando estes pontos se dispõem num plano nacional ou internacional. As primeiras vias a considerar são o sistema de autoestradas, e os caminhos ferroviários pelas ligações que permitem entre a cidade e o espaço exterior a esta, ou até pelas ligações intraurbanas garantidas pelas vias rápidas na periferia nascente. Outra característica que se verifica nestas vias é a sua dimensão e o impacto que esta tem na definição da imagem e da forma da cidade.

As restantes vias, que perfazem a maioria dos percursos da cidade, no caso de Aveiro, vão agrupar-se em avenidas e ruas. Começando pelo primeiro grupo de vias, que na sua generalidade se destacam pela dimensão, está, talvez, como elemento mais marcante da cidade, a avenida Dr. Lourenço Peixinho. A importância desta para a imagem da cidade prende-se, primeiramente, com as suas dimensões e características espaciais em relação às restantes vias da cidade. Enquanto ligação, esta via une a estação de comboios ao centro histórico, permitindo sucessivas ligações transversais ao longo do seu comprimento, consequentemente a afluência viária e pedonal é uma imagem notável deste trajeto. A relevância desta via é ainda reforçada pela diversidade do programa presente visível nos sucessivos espaços comerciais e de serviços, importantes para a dinâmica deste lugar.

O segundo percurso com grande visibilidade e impacto no sistema viário da cidade consiste num conjunto de quatro avenidas que se destacam pela sua continuidade no espaço, percorrendo-a desde a zona da avenida Dr. Lourenço Peixinho até um dos limites sul da cidade. Este conjunto é composto pelas avenidas, 5 de Outubro, Santa Joana, Artur Ravara e da Universidade, sendo que cada troço se destaca por diferentes razões. Como já mencionado, o aspeto transversal deste conjunto é a continuidade, como é o caso da avenida 5 de Outubro que garante a ligação entre a zona nascente da avenida Dr. Lourenço Peixinho e a zona do cais da Fonte Nova e o núcleo religioso e cultural, na área histórica de Aveiro. O facto de esta ligação se fazer a uma cota elevada, maioritariamente sobre o canal principal, permite ao observador uma visão da relação da cidade com o seu elemento mais caracterizante, a água. Continuando o percurso, após a via anterior chegar à Sé de Aveiro segue-se a avenida Santa Joana, que se torna relevante por incorporar equipamentos urbanos como a Sé e o *Museu de Aveiro* no seu extremo nascente e uma escola no final do percurso. Outro aspeto que reforça o valor desta via é a ligação que permite com a praça Marquês de Pombal, considerada centro cívico. Estabelecida a conexão entre o centro religioso e o parque da cidade, por meio da avenida Santa Joana, o

Fig. 9 - Rua João Mendonça

Fig. 10 - Rua Clube dos Galitos

Fig. 11 - Avenida da Universidade

Fig. 12 - Avenida Dr. Lourenço Peixinho

Fig. 13 - Avenida 5 de Outubro

Fig. 14 - Avenida 25 de Abril

Fig. 15 - Avenida Santa Joana

Fig. 8 - Planta onde se denotam as pricipais vias da cidade de Aveiro.

sistema de vias continua com a avenida Artur Ravara. Este é dos poucos casos em que a avenida não se evidencia pelas suas dimensões, é apenas incluída na categoria das vias, porque integra este trajeto de avenidas e, porque, no panorama da cidade representa uma divisão do Parque Infante Dom Pedro, um impasse na sua continuidade. O último momento deste percurso é a avenida da Universidade que ao rematar este conjunto de vias faz ligação com a via rápida na zona sul da cidade. Ao longo do seu grande comprimento são vários os equipamentos com destaque para Aveiro, como o Hospital, o *Seminário de Santa Joana*, a *Universidade de Aveiro* e a *Escola João Afonso de Aveiro*, tornando esta numa das zonas com maior afluência viária, e consequentemente necessária para a definição da imagem da cidade.

Um outro grupo de avenidas com importância para a cidade são a 25 de Abril e uma transversal desta, a de Oita. A primeira começa no centro religioso e prolonga-se até aos caminhos ferroviários e o seu carácter provém dos dois equipamentos escolares instalados nesta avenida. Já a segunda via destaca-se por fazer a ligação entre a avenida 25 de Abril e a rua Mário Sacramento, que por sua vez se liga à via rápida.

Quanto a ruas, a maioria encontra-se no centro histórico e tornam-se relevantes por isso mesmo e pela variedade de atividade comercial nelas presente, promovendo o turismo. Das que estão a sul do canal nomeiam-se a rua do Clube dos Galitos e a rua do Alavário que fazem a marginal ao canal Central e unem o centro da cidade à autoestrada, a rua de Coimbra e rua dos Combatentes da Grande Guerra, que sendo pedonais estabelecem a ligação entre o centro urbano, a praça da República e o centro cívico. Por último denota-se a rua do Batalhão de Caçadores que liga o núcleo religioso e cultural, e as vias desta área, ao coração da cidade. Do lado norte destaca-se a rua João Mendonça por acompanhar o canal até à zona do Rossio e pela presença de edifícios de *Art Nouveau*, incluindo o *Museu da Cidade*, que em conjunto com a água criam um ambiente cénico. Chegando à zona do Jardim do Rossio há que evidenciar as vias que o contornam e permitem a ligação com o bairro de Beira-Mar, o canal de S. Roque e a praça do Peixe. Numa destas vias, a rua Dr. Barbosa de Magalhães encontra-se mais um exemplo de *Art Nouveau*, onde está instalado o museu dedicado a este movimento artístico em Aveiro. Ainda deste lado do canal Central existem duas vias pedonais, a rua Domingos Carrancho, na qual se encontram duas praças alimentadas pela restauração e uma Igreja no seu final, e a rua do Tenente Rezende, perpendicular à anterior, que une a praça 14 de Julho à praça do Peixe e que também se caracteriza pela presença de restaurantes.

Importa ainda considerar algumas vias dispersas por outras zonas da cidade.

A poente há que referir a rua Calouste Gulbenkian, uma vez que une a autoestrada à zona do Hospital, tornando-se assim noutra ligação entre a cidade e o território nacional. Acrescenta-se que nesta via encontram-se dois equipamentos culturais, a norte um museu e a sul um conservatório de música. Outra via, já mencionada, a rua Mário Sacramento, destaca-se na cidade pelo seu comprimento, mas também porque garante o acesso à via rápida e a uma superfície comercial. Por último, no centro da cidade, evidencia-se a rua Oudinot simplesmente por estabelecer a ligação entre a avenida Dr. Lourenço Peixinho e o sistema de avenidas a sul, tornando-se um percurso com grande afluência e relevância na cidade.

Devido à situação geográfica excecional da ria e dos canais que nascem desta e invadem a cidade, revela-se necessário introduzir uma hierarquia de vias, considerando as aquáticas como vias secundárias. Como já mencionado os vários canais da cidade podem ser usados como percursos de movimento pelo espaço urbano, apesar das limitações e restrições logísticas inerentes. Por um lado, deve-se considerar que o espaço dos canais ainda é percorrível por quem possui os meios necessários. Por outro, o desenvolvimento turístico, viu uma oportunidade de exploração deste elemento urbano raro, com a criação de passeios turísticos pelos canais da ria, onde a observação da cidade se torna o objetivo.

1.3 Zonas

Uma vez expostas, tem-se uma ideia das vias que se consideram fulcrais para uma descrição do espaço de circulação de Aveiro e da sua imagem, no entanto estas são apenas uma parte dos elementos que garantem uma compreensão total da cidade. Posto isto, ir-se-á começar a análise dos cruzamentos com importância para o entendimento espacial Aveirense, uma vez que estes resultam da convergência de vias, ou estão associados a estas.

Seguindo uma lógica de relação entre elementos, os próximos a serem expostos são as zonas, visto que fazem uso das vias para serem delimitadas. As zonas "… *áreas citadinas relativamente grandes* (…), *e que têm alguns aspectos comuns*. *Podem estar organizados do ponto de vista interno e, ocasionalmente, podem servir de ponto de referência externo, quando alguém* …"[16] por elas passa ou as

[16] **LYNCH, Kevin** - *A Imagem da Cidade*. (p. 70).

atravessa. Muitas vezes estas zonas destacam-se relativamente ao vulgar espaço da cidade pela sua vivacidade e diversidade. Assim, das categorias fulcrais para classificar zonas nomeiam-se as seguintes, as dimensões, a geografia, a imagem do conjunto, ou seja, a arquitetura, a popularidade do nome, a natureza histórica, as atividades presentes, a tipologia dos edifícios, ou até os próprios habitantes. Outra característica inerente a zonas é a forma, que na maioria dos casos está condicionada pelas vias, que estabelecem as suas fronteiras. No entanto, estes limites nunca são fáceis de precisar, pois dependem da via, ou até de um edifício, que se escolhe para fronteira.

Abordando o caso de estudo de Aveiro, as zonas desta cidade serão divididas em três grandes grupos: a) as zonas verdes, que corresponderão a espaços públicos sem edificado; b) as zonas edificadas serão entendidas como as áreas densamente construídas; c) as zonas mistas, que se caracterizarão pela relação simbiótica entre o espaço construído e o espaço verde, o que torna difícil a separararação em duas zonas distintas.

Começando pelo primeiro grupo, das zonas verdes, na cidade de Aveiro notam-se duas zonas, o Parque Infante D. Pedro, que se divide em duas áreas, e o Jardim do Rossio. Naturalmente, o primeiro exemplo destaca-se pelas suas dimensões, que determinam o seu protagonismo no espaço urbano. Todavia este poder-se-ia evidenciar simplesmente pelo seu contraste com o ambiente urbano. O segundo, apesar de muito menor em dimensão comparativamente com o seu congénere, parece até ter maior impacto na imagem da cidade. A sua importância prende-se com vários dos fatores mencionados, mas o mais notável é a sua história, uma vez que, anteriormente, já se reconheceu como espaço central da cidade. A sua relação com o canal Central faz também deste lugar um espaço único na cidade, sendo a sua localização uma referência em Aveiro.

Quanto ao grupo caracterizado pela densidade edificada, são diversas as zonas que se salientam no núcleo urbano de Aveiro. Entre estas, duas destacam-se visivelmente pelas atividades presentes. Uma delas, a zona do Fórum, na parte central da cidade distingue-se como uma zona comercial e lazer, consistindo numa "rua" ladeada por espaços de comércio diversificados, permitindo assim a mera passagem do observador por esta área. O facto de esta superfície comercial estar ao lado de um dos canais de Aveiro é outro fator que proporciona a afluência de pessoas, quer pelo ambiente característico, quer pelas relações visuais. A outra zona engloba os edifícios da *Universidade de Aveiro* e distingue-se por isso mesmo. Esta zona corresponde ao extremo oeste da cidade e a sua pricipal característica é o ambiente académico de um *Campus*, motivando a deslocação e entrada de habitantes entre Aveiro e o país.

Fig. 17 - Fórum de Aveiro

Fig. 18 - Bairro de Beira-Mar e Rossio

Fig.19 - Universidade de Aveiro

Fig. 20 - Cais da Fonte Nova

Fig. 21 - Bairro do Liceu

Fig. 22 - Parque Municipal

Fig. 23 - Bairro de Santiago

Fig. 16 - Planta onde se denotam as pricipais zonas da cidade de Aveiro.

No entanto, todo o projeto e planeamento a que a universidade foi sujeita faz com que esta ganhe relevo no campo da arquitetura. As particularidades mais notáveis do campus são a integridade global da sua imagem aliada à diversidade derivada da multiplicidade de autorias. Inclusive, o *campus* assim como alguns dos seus edifícios, constituem-se obras de referência da arquitetura portuguesa. O fator dinamizador associado à implantação da universidade, em conjunto com o Seminário, levou à expansão desta zona, incluindo alguma habitação, contribuindo para impacto desta área na cidade.

Em seguida, apresentam-se duas zonas que se caracterizam fortemente pelo valor histórico e pela popularidade dos seus nomes seculares, comparativamente a outros locais da cidade. A primeira, e mais relevante, a zona do bairro de Beira-Mar remota aos finais do século XIV com uma continua expansão até aos inícios do século XX, tornando-se assim num dos bairros mais antigos de Aveiro. Deste modo, esta zona é sempre lembrada pelas antigas atividades aqui praticadas e, atualmente, por ser um local de diversificada atividade, devido à centralidade e ao carácter histórico, muitas vezes atraentes ao turismo. Outra forte particularidade que marca o bairro de Beira-Mar é o facto de ser limitado e invadido pelos canais da Ria, no entanto devido à densificação esta relação é cada vez menos notória. A segunda área consiste também num aglomerado habitacional, o bairro do Alboi. Semelhante ao anterior, esta zona data do século XV e tem-se desenvolvido até à atualidade, tendo sido alvo de intervenções recentes. Contudo, nesta área a presença de espaços comerciais é reduzida, limitando-se quase exclusivamente à habitação. E, tal como acontece no bairro de Beira-Mar, este bairro também se encontra limitado pelos canais da Ria, além de ter uma conexão visual mais impactante com a Ria.

Outra zona habitacional da cidade que tem vindo a ganhar destaque desde meados do século anterior é o bairro do Liceu. No seu início, esta zona caracterizava-se unicamente pela presença dos dois equipamentos de ensino, no entanto a capacidade dinamizadora destas unidades constribuiu para a implementação de habitações nas suas proximidades, expandindo a área que se viria a denominar bairro do Liceu, e, diversificando o programa aqui presente. Atualmente a zona caracteriza-se pela afluência de estudantes, uma vez que os dois edifícios foram adaptados a escolas básicas e secundárias. Para terminar este grupo falta mencionar um outro bairro, que infelizmente se costuma evidenciar negativamente, por ser desprezado por se tratar de um bairro social. Apesar disto, o bairro de Santiago não deixa de se constituir uma zona com impacto na cidade, seja pelas suas dimensões enquanto aglomerado habitacional, seja por se tratar de uma zona que funciona como limite.

Quanto ao terceiro grupo, o de zonas mistas, há que referenciar um exemplo em Aveiro, a zona do cais da Fonte Nova. Um aspeto visível desta área habitacional é a sua arquitetura contemporânea, contrastando com a típica imagem antiga, ou da construção espontânea da segunda metade do século XX. Como já mencionado, uma das características desta área é a presença de um espaço verde com dimensão considerável na relação com o edificado. E, tal como em alguns dos bairros acima referidos, a relação da zona edificada e da zona verde com os canais da Ria e o remate do cais é evidente, e até fulcral, pois estes elementos estiveram na origem do crescimento urbano desta área. Consequentemente, o cais da Fonte Nova pode-se interpretar como uma síntese de uma relação da nova arquitetura em Aveiro com as suas vias aquáticas.

1.4 Cruzamentos

Os elementos seguintes a serem analisados são os cruzamentos, "… *pontos estratégicos, no quais o observador pode entrar, típicas junções de vias, ou concentrações de alguma característica.*"[17], que neste caso de estudo serão somente praças e rotundas. A importância destes espaços prende-se com o facto de que, "*A junção ou o local de uma interrupção numa deslocação tem uma importância significativa para o observador de uma cidade. Uma vez que a decisões quanto à direcção têm de ser tomadas nas junções das vias,* …"[18], cujo resultado se costuma caracterizar pela afluência no espaço em causa. Assim, para o reconhecimento de zonas cruzamento já não se torna tão relevante a forma física. Algumas das propriedades chave deste elemento são as vias que nele se juntam no caso de rotundas, e no caso de se tratar de espaços públicos importa o programa instalado, e o tipo de atração que este cria, ou até o carácter histórico e a arquitetura. Em ambos os casos, interessa também saber se os cruzamentos ocupam alguma posição estratégica na cidade.

Deste modo, o primeiro conjunto de cruzamentos a serem mencionados são os viários, dos quais se começa por nomear os que se encontram integrados no sistema da autoestrada e da via rápida, as zonas periféricas da cidade. A oeste, junto ao canal central, é necessário referir um dos nós viários mais essenciais para a cidade, porque permite a ligação entre as ruas da cidade com a autoestrada. Esta rotunda, de proporções consideráveis, marcada por um monumento

[17] **LYNCH, Kevin** - *A Imagem da Cidade*. (p. 75).

[18] *Idem*. (p. 66).

simbólico da tradição aveirense, torna-se num ponto chave, um momento de passagem quase obrigatória, que reúne e organiza o trânsito exterior e interior ao núcleo urbano. Na via rápida existem três cruzamentos importantes a referir. A rotunda oval na avenida Europa deve considerar-se um ponto notório, uma vez que concentra o trânsito do lado este da cidade, proveniente de trajetos como o das avenidas Dr. Lourenço Peixinho, ou dos Congressos da Oposição Democrática, e conjuga-o com as vias de entrada e saída de aveiro. Mais a sul, ainda no mesmo percurso, evidencia-se outro cruzamento, a rotunda do Eucalipto. Das suas características mais visíveis, consta a afluência pela relação indireta com uma superfície comercial e por distribuir parte do movimento a sul da cidade para a via rápida que liga Aveiro às suas regiões vizinhas.

Fazendo agora referência a cruzamentos presentes no interior do núcleo urbano, o foco serão as rotundas e as praças que se assumem como cruzamentos pedonais ou espaços de paragem.

Assim, quanto aos elementos viários, aquele que mais se destaca é a rotunda sobre o canal. Esta situa-se no centro histórico de Aveiro, no lugar das antigas pontes que uniam os dois lados do canal, ficando essa estrutura encarregue do ponto de travessia. A aua posição estratégica no espaço urbano é ainda reforçada pelo iminente culminar de algumas das principais vias já mencionadas, como o remate da avenida Dr. Lourenço Peixinho; o sistema de vias que sai desta rotunda e serve a zona do Rossio, o *Mercado do Peixe* e, em geral o bairro de Beira-Mar; as ruas que se ligam ao nó de entrada na autoestrada; e as ruas que sobem para sul para as zonas históricas como, o centro religioso e o centro civil. Torna-se de facto uma coordenada chave para quem percorre a cidade.

Em frente à *Sé de Aveiro* encontra-se outro cruzamento relevante para o percurso viário e pedonal na cidade. Entre os pontos que ampliam o valor desta interseção devem mencionar-se dois edifícios, a Sé e o *Museu de Santa Joana*, uma vez que, sendo espaços de fé e cultura tornam-se elementos de interesse. Quanto ao ambiente viário há que mencionar as avenidas que aqui se intersetam. Uma faz a continuação das vias a nascente para as zonas a sudoeste da cidade, e outra, a avenida 25 de Abril, une a zona das escolas e garante o acesso às zonas a sul. Outro cruzamento a destacar é a rotunda do hospital, uma importante junção na qual se localiza um dos principais equipamentos da cidade e onde chegam as vias que permitem a relação com o cruzamento anterior, com o *campus* da universidade e com o nó de ligação à autoestrada.

O último exemplo de rotunda enquanto elemento de cruzamento é a rotunda da avenida 5 de Outubro, cuja principal função consiste em conciliar o percurso da avenida Dr. Lourenço Peixinho com o das avenidas a sul. Consequentemente,

Fig. 25 - Praça do Peixe

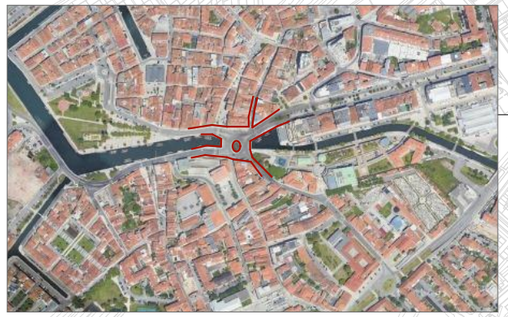


Fig. 26 - Ponte Praça

Fig. 27 - Rotunda do Hospital

Fig. 28 - Praça 14 de Julho

Fig. 29 - Praça da República

Fig. 30 - Rotunda Santa Joana

Fig. 31 - Praça Marquês de Pombal

Fig. 24 - Planta onde se denotam os cruzamentos principais da cidade de Aveiro.

este cruzamento é determinante para a ligação para fora da cidade através da continuidade dos trajetos que aqui chegam.

Outro tipo de cruzamento viário e pedonal, que pontualmente se torna notório, é o remate da avenida Dr. Lourenço Peixinho aliado ao antigo largo da Estação. Esta zona é marcada pelo momento de transição do indivíduo intraurbano para o indivíduo interurbano e *vice-versa*, gerando forte afluência em certos momentos do dia. Em complemento, a preservação da antiga Estação e a reabilitação deste edifício em museu vem intensificar a presença deste cruzamento na cidade.

Tendo presente a opção anteriormente referida, no início do capítulo, quanto aos cruzamentos exclusivamente pedonais, são poucos os exemplos que se destacam na cidade de Aveiro, sendo necessário apontar apenas quatro praças. Assim, analisando a urbe de norte para sul evidencia-se um dos exemplos mais populares em Aveiro, a praça do Peixe. A presença deste espaço público na cidade não é recente, sabendo-se que já deveria existir como largo no século XIX, e mais tarde requalificada com a construção do Mercado do Peixe. Este edifício era considerado o ponto marcante deste espaço e o elemento responsável por atrair as pessoas para a zona, além de que a praça servia ainda como zona de descarga das principais atividades marítimas, tirando partido do canal dos Botirões. Na contemporaneidade o valor da praça já não se encontra tão ligado ao mercado devido ao decréscimo do uso deste espaço, passando a praça a caracterizar-se pela restauração e pelos estabelecimentos que promovem a vida noturna. A praça que espelhava a tradição da cultura e sociedade aveirense é agora um ponto turístico e de lazer. Outro espaço público com características e natureza semelhante à apresentada é a praça 14 de Julho. Este espaço presente na malha urbana desde o século XV, uma espécie de alargamento da rua dos Mercadores, com o comércio instalado tornou-se num espaço de paragem atrativo a turistas, ou a quem passeia pela cidade.

Os próximos exemplos de praça destacam-se essencialmente pelos edifícios presentes, que pelos seus programas criam afluência, como acontece com o exemplo de Copley Square que é "… *facilmente identificado, sobretudo pelos seus edifícios originais: a biblioteca pública, a Igreja da Trindade, o Hotel Copley Plaza, a vista do Edifício John Hancock.*"[19]. O primeiro espaço trata-se da praça mais antiga da cidade, que apesar de já não apresentar a forma original ainda transporta algum do seu simbolismo histórico, a praça da República. Este espaço público, cujo nome se foi alterando com a evolução do tempo, afirma-se como o núcleo que deu origem à cidade de Aveiro, e consequentemente alberga alguns dos edifícios mais marcantes na malha urbana, associados a uma diversidade

[19] **LYNCH, Kevin** - *A Imagem da Cidade*. (p. 80).

programática – administrativa, cultural e religiosa. Entre o edificado aqui presente importa destacar a *Câmara de Aveiro*, a *Igreja da Misericórdia*, o *Teatro Aveirense*, a *Biblioteca Municipal* – esta faz parte de um complexo edificado maior que remata o lado norte da praça, um arranjo do arquiteto Fernando Távora – e a *Escola Secundária Homem Cristo*. Apesar da dinâmica expectável nesta praça, pouca afluência se denota neste espaço.

Finalmente, outro exemplo de espaço que se caracteriza pelos edifícios é a praça Marquês de Pombal. Esta, desde as intervenções sofridas no início do século XX, que se vem a afirmar como centro cívico, aspeto reforçado pela construção do edifício do *Governo Civil de Aveiro*, do *Tribunal* e do edifício da *Central Correios de Aveiro*. Um outro edifício, que marca a imagem deste espaço, mas já não tem o mesmo impacto que os anteriores, é parte do *Convento das Carmelitas*. Este complexo religioso foi cortado para a extensão da praça, sobrando somente a Igreja e meio claustro, mas que acrescenta programa religioso ao espaço. Como anteriormente mencionado, "*Uma forma física forte não é absolutamente essencial ao reconhecimento de um nó*: (…). *Mas onde o espaço tem uma forma, o impacto é bem maior. O cruzamento é assinalável*."[20], facto bem reconhecível na praça Marquês de Pombal pela sua dimensão e desenho muito regular. Até se pode afirmar que a escala deste espaço é algo desproporcional às suas funções. Já os negócios instalados no lado nascente da praça contribuem para o dinamismo e para a permanência neste espaço.

Por último,menciona-se um cruzamento que não se inclui em nenhuma das categorias analisadas, a *Estação de Aveiro*. "*As estações de caminho-de-ferro de maior importância são, quase sempre, importantes nós urbanos, embora a sua importância esteja a diminuir.*"[21], e apesar desta tendência crescer em Aveiro, por causa do uso do automóvel, os transportes ferroviários continuam como elementos de convergência fulcrais para a cidade. A zona da *Estação de Aveiro*, sendo única na cidade, torna-se num cruzamento dominante, "*… devido ao facto de ser funcionalmente vital para as mudanças de transporte num percurso,* (…), *para o viajante interurbano, e também devido à impressão visual causada …*"[22] pelo contraste entre a sua arquitetura contemporânea e a envolvente mais antiga.

---

[20] **LYNCH, Kevin** - *A Imagem da Cidade*. (p. 79).

[21] *Idem*. (p. 78).

[22] *Idem*, *Ibidem*.

1.5 Pontos Marcantes

Uma vez concluídos os cruzamentos, há que analisar os últimos elementos da imagem da cidade, ou seja, os pontos marcantes. Estes elementos consistem em "*… pontos de referência exteriores ao observador, são simples elementos físicos …*"[23] que se destacam na cidade pelas suas características formais e volumétricas comparativamente à restante malha urbana. Geralmente são entendidos como coordenadas do espaço da cidade.

"*Uma vez que o uso de elementos marcantes implica o isolamento de algo de uma série de possibilidades, a característica-chave destes é a originalidade, um aspecto que é memorável ou único num contexto. No caso de terem uma forma clara, os elementos marcantes tornam-se, ainda, mais fáceis de identificar; isto verifica-se, igualmente, quando contrastam com o cenário de fundo ou se localizam num local predominante.*"[24].

No caso de Aveiro, serão apenas mencionados, enquanto pontos marcantes, edifícios, excluindo qualquer outro tipo de elemento arquitetónico ou escultórico. Entre as especificidades que demarcam estes na cidade estão aspetos como, a história, a escala, o simbolismo, a imagem, o programa, ou o contraste com a envolvente mais próxima. A antiga *Fábrica de Cerâmica de Jerónimo Pereira Campos*, que atualmente alberga diversos usos, é conhecida pelo seu enorme tamanho e por ser a imagem do remate do canal da Fonte Nova, intimamente ligada às tradições de Aveiro. Criando opiniões não consensuais quanto ao seu destaque estético na cidade, por causa da sua materialidade incomum, é inegável a força com que este edifício caracteriza o seu local e domina a paisagem da zona onde se insere, seja longitudinalmente, seja verticalmente com a sua chaminé. Com o desenvolvimento da zona do cais da Fonte Nova, sente-se que o edifício da fábrica está cada vez mais sufocado pela arquitetura contemporânea, aí instalada, consequente do contraste com o resto da cidade. Esta realidade, dependendo da perspetiva com se analisa, pode transformar a imagem do edifício como um elemento em segundo plano, ou pode reforçar a presença deste na zona devido à diferença de linguagens arquitetónicas.

Um pouco mais a norte existe a antiga *Estação de Aveiro*, que outrora se representava como a imagem do final da avenida Dr. Lourenço Peixinho, em conjunto com o largo à sua frente. Mas, com a exponencial edificação desta via, e com as transformações arquitetónicas associadas às suas construções, o relevo

---

[23] **LYNCH, Kevin** - *A Imagem da Cidade*. (p. 81).

[24] *Idem*. (p. 82).

Fig. 33 - Aveiro Palace

Fig. 34 - Antiga Capitania

Fig. 35 - Câmara Municipal de Aveiro

Fig. 36 - Museu Santa Joana

Fig. 37 - Edifício da Segurança Social

Fig. 38 - Antiga Estação de Aveiro

Fig. 39 - Centro de Congressos de Aveiro

Fig. 40 - Sé de Aveiro

Fig. 32 - Planta onde se denotam os pontos marcantes considerados e sua envolvente próxima.

que a estação possuía diminuiu. Esta condição em conjunto com a construção da nova estação retirou algum reconhecimento ao antigo edifício. No entanto, a sua imagem nunca deixou de estar representada no espaço da cidade, sendo lembrado pelo seu carácter histórico, enquanto primeira estação de comboios de Aveiro. Ou pelos painéis de azulejos da sua fachada que espelham a herança cultural de uma sociedade, e que se tornam numa atração aos observadores. Devido à sua natureza excecional na cidade, o edifico foi recentemente reabilitado para museu, reforçando o seu papel enquanto ponto marcante na malha urbana.

Já na outra ponta da avenida Dr. Lourenço Peixinho, destaca-se o antigo edifício da capitania de Aveiro, por estar construído na água, sobre o canal do Cojo. Este elemento vive da relação entre a sua linguagem arquitetónica, *Art Nouveau*, e a água à frente do seu alçado frontal, tornando-se numa coordenada importante no centro mais antigo. Esta excecionalidade de situação da relação entre o natural e o construído é igualmente cativante a quem passeia e observa a cidade. Após as funções de capitania terem sido transferidas para o porto, este edifício passou a funcionar como *Assembleia Municipal de Aveiro*. Na mesma zona da cidade, na rotunda das pontes, destaca-se um edifício, o hotel *Aveiro Palace*, essencialmente pelas suas dimensões. Este edificado foi construído em cima de um antigo quarteirão do século XV, ocupando o seu topo. Assim, a sua imagem é dominante neste cruzamento.

Ainda no centro histórico da cidade, mas numa posição mais discreta fica o edifício da *Câmara de Aveiro*, na praça da Républica. Este exemplo não se destaca pelas dimensões, ou pela excecionalidade estética, tão associada a objetos de arquitetura. Um dos principais fatores que tornam este edifício num ponto marcante é o seu programa na cidade, uma vez que se trata do edifício de governo desta. A sua posição na praça mais antiga de Aveiro é também um dos pontos que distingue a *Câmara de Aveiro*. Quanto ao objeto arquitetónico em si, a torre ao centro pode ser identificada como um elemento vertical visível de vários pontos da cidade, sendo uma referência na malha urbana.

A *Sé de Aveiro* e o *Museu de Santa Joana* são outros dois bons exemplos que se destacam pela história e pela sua função, ou até pelas suas dimensões, na cidade, destinados, evidentemente, ao culto religioso e à atividade cultural, respetivamente. Os dois edifícios datam da mesma época, século XV, tendo ambos sofrido alterações ao longo do tempo. Já desde a sua origem que estes se complementam e se destacam através da proximidade entre si. Neste caso, nenhum dos edifícios se entende como uma coordenada urbana isolada, pois o conjunto funciona como ponto de referência. Não obstante, a sua individualidade

Fig. 42 - Zona de Beira-Mar

Fig. 43 - Zona do Cais da Fonte Nova

Fig. 44 - Centro Religioso e Cultural

Fig. 45 - Centro da Cidade

Fig. 41 - Planta dos cinco tipos de elementos urbanos, onde se observam as principais áreas que se destacam pelas inter-relções.

é igualmente notória na cidade. O primeiro exemplo, a *Sé de Aveiro*, deve parte da sua importância ao uso que lhe é dado. E ao observar o seu volume há que referenciar a torre sineira que demarca verticalmente o edifício e o enquadra no meio da malha urbana. O segundo, o *Museu de Santa Joana*, tem um carácter histórico mais forte associado, que se reflete no seu nome. Este edifício destaca-se, também, pela sua tipologia de convento que foi adaptado a museu de arte. Apesar da sua função incomum em Aveiro, pouco contribui para o relevo deste. Das características com maior impacto na imagem da cidade refere-se sua extensão, ao longo da avenida Santa Joana, com o seu alçado dominante. E a dimensão do seu volume antigo com o novo acrescento, pois o museu mais o seu jardim constituem um quarteirão, marcando a sua presença na cidade.

O último exemplo de pontos marcantes, destaca-se negativamente pela sua estética, fruto de uma desconexão total com o resto da imagem da cidade. Apesar da visão negativa sobre o *Edifício da Segurança Social*, é impossível negar a presença e o impacto que este causa na cidade. As suas dimensões tornam-no visível mesmo antes de chegar à cidade. A sua verticalidade marcante tem tal força que o torna numa das coordenadas mais presentes na cidade. Já o brutalismo repudiado da sua imagem gera um enorme contraste com toda a sua envolvente, reforçando o seu destaque, mesmo que controverso, em Aveiro.

1.6 Inter-relações

Os elementos, quando analisados de forma desconectada do seu contexto territorial e das relações que com este estabelecem, são estruturas urbanas que apenas se afirmam "*... matéria-prima da imagem do ambiente à escala urbana.*"[25]. É nesta inter-relação de elementos de natureza díspar, e na relação com todos os outros da cidade, que os elementos se destacam e conseguem ser caracterizadores de uma realidade urbana. Estas inter-relações podem ser de reforço mútuo, onde ambos os elementos beneficiam e se protagonizam pela ligação estabelecida, ou podem ser de conflito, onde a relação causa impedimentos aos elementos em questão, destruindo o seu destaque no espaço da cidade.

"*Um elemento marcante de grandes dimensões pode impedir o crescimento, ou até expulsar de uma área entendida numa determinada escala uma pequena*

[25] **LYNCH, Kevin** - *A Imagem da Cidade*. (p. 86).

Fig. 46 - Planta que traduz uma interpretação da imagem da cidade, onde se observam os vários elementos enquanto simbologia abstrata.

região situada na sua base. Localizado de forma adequada, um outro elemento marcante pode fixar e reforçar um centro focal; localizado fora do centro, pode levar a erros, …"[26].

Quando se observa a análise feita anteriormente percebe-se, por exemplo, que quase todos os cruzamentos mencionados se destacam pela relação com as vias contíguas, uma vez que as presenças naturais dos espaços de circulação têm necessariamente de estabelecer relações com elementos de outra natureza. Assim, os nós de junção surgem intuitivamente ao longo das vias de forma a intersetar percursos. Um destes cruzamentos é ainda uma situação exemplo de uma inter-relação de reforço mútuo. A zona onde se encontram a *Sé de Aveiro* e o *Museu de Santa Joana*, dois pontos marcantes da cidade que reforçam o cruzamento onde se inserem, assim como justificam o destaque dos percursos que aqui convergem, "*Todos estes elementos operam em conjunto, num contexto.*"[27]. A rotunda sobre o canal central constitui mais um caso de relação entre cruzamento e ponto marcante. Aqui, a convergência das várias vias em conjunto com o edifício da Capitania e o hotel tornam-se essenciais para a definição do local e justificam a presença do respetivo nó viário. Outro caso de cruzamento, mas um exemplo de espaço público é a praça da República, onde a localização adequada do edifício da Câmara, assim como outros equipamentos públicos, ajuda a reforçar o lugar.

Por último, os pontos marcantes, ou os limites são outros elementos também evidentes na relação que exercem com algumas zonas, qualificando-as, como é o caso do bairro de Beira-Mar, ou do cais da Fonte Nova. No primeiro exemplo é clara a relação com os canais da Ria de Aveiro, assim como de alguns edifícios de exceção que se inserem na área do bairro, aliada ao carácter histórico e, por isso, o dinamizam e reforçam a sua excecionalidade na cidade. O segundo exemplo encontra-se numa situação semelhante, uma vez que se trata de uma zona igualmente invadida pelos canais, onde a presença do edifício da *Fábrica de Cerâmica de Jerónimo Pereira Campos* se torna essencial para a caracterização da área.

---

[26] **LYNCH, Kevin** - *A Imagem da Cidade*. (p. 86 e 87).

[27] *Idem*. (p. 87).

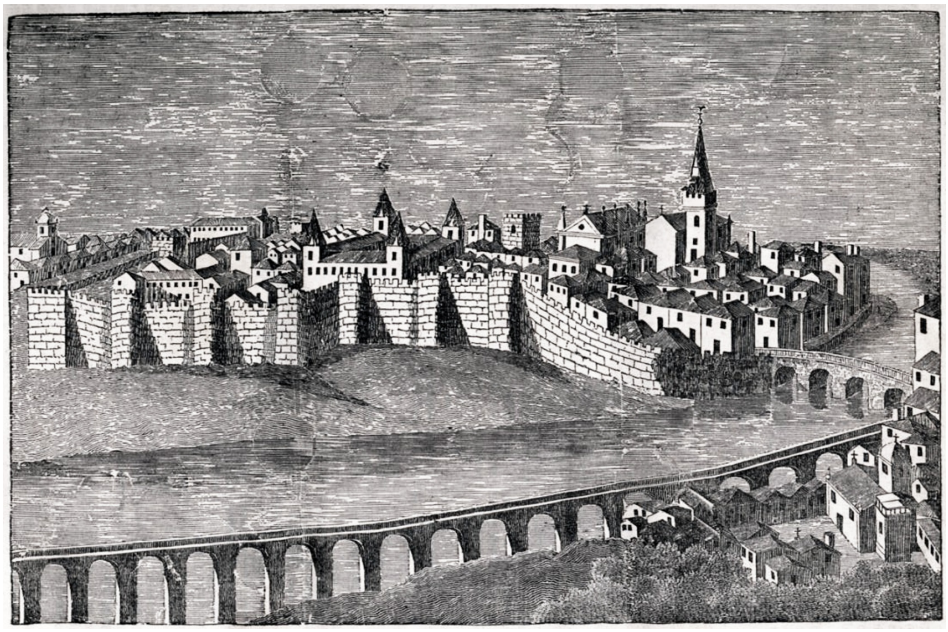


Fig. 47 - Gravura da cidade. Século XVIII.

2. Memória

"*Não é disto que é feita a cidade, mas sim das relações entre as medidas do seu espaço e os acontecimentos do seu passado:* (...). *É desta onda que reflui das recordações que a cidade se embebe como uma esponja e se dilata.* (...). *Mas a cidade não conta o seu passado, contém-no como linhas da mão, escrito nas esquinas das ruas* ..."[28].

[28] **CALVINO, Italo** - *As Cidades Invisíveis*. (p. 18 e 19).

Após uma breve interpretação e observação do espaço da cidade, através dos elementos físicos que compõem a sua organização, relevantes para uma primeira aproximação a um trabalho de planeamento urbano e processo projetual, enquanto momento de reconhecimento do lugar, segue-se agora uma abordagem que se centra na compreensão histórica de Aveiro.

O processo no primeiro capítulo poderia dar início ao desenho de propostas para a solução do exercício, baseando-se as restantes estratégias de intervenção em contactos e relações com a envolvente, em questões ingénuas sobre a forma da forma[29], ou na intuição, e no que esta engloba, "… *a cristalização de exercícios divergentes,* (…). *Do acumular de certezas antagónicas. Do eclipse de referências e da sabedoria que as transporta.*"[30]. No entanto, um exercício deste carácter parece ser enriquecido se se tiver em conta a quarta dimensão, o tempo, qualidade inerente à própria arquitetura e indispensável à existência desta, pois "*A inatingível perfeição da Arquitectura consiste em ser surpreendente e também, a partir de algum momento, ser desde sempre parte de um lugar. Consiste em ser imutável e contudo acordar em cada dia diferente. O tempo desenha a Arquictetura, …*"[31].

Considerando-se a dualidade deste trabalho que, além de se categorizar pela típica proposta de intervenção e edificação de novos volumes, vai ao encontro das ideias de reabilitação, preservação, e intervenção em preexistência, e consequentemente, a todas as necessidades que esta prática sensível requer. Então, parece oportuno, e até necessário, recorrer à compreensão histórica enquanto ferramenta operativa da arquitetura e do urbanismo.

Deste modo, pela relação simbiótica entre a arquitetura e a cidade parece consciente interpretar a realidade urbana numa perspetiva semelhante à de Robert Venturi, quando considera que "*A cidade,* (…) *é aqui entendida como uma arquitectura. Ao falar de arquitectura não entendo referir-me apenas à imagem visível da cidade e ao conjunto das suas arquitecturas, mas preferencialmente, à arquitectura como construção. Refiro-me à construção da cidade no tempo.*"[32].

A perceção do que é e como é a cidade atualmente são questões essenciais para o reconhecimento do lugar a intervir. No entanto, a compreensão do percurso temporal que criou esta realidade é igualmente importante para

---

[29] Ou seja, as questões formais que definem volumetricamente um objeto arquitetónico. Que por vezes se tornam tão autónomas e independentes do lugar, surgindo como invenção radical na qual se denota apenas recusa ou resistência na razão de ser. - **SIZA, Álvaro** - *02 Textos*. (p. 21).

[30] **SIZA, Álvaro** - *02 Textos*. (p. 21).

[31] *Idem*. (p. 22).

[32] **ROSSI, Aldo** - *A Arquitetura da Cidade*. (p. 27).

perceber como esta foi e como é atualmente, que apesar de serem questões secundárias poderão revelar o que um lugar ambiciona, ou ambicionou, ser.

Numa busca de estratégias de intervenção, com o objetivo de criar uma base de conhecimentos, e uma metodologia, a elaboração de uma contextualização histórica torna-se relevante. Assim, para a realização de um trabalho de intervenções urbanas, o mais sólido possível, o estudo da origem de Aveiro, apresenta-se como um processo qualificativo desta intenção. Neste âmbito devem referir-se os vários fatores que levaram às alterações físicas ao longo da sua história e que construíram a cidade contemporânea.

"*Uma perfeita história da arquitetura é a história dos múltiplos coeficientes que informam a atividade edificatória através dos séculos e englobam quase toda a gama dos interesses humanos. A arquitetura corresponde a exigências de natureza tão diferentes que descrever adequadamente o seu desenvolvimento significa entender a própria história da civilização, …*"[33].

Apesar da necessidade deste momento no trabalho, não se pretende que adquira uma extensão excessiva, que se torne independente do exercício de planeamento. Antes consistirá numa síntese, reveladora de estratégias e condicionantes a ter em conta na realização do plano urbano, ou, que sirva de motivação para este. Assim, terminado este momento de descrição e exposição histórico e evolutivo da cidade de Aveiro, será, naturalmente, oportuno a descrição de dados que, numa fase preliminar, se entendam relevantes a transportar para possíveis gestos condicionantes da intervenção.

[33] **ZEVI, Bruno** - *Saber Ver a Arquitectura*. (p. 53).

Este capítulo, **Memória**, subdivide-se em cinco subcapítulos referentes às fases cronológicas mais marcantes para o espaço e sociedade aveirense, explicando alguns dos fatores que ainda se espelham na atualidade.

O primeiro, **Origem** tem como objetivo explicar o contexto geográfico e outras condicionantes que justificam o aparecimento da cidade.

O segundo subcapítulo, **Expansão**, refere-se à época de prosperidade, momento que se refletiu num forte crescimento da cidade, tendo em conta o contexto do país.

O subcapítulo seguinte, **Caos**, retrata uma época de decadência da cidade, época em que abruptamente desacelerou o desenvolvimento e crescimento, e que quase levou à extinção de Aveiro.

O quarto subcapítulo, **Progresso**, refere as várias iniciativas condocentes a reverter o declínio em que a cidade se encontrava. E, consequentemente, as intervenções de modernização e industrialização para promover o destaque de Aveiro no país.

O último subcapítulo, **Reafirmação**, refere-se maioritariamente ao século XX, fortemente caracterizado por intervenções, que conjuntamente resultaram na dinamização e crescimento de Aveiro, atribuindo a esta cidade o destaque que contemporaneamente tem.

Fig. 48 - Gravura da região de Aveiro. Século XVIII.

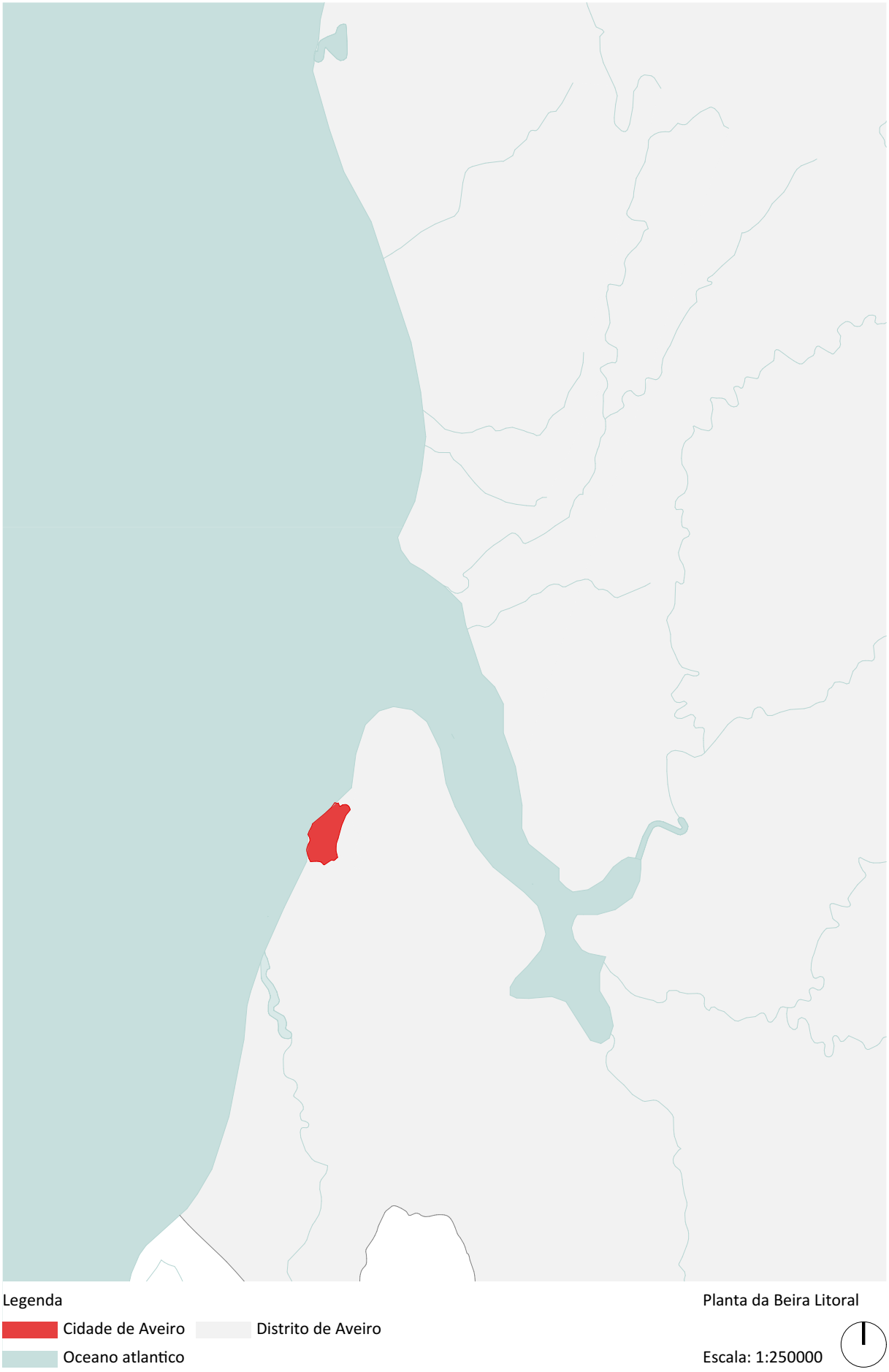


Fig. 49 - Planta anterior à formação da Barra, por volta do século XII, onde se denota o contexto geográfico de Aveiro.

2.1 Origem

Condicionado desde a sua origem pela sua envolvente, o percurso de Aveiro pelo tempo não se pode desligar do seu elemento natural mais impactante, a Ria de Aveiro. Este acontecimento geográfico, apesar de ter as suas origens por volta do século XV, ditou, e dita, o traçado urbano, social e cultural das várias épocas da cidade, assim como a sua imagem de região lagunar cortada por canais de água salgada, com os seus montes brancos, retratando a atividade de uma população milenária.

Supõe-se que as primeiras ocupações desta região tiveram origens fenícias[34], localizando-se estes primeiros povoados junto à foz do rio Vouga, na sua margem esquerda. Atraídos pelas "*… condições locais favoráveis às actividades lacustre e marítima e ao estabelecimento de uma vida de relação com outros povos, por via terrestre e por mar, …*"[35] e pela fertilidade dos solos proporcionada pela bacia do Vouga, que permitia a atividade agrícola e a criação de gado, acabaram por se fixar na atual zona da praça do Peixe.

Por esta altura, com base em cartografia histórica, verifica-se que a realidade geográfica da atual zona da beira litoral era bastante diferente, devido à ausência do cordão arenoso, mais tarde denominado de barra, que se desenvolveu para sul durante cinco séculos desde Espinho até à Figueira da Foz. Deste modo, a ria de Aveiro ainda não se havia formado, e assim, a urbe Aveirense no século XIII, época em que o desenvolvimento da barra começou a ganhar expressão no território, localizava-se num golfo marinho, sendo banhada por mar. Esta situação manteve-se até ao século XV, época em que o crescimento do cordão arenoso já atingia a região próxima de São Jacinto e consequentemente a formação da laguna encontrava-se quase consolidada. Esta tendência do desenvolvimento do cordão arenoso manteve-se, devido aos fenómenos de sedimentação, e nos finais do século XVI encontrava-se na Costa Nova, dando uma configuração à ria de Aveiro semelhante à contemporânea. "*Prosseguindo a sua marcha* (…)*, no início do século XVII este cabedelo estaria bem a sul da Costa Nova e, no século seguinte, ultrapassara a zona da Vagueira e estendia-se já em direção a Mira.*"[36], acabando por encerrar o espaço da laguna por volta de 1756, até à sua reabertura em 1808.

Até ao século XIV poucas foram as referências quanto ao povoado desta região,

---

[34] **GASPAR, João Gonçalves** - *Aveiro na História.* (p. 27).

[35] **ARROTEIA, Jorge Carvalho** - *Aveiro: Aspectos Geográficos e do Desenvolvimento Urbano.* (p. 27).

[36] *Idem*. (p. 23).

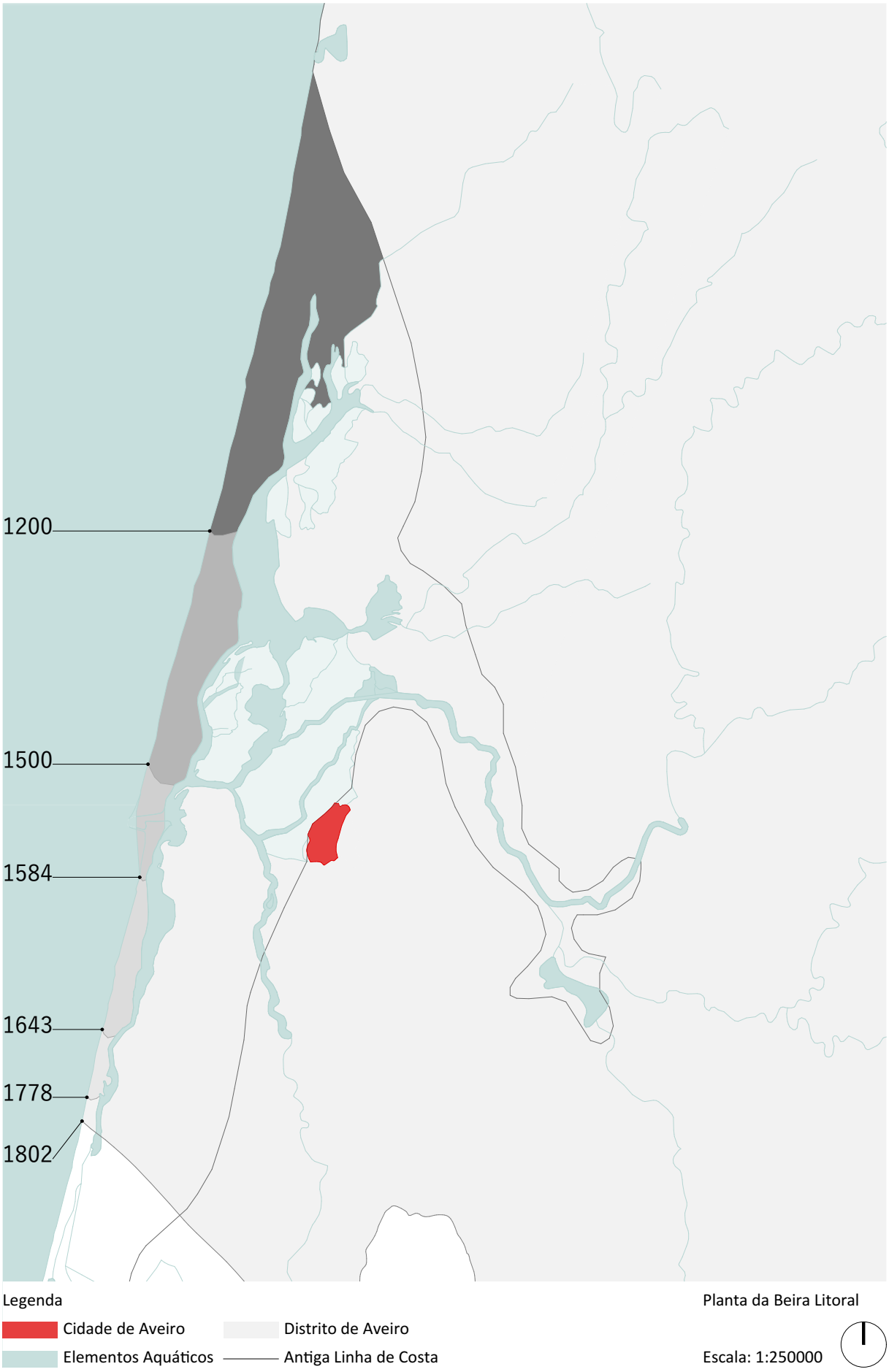


Fig. 50 - Planta da costa portuguesa, que explica a evolução da Barra, desde o século XIII até ao século XIX.

tornando-se difícil uma explicação e caracterização precisa e profunda da situação em que este se encontrava. Das primeiras referências documentadas consta uma do século X[37], que designa a região de Aveiro por *terras in Alauario et Salinas.* Assim, poder-se-á supor que por esta altura na região não deveria existir edificado destinado à residência e permanência de um povoado. Ou seja, Aveiro deveria consistir somente em terras de exploração agrícola e salineira. No entanto, sabe-se que nesta zona já existia um edifício religioso, a *Igreja de São Miguel*, cuja origem deve datar entre o século IX e X, durante a reconquista cristã. Este edifício contrariamente às primeiras ocupações situava-se no lado sul do canal do Cojo, na atual praça da República. Passado mais de um século é-nos informado que a realidade desta zona começava a mudar, por volta de 1093, Aveiro é descrita como um *povoado pobre e humilde,* dando a entender a existência de um núcleo urbano que se começava a formar junto à *Igreja Matriz*, no que viria a ser o *Cimo da Vila.*

"O antigo adro da Igreja de São Miguel terá constituído, desde o século XVI, uma das geratrizes reguladoras do urbanismo da Vila de Aveiro, assumindo este largo um inegável protagonismo na dinâmica urbana, atendendo à sua estratégica posição …"[38].

Neste período sabe-se que as principais atividades que ocupavam a povoação de Aveiro seriam a agricultura, alguma pesca e a produção de sal e comércio do mesmo entre regiões próximas. O destaque que estas começaram a assumir, com ênfase para a salicultura, impulsionou o desenvolvimento do povoado e o seu crescimento demográfico, sendo Aveiro já considerada vila no século XIII[39]. Novamente, a quantidade diminuta de documentação quanto a Aveiro torna difícil precisar a sua situação nos primeiros séculos[40]**.**

2.2 Expansão

Sabe-se que é a partir do século XIV que a Vila de Aveiro começa a ter destaque no

---

37 Esta referência consiste no documento de doação testamentária efetuada pela Condessa de Mumadona Dias ao mosteiro de Guimarães a 26 de janeiro de 959.

38 **PATRÃO, Paulo Saraiva** - *Aveiro: Cidade e Arquitectura (uma) Leitura do Espaço Urbano*. (p. 54).

39 **GASPAR, João Gonçalves** - *Aveiro na História.* (p. 34 e 35).

40 Os poucos documentos referentes ao povoado de Aveiro até ao século XIV tratam doações da Vila por parte dos vários regentes do reino, ou o comércio das salinas.

Fig. 51 - Planta do séc. XV, onde se observa a malha urbana e o espaço de circulação.

contexto nacional. Este deveu-se ao desenvolvimento das atividades aveirenses, anteriormente referidas, e a novas que começavam a emergir na região, como o comércio marítimo e a construção naval, impulsionadas pela relação com o mar e pela evolução da barra, e a produção cerâmica facilitada pelos subsolos argilosos presentes na periferia de Aveiro. Em consequência deste crescimento dá-se conta que do lado norte do canal do Cojo começava a formar-se um novo bairro, designado por Vila Nova, composto por "… *habitações toscas, levantadas com adobos de lama e coberturas de colmo, …*"[41] e por novos estaleiros navais, o que demonstra a rápida expansão da vila. Sabe-se que até ao século anterior esta área a norte do canal seria um espaço de quintas. As origens deste bairro foram transversais às das atividades económicas emergentes, sendo ocupado maioritariamente por pescadores, construtores navais e marnotos. Deste modo, a vila de Aveiro já se considerava "… *a vila maior do litoral entre o Mondego e o Douro, …*"[42], tal como um porto de referência do litoral português.

Com o crescimento constante, "… *o burgo do século XV estava a conhecer um período de grande progresso, graças à actividade dos moradores, ao desenvolvimento da indústria salineira, à proteção real e à vinda de pessoas nobres e ilustres.*"[43]. No entanto, no início desta época regista-se um provável incêndio que terá devastado a Vila[44]. Apesar da destruição, a importância do burgo no cenário nacional, impulsionou a sua acelerada recuperação e reedificação, por ordem das autoridades da governação pública.

Assim, este foi um século caraterizado por um grande crescimento que se refletiu nas várias esferas, demográfica, económica[45] e arquitetónica. Estes cem anos da vila ficaram fortemente marcados pela edificação de novas infraestruturas e equipamentos religiosos e de apoio à população. Entre as primeiras intervenções que ocorreram no século XV destaca-se a construção da muralha, por ordem de D. João I, iniciada na segunda década e terminada nos anos noventa do mesmo século. A sua forma em P abrangia, a norte junto ao Cojo, a zona elevada onde se encontrava a igreja matriz, a *Casa da Câmara* e o edificado envolvente, mas também novas zonas propícias à expansão urbana. No entanto, a muralha não incorporava a Vila Nova, provavelmente pela presença do canal. Deste modo, pela primeira vez este núcleo urbano apresentava uma forma definida delimitada por estes muros. Da muralha, desmontada no século XIX, sabe-se que era composta

---

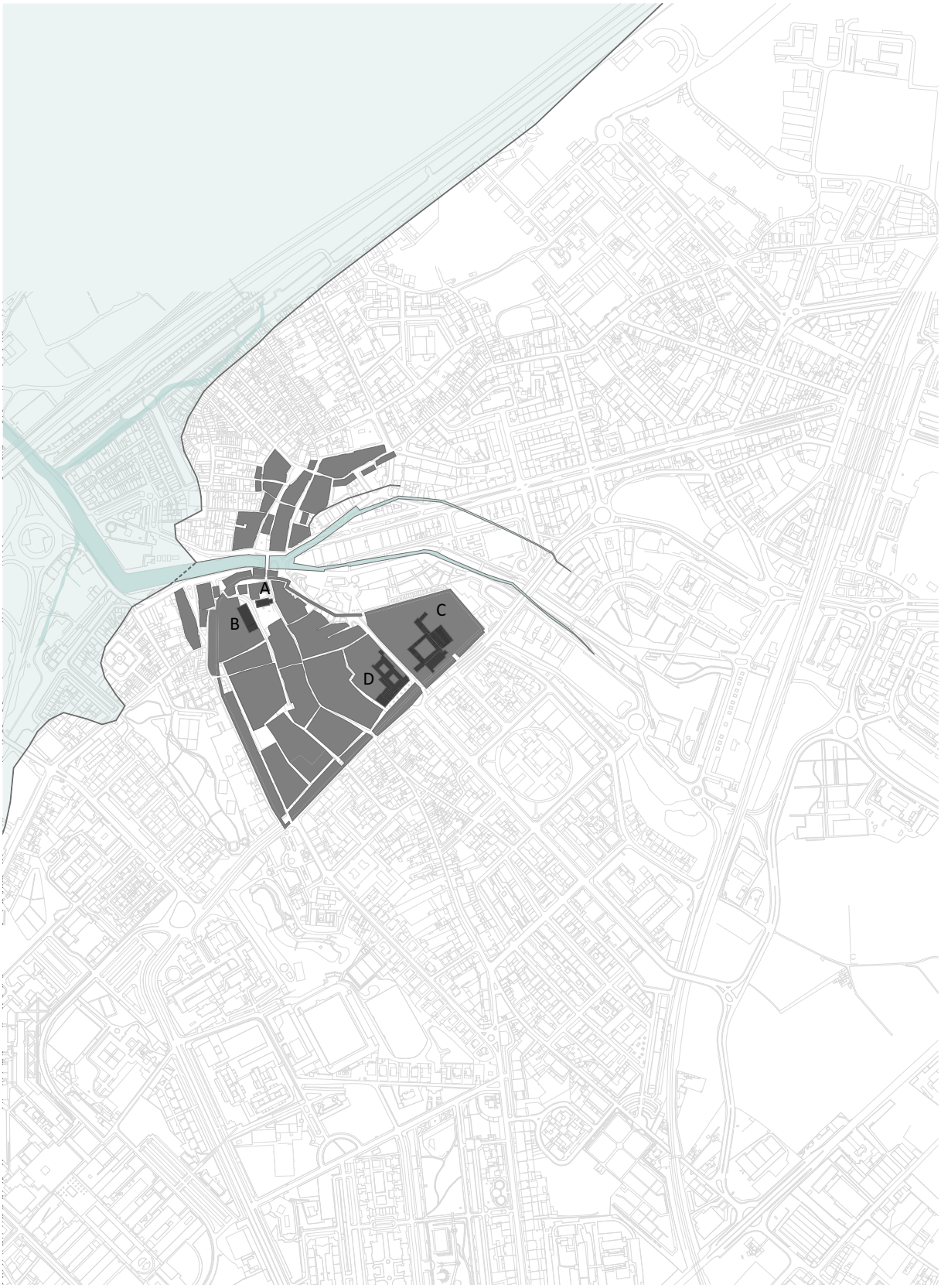
41 **GASPAR, João Gonçalves** - *A Princesa Santa Joana e a sua Época.* (p. 106).

42 **NEVES, Amaro** - *Judeus e Cristãos-Novos de Aveiro e a Inquisição*. (p. 23).

43 **GASPAR, João Gonçalves** - *A Princesa Santa Joana e a sua Época.* (p. 105).

44 **GASPAR, João Gonçalves** - *Aveiro na História.* (p. 41).

45 O crescimento económico de Aveiro em meados do século XV pode-se também atribuir à significante comunidade judaica mercantil que se instalou a sudoeste, no interior da vila.



Legenda

Ria

Esteiros

Edifícios de Exceção

Espaço Privado

Planta de *Nolli*

Século XV

Escala: 1:10000

A Igreja de S. Miguel

B Albergaria de S. Braz

C Mosteiro de N.ª Sr.ª da Misericórdia

D Convento de Jesus

Fig. 52 - Planta do séc. XV, onde se observa a relação entre o espaço público e privado e a implantação dos edifícios de exceção.

por torres e postigos, e que tinha oito portas, as principais seriam a Porta da Vila e a Porta da Ribeira uma vez que estabeleciam a entrada na vila pelas principais vias de comunicação marítima – o canal do Cojo – e terrestre. Além disso, as duas portas relacionavam-se entre si através da via que atravessava a vila. Esta correspondia à rua Direita que comunicava com o largo onde se encontrava a *Igreja Matriz* e continuava pela rua da Costeira, passada a Porta da Ribeira, a via continuava para norte, atravessando o canal, e entrava na Vila Nova. Aqui, este caminho continuava o seu percurso através da estrada que ligava Aveiro à região vizinha de Esgueira. A Porta da Vila fazia também a ligação de Aveiro ao resto do país, pois ligava-se com a estrada que por Águeda ia de Lisboa ao Porto[46]. Do lado poente existia a Porta de Vagos que unia a vila às localidades de Ílhavo e Vagos.

Ainda neste século é documentada a construção de dois equipamentos religiosos juntos ao lado sul no interior da muralha. O primeiro a ser edificado foi o *Mosteiro*, masculino, *de N.ª Sr.ª da Misericórdia*, começando em 1423, após o Infante D. Pedro obter a autorização do Papa e do rei D. Duarte para aqui instalar uma ordem de dominicanos. Este localizava-se "… *numa zona recôndita da cidade nos começos do século XV,* …"[47], e com o terminar dos trabalhos da muralha sabe-se que o mosteiro abrangia toda a zona nascente da Vila. Os limites desta propriedade religiosa eram definidos pela muralha e pela rua que unia a Porta do Sol à Porta do Cojo. Aqui a igreja e a torre sineira situavam-se a sul, desenvolvendo-se o corpo do mosteiro para o centro do lote, o restante espaço seria ocupado com campos de cultivo, cujo acesso se fazia pela Porta do Campo. O segundo edifício religioso, o *Convento de Jesus de Aveiro,* teve a sua fundação em 1462, vizinho ao *Mosteiro da Misericórdia*, e foi destinado a uma ordem de freiras dominicanas[48]. Este convento localizava-se, igualmente, no limite sul da vila, mas do lado esquerdo da Porta do Sol. À semelhança do congénere, o perímetro deste destinava-se ao edifício e a campos para atividades agrícolas.

Em consequência destes novos edifícios religiosos, construídos "... *numa zona abandonada, inóspita e isolada,* ..."[49], assume-se que a expansão urbana neste local da vila, quer dentro do circuito muralhado, quer extramuros, seja justificada pela presença destes mosteiros, "*Antes de existir muralha, a região onde se implantariam os dois mosteiros dominicanos e onde encontramos casa e chãos de gente humilde* (…) *era praticamente desabitada; ...*" [50].

---

[46] **BRANCO, Maria João** - *Aveiro Medieval*. (p. 30).

[47] *Idem*. (p. 134).

[48] **ARROTEIA, Jorge Carvalho** - *Aveiro: Aspectos Geográficos e do Desenvolvimento Urbano.* (p. 31).

[49] **BRANCO, Maria João** - *Aveiro Medieval*. (p. 37).

[50] **BRANCO, Maria João** - *Aveiro Medieval*. (p. 37).

Também durante este século, no período entre estas duas construções, regista-se na Vila de Aveiro a edificação de "… *algumas instituições de extrema importância, como o primeiro hospital na vila, em 1457, então designado por Albergaria de S. Braz* …"[51]. Sobre este edifício sabe-se que era uma construção alongada, estendendo-se ao longo do Largo Municipal, e que ficava em frente da face poente da Igreja de São Miguel.

Com os dados documentados referentes às várias intervenções iniciadas neste século, e com base em cartografia produzida a partir do século XVII é possível especular sobre o desenho urbano que caracterizava a Vila de Aveiro nos anos de 1400. Pode-se descrever o traçado como medieval[52], um desenho de carácter espontâneo resultante da intervenção popular em função do crescimento da época. Dentro desta área intramuros existiriam três espaços públicos relevantes, o largo de S. Brás em frente à Igreja de São Miguel, o largo do Terreiro, perto do lado poente da muralha e em frente ao que viria a ser o *Convento das Carmelitas Descalças*, e finalmente o largo Municipal. Este último, anexo à igreja matriz e aos *Paços do Concelho*, marcava o centro deste núcleo urbano. Como principais artérias, a Vila teria as duas vias transversais que comunicavam com o largo Municipal e respetivas portas e as ruas adjacentes aos lados poente e sul da muralha.

Não obstante, o desenvolvimento experienciado neste século não se restringiu unicamente ao núcleo urbano que acabaria por ser muralhado. De facto, do lado norte do canal do Cojo crescia um novo polo urbano, cuja edificação espontânea resultou da continuação da rua Direita "… *além canal*."[53]. Este teve o seu crescimento mais significativo a partir do século XV, pois começavam a crescer, cada vez mais, bairros de uma população fortemente ligada à pesca, à construção marítima e à salicultura, mas também à agricultura e ao comércio[54]. A proximidade aos vários campos de trabalho que aqui existiam, marinhas e quintas, deve ter sido das principais razões para o crescimento da Vila Nova. Além disto, o local em causa, delimitado em dois dos seus lados pelo canal Central e pelo canal de São Roque, era favorecido pela proximidade aos equipamentos urbanos destinados às diversas atividades marítimas, tal como oferecia boas

---

[51] **NEVES, Amaro; FERREIRA, Delfim Bismarck -** *História de Aveiro: Sínteses e Perspectivas.* (p. 80).

[52] **CURADO, Maria José; ALMEIDA, João** - *Evolução Urbana de Aveiro: Espaços e Bairros com Origem entre os Séculos XV e XIX.* (p. 19 e 20).

[53] *Idem*. (p. 45).

[54] **ARROTEIA, Jorge Carvalho** - *Aveiro: Aspectos Geográficos e do Desenvolvimento Urbano.* (p. 39).

condições para construção de novos[55]. Já nos finais deste século a comunidade piscatória que aqui se havia instalado continuava o crescimento da sua atividade através de novas práticas. Assim, a pesca do bacalhau na Terra Nova começava a ganhar destaque enquanto atividade, o que impulsionou o crescimento económico no lado norte do Cojo, motivando, igualmente, o seu alargamento[56].

Com o crescimento gerado pela expansão das atividades económicas, o rápido desenvolvimento urbano dentro deste novo núcleo muralhado obrigou a criação de novos bairros extramuros. A popularidade da produção e do comércio marítimo do sal ganhou tal destaque que neste século Aveiro começou a estabelecer relações comerciais com países estrangeiros principalmente na zona da Flandres. A evolução da barra, e a eclosão do Descobrimentos contribuiram para o crescimento do porto de Aveiro, que por esta altura atraía e tornava-se num ponto de referência para os barcos portugueses e do Norte da Europa. Em consequência destas relações começou a crescer na vila um novo bairro junto ao lado oeste da muralha, bem conectado à ria. O casario que aqui se formou viria a ficar conhecido como o bairro do Alboi, cuja ocupação predominante era feita por comerciantes estrangeiros, nomeadamente ingleses, holandeses e flamengos[57]. Este bairro foi ganhando destaque no quadro da vila de Aveiro visto que seria um polo económico sustentado pela indústria da pesca e pela produção de sal[58]. No lado norte, compreendido entre a muralha e o canal do Cojo surge o bairro da Ribeira. A edificação deste local consistia na alfândega, no cais, e no *Mercado da Ribeira*, que fazia a ligação entre os dois polos principais – a vila muralhada e a Vila Nova[59]. Posteriormente, surgiu nesta zona algum casario, que viria a ser ocupado por aqueles que se dedicavam a atividades ligadas ao mar.

Como referido, ao longo dos quatrocentos, o acentuado crescimento da urbe aveirense já se transpunha para fora dos muros que a começavam a delimitar. Um outro caso que evidencia esta realidade é o bairro dos Oleiros. Denominado pela atividade que regia a maioria das pessoas que nele habitavam, este novo edificado começava a ganhar forma no lado sul da muralha entre a Porta Vila e a Porta da Sol, nos finais deste século. Com o decorrer dos Descobrimentos a popularidade das olarias aumenta com a sua exportação marítima, principalmente

---

55 **CURADO, Maria José; ALMEIDA, João** - *Evolução Urbana de Aveiro: Espaços e Bairros com Origem entre os Séculos XV e XIX.* (p. 45).

56 **GASPAR, João Gonçalves** - *Aveiro na História.* (p. 82).

57 **CURADO, Maria José; ALMEIDA, João** - *Evolução Urbana de Aveiro: Espaços e Bairros com Origem entre os Séculos XV e XIX.* (p. 47).

58 **BRANCO, Maria João** - *Aveiro Medieval*. (p. 124 e 125).

59 *Idem*. (p. 26).

Fig. 53 - Planta do séc. XVI, onde se observa a malha urbana e o espaço de circulação.

para a Ilha da Madeira[60], consolidando a importância desta prática para o povoado aveirense. Contiguo a este, para poente surgia identicamente um novo edificado, a sul da muralha, saindo pela Porta da Vila, daqueles que trabalhavam nos campos agrícolas[61].

Com a entrada no século XVI, Aveiro parecia não ver o fim do crescimento que a sua sociedade vinha a vivenciar. "*Como sucedeu noutros lugares, também Aveiro evoluiu, sobretudo na época dos Descobrimentos, para centro alfandegário nacional de referência.*"[62]. No entanto, aquele cordão arenoso, que há séculos se vinha a desenvolver, criando uma situação geográfica privilegiada ao povoado aveirense, iria encerrar esta época de crescimento, após o inverno de 1575.

Quanto à situação da vila no interior da muralha, pouca informação é documentada, pois assume-se que este núcleo já se encontrava consolidado. Entre os principais registos sabe-se que a economia aveirense florescia, e como tal este polo não era exceção. Consequentemente, a expansão urbana da vila de Aveiro durante esta época registou-se nas áreas envolventes à área muralhada.

Se no século anterior, o desenvolvimento da Vila Nova acelerou em resultado das atividades marítimas – a pesca na ria e na costa, a pesca do bacalhau, a produção salineira e a indústria naval – e das atividades comerciais, que atingiam os seus ápices, em meados de 1500 esta tendência veio a reforçar-se até ao terceiro quartel do século. Assim, durante esta época assiste-se ao continuar da consolidação deste lado do canal, através da abertura de novos arruamentos e edificação dos mesmos. Por esta altura denota-se que a ocupação da Vila Nova começou a mudar, pois, para além dos já referidos, vieram aqui instalar-se a nova comunidade judaica, nomeadamente os cristãos-novos, e "… *eventualmente* (…) *moradores mais abastados.*"[63]. Diferente, em desenho, da zona primitiva, a Vila Nova apresentava um traçado um pouco mais regular, de ruas quase ortogonais entre si e quarteirões que seguiam este alinhamento.

No entanto, à semelhança da área muralhada permanecia a raiz medieval da edificação espontânea. Pela cartografia dos séculos seguintes poderá se afirmar que este núcleo urbano teria quatro espaços públicos principais. Entre estes estavam o Largo da Apresentação, cujo nome só deve ter sido atribuído após a construção da *Igreja de N.ª Sr.ª da Apresentação* no século seguinte, com a sua forma triangular situava-se a norte na periferia da vila. Do mesmo modo,

---

60 **NEVES, Amaro; FERREIRA, Delfim Bismarck -** *História de Aveiro: Sínteses e Perspectivas.* (p. 91).

61 **GASPAR, João Gonçalves** - *Aveiro na História.* (p. 45).

62 **NEVES, Amaro; FERREIRA, Delfim Bismarck -** *História de Aveiro: Sínteses e Perspectivas.* (p. 91).

63 **ARROTEIA, Jorge Carvalho** - *Aveiro: Aspectos Geográficos e do Desenvolvimento Urbano.* (p. 42).

Fig. 54 - Planta do séc. XVI, onde se observa a relação entre o espaço público e privado e a implantação dos edifícios de exceção.

na periferia nascente, situava-se o largo da Vera Cruz, anexo à Igreja que neste século lhe veio a dar nome. Já do lado oposto, para poente, entre os campos e as marinhas deveria existir um pequeno largo, de forma irregular, onde, neste período, foi erguida a *Igreja de São Gonçalo*. Por último, existia um largo de chegada à Vila Nova, uma vez que se situava na margem norte do Cojo, ligado à Ponte da Ribeira. Este deveria demarcar o centro polo urbano, devido à sua localização – situava-se no centro entre os dois núcleos urbanos, estava ligado ao canal e recebia a Ponte da Ribeira, dando continuidade à principal artéria da Vila de Aveiro. Mas também se destaca pela sua dimensão e porque deveria ser um espaço público que já existia aquando do aparecimento deste polo urbano.

Neste sentido, o crescimento que a norte do Cojo se fazia sentir incorporou a construção de dois edifícios religiosos, para serviço da população. O primeiro foi a *Igreja de S. Gonçalo*, no início de 1500, que se situava, como referido, na zona oeste da Vila Nova. Quanto a este edifício pouco se conhece uma vez que o seu estado no século XVIII obrigou a sua reedificação enquanto *Capela de São Gonçalinho*[64]. O segundo,a *Igreja da Vera Cruz,* situava-se num lugar isolado, a nascente, de fronte à estrada que seguia para Esgueira.

Como anteriormente mencionado, os campos agrícolas e as marinhas de sal perfaziam grande parte da área que se considerava Vila Nova. Consequentemente, o crescimento dos séculos XV e XVI esteve sempre limitado por este contexto, para norte pelo *Prazo de Gil Homem,* a nordeste pela *Quinta da Granja* e para oeste pelas marinhas. Assim, a Vila Nova teve o seu desenvolvimento para nascente, seguindo o caminho de Esgueira. Contudo, durante esta época, por acordo entre os proprietários de ambas as quintas, foram abertas duas ruas paralelas, a rua do Vento e a rua de S. Bartolomeu, que se estendiam desde a zona a norte da *Igreja da Vera Cruz* até ao extremo poente da vila, aqui "… *resolveram dar de aforamento umas propriedades, que também eram foreiras do antigo duque,* (…), *dentro da vila de Aveiro e no sítio chamado Campo de Frade, na Granja da Vila Nova, com objectivo de que se abrisse uma rua que era muito necessária à serventia desta Vila Nova e à construção de sessenta ou setenta moradias,* …"[65]. Após a abertura das ruas, rapidamente se edificaram as suas frentes, marcando o início da expansão urbana da Vila Nova em direção ao canal de S. Roque[66].

---

64 **CURADO, Maria José; ALMEIDA, João** - *Evolução Urbana de Aveiro: Espaços e Bairros com Origem entre os Séculos XV e XIX.* (p. 60 e 61).

65 **CHRISTO, António**; **GASPAR, João Gonçalves** - *Calendário Histórico de Aveiro.*

66 **CURADO, Maria José; ALMEIDA, João** - *Evolução Urbana de Aveiro: Espaços e Bairros com Origem entre os Séculos XV e XIX.* (p. 60 e 61).

Curiosamente, a edificação desta parcela considera-se o marco para a expansão do bairro de Beira-Mar, nos séculos XIX e XX. Eventualmente, poder-se-á afirmar que esta iniciativa, mesmo que indiretamente, tenha sido uma proto operação de traçado urbano. Ainda na zona da Vila Nova foi construída uma ermida nos limites da *Quinta da Granja*. Esta, denominada por *Capela de São Roque*, encontrava-se a norte, junto ao canal com o mesmo nome, entre os campos agrícolas e as marinhas de sal.

Se as condições de Aveiro favoreceram o crescimento da Vila Nova, os bairros a sul e a oeste da muralha não foram exceção a essa tendência. A comprovar esta realidade está a construção do *Convento Franciscano de Santo António*, em meados do século XVI. Este edifício religioso, cuja origem se deve a uma peste que assolava a povoação de Aveiro[67] nos anos 20, dos quinhentos, situava-se num local afastado do núcleo entre muros, mais especificamente em terrenos de hortas a sul do extremo poente da muralha. Cerca de quarenta anos depois, perante outra epidemia que circulava pela Vila de Aveiro, a mando de D. Sebastião, é construída a *Capela do Mártir de Narbona*[68]. Esta também se situava a sul do principal polo urbano, na estrada que saía da Porta da Vila junto aos limites do bairro dos Oleiros. Observando-se a criação destes dois equipamentos religiosos, poder-se-á concluir que estas intervenções marcaram "… *não só a míngua de espaço dentro do casco muralhado, também o início da expansão da povoação nesta direção* …"[69].

2.3 Caos

Como atrás referido, a instabilidade geográfica gerada pelo desenvolvimento da barra marcou um período de decadência da Vila de Aveiro, após o inverno de 1575. O assoreamento do cordão arenoso que se verificou nesta época foi de tal modo desastroso que a comunicação entre a laguna e o mar era quase impossível e a estagnação das águas era evidente, resultado da quase obstrução deste. Em consequência, os campos e as marinhas juntos à ria acabaram por se tornar em terrenos pantanosos e insalubres[70], iniciando a decadência das várias atividades

---

67 **NEVES, Amaro; FERREIRA, Delfim Bismarck -** *História de Aveiro: Sínteses e Perspectivas.* (p. 118).

68 **GASPAR, João Gonçalves** - *Aveiro na História.* (p. 47).

69 **ARROTEIA, Jorge Carvalho** - *Aveiro: Aspectos Geográficos e do Desenvolvimento Urbano.* (p. 42).

70 *Idem*. (p. 43).

marítimas e agrícolas. Entre outros fatores[71], esteve a propagação de doenças o que originou uma crise económica e demográfica que se prolongou até inícios do século XIX. Apesar do duro contexto vivenciado na Vila de Aveiro, e mesmo sob o domínio filipino, este século XVII demarcou-se por um certo progresso material[72] e pela manutenção de algumas atividades tradicionais – como a pesca de ria e as atividades agrícolas que passaram para as terras vizinhas. Dentro do desenvolvimento material da época destacam-se, quase exclusivamente, edifícios religiosos construídos nas várias zonas da vila.

Primeiramente, torna-se importante referir que, passado um século, foram novamente inseridos dentro do recinto muralhado novos edifícios relevantes, mas também foram edificadas e reedificadas casas na rua Direita. Quanto aos edifícios religiosos nomeia-se o *Complexo da Santa Casa da Misericórdia*, iniciado em 1600. Este edifício localizava-se a norte do polo urbano, no centro mais antigo da vila, inserindo-se no quarteirão entre o Largo Municipal e a muralha. Nos anos de 1657 foi edificado o *Convento*, feminino, *das Carmelitas Descalças* num dos quarteirões a sul da vila. Tal como os seus antecedentes, o *Mosteiro da N.ª Sr.ª da Misericórdia* e o *Convento de Jesus*, o lote onde este se encontrava era ocupado pelo corpo construído e por uma pequena área agrícola. A terceira e última intervenção deste período dentro dos muros foi a construção do *Recolhimento de São Bernardino* em 1680. Quanto a este sabe-se que se situava na antiga judiaria[73], do lado poente, numa zona próxima à Porta de Rabães. O Recolhimento, de desenho semelhante às instituições religiosas, ocupava toda a zona noroeste do seu quarteirão, no entanto, não possuía um lote com campos de cultivo.

Apesar do lento crescimento inerente às condicionantes da época em causa, as várias zonas que se expandiam extramuros experienciaram também a construção de novo edificado. Na Vila Nova, à semelhança do núcleo murado, foram edificadas novas casas, dando continuidade ao crescimento deste polo, e inseridos na malha urbana novos edifícios e complexos religiosos. O primeiro a ser edificado foi a *Igreja de São João*, em 1607, uma pequena construção que se localizava numa zona isolada na margem norte do canal do Cojo, próxima das Marinhas do Morgado de Silvestre. Já em 1613 foi implementado o primeiro convento na zona da Vila Nova, mais propriamente no lado sul da estrada que ligava Aveiro a Esgueira. O edifício aqui construído viria a chamar-se *Convento do*

---

71 Estes acontecimentos referem-se à ruína da frota local na batalha de Alcácer Quibir, às ameaças holandesas sobre as costas portuguesas, ao domínio inglês sobre a pesca na Terra Nova e ao interesse económico na produção de sal francês.

72 **GASPAR, João Gonçalves** - *Aveiro na História.* (p. 134).

73 **BRANCO, Maria João** - *Aveiro Medieval*. (p. 36).

Fig. 55 - Planta do séc. XVIII, onde se observa a malha urbana e o espaço de circulação.

Carmo, um convento masculino bastante isolado de toda a Vila de Aveiro, num lugar preenchido por campos agrícolas. Infelizmente, parte deste foi demolido no século XIX, mas sabe-se que, tal como outros conventos, o lote no qual se inseria era maioritariamente ocupado pelo corpo religioso e mais duas pequenas áreas destinadas a horta e pomar. Passados três anos, em 1616, foi edificada a *Igreja de N.ª Sr.ª da Apresentação*, num largo que fazia a transição da rua Direita para a estrada de Esgueira, no meio dos vários quarteirões. Finalmente, em 1644, assiste-se à construção do *Convento de Madre Deus de Sá* destinado a freiras franciscanas. Igualmente ao edificado trinta anos antes, este convento situava-se num local isolado, totalmente afastado da vila aveirense, na estrada de Esgueira contíguo a terrenos agrícolas. Nos finais do século XIX este foi demolido, após um incêndio, para a construção do quartel.

"*Tal como aconteceu com os outros conventos*, (…), *também o Convento dos Carmelitas Calçados de N.ª Sr.ª do Carmo* (…), *terá funcionado juntamente com o Convento Madre de Deus de Sá, como núcleo aglutinador de povoamento fazendo com que, ao seu redor* (…), *se instalassem novos moradores* …"[74].

Outros aspetos da evolução urbana da vila referem-se à contínua expansão dos bairros a sul e a oeste da muralha, que apesar das circunstâncias, se tornavam cada vez mais densos. Perante estas intervenções na Vila de Aveiro poder-se-á concluir que, "… *mesmo registando sinais evidentes de crise portuária e de decadência de povoação, a vila manteria outras condições atractivas, sobretudo para os religiosos que por aqui se fixaram,* (…), *contribuindo para o alargamento da povoação.*"[75]. Porém, o facto de quase todas estas construções datarem da primeira metade do século XVII poderá refletir a evolução da crise da Vila de Aveiro promovida pelo agravamento da decadência demográfica e económica com o avançar do tempo.

Dando continuação a esta tendência, o século XVIII ficou igualmente marcado pelo declínio da vila, promovido pela constante instabilidade do cordão litoral, apesar das várias tentativas para dinamizar este aglomerado urbano. Deste modo, até aos anos cinquenta deste século, período em que a abertura da barra se torna cerne das preocupações aveirenses, poucas referências mencionaram Aveiro, sendo a maioria alusiva à crise que se vivia, "… *tudo da falta ou extinção do comércio por areada a Barra da dita vila e falirem os rendimentos dela* …"[76].

---

[74] **ARROTEIA, Jorge Carvalho** - *Aveiro: Aspectos Geográficos e do Desenvolvimento Urbano.* (p. 50).

[75] *Idem*. (p. 47).

[76] **MADAHIL, António Rocha** - *Milenário de Aveiro*. (p. 569).

Fig. 56 - Planta do séc. XVIII, onde se observa a relação entre o espaço público e privado e a implantação dos edifícios de exceção.

Em meados do século XVIII foram documentadas várias iniciativas para a abertura de um canal no cordão arenoso que encerrava a laguna de Aveiro, acabando todas por não serem definitivas. Já no final dos anos cinquenta, mais especificamente em 1759, após um conflito político[77], o rei D. José I eleva a vila de Aveiro à categoria de cidade, e em 1774 a diocese de Aveiro tornou-se independente da de Coimbra e passou a abranger a comarca de Esgueira. Perante estas decisões poder-se-á afirmar que as iniciativas objetivavam o desenvolvimento de Aveiro. Aliadas a estas está o início da industrialização da cidade com a introdução de algumas fábricas de inspiração pombalina. A primeira, ligada à tecelagem, foi a *Fábrica de Algodão*, criada em 1765, estando em atividade até 1795. A segunda fábrica a ser introduzida na cidade veio reafirmar a ligação deste povoado com a indústria da cerâmica. Criada em 1775 ficou conhecida como *Fábrica de Loiça Fina*, e situava-se na margem sul do canal do Cojo do lado nascente da muralha, afastado do núcleo urbano.

Apesar de elevada a cidade sabe-se que a urbe de Aveiro continuava bastante precária, notando-se a necessidade de intervenções de revitalização urbana. Destas nomeiam-se as obras de melhoramento da barra, do cais, do canal do Cojo e do canal da Ribeira, as reparações no aqueduto e, ainda, as construções da *Câmara Municipal* e da cadeia pública[78]. Apesar destas operações urbanas terem sido inventariadas nos anos oitenta do século XVIII, só dez anos mais tarde se lhes daria início, surgindo novos espaços públicos como o Rossio, do lado norte do Cojo junto à *Igreja de S. João*, e a praça do Peixe, perto do Largo de São Gonçalinho[79]. Já a Câmara e a cadeia começaram por ocupar o mesmo edifício a partir de 1800, do lado sul do Largo Municipal diante da *Igreja de S. Miguel*, tornando-o mais regular, e afirmando este lugar como o centro cívico da cidade. No entanto, estas medidas pouco contribuíram para ultrapassar a crise em que se encontrava a cidade uma vez que "… *a barra continuava fechada, as marinhas alagadas e a população a ser dizimada ou a ver-se obrigada a emigrar*."[80], pois a verdadeira necessidade para a reabilitação da cidade era o restabelecimento da relação entre a ria e o mar.

---

[77] A tentativa de regicídio que aconteceu a 3 de setembro 1758, na qual se presume o envolvimento do Duque de Aveiro, que levou a Câmara da Vila a prestar juramento de fidelidade a D. José I, afirmando que não queria continuar a ter por donatário o respetivo Duque.

[78] **ARROTEIA, Jorge Carvalho** - *Aveiro: Aspectos Geográficos e do Desenvolvimento Urbano.* (p. 55).

[79] **AMORIM, Inês** - *Aveiro e Sua Provedoria no Séc. XVIII (1690-1814): Estudo Económico de um Espaço Histórico.* (p. 127 e 128).

[80] **NEVES, Amaro; FERREIRA, Delfim Bismarck -** *História de Aveiro: Sínteses e Perspectivas.* (p. 276).

Fig. 57 - Planta do séc. XIX, onde se observa a malha urbana e o espaço de circulação.

2.4 Progresso

Na passagem do século, mais precisamente no ano de 1802, foram iniciadas as medidas para a nova abertura da barra, nas quais constaram a nomeação dos engenheiros Reinaldo Oudinot e Luís Gomes de Carvalho, para a elaboração de propostas de abertura e fixação deste cordão arenoso que há dois séculos vinha a apagar a urbe de Aveiro. Ainda no mesmo ano foram aprovados ambos os planos e iniciadas as obras de abertura. Uma vez que a antiga muralha da cidade ameaçava ruína, e que a falta de pedra era notória na cidade de Aveiro, foi ordenado que esta fosse desmontada com o objetivo de se utilizarem os seus materiais na construção do dique[81]. Deste modo, em abril de 1808 foi aberta a barra, este novo canal, que ainda hoje se mantém, localizava-se entre a Gafanha e o mar na perpendicular à costa. Os anos seguintes ficaram, igualmente, marcados por sucessivas intervenções de regulamentação da foz do Vouga e desassoreamento da bacia deste rio.

Marcada o início da nova época de crescimento de Aveiro, rapidamente se adaptou às correntes de desenvolvimento industrial e cultural das cidades, tal como aos processos de higienização, assistindo-se a novas intervenções urbanas. Sabe-se que para estas também contribuíram as atividades marítimas, como a pesca e o comércio, que beneficiaram das obras do porto, e das novas vias de comunicação.

Previamente ao processo de industrialização de Aveiro, durante os últimos vinte anos deste século, é necessário referir as várias mudanças que dinamizaram a malha da cidade.

A primeira, em 1835, foi a demolição da antiga *Igreja de São Miguel*, assim como da Porta da Ribeira e do *Paço Episcopal*, para se planificar um novo desenho, mais regular, para o Largo Municipal.

Passados quinze anos, na década de cinquenta do século XIX, assiste-se à edificação dos primeiros equipamentos e espaços culturais da cidade. O aterro da Marinha do Rossio, em 1851, objetivando a edificação de novos bairros piscatórios e a criação de um espaço público de lazer, regular e arborizado, constitui o início da criação de espaços públicos verdes pela cidade, para usufruto da burguesia, tendência que se popularizava pela Europa. No entanto, estas intervenções conhecidas como *Plano de Edificação do Rossio* só começaram vinte e quatro anos mais tarde, com o início da edificação do bairro de Beira-Mar.

---

[81] **GASPAR, João Gonçalves** - *Aveiro na História.* (p. 181).

Fig. 58 - Planta do séc. XIX, onde se observa a relação entre o espaço público e privado e a implantação dos edifícios de exceção.

Em 1855 foi construído o *Liceu Nacional*, terminado em 1860, localizava-se no lugar da *Albergaria de São Brás*, que já se encontrava em ruína, fazendo, também, uso de parte da pedra da muralha para a sua construção. Contíguo a este foi edificado o *Teatro Aveirense* começado em 1857 e terminado em 1881. Ambos estes edifícios seguiam o alinhamento da rua da antiga albergaria, dando uma nova imagem ao Largo Municipal. As intervenções desta década marcaram, não só, a revitalização do centro mais antigo da cidade, mas também o desenvolvimento social e cultural do povoado aveirense.

Como referido, o gosto pelos espaços públicos, para lazer, não ficaria restrito ao Largo do Rossio, sendo que, em 1962, parte dos terrenos pertencentes ao *Convento de Santo António* foram adquiridos para serem transformados em jardim público. Este situava-se no lado norte do convento, ocupando a zona da baixa de Santo António, motivando a futura expansão da cidade para sul. Já em 1870, a crise da habitação, nomeadamente, económica e social, continuava a ser uma preocupação em Aveiro. Em consequência, foi tomada a decisão da construção de um novo bairro na histórica zona do Alboi. Este novo quarteirão, constituído inicialmente por habitações sociais, seguia as novas teorias urbanísticas da Cidade Jardim[82], localizando-se para poente do bairro mais antigo, junto ao canal.

Nos anos oitenta do século XIX foram edificados mais dois equipamentos públicos. O primeiro foi o *Quartel de Sá*, edificado em 1885 no mesmo lugar do *Convento de Sá* que ficou danificado após um incêndio. O segundo foi o *Edifício do Governo Civil* que veio a ocupar o lado poente do Largo em frente ao *Convento das Carmelitas Descalças*, tornando-se num elemento dinamizador deste espaço. Finalmente, já nos últimos anos deste século foram construídos o *Mercado Municipal* e o *Mercado do Peixe*[83]. Estes equipamentos localizavam-se a nascente da cidade a norte do ilhote do Cojo e entre os quarteirões a sul da *Capela de S. Gonçalinho*, respetivamente.

Apesar do destaque destas intervenções, o aspeto mais singular do século XIX foi a industrialização da cidade. O primeiro caso, e mais notório, desta época foi a inauguração, em 1864, da linha ferroviária do Norte que passava relativamente perto do centro urbano. Esta fomentou não só a construção de complexos fabris nas suas proximidades, mas também de novos arruamentos que mais tarde se edificaram, tornando-se num novo polo promotor da expansão urbana e económica. Assim, durante os

---

[82] **CURADO, Maria José; ALMEIDA, João** - *Evolução Urbana de Aveiro: Espaços e Bairros com Origem entre os Séculos XV e XIX.* (p. 97).

[83] **NEVES, Amaro; FERREIRA, Delfim Bismarck -** *História de Aveiro: Sínteses e Perspectivas.* (p. 278).

Fig. 59 - Planta de 1950, onde se observa a malha urbana e o espaço de circulação.

últimos vinte anos deste século assiste-se à construção de fábricas a nascente do núcleo urbano, numa zona em fácil comunicação com o canal da Fonte Nova e com as linhas de ferro[84]. Quase todas estas unidades instaladas na cidade tiveram como objetivo recuperar uma das práticas mais antigas de Aveiro, pois destinavam-se à indústria cerâmica, beneficiando das características geográficas. Paralelamente, foram edificados outros complexos industriais, dedicados a atividades ligadas ao mar, na marginal do canal de São Roque, após os trabalhos de regularização deste. Deste modo, denota-se bem a importância que as vias marítimas desempenhavam para o desenvolvimento urbano de Aveiro. Em consequência do crescimento industrial, que veio a aumentar nos finais do seculo XIX e inícios do XX, o antigo bairro dos Oleiros adaptou-se às novas circunstâncias e transformou-se num bairro de operários[85]. Assim, perante as várias transformações urbanas desta época consegue-se perceber a sua enfase numa revitalização do centro histórico e no crescimento da cidade para novas zonas, nomeadamente, a nascente, criando um zonamento entre a urbe e a área industrial, e a poente e a sul, recuperando a proximidade da cidade com a ria[86].

2.5 Reafirmação

Com o emergir do século XX, assiste-se a uma tentativa de contrariar a tendência da expansão espontânea a que a cidade estava acostumada, através da elaboração de vários planos urbanos que viriam reger a organização das novas edificações e as intervenções em pré-existências. Proveniente do rápido crescimento demográfico e económico, resultante das intervenções do século passado, no início do século XX deu-se continuidade à expansão industrial e habitacional da cidade, assim como à dignificação desta através de novos espaços públicos.

Entre as primeiras intervenções do século XX na cidade foi a criação do Parque Municipal, em 1901, que tirou proveito de uma linha de água natural perto do *Convento de Santo António* para aí se instalar, dando continuidade ao Passeio Público inaugurado no século anterior. Também no mesmo ano assiste-se à nova construção do *Hospital da Santa Casa da Misericórdia*, localizando-se, igualmente, nas antigas cercas do *Convento de Santo António*. Dentro do núcleo

---

84 **GASPAR, João Gonçalves** - *Aveiro na História.* (p. 146).

85 **CURADO, Maria José; ALMEIDA, João** - *Evolução Urbana de Aveiro: Espaços e Bairros com Origem entre os Séculos XV e XIX.* (p. 90).

86 **SILVA, Cristina Ramos** - *Aveiro: Território e Cidade: Arqueologia de uma Forma Urbana*. (p. 125).

Fig. 60 - Planta de 1950, onde se observa a relação entre o espaço público e privado e a implantação dos edifícios de exceção.

outrora muralhado, mais precisamente defronte do recém-construído *Edifício do Governo Civil*, assiste-se ao alargamento do Largo das Carmelitas, em 1905. Infelizmente, a proposta levada a cabo para a ampliação do espaço público obrigou à amputação de uma parte do antigo *Convento das Carmelitas*, restando apenas metade do claustro e a igreja. Esta nova praça, monumental em relação à escala da cidade, estendia-se desde o edifício em causa até à *Casa de Santa Zita*, mantendo a largura do antigo largo, e estabelecendo, assim, a ligação do *Governo Civil* à principal via da urbe. Em 1909, a ambição de um novo tratamento para o espaço do Rossio levou à demolição da *Igreja de São João* para ajardinamento do espaço. Ainda neste lugar, um dos acontecimentos mais marcantes e singulares na cidade de Aveiro foi a popularização da *Art Nouveau* durante os primeiros vinte anos do século XX. O gosto por esta linguagem arquitetónica viria a transformar a imagem do Rossio, assim como de outros pontos da cidade, que durante esta época começaram a ser ocupados pela burguesia, compondo um cenário nobre para a frente do canal através de novas vilas[87]. Em 1910, voltou a sentir-se o interesse pela cultura em Aveiro, comprovado pela decisão de se instalar o *Museu Regional* no edifício do extinto *Convento de Jesus.*

No seguimento das intervenções, cada vez mais numerosas, no final dos anos vinte a cidade experienciou a mais marcante na sua malha urbana. A abertura, iniciada em 1918, da *Avenida Central*, atualmente denominada avenida Dr. Lourenço Peixinho, veio estabelecer ligação viária entre a *Estação de Aveiro* e o centro urbano. Neste novo arruamento, que seguia os princípios dos *Boulevards* franceses, assiste-se, durante os anos trinta e quarenta, à "… *implantação de novas residências, do comércio e de serviços, cuja importância actual nos permite ajuizar do alcance e da oportunidade do traçado desta artéria naquela época.*"[88]. No entanto, o seu plano não englobava restrições quanto à imagem arquitetónica, contrariamente ao conceito iluminista de cidade, apenas definia alinhamentos e cérceas, prevendo a incorporação das diversas linguagens arquitetónicas[89]. Deste modo, esta intervenção teve tal impacto que veio alterara a morfologia da cidade, que desde as suas origens sempre procurou espaços junto à ria, promovendo a sua expansão para nascente, ao longo do eixo viário, mas também criando a possibilidade de este se estender para norte e sul, tal como veio a acontecer. Ou seja, a *Avenida Central* transformou-se "… *numa estrutura autónoma e capaz de constituir-se como centro linear, apenas pela mudança do seu perfil transversal.*"[90]*.*

---

87 **SILVA, Cristina Ramos** - *Aveiro: Território e Cidade: Arqueologia de uma Forma Urbana*. (p. 129).

88 **ARROTEIA, Jorge Carvalho** - *Aveiro: Aspectos Geográficos e do Desenvolvimento Urbano*. (p. 76).

89 **SILVA, Cristina Ramos** - *Aveiro: Território e Cidade: Arqueologia de uma Forma Urbana*. (p. 145).

90 **GRANDE, Nuno** - *O Verdadeiro Mapa do Universo.* (p. 69 e 70).

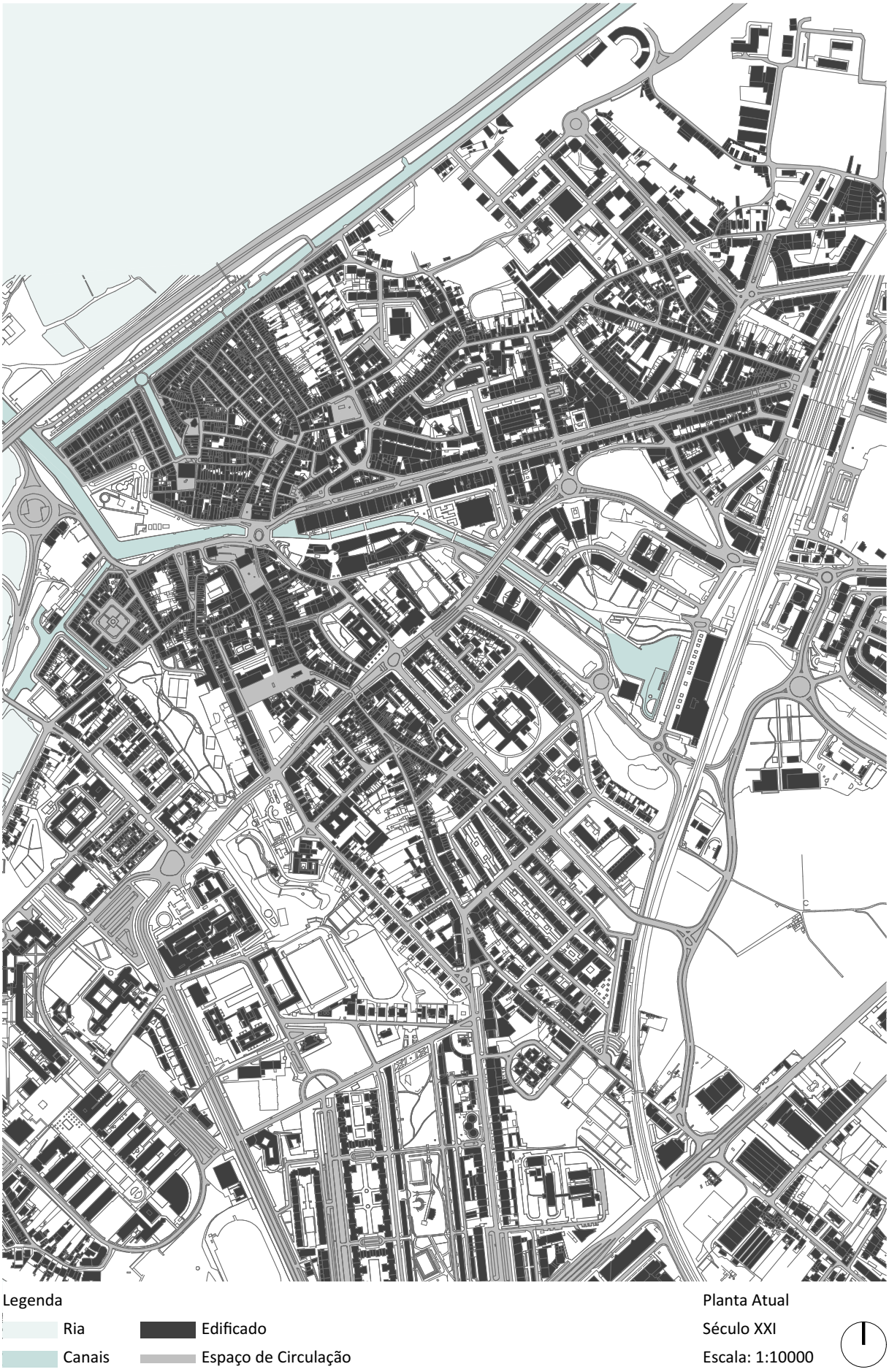


Fig. 61 - Planta do séc. XXI, onde se observa a malha urbana e o espaço de circulação.

Da década de vinte em diante, assiste-se à expansão da cidade através da criação de novos polos dinamizadores, instalando equipamentos públicos em zonas contíguas à cidade. Assim, em 1942 foi terminado o edifício do *Seminário de Santa Joana Princesa*, estendendo a cidade para além dos limites do Parque Municipal, no sentido sudeste[91]. A edificação deste equipamento deu continuidade ao eixo que se vinha a desenvolver pelo *Convento de Santo António*, pelo Passeio Municipal e pelo hospital, e anos mais tarde ao plano para a Universidade. Nos anos de 1950 deu-se a construção de dois novos equipamentos de ensino, nomeadamente o *Escola Secundária José Estevão* e a *Escola Industrial e Comercial*. Estes dois edifícios vieram-se a instalar na avenida 25 de Abril, eixo aberto na mesma altura, que se estendia do centro religioso para a zona sul e nascente do cais da Fonte Nova, fomentando o crescimento da cidade[92] até aos limites imposto pelo eixo ferroviário. Após a edificação destas escolas, em 1952, as décadas seguintes ficaram marcadas pelo arruamento de novas vias e edificação destas, sendo a habitação o programa dominante, das suas envolventes. Estas novas zonas ficariam conhecidas como o bairro do Liceu e o bairro Dr. Álvaro Sampaio, urbanizando a zona compreendida entre o Vale do Cojo, as linhas de ferro, o Parque Municipal e o núcleo histórico.

Na década seguinte, por guia de planos urbanos decidiu-se intervir no centro histórico da cidade com o objetivo de o requalificar e de promover o turismo em Aveiro. Da intervenção de 1962 a 1967 resultou a demolição de vários edifícios que compunham o lado norte da praça da República, antigo Largo Municipal e instalação, no mesmo lugar, da atual biblioteca municipal. Esta intervenção do arquiteto Fernando Távora permitiu um desenho mais regular para este espaço, que se considerava o centro de Aveiro, e criou uma nova relação visual entre a praça, a ria e a antiga Vila Nova, realidade antes impossibilitada pela muralha e casario. Já os anos setenta refletiram preocupações para com a habitação social e para com o ensino superior. Assim, em 1979, dá-se início a mais uma iniciativa de habitação edificada através do bairro de Santiago, apoiado pelo *Fundo de Fomento de Habitação*. O conjunto habitacional, composto por quatro linhas de habitação em banda separadas por espaços públicos, ocupou a zona sul da cidade, reforçando a intenção de a expandir nesse sentido. Ainda no mesmo ano, perante as condições económicas e demográficas, desenvolveu-se o primeiro *Plano Geral*[93] para a *Universidade de Aveiro*, também destinada a ocupar a zona sul da cidade, junto à ria. O plano definiu

---

91 **PATRÃO, Paulo Saraiva** - *Aveiro: Cidade e Arquitectura (uma) Leitura do Espaço Urbano*. (p. 103).

92 **SILVA, Cristina Ramos** - *Aveiro: Território e Cidade: Arqueologia de uma Forma Urbana*. (p. 167).

93 **ARROTEIA, Jorge Carvalho** - *Aveiro: Aspectos Geográficos e do Desenvolvimento Urbano*. (p. 95).

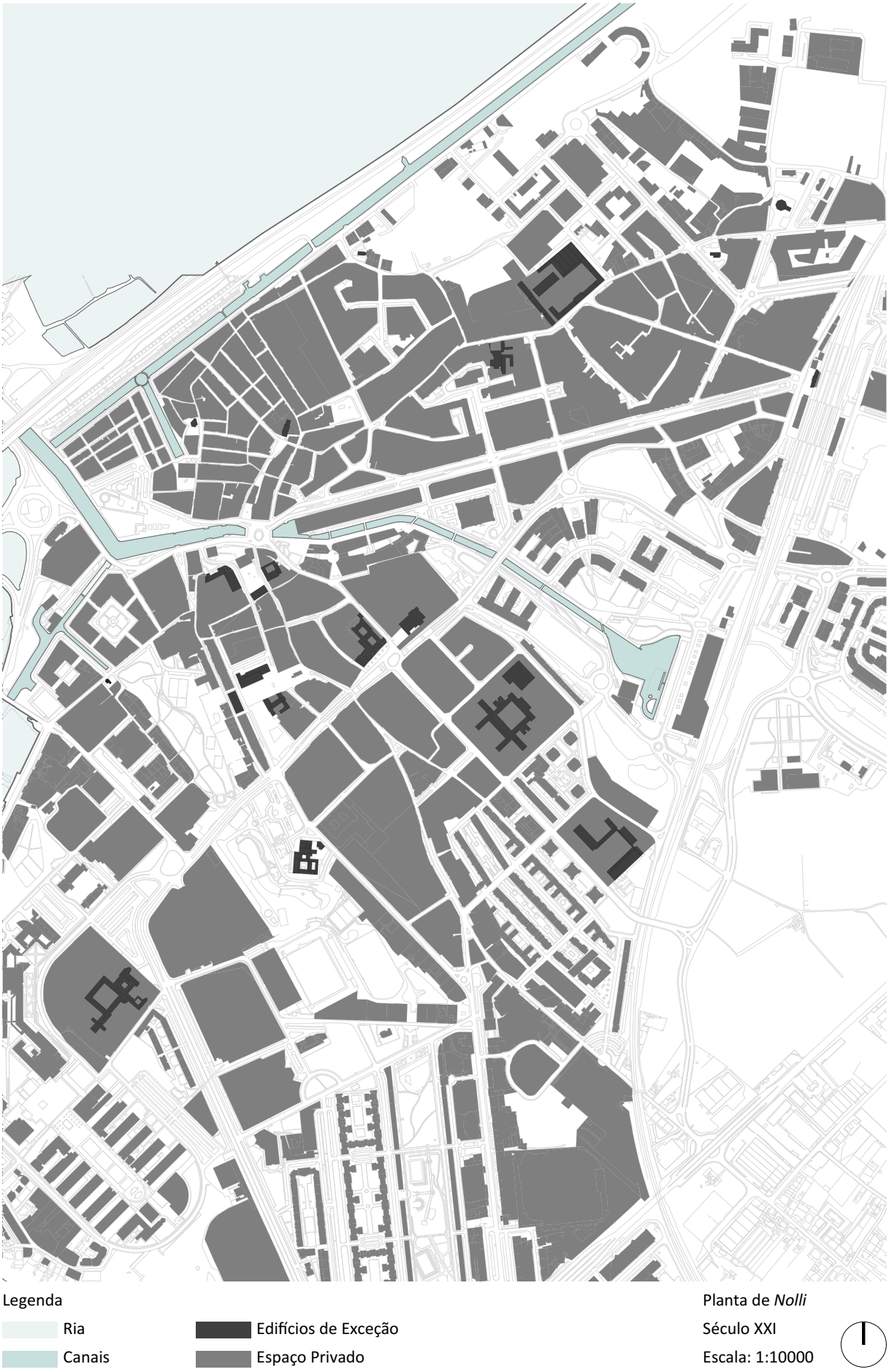


Fig. 62 - Planta do séc. XXI, onde se observa a relação entre o espaço público e privado e a implantação dos edifícios de exceção.

que o projeto da universidade deveria seguir o modelo de *campus*, no entanto sem grande relação com o resto da cidade de Aveiro. Em 1989, o arquiteto Nuno Portas propôs a revisão do plano da universidade, redesenhando a disposição dos vários departamentos. Consequentemente, a presença da universidade foi essencial para a dinamização urbana da sua zona envolvente.

Contemporaneamente, as últimas propostas do século XXI têm-se focado essencialmente na habitação, através de planos que objetivam a edificação de complexos habitacionais em zonas ainda não consolidadas da cidade. A título de exemplo denota-se a zona nascente da *Estação de Aveiro*, que se tem vindo a transformar com a constante construção de edifícios plurifamiliares e equipamentos públicos. Outra zona da cidade onde se assiste a esta tendência é o cais da Fonte Nova, que à semelhança do caso anterior, tem vindo a ser ocupado por habitação e serviços.

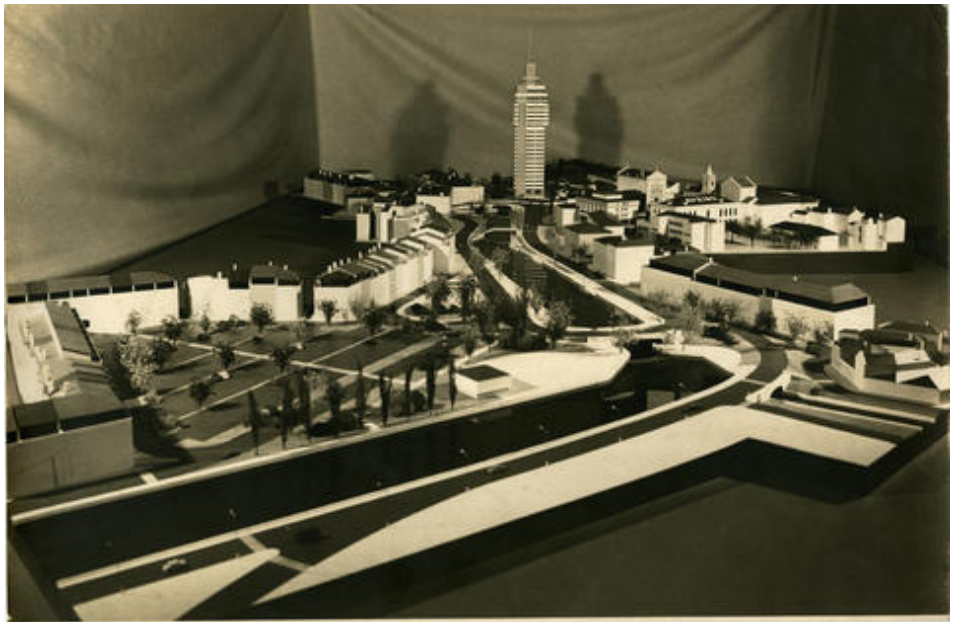


Fig. 63 - Maqueta do *Plano de Pormenor da Área Central para Aveiro.*

3. Ordem

"*A procura do espaço organizado, o calculado cerco do que existe e do que é desejo, passam pelas intuições que o desenho subitamente introduz nas mais lógicas e participadas construções; alimentando-as e delas se alimentando. Todos os gestos* (...) *estão carregados de história, de inconsciente memória, de incalculável, anónima sabedoria.*"[94].

[94] **SIZA, Álvaro** - *01 Textos*. (p. 29).

Como mencionado no capítulo anterior, o século XX ficou marcado pela introdução da disciplina da urbanística no ordenamento do território nacional. Efetivamente, a partir de 1934, promovido por Duarte Pacheco, o exercício do planeamento urbano tornou-se indispensável para a compreensão das cidades.

A noção de planeamento estratégico para pensar e controlar o desenho da cidade, apesar de ser inerente ao nascimento desta, intensificou-se de forma a compreender os fatores dinâmicos que regem um agregado urbano e a dar uma resposta, através da organização do espaço, "*… que melhor satisfaz às possibilidades e às necessidades de uma sociedade em determinado momento e em determinado lugar.*"[95]. Pois, como é natural das cidades, a tendência de crescimento é imperativa carregando consigo a desordem espacial, modificando a sua morfologia estruturada numa soma de espaços sem relações coerentes[96].

Esta característica, tão própria das cidades, já se vinha a demonstrar em Aveiro quando se atende à relação entre o antigo núcleo muralhado e as várias zonas que a partir deste se começaram a formar. Quanto ao crescimento da cidade poder-se-á afirmar que este se desenvolveu segundo dois fatores. O primeiro, relaciona-se com o escasso espaço presente na vila muralhada que levou à necessidade de edificações espontâneas que continuaram a sua expansão formando bairros, e eventualmente novos polos urbanos, cuja única relação com núcleo primitivo era a grande proximidade. O segundo, refere-se à construção de edifícios de exceção, equipamentos públicos, cuja implantação independente de relações fomentou a edificação das suas proximidades, gerando aglomerados urbanos sem relações entre si. No caso de Aveiro, ainda se poderá referir um terceiro fator que se prende com a presença da ria e seus canais que, por necessidade das atividades económicas, desempenharam um papel dinamizador das suas frentes.

É neste sentido que os planos do século XX se manifestaram na organização espacial aveirense com o objetivo de regular e controlar o seu crescimento, mas também de tentar desenvolver soluções urbanas que pensassem na cidade com um todo. Em Portugal foi introduzido o planeamento urbano com base no zonamento, definindo áreas consoante as diferentes funções presentes na cidade, uma tendência funcionalista que se difundiu por todo o país[97]. Não sendo exceção, os primeiros planos criados para Aveiro seguiam esta mesma base teórica.

---

95 **TÁVORA, Fernando** - *Da Organização do Espaço*. (p. 37).

96 *Idem*. (p. 35).

97 **SILVA, Cristina Ramos** - *Aveiro: Território e Cidade: Arqueologia de uma Forma Urbana*. (p. 163).

Decorre que o momento seguinte deste estudo se focará na análise daquelas que se constituiram como as primeiras ações de planeamento urbano, estudadas e desenhadas, com o objetivo de reorganizar e reger a espacialidade da época e expansões e intervenções futuras. Para este fim, serão eleitos cinco exemplos, quatro dos quais serão planos gerais, e um plano de pormenor associado a um destes.

• • •

O presente capítulo, que se assume enquanto momento de procura de estratégias de intervenção será divido em cinco subcapítulos, correspondendo cada um a um plano urbano aplicado em Aveiro. Dentro destes subcapítulos, a divisão temática proposta corresponderá a setores, ou zonas desenvolvidas em cada um desses exemplos.

Deste modo, o primeiro plano a incluir neste capítulo, **Moreira da Silva (1948-1960),** será o trabalho desenvolvido pelos arquitetos David Moreira da Silva e Maria Moreira da Silva, afirmando-se como o primeiro trabalho deste tipo, e que já conduzia a uma visão de conjunto para Aveiro.

No segundo subcapítulo, **Auzelle (1963)**, trata-se do plano coordenado pelo arquiteto Robert Auzelle, que deu continuidade a esta época de estudos urbanísticos, revelando-se uma atualização do anterior.

O terceiro subcapítulo, **Távora (1963-1965)**, será convocado para este capítulo, uma vez que se trata de um plano de pormenor inserido no plano geral de Auzelle, e porque consiste num exemplar de atuação a uma escala mais próxima da cidade.

No quarto subcapítulo, **Macroplan (1979)**, constará num exemplar composto por dois grandes projetos que influenciaram a dinamização da cidade. O primeiro, o bairro de Santiago, e o segundo, a *Universidade de Aveiro*.

O último subcapítulo, **Polis (2003)**, apresentará o conjunto de planos aplicados em Aveiro, no âmbito do *Programa Polis*, e que se consideram as intervenções de maior impacto dos anos 2000.

Fig. 64 - Planta do *Anteplano de Urbanização da Cidade de Aveiro* (1948-1960), dos arquitetos David Moreira da Silva e Maria Marques da Silva, onde se evidenciam as zonas pré-existentes.

3.1 Moreira da Silva (1948-1960)

Em 1945, os arquitetos David Moreira da Silva e Maria José Marques da Silva foram encarregues de produzirem os primeiros trabalhos urbanos para a cidade de Aveiro. Do trabalho da dupla resultaram dois planos, o primeiro em 1948 e o segundo em 1960, e apesar de entre eles decorrerem doze anos, poucas diferenças de natureza teórica e ideológica apresentaram entre si. A produção desses planos objetivava pôr em prática as novas teorias urbanísticas que ainda pouco se viam aplicadas em Portugal, e Aveiro oferecia "… *óptimas oportunidades de experimentar situações novas e de aplicar outras já teóricamente conhecidas* …"[98].

O primeiro documento, *Anteplano de Urbanização da Cidade de Aveiro,* apresentado à câmara em 1948, apesar de ser um conjunto de peças escritas, baseava-se na metodologia de zonamento, através da adoção e explicitação de zonas funcionais para o espaço urbano, e relatava, em comparação, a situação da cidade de Berlim que desde os finais do século XIX usava o mesmo fundamento teórico nas suas transformações[99]. Em complemento, nesta proposta, as linhas do plano deviam ir ao encontro das medidas suaves impostas pelo *Estado Novo*[100].

Já o segundo plano de 1960, um conjunto de peças desenhadas, apesar de se sustentar nas mesmas ideologias já possuía um discurso mais moderno e liberto dos constrangimentos do Português Suave, como constatam os arquitetos, "… t*orna-se necessário e urgente atribuir novas características e maior capacidade às futuras unidades residenciais, cuja disposição no terreno deverá obedecer a um padrão urbanístico tanto quanto possível actual.*"[101].

3.1.1 *Espaço de Circulação*

Nas principais preocupações refletidas nos dois planos constava a qualidade do espaço público de Aveiro, tanto o de estar como o de circular. Até à data em que estes estudos urbanos começaram sabe-se que as vias de circulação não apresentavam diferença entre o espaço pedonal e viário. Assim, algumas das

---

98 **SILVA, David Moreira; SILVA, Maria Moreira -** *Anteplano de Urbanização da Cidade de Aveiro: Peças Desenhadas.* (p. 4).

99 **SILVA, Cristina Ramos** - *Aveiro: Território e Cidade: Arqueologia de uma Forma Urbana*. (p. 163).

100 **LÔBO, Margarida Souza** - *Planos de Urbanização: A Época de Duarte Pacheco*. (p. 35).

101 **SILVA, Cristina Ramos** - *Aveiro: Território e Cidade: Arqueologia de uma Forma Urbana*. (p. 165).

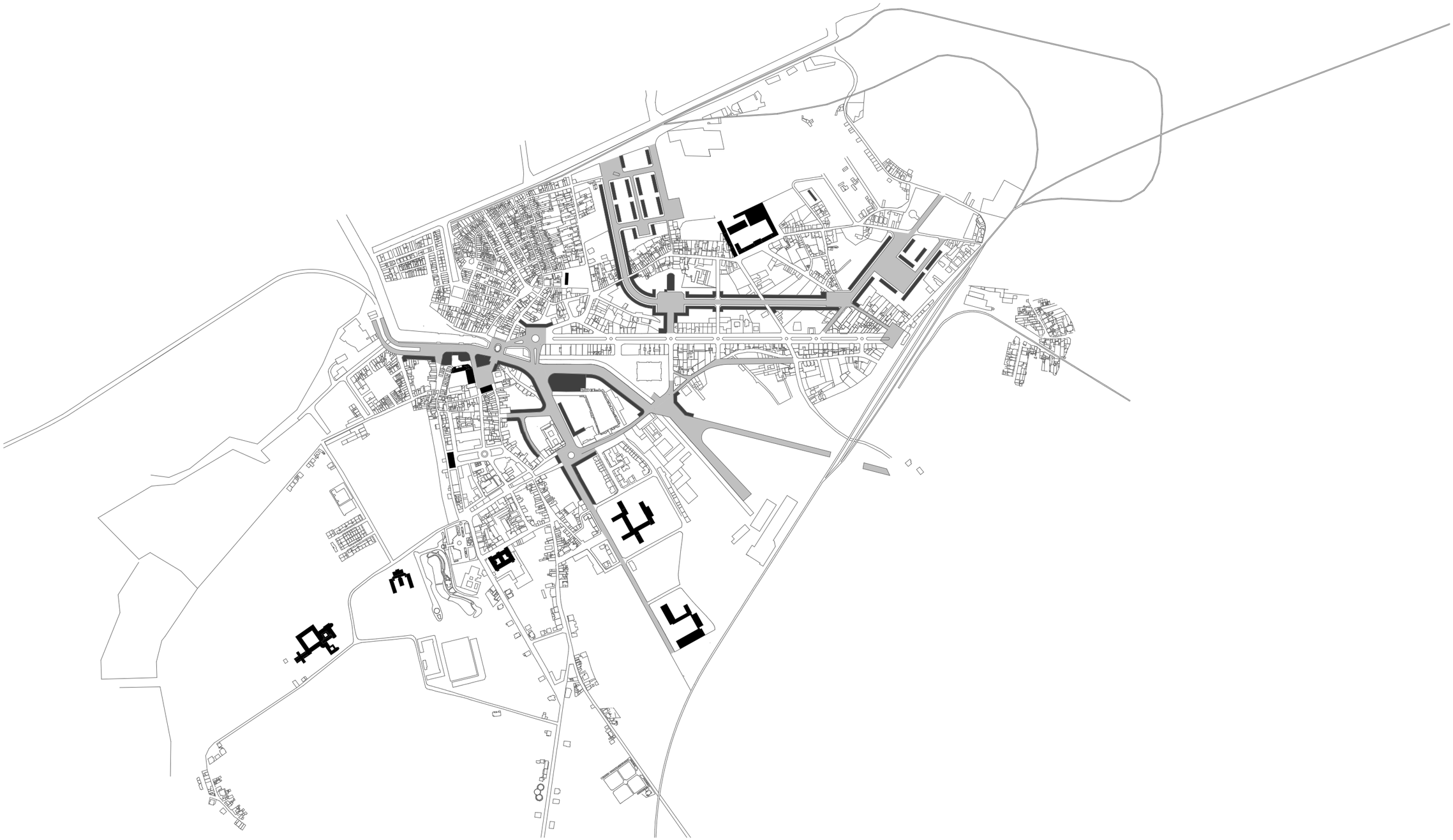


Fig. 65 - Planta do *Anteplano de Urbanização da Cidade de Aveiro* (1948-1960), dos arquitetos David Moreira da Silva e Maria Marques da Silva, onde se observam as intevenções na malha urbana.

intervenções propostas foram a hierarquização dos espaços de circulação dos vários arruamentos, espaços públicos e marginais dos canais, e foi dada maior importância a vias para velocípedes. Também sobre o espaço de circulação, o plano propunha a retificação de algumas vias, como o caso da rua do Comandante Rocha e Cunha, cujo traçado devia "… *permitir que os seus edifícios escondam em bôas condições as trazeiras dos prédios voltados para a Avenida* …"[102], ou da avenida Dr. Lourenço Peixinho onde a zona central arborizada deveria mudar para não prejudicar a sua perspetiva[103]. Era ainda igualmente proposta a abertura de novos arruamentos segundo a tipologia da avenida, vias direitas e largas. Apesar da planta apresentar vários exemplos destes, a norte e a sul da avenida, apenas se realizou a abertura da avenida 25 de Abril.

3.1.2 *Espaço Público*

Quanto ao espaço público da cidade acrescenta-se o tratamento da avenida Dr. Lourenço Peixinho na qual se pretendia rematar os extremos com praças. Na ponta nascente propunha-se a ampliação da praça junto à *Estação de Aveiro* e no lado poente propunha-se a abertura de uma nova praça na marginal norte do canal, seguindo uma lógica *Haussmanniana* em que os grandes rasgões pela malha urbana, avenidas e *boulevards*, surgiam da uniam de pontos importantes na cidade, neste caso espaços públicos. Nas plantas de 1958 e 1960 nota-se a grande preocupação dos arquitetos com o escasso número de espaços públicos com qualidade na cidade, presente no desenho das demais praças propostas.

À semelhança do exemplo da avenida a lógica de posicionamento destes novos espaços públicos era definida pelas grandes vias, como o caso da proposta da via a norte da avenida que também deveria ser rematada por praças, uma a norte junto ao canal de S. Roque e a outra a nascente atravessada pela rua que unia o *Quartel de Sá* à *Estação de Aveiro*. Ou, o caso da praça do Milenário, da qual partiam: a nova avenida 25 de Abril; uma nova via que ligava este lugar à praça que se visava a poente da avenida Dr. Lourenço Peixinho; e ainda outra via que fazia a ligação entre esta e outra praça que se propunha a norte da avenida, nas traseiras do *Convento do Carmo*. No entanto, o espaço público mais singular, e único realizado, foi a Ponte Praça. Até há década de cinquenta o atravessamento do canal Central fazia-se com duas pontes, data em que no plano se propôs a

[102] **LÔBO, Margarida Souza** - *Planos de Urbanização: A Época de Duarte Pacheco*. (p. 75 e 76).

[103] *Idem*. (p. 52).

Fig. 66 - Planta do *Anteplano de Urbanização da Cidade de Aveiro* (1948-1960), dos arquitetos David Moreira da Silva e Maria Marques da Silva, onde se evidenciam as zonas anteplaneadas.

substituição destas por um tabuleiro, na respetiva área ocupada pelas pontes, que permitiu a circulação viária e pedonal entre os dois lados do canal. Porém, a incapacidade da estrutura de vãos em sustentar o tabuleiro obrigou a abertura de uma oval no seu centro, transformando a ideia de praça em rotunda, não se objetivando o propósito desta intervenção.

3.1.3 *Edificado*

A propósito da malha urbana, o plano apresentado também contemplava vários aspetos de modificação das zonas residenciais de Aveiro. Entre estes esteve o estabelecimento de regras que condicionavam a construção na avenida, nomeadamente o controlo das cérceas e da imagem dos novos edifícios, promovendo um espaço harmonizado, assim como a ampliação de programa a inserir.

Numa visão mais alargada da escala da cidade, era proposto no plano o esventramento de alguns quarteirões, que do ponto de vista dos arquitetos poderiam usufruir de melhores condições se tivessem a sua dimensão reduzida, como se vê no lado norte da avenida. Além disso, propunha-se o tratamento do espaço no interior dos quarteirões para que este pudesse ser usado pelos seus residentes. Por outro lado, as modificações propostas para a malha urbana não se esgotavam na intervenção de pré-existências, uma vez que é possível observar no trabalho dos arquitetos desenhos de novas zonas residenciais e mistas. Curiosamente, estes projetos seguiam alguns dos princípios da *Carta de Atenas* quanto à cidade moderna, evidentes na disposição dos edifícios, que compunham as várias zonas, sobre espaços públicos, mas simultaneamente tentavam relacionar-se com a envolvente. A título de exemplo podem observar-se a zona residencial proposta perto do canal de S. Roque, desenvolvendo-se para sul, a zona de programa misto a norte da Estação, e finalmente, o único exemplo edificado, uma zona residencial, da autoria do arquiteto José Carlos Loureiro no bairro do Liceu, entre as duas escolas.

Em conclusão, poder-se-á afirmar que o *Anteplano de Urbanização da Cidade de Aveiro* parecia não ter como principal objetivo a expansão da cidade, mas antes o desenvolvimento de soluções para correção da organização espacial e revitalização dos espaços urbanos, através de intervenções localizadas, mas que iniciavam o progresso de uma visão de conjunto. Apesar do extenso trabalho realizado pela dupla, muito pouco do que foi desenhado chegou a passar dos

Fig. 67 - Planta do *Anteplano de Urbanização da Cidade de Aveiro* (1948-1960), dos arquitetos David Moreira da Silva e Maria Marques da Silva, onde se observam o conjunto de propostas anteplaneadas.

papeis, no entanto, o plano foi um excelente contributo, enquanto ensaio, para a maturidade do plano seguinte, dirigido por Robert Auzelle.

3.2 Auzelle (1963)

Em 1962, uma nova equipa liderada pelo arquiteto francês Robert Auzelle começou a trabalhar num novo plano urbano para a cidade de Aveiro, que veio a ficar conhecido por *Plano Director da Cidade de Aveiro*, quando apresentado à câmara no ano seguinte. À semelhança do trabalho anterior, este plano baseava-se nos populares fundamentos teóricos funcionalistas do zonamento, tão difundidos no urbanismo português. No entanto, introduziu uma nova ferramenta, não presente no plano anterior, que consistiu no complemento das várias zonas com planos de pormenor[104].

Este novo trabalho manteve os objetivos de reorganização espacial da cidade e do redesenho de parte do seu traçado, assim como o planeamento das novas expansões, visto que, por diversas razões, o anteplano não o foi capaz de solucionar. E, apesar de seguir as mesmas bases teóricas enquanto diretrizes operacionais, os desenhos do *Plano Director da Cidade de Aveiro* demonstram a necessidade de se conceber um estudo a uma escala mais alargada e abrangente, e de uma forma mais abstrata. Ou seja, não se focar só em intervenções pontuais, como o plano anteriormente elaborado, mas uma solução que atenda às características imateriais de uma cidade, como "*… o desenvolvimento económico e social que englobem todos os interesses vitais da região.*"[105].

3.2.1 *Zona Portuária*

Alguns dos setores merecedores de maior atenção, do ponto de vista de Auzelle, foram as indústrias ligadas à atividade portuária consideradas essenciais para o crescimento económico e expansão da cidade. Com destaque para o desenvolvimento do porto de Aveiro que se apresentava como fator

[104] **SILVA, Cristina Ramos** - *Aveiro: Território e Cidade: Arqueologia de uma Forma Urbana*. (p. 173).

[105] **AUZELLE, Robert** - *Plano Director da Cidade de Aveiro*. (p. 7).

Legenda

Zona de Habitação
Zona Industrial
Zona Mista
Espaços Verdes
Zona Portuária

Planta de Zonamento
1963
Escala: 1:10000

Fig. 68 - Planta do *Plano Director da Cidade de Aveiro* (1963), do arquiteto Robert Auzelle, onde se evidenciam as pricipais zonas pré-existentes.

impulsionador da urbe, pois servia de apoio à indústria e ao potencial turismo[106], não sendo esta realidade uma novidade, uma vez que que ao longo da sua história a esfera económica de Aveiro esteve sempre relacionada com as estruturas portuárias.

"*Aveiro goza de uma situação excepcional*, (…) *pelas larguíssimas possibilidades de progresso económico que lhe conferem as instalações portuárias, em pleno desenvolvimento, e a vasta superfície industrialmente aproveitável que lhe está anexa. São elementos fundamentais que o Plano Regional de Aveiro não deixará certamente de ter em atenção, ao procurar estabelecer as linhas mestras do desenvolvimento económico e de valorização de toda a Região.*"[107].

3.2.2 *Zona Industrial*

Os motivos acima referidos encontram-se bem explícitos nas várias peças desenhadas que compõem o plano. Quanto ao primeiro, o estudo referente ao porto de Aveiro, perceciona-se a sua potencialidade de expansão e aproximação à cidade, propondo-se que estas zonas dedicadas às estruturas portuárias se localizassem no lugar da antiga lota e defronte desta, do lado oposto do canal.

Já quanto à atividade terciária, a indústria, passava por um processo semelhante ao acima referido, com a exceção de que esta atividade já se fazia sentir no interior da cidade, através das unidades fabris que se instalaram, quer perto das linhas de ferro a nascente quer junto do canal de S. Roque. Consequentemente, tornava-se imprescindível a regulação e controlo da expansão deste setor. Na planta referente a esta atividade, comprovam-se estas intenções, com o aumento das áreas industriais afastadas do centro urbano e sempre com fácil e rápido acesso às vias ferroviárias, sendo mesmo estas os limites físicos das zonas propostas, com o objetivo de evitar a invasão das zonas de habitar. Com estas alterações, poder-se-á afirmar que o papel dos canais começou a perder valor, devido às necessidades logísticas da indústria, passando a privilegiar-se as vias terrestres, e devido à expansão da malha urbana no contacto com aqueles.

---

[106] **SILVA, Cristina Ramos** - *Aveiro: Território e Cidade: Arqueologia de uma Forma Urbana*. (p. 173).

[107] **AUZELLE, Robert** - *Plano Director da Cidade de Aveiro*. (p. 7).

Legenda

Zona de Habitação
Zona Industrial
Zona Mista
Espaços Verdes
Zona Portuária

Planta de Zonamento

1963

Escala: 1:10000

Fig. 69 - Planta do *Plano Director da Cidade de Aveiro* (1963), do arquiteto Robert Auzelle, onde se evidenciam as zonas a criar.

3.2.3 *Zona Habitacional*

O terceiro setor de elevada relevância em estudo no plano, a habitação, dividiu-se em dois momentos, as zonas de habitações mais tradicionais já edificadas e as de novas unidades, já construídas e por projetar. O objetivo geral perante as construções comuns que compunham a malha urbana foi claro, transformar e atualizar a qualidade destas. No entanto, nas zonas mais antigas da cidade, onde as "*Ruas demasiado estreitas, aliadas a uma parcelar de reduzidas dimensões* …"[108], as diretrizes do plano apontavam para a preservação e reabilitação das habitações, conservando a imagem do centro histórico. Quanto às mais recentes, a vontade era de modernização, pois dever-se-iam desprender das características das suas congéneres mais antigas. Para isto, contribuiriam, novamente, medidas quanto ao controlo das cérceas, através do aumento do número de pisos. Porém, e paradoxalmente, Auzelle defendia que com o crescimento urbano "… *a procura de habitações* (…), *terá seguramente tendência para a habitação individual.*"[109], que apesar da sua comodidade excecional, tornar-se-ia irrealista e impraticável de sustentar com o aumento demográfico esperado.

Estes três setores foram a grande ênfase do trabalho, comprovando-se na extensa representação nas plantas, uma vez que constituíam as principais esferas de desenvolvimento urbano e económico. No entanto, não se desprezou um conjunto de outros fatores que também se mostravam vitais para o crescimento da cidade.

3.2.4 *Equipamentos*

Para complementar as intervenções nas áreas de habitação, foram estabelecidas pelo plano estratégias de organização dos novos equipamentos públicos, tendo em conta que a maioria destes edifícios já se encontrava na zona sul da cidade. Deste modo, a diretiva foi a fomentação de uma área que se pudesse constituir em Centro Cívico e Cultural[110], um local que agregasse os vários edifícios – os existentes e os a instalar. Para dar resposta a este problema propôs-se transformar a praça Marquês de Pombal, na qual já se vinham a

[108] **AUZELLE, Robert** - *Plano Director da Cidade de Aveiro*. (p. 8).

[109] *Idem, Ibidem*.

[110] *Idem, Ibidem*.

Legenda

Vias Principais

Vias Secundárias

Planta de Circulação

1963

Escala: 1:10000

Fig. 70 - Planta do *Plano Director da Cidade de Aveiro* (1963), do arquiteto Robert Auzelle, onde se observa a rede de circulação proposta.

instalar equipamentos civis desde o início do século XX, no sítio que iria receber os novos serviços (bombeiros, polícia e correios), reafirmando este espaço como o novo centro cívico da cidade de Aveiro. Além dos equipamentos civis, o plano fez denotar o fraco investimento efetuado no ensino primário na cidade, cujos principais problemas eram o reduzido número de edifícios e a distância entre estes e as áreas de habitação. As medidas propostas para solucionar esta questão assemelharam-se às da habitação, ou seja, estimulou-se a construção de novos edifícios, mas sempre que as condições o permitissem, optava-se pela reabilitação dos existentes.

3.2.5 *Espaços Verdes*

Para além das propostas dedicadas a espaços construídos em Aveiro, os espaços vazios foram igualmente incorporados no *Plano Director da Cidade de Aveiro*. Este setor, dinamizador da qualidade de vida na cidade, demonstrou grande potencialidade através da exploração de espaços verdes no núcleo urbano. Assim, através da planta apresentada no plano percebe-se que a enorme escassez deste tipo de espaços na cidade motivou o desenvolvimento e a criação de novos. Por exemplo, segundo Auzelle, o Parque da cidade demonstrava características para melhor uso enquanto espaço de lazer e de estar, para residentes e visitantes, e para expansão, onde a criação de áreas desportivas e expositivas se revelavam hipóteses de interesse a explorar[111]. Ainda nos desenhos, observa-se que a maioria das zonas verdes a criar se localizavam em lugares periféricos, contiguos às áreas industriais e portuárias, possivelmente numa tentativa de combater a poluição típica destes locais e de promover a higiene e salubridade no quotidiano na cidade.

3.2.6 *Circulação*

O último tema que mereceu destaque neste trabalho de planeamento, e que se torna relevante para o presente estudo, foi o projeto da rede de circulação. Neste campo, Auzelle pretendia criar um novo circuito viário, mais clarificado e

[111] **AUZELLE, Robert** - *Plano Director da Cidade de Aveiro*. (p. 8).

Legenda

Zona de Habitação
Zona Mista
Zona Industrial
Espaços Verdes
Zona Portuária
Rede de Circulação

Planta de Zonamento
1963
Escala: 1:10000

Fig. 71 - Planta do *Plano Director da Cidade de Aveiro* (1963), do arquiteto Robert Auzelle, onde se observam a organização zonal e a rede de circulção propostas.

hierarquizado, composto por dois tipos de vias – as principais e as secundárias. Entre as primeiras estava proposta a abertura de uma semicircular[112] à volta da cidade, e das expansões que o *Plano Director da Cidade de Aveiro* englobava, para garantir melhor acesso entre a cidade e outros núcleos urbanos no território português. Simultaneamente pretendia-se criar uma rede viária independente e exterior à urbe aveirense, evitando o seu atravessamento[113], nomeadamente pela circulação proveniente do setor industrial. Porém, a pertinência das novas vias não se podia restringir meramente às razões mencionadas, pelo facto de que era também necessário atrair mais visitantes para a cidade, favorecendo o turismo. Assim, esta nova rede de circulação estabelecia um contacto mais fácil entre as vias periféricas, e os bairros instalados nestas zonas, e a cidade propriamente dita[114]. Finalmente, outro objetivo da semicircular proposta era o de garantir a independência do porto de Aveiro em relação ao núcleo urbano, respondendo simultaneamente às relações desta zona com as indústrias.

No centro da cidade, as preocupações foram, essencialmente, o melhoramento da ligação entre a avenida e o centro histórico. Nas peças desenhadas, vê-se que o objetivo requeria a demolição da recente Ponte Praça, para se instalar na zona um "… *um sistema de circulação em sentido único, dum e doutro lado do canal.*"[115]. Este percurso, composto por avenida mais centro histórico, adquiria, assim, a função de atravessamento da cidade, pois ligava a semicircular à zona industrial a nascente e novamente à semicircular.

Apesar de todo o investimento de estudo neste plano e da qualidade e cuidado presente nas intervenções dos vários setores da cidade, apenas dois planos de pormenor, que acompanhavam as diretrizes do *Plano Diretor* foram realizados, o *Plano de Pormenor da Área Central* e o *Plano de Pormenor da Avenida Lourenço Peixinho*. Ainda assim, o plano dirigido por Robert Auzelle, apresenta-se como um ótimo exemplar de compreensão da cidade de Aveiro, com as suas propostas de desenvolvimento das principais atividades, portuária e industrial, e de revitalização dos espaços habitáveis da urbe, através do tratamento das habitações, equipamentos e espaços públicos. Tudo isto, era, naturalmente, suportado por uma nova rede de circulação, objetivando novas perspetivas para Aveiro, como torná-la na cidade capital da beira litoral e num núcleo turístico de destaque em Portugal.

Como referido, apenas dois dos planos de pormenor, apresentados em

---

[112] **SILVA, Cristina Ramos** - *Aveiro: Território e Cidade: Arqueologia de uma Forma Urbana*. (p. 175).

[113] **AUZELLE, Robert** - *Plano Director da Cidade de Aveiro*. (p. 11).

[114] *Idem*. (p. 12).

[115] *Idem*. (p. 14).

Fig. 72 Planta do *Plano de Pormenor da Área Central* (1963-1965), do arquiteto Fernando Távora, onde se observa o centro histórico nos anos 60.

complemento e aprofundamento das indicações das propostas gerais, foram concretizados pela câmara, e mesmo estes não se viram finalizados na sua totalidade.

O *Plano de Pormenor da Área Central*, apresentado pelo arquiteto Fernando Távora, considera-se um outro exercício pertinente de estudo e análise quanto a estratégias, problemas e preocupações, que a prática do planeamento urbano combinada com o projeto arquitetónico eventualmente levanta. Assim, perante o trabalho que se pretende desenvolver neste capítulo torna-se, agora, pertinente compreender um dos pontos de aprofundamento proposto no *Plano Director da Cidade de Aveiro*, com o objetivo de enriquecer este segundo momento com uma perspetiva de diferentes escalas de intervenção, e estender este para trabalhos que não se foquem exclusivamente em organizações de zonamento, entrando já no campo do desenho do objeto arquitetónico. Ademais, o carácter de exceção associado a este planeamento, pelo facto de se realizar no centro histórico da cidade, mais propriamente no espaço que ligava os núcleos urbanos que compunham a antiga vila, reforça a necessidade da sua presença neste capítulo, enquanto síntese de intenções sobre a intervenção em preexistência em Aveiro.

3.3 Távora (1963-1965)

Entre 1963 e 1965, foi elaborado por Fernando Távora o *Plano de Pormenor da Área Central para Aveiro*, cuja área de intervenção abrangia ambas as margens do canal Central, desde o início da avenida Dr. Lourenço Peixinho até ao início do canal de S. Roque, e alguns dos seus espaços contíguos como a zona sul do canal do Cojo, a praça da República, a praça Melo Freitas e o Rossio. Trata-se de um plano de renovação, revitalização e reorganização urbana relativamente à zona histórica da cidade, assim como uma redefinição estética do ambiente desta área, mantendo sempre a sua identidade. No entanto, contrariamente às populares teorias de zonamentos funcionalistas que regiam a prática da urbanística em Portugal, por vezes tão criticadas pelo arquiteto Távora, "… *na medida em que os problemas da cidade aumentam e são consciencializados, a noção de planeamento intensifica-se e o que por vezes revestiu o aspecto de actividade de pequena importância, ganha hoje foros de disciplina capital.* (…) *mas haverá que dar a esta palavra o seu verdadeiro sentido porque, se o «laissez faire» constituiu uma tendência perigosa, o planeamento, mal interpretado,*

pode igualmente constituir mais uma forma de degradação do próprio homem, …"[116], este trabalho, consolidou a organização desta zona, tão essencial para a cidade, através da compreensão do local em causa, uma metodologia mais apreciada por Fernando Távora.

"*O resolver o caos pela força é técnica por vezes necessária mas nunca inteiramente satisfatória, pois daí resulta, normalmente, obra anti-natural de imposição e não de expressão, de unificação forçada mas não de integração* (…), *o que pressupõe um cada vez maior número de técnicos pensando sobre um cada vez maior número de aspectos de determinado problema; conhecimento do meio, o que prossupõe o seu conhecimento total, desde os seus aspectos de ordem puramente física até aos mais subtis aspectos da vida dos homens que o ocupam.*"[117].

Quando se observam os vários desenhos elaborados para a realização do plano urbano percebe-se que este estava claramente condicionado pela nova proposta de circulação concebida no *Plano Diretor* de Auzelle. O objetivo era o de trabalhar estas novas vias para qualificar o canal Central, enquanto espaço de lazer e de circulação. Conjuntamente, o novo complexo de edifícios que se viria a realizar junto à praça da República estabeleceria pela primeira vez uma relação visual entre o espaço origem da cidade e a água, elemento que espelha a imagem mental de Aveiro. Assim como, com todo o cenário da frente da antiga Vila Nova, em conjunto com os canais e o jardim do Rossio, tão caracterizadores do centro histórico de Aveiro.

Se se pretender desconstruir o plano de Fernando Távora, objetivando uma compreensão mais organizada das intenções trabalhadas e influenciadoras das decisões, pode-se dividir a proposta por quatro zonas, o edificado da praça da República, o canal, a frente da antiga Vila Nova, e o edificado proposto junto ao canal do Cojo. Assim, irá decorrer a compreensão deste plano.

3.3.1 *Circulação*

Começando pela circulação, como já mencionado no plano de Robert Auzelle, a proposta consistia num desenho de um novo percurso de marginais que

[116] **TÁVORA, Fernando** - *Da Organização do Espaço*. (p. 37).

[117] *Idem*, *Ibidem*.

delimitavam a área do canal Central, permitindo ambas as circulações, pedonais e viárias. Távora assegurava a transição do canal através de duas novas pontes, posicionadas aproximadamente nos seus extremos, e uma ponte pedonal situada no lugar da antiga Ponte dos Arcos, recuperando a circulação histórica sobre o canal. Sendo a principal função da ponte pedonal unir dois espaços públicos, a praça Dr. Joaquim de Freitas e a praça República, espaços centrais na cidade. Tratando-se, este circuito, de um sistema viário de um só sentido, Távora pretendia criar a necessidade de se circular em torno do canal Central, tão caracterizador de Aveiro, dinamizando a observação deste, "… *obtendo percursos dotados de agrado, beleza e variedade*."[118], que pretendiam atrair as pessoas ao núcleo urbano.

Adicionalmente, com o objetivo de intensificar a presença do canal no centro histórico, respeitando a base da nova proposta de circulação, no plano constava a demolição da recente construção, a Ponte Praça, que na perspetiva do arquiteto Távora pouco de positivo trouxe ao local. Esta estrutura tornou-se num impasse à observação contínua do canal, e a circulação que esta gerava era confusa e pouco hierarquizada entre peões e veículos.

A implantação da nova ponte a nascente, que permitiria o atravessamento sobre o canal Central, obrigava também a demolições na cidade. Deste modo, o lugar do edifício da Capitania seria ocupado com o remate do novo sistema viário, e a ligação deste com a avenida Dr. Lourenço Peixinho, o que levava a uma ampliação da extensão do canal Central, novamente reforçando o seu impacto em Aveiro. Quanto ao outro extremo, pelos desenhos, parecia que Távora pretendia esconder a ponte com elementos vegetais e, simultaneamente, aproveitar a direção da ponte para criar uma barreira verde de remate do canal e da zona. As vias pedonais foram outro fator tido em conta neste plano, uma vez que se pretendia aproximar as pessoas do canal, levando-as a atravessá-lo, a percorrê-lo, ou a com ele estabelecer relações visuais. A intenção era possibilitar o usufruto deste lugar, e doutros a este contíguos, enquanto espaço de lazer e turismo. Resumidamente, quanto a esta zona, a palavra de ordem era requalificar o canal, a relação entre a cidade e a água, e potencializar a sua excecionalidade no ambiente urbano.

[118] **TÁVORA, Fernando** - *Memória Descritiva e Justificativa do Arranjo Arquitectónico e Urbanístico da Zona Central: Estudo Prévio.* (p. 10).

3.3.2 *Norte do Canal*

Do lado norte do canal, a frente da antiga Vila Nova, as intervenções propostas no plano consistiram em harmonizar a imagem do antigo edificado, de forma a torná-la mais coerente e interrelacionada. Deste redesenho, dos antigos bairros da cidade, pretendia-se a alteração do número de pisos para a uniformização das cérceas dos edifícios que faziam a frente do canal[119]. Relativamente à praça Dr. Joaquim de Freitas, espaço público da antiga Vila Nova, que era usada como parque de estacionamento, devido ao trânsito nessa zona histórica, Távora decidiu requalificá-la, transformando-a num espaço exclusivamente pedonal, no qual se pretendia o estar e o convívio aliados à vista do canal. Uma vez que se tratava de um lugar antigo em Aveiro, com uma localização única, e uma posição presente no espaço urbano.

Na outra ponta do canal, junto ao bairro de Beira-Mar foi proposta a remodelação do jardim do Rossio. Anteriormente, esta área foi usada como um espaço público para a organização de feiras e outras atividades socioculturais, mas à época apresentava-se sem grande atividade ou uso[120]. Visto que a nova proposta de circulação necessitava de trespassar o espaço do Rossio para se concretizar, Fernando Távora ambicionava implantar um parque de estacionamento, que ocuparia grande parte da área deste. Devido à densificação destes bairros, assim como ao crescimento da circulação viária, estas novas áreas de estacionamento iriam servir os bairros próximos. Para mascarar o aglomerado automóvel, este espaço deveria ser dotado de zonas verdes e arbóreas.

3.3.3 *Canal do Cojo*

O lado nascente, junto à margem sul do canal do Cojo era caracterizado por antigas construções abandonadas, que já se apresentavam em estado de ruína. Por essa razão estendeu-se a área de intervenção a essa zona, edificando-se aí o remate da zona central, onde se criaria um marco na paisagem urbana de Aveiro. Esta intenção já derivava do plano de Auzelle, "… *deve ser concebido* (…)

---

[119] **MENDES, Carlos Galante** - *Arranjo da Zona Central de Aveiro, de Fernando Távora (1962-67)*. (p. 81).

[120] **TÁVORA, Fernando** - *Memória Descritiva e Justificativa do Arranjo Arquitectónico e Urbanístico da Zona Central: Estudo Prévio.* (p. 8).

um edifício único, constituindo um sinal. Como consequência a sua altura deve ser função da paisagem de Aveiro."[121], ou seja, já se ambicionava um edifício capaz de dominar a paisagem, próxima ou distante, contrastante à tradicional envolvente de Aveiro e que espelhasse a presença de um núcleo urbano quando observado, um símbolo de cidade.

Assim, Távora projeta um edifício torre ao qual se anexa um centro comercial na sua base. Esta intervenção é bastante clara quanto ao seu desenho, um edifício que explora a verticalidade como contraponto, não só à malha urbana, mas também à horizontalidade geográfica característica da região, "… *à horizontalidade da Região, contrapor-se-á a verticalidade do edifício-torre que ficará a marcar,* (…)*, o esforço de Aveiro na recuperação do Centro.*"[122]. Um novo edifício, conjugado com as várias intervenções, que acompanhe as novas correntes da arquitetura na sua linguagem e que modernize a cidade. A excecionalidade arquitetónica deste objeto, aliada à capacidade dinamizadora do seu uso, objetivava promover a zona central como ponto de atração e afluência de habitantes e visitantes. Quer o centro comercial quer a torre procuravam a relação com a Ria e os seus canais.

O primeiro dispunha de esplanadas, patamares que se aproximavam do canal e permitiam observar esta zona da cidade. Já a torre, com o seu complexo programa – escritórios, hotel e restauração – ir-se-ia tornar o elemento mais atrativo de todo o plano. O remate deste edifício consistiria em pisos panorâmicos, que Távora projetou para se poder observar a cidade, os seus elementos naturais, e a sua envolvente como a Ria e as salinas que compõem a paisagem típica de Aveiro[123].

Por último, foi ainda proposto outro parque de estacionamento a nascente deste edifício que, semelhante ao projetado no jardim do Rossio, iria tirar partido do novo sistema viário da zona central e acolher a nova afluência viária, sendo que a sua presença deveria ser despercebida através de uma parede de elementos verdes e arbóreos.

---

[121] **TÁVORA, Fernando** - *Memória Descritiva e Justificativa do Arranjo Arquitectónico e Urbanístico da Zona Central: Estudo Prévio.* (p. 2).

[122] **AUZELLE, Robert** - *Plano Director da Cidade de Aveiro*. (p. 76).

[123] **TÁVORA, Fernando** - *Memória Descritiva e Justificativa do Arranjo Arquitectónico e Urbanístico da Zona Central: Estudo Prévio.* (p. 14).

Fig. 73 Planta do *Plano de Pormenor da Área Central* (1963-1965), do arquiteto Fernando Távora, onde se observam as diversas alterações inerentes à proposta.

3.3.4 *Sul do Canal*

Finalmente, entre a praça da Républica e o canal Central situava-se o terreno das restantes intervenções propostas no plano. Até à data de desenvolvimento do desenho do novo edificado, o lugar era composto por antigas construções que, em alguns casos, já não tinham propósito no seu uso. E, uma vez que este plano pretendia requalificar a imagem da zona central de Aveiro, Távora viu este contexto como oportunidade de reconstruir a frente do canal.

Consequentemente, para a realização dos novos elementos do projeto foi necessário demolir, quase na totalidade, o edificado antigo, restando somente o edifício do *Banco Regional*. Assim, o projeto consistia em cinco unidades, das quais quatro edifícios novos e uma extensão para o edifício que se manteve. As novas unidades eram o edifício da *Caixa Geral de Depósitos* (*A*), um edifício de escritórios e comércio (*B*), outro edifício comercial (*C*) que ficaria por baixo da praça da Républica, estendendo-a, o Edifício Municipal (*D*) e a extensão já mencionada (*E*). Apesar da variedade programática associada aos vários elementos do plano, Távora desenha os edifícios enquanto um conjunto, que viria a formar um novo núcleo urbano, complementando a zona da praça, sem negar a individualidade de cada peça. O conjunto, além de promover e oferecer novo programa à cidade, tinha o propósito de estabelecer a ligação física entre a praça da Républica e o espaço do canal, e pela primeira vez permitir a relação visual entre este ponto alto da cidade, o canal Central e os antigos bairros a norte deste.

Deste modo, o espaço do canal era trabalhado com o edifício *C*, uma frente comercial e de estar, cuja "*… cobertura constitui um prolongamento da actual Praça da República, …*"[124] e garantia a ligação da diferença de cotas, através de escadas e plataformas. A esta frente, juntam-se o edifício *A*, destinado a acolher as funções da *Caixa Geral de Depósitos*, e a pré-existência do *Banco Regional*, cujos alçados contrastam entre si, representando a imagem de uma arquitetura contemporânea para a época e de uma arquitetura tradicional, respetivamente. À cota mais elevada da praça da Républica, ficavam os outros dois edifícios. O edifício *B* seria destinado a escritórios e comércio, enquanto o *D* teria vários usos como, serviços turísticos, órgãos do município de Aveiro, serviços culturais e biblioteca municipal. Este último volume foi especialmente importante para rematar a praça e regular o desenho desta, Távora afirma que o edifício municipal "*… permite, aliás, uma melhor e mais clara definição do espaço actual,*

[124] **TÁVORA, Fernando** - *Memória Descritiva e Justificativa do Arranjo Arquitectónico e Urbanístico da Zona Central: Estudo Prévio.* (p. 12).

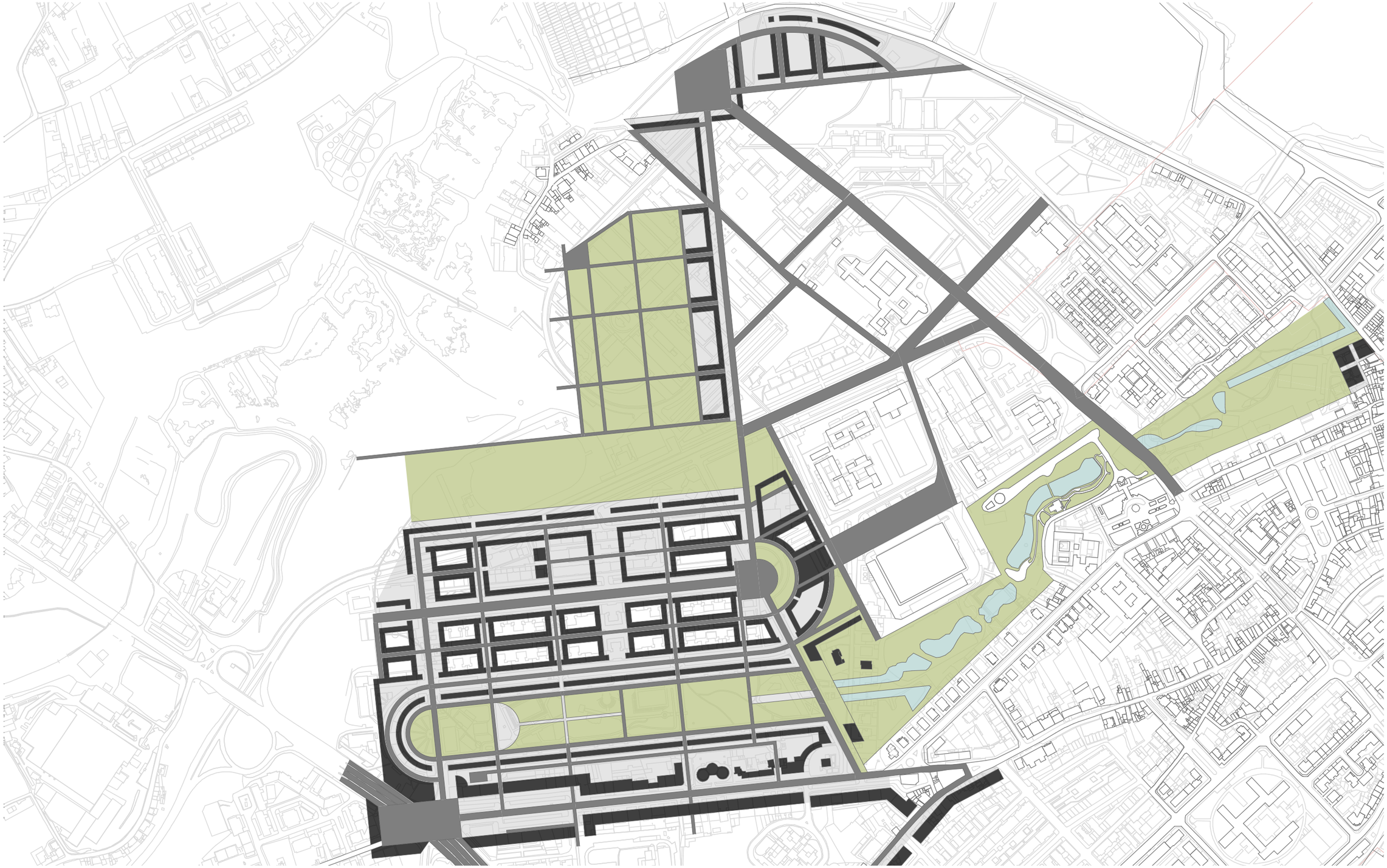


Fig. 74 - Planta do *Plano Geral de Urbanização* (1979-1981), da Macroplan, onde se observa o plano para o bairro de Santiago.

sobretudo no que se refere às duas fugas nascente e poente que de momento se apresentam desordenadas"[125]. Além disso, a sua composição de volume vazado assente em *pilotis* foi uma decisão fulcral para atingir as relações já mencionadas entre os vários espaços da zona central, praça da República, novo edificado e canal Central.

Quanto à realização deste plano, poucos foram os projetos que saíram do papel, muito devido a questões de índole financeira. Das intervenções realizadas constam a regularização das cérceas do lado norte do canal, o tratamento dos espaços públicos destes bairros, e o novo conjunto arquitetónico em conjunto com a praça, embora nem este tenha sido realizado na sua totalidade. A Ponte Praça manteve-se, nunca chegando a ser substituída pelas intervenções de circulação que já vinham do projeto de Auzelle. O elemento mais particular, a torre, alvo de críticas e preconceitos quanto ao seu impacto na cidade, resultante da sua excessiva singularidade, também nunca se viu realizada.

3.4 Macroplan (1979)

No final da década de 70, com o consequente reforço do poder autárquico[126] tornou-se evidente a desatualização e a ineficácia que o *Plano Director da Cidade de Aveiro*, coordenado por Robert Auzelle, apresentava.

Desta forma, numa perspetiva de criar um novo instrumento mais capaz de responder às necessidades concretas da cidade, que garantisse condições de crescimento e desenvolvimento futuro e que se adaptasse às realidades socioeconómicas de Aveiro, propôs-se a elaboração de um novo plano, mais flexível e atual. Já a vontade de se realizarem dois grandes projetos públicos, o bairro de Santiago, um conjunto de habitação social, e a universidade exigiam uma ordenação e organização cuidada do território e integração e relação com a cidade, alimentando o propósito da criação de um novo plano de urbanização. Em 1979 foi criado o *Plano Geral de Urbanização*, que contrariamente às iniciativas anteriores, não era tão ambicioso, ao ponto de controlar a área total da cidade, e a sua ênfase desprendia-se da zona norte e do desenvolvimento das indústrias aí presentes, como se observa nos desenhos. Os terrenos a ocupar

[125] **TÁVORA, Fernando** - *Memória Descritiva e Justificativa do Arranjo Arquitectónico e Urbanístico da Zona Central: Estudo Prévio.* (p. 12).

[126] **CRUZ, Sara Ventura** - *Aveiro, a Avenida: Bases para um Plano*. (p. 31).

Fig. 75 - Planta do *Plano Geral da Universidade* (1979), pelos arquitetos Rebelo de Andrade e Espírito Santo, onde se observa o primeiro plano para o Campus Universitário.

demonstravam a vontade da expansão da cidade para sul. Estes situavam-se a sul do parque municipal e eram delimitados pela ria, a poente, e a norte pelas zonas do seminário, hospital, estádio e prisão e pela atual rua Mário Sacramento, a poente, que também fazia parte das intervenções.

3.4.1 *Bairro de Santiago*

Quanto à zona habitacional projetava-se a construção de um bairro de habitação social apoiado pelo *Fundo de Fomento de Habitação*, o bairro de Santiago. Este projeto propunha uma organização e ordenação dos terrenos através de uma rígida malha ortogonal que tinha como eixo de referência a rua Mário Sacramento. A grelha definida pelas vias de circulação, que condicionava toda a espacialidade do bairro, desde os edifícios ao espaço público, era rematada ocasionalmente por lugares semicirculares, que pareciam estabelecer a continuidade volumétrica das grandes linhas de edificado. O plano previa ainda a possibilidade do futuro crescimento da cidade para estas zonas a sul, por isso anteplaneava espaços vazios, que seguiam a matriz definida pelas vias, com o objetivo de serem edificados, controladamente, caso viesse a ser necessário.

Sabe-se que o edificado proposto era dedicado quase na totalidade à habitação, neste caso uma iniciativa de habitação social, à qual se aglutinava programa comercial. Deste projeto apenas seis parcelas da grelha foram concluídas, e o princípio ortogonal de organização da cidade nesta zona foi abandonado. Ainda relacionado com este bairro, foi proposta a extensão do Parque da Cidade, assim como dos seus percursos de água, aproximando-o do início deste conjunto habitacional e prolongando-se pelo seu grande espaço público.

3.4.2 *Universidade de Aveiro*

O projeto para a universidade ocupava a zona a norte do bairro, junto ao seminário, articulando-se com a parte habitacional do plano e, procurando uma relação de proximidade com a ria. No entanto, esta posição não garantia uma grande relação com a cidade já existente, notando-se um claro afastamento das vias mais próximas. O desenho da universidade baseava-se no modelo de

Fig. 76 - Planta do *Plano Geral de Urbanização*, onde se observa uma possível articulação entre o plano do Bairro de Santiago e o Campus Universitário.

campus, que se dispunha na forma de um arco quebrado em três partes, no qual os edifícios eram implantados em anéis concêntricos, com algumas exceções no centro e junto à atual avenida da Universidade. Devido à forte desconexão entre a *Universidade de Aveiro* e a restante área urbana foi proposta a revisão do projeto em 1989, pelo arquiteto Nuno Portas, que modificou a estrutura e forma do *campus*. Este novo plano articulava-se e partia dos edifícios, a norte, da primeira proposta, que ainda estava pouco desenvolvida, e organizava os vários departamentos através de uma pérgula, mantendo algumas ideias, como a praça central.

Contrariamente aos exemplos anteriores, ambos os projetos inerentes ao Plano Director da Cidade de Aveiro foram realizados, apesar de algumas alterações, devido à ausência de uma oferta habitacional mais económica na cidade e pela oportunidade de se criar uma instituição de ensino superior.

Contudo, quanto ao primeiro projeto, este falhou em integrar-se na cidade por duas razoes. Por um lado, porque a sua composição, e a organização dos seus volumes, tornam-se barreiras à comunicação entre os espaços públicos criados e a restante cidade. Por outro lado, a natureza de habitação social associada a esta zona isolou-a da restante cidade, não por questões urbanistas, mas por preconceitos da população.

Quanto ao projeto da *Universidade de Aveiro*, este poder-se-á afirmar a melhor intervenção realizada na cidade. Após a revisão do plano foram criadas oportunidades para o desenho de um espaço singular no mundo da arquitetura portuguesa, contando com obras de referência. Neste exemplo, o plano foi capaz de trabalhar a dimensão da universidade com um lugar da cidade que ainda se estava a desenvolver, consolidando esta zona à beira ria. Além disso, a importância da instalação de uma instituição de ensino superior em Aveiro revelou-se fundamental para a sua dinamização e expansão.

3.5 Polis (2003)

O início do século XXI voltou a ser marcado pela elaboração de um plano urbano, que objetivou a requalificação dos espaços junto às linhas de água e à ria. Em 2003 surge, assim, o *Plano Estratégico do Polis de Aveiro* num contexto em que se ambicionava uma melhor qualidade de vida nas cidades recorrendo-se a intervenções ambientais e urbanas, promovidas pelo *Programa Polis*.

Legenda

Novo edificado

Novas vias

Ria

Marinhas

Planta de Intervenções

2003

Escala: 1:10000

Fig. 77 - Planta do *Plano Estratégico do Polis de Aveiro* (2003), inserido no *Programa Polis*, onde se observam as intevenções na malha urbana.

À semelhança do plano de Auzelle o *Plano Estratégico do Polis de Aveiro* foi, também, desenvolvido a grande escala, apesar de não se aplicar à área total da cidade, para ser trabalhado através de planos e estudos de pormenor pelas várias zonas de ação do território em causa. Pode afirmar-se que o Polis de Aveiro resultou numa compilação de projetos, nos quais se procurou um conjunto de objetivos transversais. Entre essas zonas, destacaram-se, tendo em conta o oportuno das intervenções, o canal de S. Roque, a área da antiga lota, a zona do cais da Fonte Nova e o terreno a nascente junto à linha férrea.

Visto que a escolha do território a intervir tinha como motivo pricipal a requalificação dos espaços de frente de ria, alguns dos objetivos a desenvolver no plano foram, a valorização de espaços naturais, a reabilitação e revitalização do centro urbano, promovendo a multifuncionalidade desse centro e reforçando o seu papel na região em que se insere, valorizar as frentes de água e apoiar as iniciativas de criação de zonas verdes. Quanto ao espaço viário pretendia-se privilegiar as vias pedonais e cicláveis e condicionar as viárias, e promover o uso de transportes públicos.

Na área exterior ao núcleo urbano proponha-se igualmente a requalificação das marinhas e do espaço da ria, revalorizando a relação entre estas zonas naturais e a cidade.

Observando o *Plano Estratégico do Polis de Aveiro*, pode-se afirmar que as intervenções com maior interesse para a cidade eram a renovação das áreas dos canais e a intervenção e reabilitação das zonas industriais que se encontravam desativadas e já em estado de degradação.

A título de exemplo podem salientar-se a zona da antiga lota, do cais do Paraíso, e do cais da Fonte Nova que se destacavam pela sua proximidade ao centro da cidade e que revelavam uma potencialidade de exploração e requalificação na relação entre os espaços qualificados e os espaços públicos servidos de canais.

3.5.1 *Antiga Lota*

O espaço da lota seria transformado numa zona de programa complexo e diverso. Aí proponha-se a edificação da plataforma, na qual as vias e volumes seriam organizados pela forma desta. Na área seriam implantados edifícios habitacionais, comerciais, de serviços e hoteleiros. Quanto ao espaço público denota-se a presença dos espaços verdes, e a proporção entre os espaços

Legenda

Área Mista
Áreas de Equipamentos Públicos
Área Turísticas
Espaços Verdes
Área de comércio e serviços
Estaleiros navais
Áreas de estacionamento

Planta de Zonamento
2003
Escala: 1:10000

Fig. 78 - Planta do *Plano Estratégico do Polis de Aveiro* (2003), inserido no *Programa Polis*, onde se evidenciam as zonas a criar.

pedonais e viários.

3.5.2 *Cais da Fonte Nova*

No cais da Fonte Nova, contrariamente à lota, as propostas do plano foram, e ainda continuam a ser, edificadas. As intervenções tinham o objetivo de densificar e colmatar os terrenos das traseiras dos edifícios da avenida. No entanto, este objetivo ainda não se encontra totalmente realizado. Outra questão que as alterações nesta zona resolveram foi a da dinamização da margem do canal do Cojo e o remate deste junto ao *Centro de Congresso de Aveiro*. A edificação da zona da Fonte Nova foi realizada através de edifícios plurifamiliares e de uma unidade hoteleira, o que promoveu a expansão da cidade e do setor turístico. Novamente, decidiu-se apostar no desenho do espaço público, valorizando a criação de zonas verdes e espaços pedonais, que atualmente são usados para fins desportivos ou de lazer.

3.5.3 *Cais do Paraíso*

Aqui, propunha-se a reformulação dos acessos entre a cidade e a autoestrada, que, com base nas plantas, deveriam ser implantados um pouco mais a sul. Consequentemente, esta zona seria reabilitada, à semelhança do cais da Fonte Nova, tornando-se numa área exclusivamente habitacional. Através de volumes plurifamiliares seria definida uma nova frente para o canal Central e para o canal do Paraíso. Este espaço seria ainda redesenhado em espaço público, dotado de zonas verdes, e a circulação adaptada à nova organização espacial.

3.5.4 *Canal de S. Roque*

Nas zonas mais periféricas ocorreram intervenções idênticas no âmbito da adaptação de um espaço fim de canal em área residencial. No extremo norte do canal de S. Roque objetivava-se o reforço de um eixo viário, onde se edificariam ambos os lados. A complementar estes volumes de habitação, seria implantado um equipamento público e um espaço público a ele associado, com o objetivo de iniciar um processo de dinamização no norte da cidade.

Legenda

Área Mista
Áreas de Equipamentos Públicos
Área Turísticas
Espaços Verdes
Área de comércio e serviços
Estaleiros navais
Áreas de estacionamento

Planta de Zonamento
2003
Escala: 1:10000

Fig. 79 - Planta do *Plano Estratégico do Polis de Aveiro* (2003), inserido no *Programa Polis*, onde se observam o conjunto de propostas.

3.5.5 *Lado Nascente*

Na zona nascente da cidade propunha-se a criação de um grande espaço verde, um novo parque urbano, que estaria relacionado com uma linha de água nas suas proximidades. Os limites deste espaço seriam constituídos por dois conjuntos habitacionais, que serviriam de barreira, do lado poente, aos caminhos de ferro e, do lado sul, à avenida Europa. Estas duas iniciativas tinham ainda o objetivo de promover a expansão da cidade para nascente, privilegiando-se a tipologia habitacional, comercial e de serviços à industrial. Para reforçar e dinamizar este grande novo espaço verde seria, ainda, implantada uma zona dedicada a equipamentos públicos que, identicamente, faria de filtro às linhas ferroviárias.

3.5.6 *Marinhas*

Como mencionado, as intervenções do plano não se restringiam ao espaço do núcleo urbano, podendo salientar-se a zona das marinhas como uma em que se previa um grande investimento. As intenções prendiam-se com as questões de valorização e exploração do setor natural e turístico. Observando as plantas, identifica-se como um dos principais objetivos a criação de mais uma nova zona verde, que se destacaria pela sua relação com a Ria. Ainda se previa o desenho de mais três tipos de zonas, das quais se destacavam áreas dedicadas à hotelaria e aos estaleiros navais. Estava ainda proposta a implantação de um equipamento cultural, cuja função se deveria relacionar com a ria.

Apesar das ambições inerentes ao plano, que previam uma qualificação significativa do espaço urbano aveirense, poucos foram os planos de pormenor aplicados. A relevância deste trabalho, apesar de interrompido, foi tal que alguns dos estudos elaborados veem-se readaptados para novas intervenções urbanas.

Das áreas mencionadas, a única que se pode considerar edificada é o cais da Fonte Nova, mas cujas intervenções planeadas ainda não se encontram concluídas. Não obstante, devem-se referenciar outras ações pontuais, como a requalificação dos vários canais, destacando-se o dos Botirões e o de S. Roque, pela construção da Ponte dos Botirões, do arquiteto Luís Viegas, e pelo arranjo do espaço público, dos arquitetos Nuno Portas, Alberto Lage e Luís Viegas.

Fig. 80 - Canal de São Roque. 1953.

4. Lugar

"*..., não há memória coletiva que não se desenvolva num quadro espacial.* (...)*, o espaço é uma realidade: as nossas impressões afastam-se umas às outras,* (...) *e não compreenderíamos que pudéssemos rever o passado se ele não se conservasse com efeito pelo meio material que nos envolve."*[127].

[127] **HALBWACHS, Maurice** - *La Mémoire Collective*. (p. 130).

Nos capítulos anteriores foi efetuada a contextualização da cidade de Aveiro, desde os elementos urbanos atuais mais característicos, à mutabilidade que esta registou no tempo, e feita a análise compreensiva de algumas das ações de planeamento urbano aqui aplicadas, que se revelam como exemplos de atuação futura. Sucede-se neste capítulo a aproximação ao lugar em causa, que será alvo de intervenção. Temas como as questões topográficas, a história, ou as construções já existentes, agora compreendidas, "*… geralmente constituem coordenadas seguras para a elaboração de um plano.*"[128].

Deste modo, haverá ainda que estabelecer estratégias de intervenção e planificação que se relacionem com o conteúdo anteriormente exposto. Assim, perante a descrição presente no primeiro capítulo ir-se-ão procurar relações entre os elementos urbanos inerentes ao lugar, explorando a reafirmação ou expansão destes. A contextualização histórica tornar-se-á indispensável à compreensão evolutiva do lugar, assim como, a análise crítica desta poderá ser reveladora de indícios e premissas de desenho e de programa. A apreensão do antigo edificado existente, da forma e organização deste, e do programa que assumiu poderão revelar uma vontade de recuperação e renovação da zona em questão, ou, de nova construção.

"*Há outras cidades sob o chão de uma cidade antiga, pedras dispersas ou corpos inteiros*. (…). *Nas cidades antigas não há só pedras secretas. Escondidas obrigam-nos, comprimem a mão paralisada do arquitecto, devolvem-lhe memória e desejo*. (…). *É necessário encontrar as pedras soterradas*."[129].

O conjunto de planos anteriormente analisados, revelar-se-ão úteis para a compreeensão do lugar, pelas estratégias e metodologias que apresentam. Assim, este capítulo irá fornecer modos de observação e interpretação a aplicar no estado atual do lugar e, simultaneamente, aspetos e preocupações a considerar perante um exercício da mesma natureza, e com circunstâncias e contexto espaciais semelhantes.

Não obstante a informação recolhida poder assumir-se suficiente para atuar e elaborar uma proposta de planeamento urbano, a que este trabalho se propõe, é necessária a realização de um momento de reconhecimento do local a intervir. Este terá como objetivo recolher informação, elaborar um contexto e apreender as especificidades características do lugar. Uma perceção daquilo que existe e que condicionará o desenho, a divisão e a organização a propor, desde os edifícios, aos elementos naturais, até aos espaços de percurso e estruturas urbanas.

---

[128] **SIZA, Álvaro –** *Imaginar a Evidência*. (p. 87).

[129] **SIZA, Álvaro –** *02 Textos*. (p. 161).

Para iniciar o processo de reconhecimento do lugar é necessário percorrê-lo e observá-lo, produzir um olhar objetivo da sua topografia, materialidade, dos elementos naturais e da vivência característica deste, e que em simbiose invocam a imagem do lugar. Naturalmente, que a ação de entrar e andar por um espaço torna-se no ato mais intuitivo e necessário para obter uma visão crítica de toda a matéria que se constitui numa espacialidade própria, pois "*Um sitio vale pelo que é, e pelo que pode ou deseja ser – coisas talvez opostas, mas nunca sem relação.*"[130]. Momento indispensável ao nascimento das inquietações e reflexões que se transformam em motivo de mudança, e que rapidamente indiciam gestos e princípios de desenho.

• • •

Este capítulo, **Lugar**, irá subdividir-se em três subcapítulos, com o objetivo de se justificar a escolha do lugar a intervir e de se apreender a sua espacialidade. O reconhecimento do lugar será repartido pelo segundo e terceiro subcapítulos. Um vai destinar-se à aproximação e compreensão das características urbanas, enquanto no outro será elaborado e descrito um percurso.

No primeiro subcapítulo, **Motivação**, pretende-se explicar a escolha do lugar a intervir, fundamentado-a no estudo produzido até ao momento.

O segundo, **Contexto**, conterá o reconhecimento dos vários elementos urbanos que constituem e caracterizam o espaço escolhido.

Finalmente, o terceiro subcapítulo, **Percurso**, aborda uma estratégia de compreensão do lugar em causa, que se foca na observação da espacialidade deste.

[130] **SIZA, Álvaro –** *01 Textos*. (p. 22).

4.1 Motivação

Através de todo o exposto nos capítulos anteriores, é possível sustentar que a cidade de Aveiro assume uma natureza quase anfíbia na relação que o seu espaço urbano estabelece com a ria. Onde "*A cidade deixa-se penetrar pelo emaranhado de vias, articulando os canais, as ruas, os diversos acessos, num conjunto de grande riqueza.*"[131].

"*Cidade marítima, intensamente ligada à ria que tem o seu nome e a fragmenta, erguida em terrenos de aluvião, a uma cota baixíssima, é, talvez, a nossa única planície.*"[132].

A presença deste corpo lagunar e das suas ramificações e esteiros, que ao longo da história da cidade foram domesticados, regularizados em canais, pelos habitantes desta região, são os elementos que mais influenciaram e moldaram a sociedade, cultura e construção de Aveiro. Aqui, as "*Actividades e modos de viver que se refletem na apropriação do território e nos modos de construir, …*"[133] demonstram o impacto que a proximidade à ria concebeu.

Estas vias aquáticas, como apreendido posteriormente, estiveram sempre ligadas à funcionalidade da cidade e da sociedade aveirense, sustentando a evolução urbana. Enraizados na transformação da urbe, estes elementos foram sendo usados para servir diferentes necessidades sociais, específicas de cada época. Contudo, contemporaneamente, o uso industrial ou piscatório que já prevaleceu foi substituído pelo lazer, desde percursos que acompanham o canal aos passeios de moliceiro. Já a vontade de aproximação da cidade, e do seu edificado, aos canais tem vindo a desaparecer, uma realidade que se verifica na pouca ação de revitalização e dinamização destes espaços e na reduzida expansão da cidade junto a essas vias.

Deste modo, a escolha do local surge como uma oportunidade de criar um exercício urbano e arquitetónico que recupere a relação secular entre a ria e a cidade. Para esse objetivo, a localização do terreno a intervir terá, naturalmente, de se encontrar nas proximidades de uma ou mais linhas de água. Assim, dos lugares na cidade que suscitam interesse projetual, o canal de S. Roque parece ser um dos mais desafiantes. Atualmente, o canal possui edificado apenas em um dos seus lados, o lado sul, visto que na outra margem, a uns metros de distância se encontra a autoestrada que, como já referido, se tornou numa

---

131 **FERREIRA, Alfredo Matos -** *Aspectos da Organização do Espaço Português*. (p. 61).

132 Idem. (p. 60).

133 Idem. (p. 61).

dificuldade à consolidação urbana do local. No entanto, as iniciativas diminutas de criação de novo edificado, a requalificação do espaço público na margem norte e o carácter histórico inerente ao lugar revelam-se motivos para dar continuidade ao conjunto de intervenções que pontualmente decorrem. Pois, mesmo com as ações de requalificação no espaço, esta parece ser sempre uma zona esquecida e incapaz de ter um dinamismo e protagonismo representativo das suas características.

"*A relação entre a natureza e construção é decisiva na arquitectura. Esta relação, fonte permanente de qualquer projecto, representa para mim como que uma obsessão; sempre foi determinante no curso da história e apesar disso tende hoje a uma extinção progressiva.*"[134].

Em complemento, zonas próximas como o Jardim do Rossio, o cais do Paraíso e um terreno livre do lado sul do canal serão englobados na área a intervir pela sua relação com o local principal. O tratamento destas áreas externas ao canal de S. Roque pretende reforçar a intervenção na zona e reabilitar o estado de abandono que demonstram. Já o valor histórico próprio destas várias áreas torna-se igualmente motivador à realização de uma proposta que o pretenda recuperar e conservar, adaptando-o ao estado contemporâneo da cidade, da cultura e da sociedade. Em síntese, todas estas zonas a nascente que se situam na margem entre o espaço urbanizado e o natural constituem uma oportunidade singular de redignificação de um espaço capaz de exemplificar a natureza da cidade de Aveiro, e onde a inserção de novo programa urbano, ou expansão do já presente, poderá potencializar o destaque do lugar.

4.2 Contexto

"*O lugar está sempre expectante; à espera do momento que o vai permitir ter um papel ativo no curso dos eventos ... Arquitetura pertence ao lugar. Isso explica porque a arquitetura deve ser apropriada, o que significa que deve reconhecer os atributos do lugar. Compreender o que são esses atributos, compreender como eles se manifestam, deve ser o primeiro passo do arquiteto …*"[135].

Localizado no extremo noroeste do núcleo urbano de Aveiro, o canal de S. Roque

---

134 **SIZA, Álvaro –** *Imaginar a Evidência*. (p. 17).

135 **MONEO, Rafael –** *Remarks on 21 Works*. (p. 377).

Fig. 81 - Vista aérea da cidade de Aveiro, onde se assinala o terrotório a intervir.

é uma das três linhas de água que invade o espaço urbano da cidade. A sua presença já se fazia notar no século XI, na altura enquanto esteiro para apoio às diversas atividades navais e piscatórias. Este aspeto natural deve-se ter mantido até ao século XIX, época em que a introdução da indústria na cidade motivou a criação de novos modelos logísticos de apoio a esta atividade. Consequentemente, os canais da cidade mostraram-se uma oportunidade de apoio à circulação industrial, e à construção de complexos fabris, que preferencialmente, decorreu junto a estes. Na mesma altura, com o objetivo de servir as unidades industriais, na sua maioria armazéns, foi instalada, defronte dos edifícios, uma linha de ferro na marginal do canal de S. Roque que o acompanhava ao longo da sua extensão. Ainda neste século, e provavelmente fruto destas intervenções, foi regularizado o lado sul do canal, que assim se manteve até princípios do século XXI, aquando do início das obras na margem oposta.

Atualmente a imagem ainda se encontra marcada pela presença da indústria através de alguns edifícios de oficinas e armazéns, que na sua maioria já se encontram abandonados, ou em mau estado de conservação. Contudo, a reabilitação que este foi sofrendo ao longo do tempo tem vindo a transformar o lugar numa zona habitacional complementada por comércio e escritórios, e até alguns casos de edifícios culturais.

O canal de São Roque constitui, em Aveiro, como já apreendido, um limite notório na cidade, pois a sua natureza de via aquática que se estende e acompanha o edificado torna-se singular, revelando-se elemento identificador desta realidade urbana. Por outro lado, a sua proximidade à laguna que há séculos delimita a cidade, e a região de Aveiro, cria uma transição gradual entre o espaço natural e o urbanizado.

Infelizmente, esta relação visual, da vontade de domesticar a água, observável no contraste entre o canal artificial em proximidade à ria, vê-se agora diminuída em resultado da introdução de estruturas urbanas. O posicionamento da autoestrada e das linhas de ferro nesta fronteira entre o espaço aquático humanizado e o natural entende-se enquanto impasse à relação que estabeleciam e à possibilidade de edificação e consolidação do canal. Consequente das mesmas intervenções no local, a presença das salinas, elementos insólitos para a definição da imagem desta cidade e da história dos seus habitantes, desapareceu quase na totalidade da zona na ria à frente do canal.

Quanto às zonas complementares a intervir, o Rossio, o cais do Paraíso e o cais de S. Roque, têm um contexto diferente entre si. A atual zona do cais do Paraíso consistia numa salina até finais do século XIX e inícios do XX, quando se começou a construir nesta zona equipamentos para a indústria metalomecânica.

Após a demolição destas unidades já neste século, não existiram iniciativas concretizadas para a ocupação do lugar, ficando a cicatriz da presença dos antigos edifícios no espaço da cidade. De momento, nesta zona existe apenas um edifício de habitação plurifamiliar e uns volumes dispersos para habitação, restauração e escritórios.

O Rossio, considerado popularmente como o coração da cidade, teve os seus inícios como uma marinha de sal, que progressivamente foi adaptado a espaço público. Esta transformação deverá ter começado com a construção da antiga *Igreja de S. João*. No final do século XIX, o processo de aterramento da marinha para a criação de um largo acelerou devido à construção do bairro compreendido entre esta zona e o canal de S. Roque, e ao facto de que este lugar já era usado pela burguesia para atividades de lazer. Consequentemente deu-se a regularização do espaço, assim como a implantação de elementos arbóreos, permitindo a realização de uma variedade de eventos socioculturais. Com o terminar destes eventos, decidiu-se ajardinar o largo e criar um espaço verde no centro histórico da cidade. Na atualidade, o lugar continua a consistir num jardim, rodeado pelo canal e pelos bairros, onde ocasionalmente decorrem atividades culturais.

Finalmente, a zona do cais de S. Roque seria um terreno para uso agrícola devido à sua proximidade com antigas quintas. À semelhança de outros espaços, este foi também ocupado por unidades fabris que viram a sua demolição na transição para o século XXI. Recentemente, com a expansão da cidade toda esta zona tem sido alvo de intervenções, e por isso, aqui instalaram-se os novos edifícios de habitação unifamiliar, junto ao canal, e plurifamiliar, em terrenos mais interiores.

De um ponto de vista mais abrangente, consegue perceber-se que a área do canal de S. Roque é delimitada, a sul, pelos antigos bairros piscatórios da Vila Nova; a norte, pela rua e Parque do Remadores Olímpicos e pela autoestrada (A25); a oeste, pela Ponte de S. João; e a este, por um conjunto de habitações unifamiliares em banda, pelo facto de não se pretender englobar no terreno de intervenção a totalidade da extensão do canal.

A entrada no espaço do canal de S. Roque é feita, formalmente, por um ponto localizado no limite do canal, o extremo sul onde este se ramifica do canal Central. O momento de entrada é o resultado do culminar do conjunto de ruas provenientes do centro histórico, em que o ponto que une as duas margens marca o início do espaço e proporciona uma vista para a sua extensão longitudinal. A entrada neste ponto, aliada ao cenário apresentado pelo canal, incentiva uma ideia de percurso acompanhado pela linha de água, onde se observam algumas das construções habitacionais do século XIX e XX.

Contudo, não se podem desprezar as restantes inúmeras ruas, que atravessam a densa malha urbana que edifica o lado sul do canal e que aqui chegam, garantindo uma multiplicidade de ligações entre a cidade e o canal de S. Roque. Já no extremo oposto do canal, a norte da cidade, o momento de entrada no espaço é um pouco difuso e difícil de afirmar, o que em parte se deve à qualidade dos acessos promovidos pelas intervenções interrompidas que resultaram em estruturas abandonadas, e também à pouca edificação presente, dispersa e desorganizada.

Num olhar pela totalidade do terreno é possível identificar os diferentes elementos que compõem o lugar, como os seus quarteirões, edificado que reflete a imagem do lugar, nos quais está inserido programa de natureza diversa – habitação, comércio, serviços e casos que conjugam mais do que uma destas categorias. Introduzidos nesta antiga malha, denotam-se ainda construções contemporâneas, cuja presença é mais comum nos extremos do canal. Em contraste, no lado oposto do canal destaca-se a ausência de construções. Neste espaço livre identificam-se, zonas relvadas sem grande tratamento paisagístico, passeios para a prática desportiva e lazer, e a estrada que contorna o canal de S. Roque e o parque de estacionamento acessível por essa. As diferentes vias que chegam ao local, como as ruas da cidade, ou aquelas que são apenas periféricas a este, mas cujo impacto e função reforçam a sua presença, como a autoestrada e a linha de ferro, são outros dos elementos a considerar. E por último, o próprio canal é o elemento que mais importância tem neste espaço, porque, naturalmente, este lugar é resultado da presença desta linha de água, o que o torna a essência do espaço.

Considerando os restantes terrenos, o cais de S. Roque e o cais do Paraíso consistem em grandes espaços praticamente desocupados. O primeiro, situado no limite da intervenção encontra-se delimitado pelo canal e por um conjunto de ruas, algumas resultantes de antigas vias e outras de novos arruamentos. Junto a estas instalaram-se alguns volumes, na sua generalidade habitações unifamiliares, mas também pequenos blocos de habitação plurifamiliar que indiciam a consolidação deste terreno. No seu extremo existem ainda um infantário e o fim do lote do quartel.

O cais do Paraíso, a sul do canal Central, encontra-se delimitado por este, pelo canal do Paraíso e pela rua Condessa de Mumadona, uma das vias que liga a cidade à autoestrada. Em situação idêntica à do terreno anterior, este lugar encontra-se quase livre, apenas com cinco edifícios implantados perifericamente, e o restante espaço correspondendo a terrenos de edifícios demolidos. Habitação, comércio e espaço de estacionamento são o programa aí presentes.

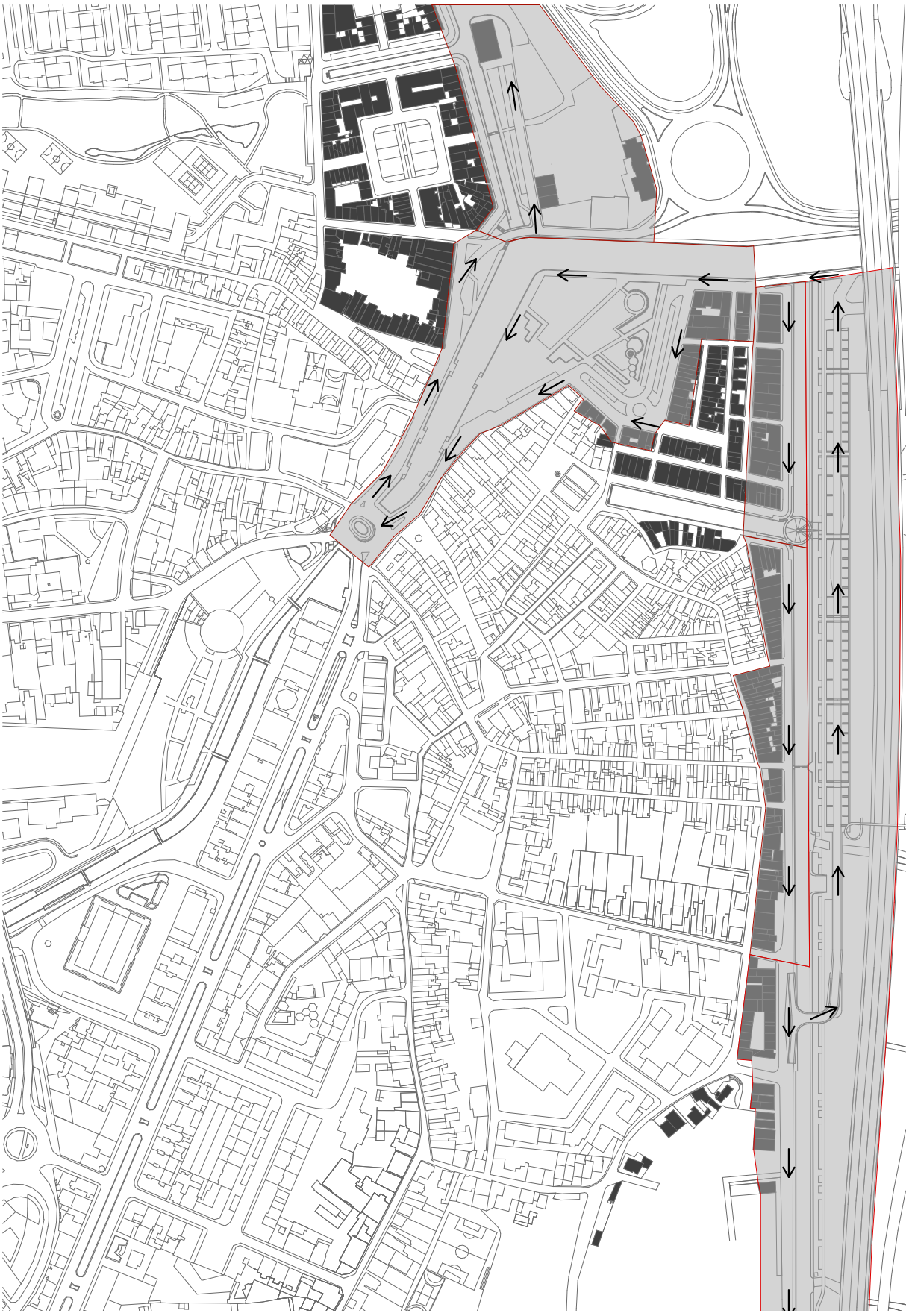


Fig. 82 - Planta do terreno a intervir, onde se observa o percurso a realizar.

Por último, o jardim do Rossio, no qual não se pretendem fazer intervenções com grande impacto, é um lugar que está apenas na transição de espaços entre o canal de S. Roque e o cais do Paraíso. No entanto não se exclui a possibilidade de reabilitação deste, mas sem grandes alterações na sua composição. Este proeminente espaço de Aveiro tem edificado implantado a norte, onde passa uma rua, e o canal Central a sul como limites. Nesta zona a maioria dos edifícios são para uso habitacional, com alguns exemplos com comércio no piso térreo. O espaço público em si é divido em uma zona de chão duro, uma grande superfície verde com alguns elementos arbóreos e um espaço de estacionamento.

4.3 Percurso

"*Começo um projecto quando visito um sítio (programa e condicionalismos vagos, como quase sempre acontece). Outras vezes começo antes, a partir da ideia que tenho de um sítio (descrição, uma fotografia, alguma coisa que li, uma indiscrição).*[136].

Após uma vista generalizada do espaço circundante ao canal de S. Roque e dos respetivos espaços contíguos que o complementam, e uma vez feita a identificação dos principais componentes destes lugares, segue-se, como já referido, um momento de aproximação ao local através de um percurso. Este iniciar-se-á junto à Ponte de S. João indo até ao limite norte da área de intervenção, continuará pelo lado oposto do canal, retornando à ponte, visto que parece relevante a observação das duas margens devido ao seu contraste espacial. No percurso seguir-se-á para o Jardim do Rossio, terminando junto ao cais do Paraíso.

Deste modo, o percurso servirá para a compreensão da espacialidade desta área, e da vivência a ela associada, e apreensão da arquitetura e imagem que compõem o canal de S. Roque e os terrenos complementares.

---

136 **SIZA, Álvaro –** *01 Textos*. (p. 22).

84

85

86

87

88

89

90

91

92

Legenda

Edificado

Setor

Planta de Percurso

Setor 1

Escala: 1:5000

Fig. 83 - Planta e fotografias da primeira fase do percurso (sul do Canal de São Roque).

4.3.1 *Sul do Canal*

Iniciando-se o percurso por este lugar, numa estreita passagem, comprimida pela ponte e pelo casario torna-se possível observar a longa extensão do canal, à esquerda, elemento excecional que promove toda a composição espacial deste lugar. Já do lado direito, persistem as edificações.

Esta estrutura marca a maioria do espaço do canal, o que limita, assim, a área de circulação e induz a quem aqui entra a movimentar-se, não se tratando propriamente de um espaço de paragem. Aqui a circulação é estratificada pelos passeios que ladeiam ambas as margens da rua, mesmo estreitos conferem algum conforto a quem caminha, apesar da circulação viária ser incomum.

Neste primeiro segmento, observam-se alguns volumes de arquitetura contemporânea infiltrados na antiga malha do bairro de Beira-Mar. Mais adiante é possível ainda visualizar alguns exemplos das habitações típicas, que estiveram no início do processo de urbanização do lugar. Contrariamente, ao que na atualidade perfaz a generalidade do edificado, estas casas contrastam pela sua simplicidade e volumetria, um só piso. Contiguo a estas construções, volta a aparecer arquitetura recente, nem sempre consolidando a relação visual e volumétrica com o seu contexto. A terminar este quarteirão, observa-se um exemplo da outrora ocupação da margem do canal, um edifício de apoio à indústria, que como algumas construções da época se encontra degradado. Antes de chegar ao primeiro ponto travessia sobre o canal, a Ponte dos Botirões, denota-se algum edificado que apresenta uma construção mais nobre e enriquecedora para a imagem do canal. Há ainda que destacar que nesta zona começa a nascer uma vontade de reabilitação das antigas edificações. Já junto à ponte e mesmo antes do percurso ser interrompido pelo canal dos Botirões, uma ramificação do canal de S. Roque que servia a zona do *Mercado do Peixe*, são visíveis mais uma vez exemplos das antigas casas características, ainda que um pouco alteradas. À esquerda a paisagem é constante, a calma da linha de água acompanha quem aqui se movimenta e apreende o espaço e complexidade da imagem do casario.

Nesse ponto, o encontro das linhas de água obrigaram ao distanciamento das construções, e quem passa por aqui tem a possibilidade de continuar junto aos canais, seja para ir para o centro histórico, ou para seguir pelo canal de S. Roque. Continuando o percurso para esta última direção há que atravessar a Ponte dos Botirões, estrutura única na cidade de forma particular, em resultado da união das três margens.

94

95

96

97

98

99

100

101

102

Legenda

Edificado

Setor

Planta de Percurso

Setor 2

Escala: 1:5000

Fig. 93 - Planta e fotografias da primeira fase do percurso (sul do Canal de São Roque).

Passada a ponte, denotam-se mais uma vez construções antigas, a antiga indústria e edifícios de habitação nobre. De seguida, a irregularidade volumétrica e a complexidade de linguagens, produto de intervenções em tempos diferentes, perfazem a frente do canal. Aqui, intuitivamente, repara-se no contraste das cérceas dos edifícios, da expressão e da época dos vários corpos que constituem a malha urbana, mas que espelham a diversidade da imagem do canal, apesar de não uniforme. Esta variedade deve-se ainda às intervenções de reabilitação que se vão intensificando neste lugar. Prosseguindo, o quarteirão seguinte tem a particularidade da maioria das habitações virarem as traseiras para a rua, criando uma frente baixa, de garagens, onde as casas se vêm recuadas em relação ao canal. Contudo, nas extremidades deste quarteirão observam-se mais exemplos de habitação do século passado, e outros contemporâneos que tentam reproduzir a formalidade desses. Do lado esquerdo, sobre o canal, existe outra ponte, a dos Carcavelos. Datada dos meados do século XX, a simplicidade, bela, desta estrutura tornou-a num ícone da zona de S. Roque e um ponto de interesse histórico na cidade. Junto à ponte, volta a aparecer outro exemplo do contacto entre edifícios antigos, neste caso em situação de abandono, e outros mais recentes.

Continuando, no quarteirão seguinte são notáveis os sucessivos avanços e recuos dos vários volumes, que, consequentemente, conferem um aspeto desorganizado e uma forma irregular ao lado sul da rua. Ainda aqui o mau estado, devido à idade, do edificado que se contrapõe aos novos volumes, ou aos reabilitados, fomenta a multiplicidade, por vezes desenquadrada, da imagem deste quarteirão. Já na zona final deste, denota-se um alargamento do passeio, devido à implantação dos edifícios juntos à rua paralela à frente do canal, definindo o alinhamento do edificado seguinte. Este espaço torna-se em mais um caso onde a presença de antigos complexos industriais, outrora típicos na zona, voltam a estar presentes, assim como algumas habitações mais antigas, e ainda um dos três espaços de ensino e cultura, neste caso uma escola de música.

Após este quarteirão, seguem-se construções em ruína e um conjunto de edifícios, todos com uma linguagem arquitetónica contemporânea, mas com uma base formal e expressiva das primeiras habitações do canal, o volume retangular de duas águas. Devido à sua recente construção é percetível a vontade de aumento das cérceas e número de pisos dos novos edifícios que aqui são implantados, quando comparados às antigas habitações. Contrariamente a alguns exemplos observados anteriormente, neste lugar vê-se a coerência e harmonia na imagem dos edifícios, e percebe-se como a materialidade destes tenta retratar a tradição construtiva. Do outro lado, defronte a este quarteirão, encontra-se o último

104

105

106

107

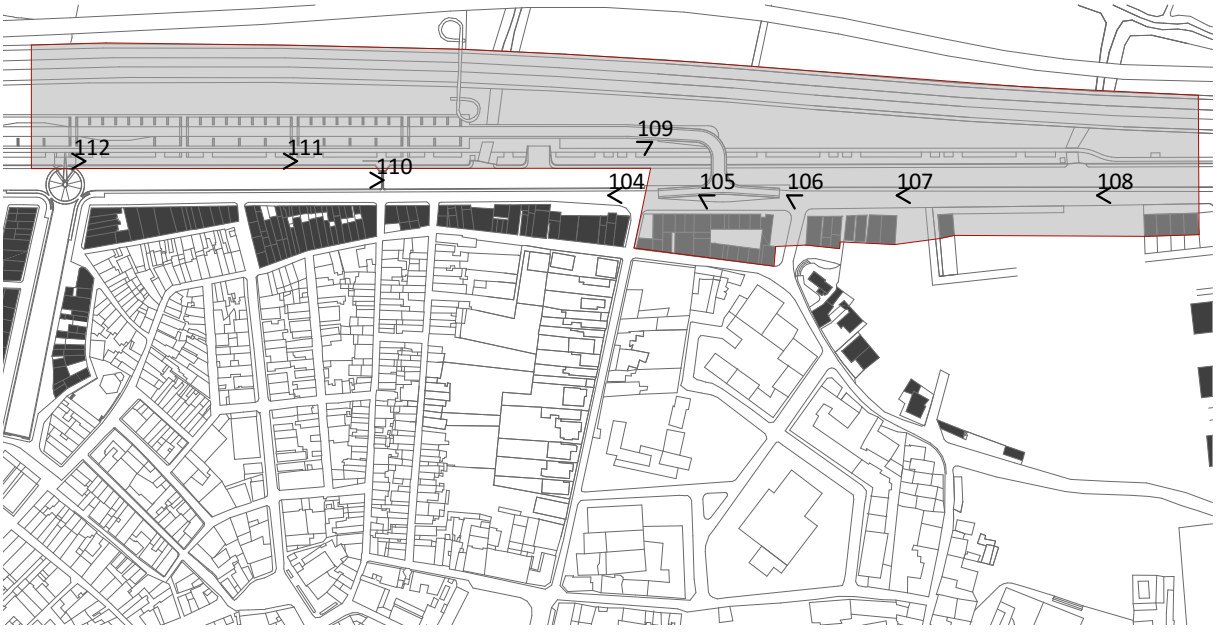
108

109

110

111

112



Legenda

Edificado

Setor

Planta de Percurso

Setor 3

Escala: 1:5000

Fig. 103 - Planta e fotografias da primeira e segunda fase do percurso (sul e norte do Canal de São Roque).

momento de travessia, e único viário, entre as duas margens que é garantida por uma estrada que percorre o lado norte, e que neste ponto se eleva sobre o canal de S. Roque e conecta as vias deste espaço. Apesar da necessidade desta infraestrutura para a circulação neste espaço, a sua implantação e desenho, veio a obstruir a visão para o canal, para quem por aqui passeia ou habita.

Continuando o percurso por este espaço percebe-se que a presença de edificado é menor e mais dispersa. Encontram-se seis volumes, quase todos iguais entre si, onde em alguns ainda perdura o antigo programa de armazéns de sal. Característico desta zona, observa-se mais uma vez a convivência de antigos e novos edifícios, reproduzindo estes os primeiros. Após esses edifícios, a paisagem começa a ser maioritariamente terrenos desocupados e esporadicamente algumas habitações unifamiliares.

4.3.2 *Norte do Canal*

Retornando ao início do canal, pelo lado norte, a constante e monotonia da paisagem são as características mais salientes no percurso. Nesta margem, o espaço é ocupado, num primeiro momento, por caminhos e zonas relvadas marginais à linha de água para uso desportivo, de lazer, ou simplesmente de passeio, que se encontram delimitadas por uma estrada e finalmente por outra zona relvada e pela autoestrada. Num segundo momento, os espaços transformam-se em duas longas zonas de estacionamento, que se prolongam até ao início da zona de S. Roque. O espaço pedonal mantém-se junto à linha de água. A localização da área de estacionamento junto ao canal tornou-se num aspeto visual ruidoso nesta zona, devido ao excessivo aglomerado de automóveis. Como já descrito anteriormente, o percurso é pontuado por três momento de travessia e pela ponte que delimita este espaço e permite a conexão com a zona do Rossio. Assim, os aspetos mais salientes ao se caminhar nesta margem são a autoestrada, e o ruído associado a esta, o estacionamento e do lado oposto a presença do edificado e a sua relação com o canal. Ocasionalmente ainda é possível observar a ria, mas não em toda a sua extensão, como antes da implantação da via rápida.

114

115

116

117

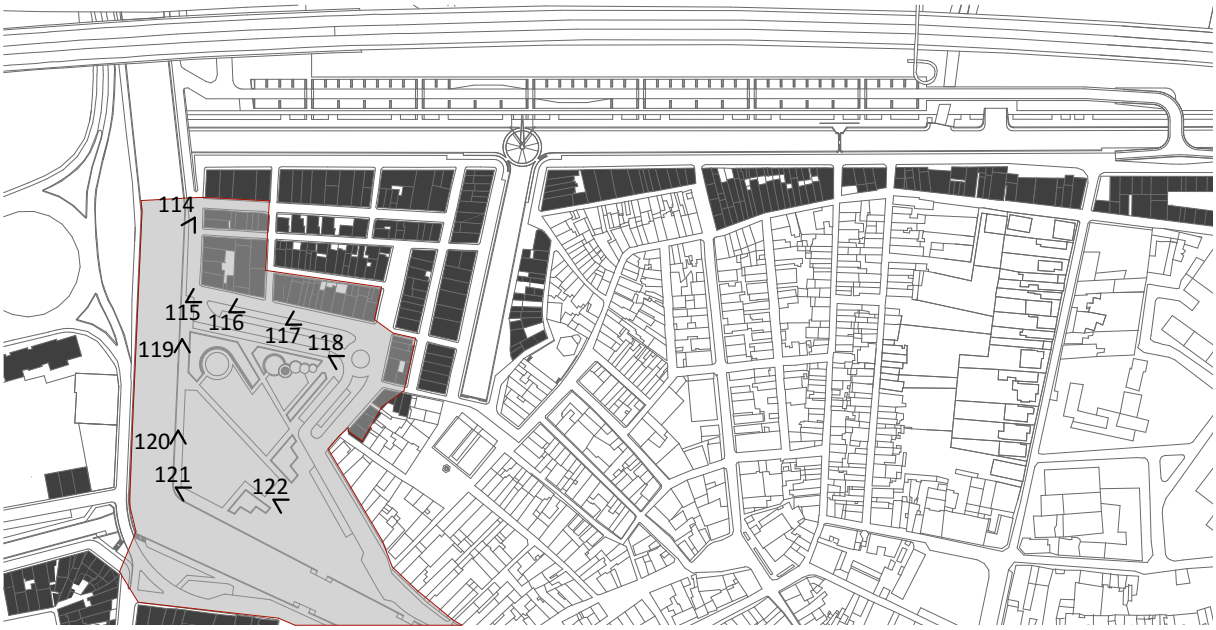
118

119

120

121

122



Legenda

Edificado

Setor

Planta de Percurso

Setor 4

Escala: 1:5000

Fig. 113 - Planta e fotografias da terceira fase do percurso (Rossio).

4.3.3 *Rossio*

Ao passar a Ponte de S. João, o percurso é pontuado pelo canal Central e pelos edifícios do bairro de Beira-Mar. Aqui a paisagem é singular, o canal, as superfícies verdes, alguns dos bairros históricos e a ria como pano de fundo compõem um cenário visualmente estimulante. Ao continuar por esta rua entra-se no espaço do Jardim do Rossio, onde a transição para este é acompanhada por uma típica habitação portuguesa. Infelizmente, o primeiro impacto observável ao entrar no Rossio é a exagerada presença de automóveis, que dificultam a perceção do jardim e da sua envolvente histórica. Quem por aqui pretende atravessar esta zona da cidade pode fazê-lo por vários caminhos.

Quanto à primeira hipótese, o percurso caracteriza-se por uma lado pela constante presença dos automóveis que limitam a visão para o Rossio, já do lado oposto, pela presença de antigas habitações, quase na totalidade reabilitadas, que retratam o legado histórico de uma sociedade e realidade urbana. Continuando por este caminho persiste o edificado num só dos lados, no qual se inserem alguns bares e restaurantes, enquanto defronte destes já é possível a apreensão do espaço do Rossio. Próximo do final deste, denota-se um dos exemplos de uma linguagem arquitetónica marcante em Aveiro, um edifício de *art nouveau* inserido num dos quarteirões mais antigos. Aqui o jardim é marcado por uma transição de pavimento, formando um pequeno largo triangular, onde se volta a observar o canal Central, e a malha urbana da margem oposta.

Já o caminho pela marginal caracteriza-se por uma maior monotonia comparativamente ao anterior. Pois, um dos lados é sempre acompanhado pela linha de água, no qual o plano de fundo da cidade é que cria a variedade visual, enquanto o outro se destaca pela superfície relvada do jardim, que por vezes se encontra elevada e contida por muros de tijolos e elementos arbóreos. No início do caminho deste vê-se, do outro lado do canal, um dos terrenos complementares da intervenção a propor, que como já mencionado se caracteriza pelo vazio. A partir da torção do canal, o percurso passa a ser ritmado por palmeiras que continuam pelo largo triangular até ao fim da zona.

Finalmente, o percurso pelo interior do Rossio é marcado visualmente por uma mistura dos elementos acima descritos. Este caminho que se encontra demarcado, através da mudança de material, na superfície verde liga o limite este do jardim ao largo triangular, onde o restante trajeto é indiciado pela presença de uma alameda que direciona quem por aqui passa para o fim deste espaço e, consequentemente, para o centro histórico.

124

125

126

127

128

129

Legenda

Edificado

Setor

Planta de Percurso

Setor 5

Escala: 1:5000

Fig. 123 - Planta e fotografias da quarta fase do percurso (Cais do Paraíso).

4.3.4 *Cais do Paraíso*

Passando para sul do canal Central pode-se observar o espaço do cais do Paraíso, mas não na sua totalidade porque parte deste se encontra vedado. À semelhança do espaço do canal de S. Roque, o início deste lugar é também marcado por um momento de ramificação do canal Central, o canal do Paraíso. Esta linha de água, em conjunto com uma rua, separa este espaço do resto da cidade, possibilitando apenas dois momentos de transição. Continuando o percurso para a margem sul do canal apreende-se que esta via está ladeada pelos edifícios do histórico bairro do Alboi, e preenchida com *decks* na relação com a água. Já do lado oposto do canal existe uma rua ausente de edificado em quase toda a sua extensão, devido à demolição de uma fábrica. O restante espaço, a sul, desta área consiste numa superfície relvada invadida pelos braços do canal. Finalizando o percurso, na zona junto à rotunda, e limite do terreno, vê-se um edifício de habitação plurifamiliar, isolado, contiguo a um parque de estacionamento, que desadequadamente fazem parte da frente sul do canal Central.

Fig. 130 - Desenhos e esquissos do processo do plano.

5. Plano

"*... o nome falso e o sonho verdadeiro criam uma nova realidade. O objecto torna-se realmente outro, porque o tornámos outro. Manufacturamos realidades. A matéria-prima continua sendo a mesma, mas a forma, que a arte lhe deu, afasta-a efectivamente de continuar sendo a mesma*."[137].

[137] **PESSOA, Fernando** - *Livro do Desassossego*. (p. 65).

Após os capítulos de apreensão e recolha de conhecimento necessários à formação de uma contextualização capaz de orientar a realização de uma proposta de plano urbano, segue-se, neste momento do trabalho, a definição de algumas diretrizes reguladoras das mudanças a propor, assim como a apresentação das peças desenhadas que sintetizam o conjunto de ações de intervenção. Naturalmente, a solução a desenvolver será influenciada pelo reconhecimento de elementos urbanos, pela visão do passado da cidade, pela análise de atuações anteriores na realidade urbana e pela descrição da experiência e vivência quotidiana da área a intervir.

Numa primeira fase, o foco estará na exposição de premissas que condicionaram o desenho do plano. Entre estas estará a sectorização do terreno, com o propósito de facilitar a gestão das intervenções, a identificação do programa que domina estas zonas, onde se objetiva uma recolha da ocupação atual de cada lote relevante, presente no lugar em estudo, e na exposição de carências, que resultam do fraco investimento, nas esferas socioculturais.

Torna-se importante salientar que todas as alterações a introduzir, e as premissas e ideias inerentes a estas, são resultado de intenções subjetivas que se fomentam num processo retrospetivo que se veio desenvolvendo ao longo deste trabalho. Mas, também resultam da recente evolução, que descontroladamente tem vindo a adulterar a imagem tradicional de Aveiro, sem responder eficazmente às necessidades socioeconómicas e culturais, uma realidade que se vem intensificando.

"*Cidade singular, vivendo do mar e da terra, a estabilidade do seu perfil, mesmo que perturbada, tem aguentado um desenvolvimento nem sempre feito defendendo a sua imagem. A proximidade dos edifícios altos que vão surgindo numa lógica que não atende nem às relações com a paisagem, nem à estrutura urbana, vai criando perturbações cada vez mais evidentes na limpidez da sua leitura.*"[138].

Posteriormente, na segunda fase, estará a elaboração de uma proposta, escrita, para a reorganização e alteração de algum programa já instalado, assim como, na introdução de novos usos com base na recolha mencionada. Este processo escrito será apenas para a nomeação de ideias a representar nas peças desenhadas do plano.

À exposição escrita dos gestos a ter em conta na elaboração da proposta, seguir-se-á a apresentação do plano. Neste constarão pequenos excertos

[138] **FERREIRA, Alfredo Matos -** *Aspectos da Organização do Espaço Português*. (p. 61).

que explicarão as alterações produzidas, textos que deverão acompanhar os desenhos produzidos para cada um dos setores do terreno.

Visto que a elaboração desta proposta desenhada representa um pretexto para uma reflexão no âmbito da dissertação, a apresentação das peças desenhadas deverá ser rematada com uma reflexão crítica escrita, onde se pretende tecer uma autocrítica à relação do plano com os objetivos propostos a resolver. Ou seja, ir-se-á ponderar sobre as qualidades, os constrangimentos, o que resolveu ou o que ficou por resolver.

• • •

O presente capítulo, **Plano**, de exposição das várias estratégias de atuação e apresentação da síntese de intervenções urbanas contempla três subcapítulos.

No primeiro, **Desígnios**, estará a análise e a proposta do programa baseadas na realidade urbana de Aveiro, e nas ambições da cidade, para se apresentar uma solução a materializar.

O segundo subcapítulo, **Proposta**, será a apresentação escrita e desenhada da proposta que resultou deste estudo.

O último subcapítulo, **Reflexão**, como referido, será o momento final deste estudo, onde se pretenderá expor, num processo autocrítico, a oportunidade da intevenção.

Legenda

Espaços Pedonais
Espaços Viários
Estacionamento
Edificado
Espaços Verdes
Elementos Arbóreos
Ria
Áreas de Intervenção

Área de Intervenção

Escala: 1:4000

Fig. 131 - Planta da cidade de Aveiro, onde se identificam as quatro zonas do terreno a intervir.

5.1 Desígnios

Como processo inicial para a estratégia de organização do programa, o primeiro passo será a divisão da área em estudo em quatro zonas principais, para melhor se gerir as ações de intervenção e se dividir as intenções urbanísticas, consoante o contexto de cada uma destas zonas, sem nunca desprezar a correlação entre estas.

Deste modo, o vasto terreno, já apresentado, que se localiza na zona nordeste da cidade, junto à autoestrada, será divido nas seguintes áreas, o terreno entre o canal do Paraíso e o nó da via rápida (Z1), toda a margem nascente do canal de S. Roque que se encontra edificada (Z2), a faixa verde do lado poente do canal de S. Roque (Z3), e por último, um terreno desocupado compreendido entre as traseiras do quartel e o canal (Z4).

5.1.1 *Programa*

Para prosseguir com o estudo do território em causa, há que determinar quais os usos que os vários edifícios dispersos por estas zonas atualmente permitem, com o objetivo de complementar a informação sobre as áreas.

Quanto às zonas Z1 e Z4, uma vez que se apresentam como terrenos praticamente desocupados, pouco é o programa nelas instalado, sendo a habitação, o comércio e os serviços as três categorias presentes na zona 1 e a habitação na zona 4. Na área Z2, devido à grande densidade de edificado, a multiplicidade do programa é naturalmente maior, restringindo-se às três categorias, habitação (unifamiliar e plurifamiliar), comércio (restauração, bares, lojas e oficinas) e serviços (escritórios). Já a Z3 é a única que na totalidade se encontra desocupada de edifícios para qualquer uso, sendo apenas, como anteriormente referido, um espaço público para estacionamento e uso desportivo.

Outro passo fundamental para dar início às alterações das várias zonas é o momento de reconhecimento dos problemas e carências que se fazem notar no espaço urbano Aveirense, e que condicionam o seu dinamismo e a sua atratividade. Estes podem agrupar-se em três esferas, questões de organização e planificação urbana, questões de variedade e promoção cultural e questões de desenvolvimento turístico.

Dentro da esfera do espaço urbano destaca-se um centro pouco diversificado

Legenda

Habitação
Misto
Abandonado
Comércio
Indústria

Planta de Funções

Escala: 1:4000

Fig. 132 - Planta da cidade de Aveiro, onde se observa o programa atual do terreno a intervir.

e algo degradado, e que pouca oferta de habitação tem. Adicionalmente, por toda a cidade o espaço da ria não é suficientemente valorizado, assim como os espaços verdes, que são escassos e desatualizados. Por último, a posição e desenho da autoestrada e da linha de ferro tornam-se barreiras ao crescimento da urbe em relação ao seu centro.

Quanto às questões culturais, sendo este campo um dos mais menosprezados na cidade, principalmente ao nível das artes, denota-se uma carência de salas de espetáculos, para a realização de eventos culturais diversos, de equipamentos apropriados para a prática das artes ou para instalações artísticas. Equipamentos como museus são igualmente raros na cidade restringido a diversidade de exposições e a exibição de uma cultura regional.

No campo dos aspetos turísticos, poucos são os equipamentos que podem suscitar o interesse de turístas, devido maioritariamente ao fraco investimento no campo da cultura, assim como em eventos, atividades ou monumentos. No entanto, esta realidade já tem vindo a melhorar.

5.1.2 *Premissas*

Uma vez estabelecidas as premissas necessárias para dar início à realização do plano, segue-se a fase de exposição de intenções a aplicar em cada zona da área de intervenção.

A primeira questão a corrigir sustenta-se na falta de qualidade de espaços verdes na cidade. Tema que teve presença nos planos analisados e que foi um dos tópicos principais do *Plano de Urbanização do Programa Polis de Aveiro* e como tal deve ser novamente incluído numa ação de planeamento, devido às novas questões de sustentabilidade, e ao facto de poder abranger programa de lazer e desportivo.

Deste modo, o plano irá valorizar a introdução de espaços verdes e elementos arbóreos pelas quatro áreas, com o objetivo de redesenhar o espaço público e de circulação da cidade. Mas, também o espaço junto às vias aquáticas, como acontece por várias cidades da europa.

Ademais, devido ao estado e posicionamento da Z1, e devido às condicionantes impostas pela sua envolvente, que dificultam fortemente a edificação da área, uma hipótese de estratégia para a sua ocupação será a transformação dos lotes

demolidos num grande espaço público verde. Assim, rematando, a fronteira entre o limite da via rápida e o espaço edificado.

O segundo aspeto a considerar está relacionado com a reabilitação do espaço urbano nas zonas edificadas, principalmente ao longo da frente do canal de S. Roque, com o objetivo de revitalizar a imagem deste espaço e aumentar a oferta de habitação, comércio e serviços.

Como já estabelecido, a degradação material e a desadequação de alguns edifícios presentes no centro histórico são dois dos fatores a abranger no plano. Desta forma, parece pertinente definir um momento de redesenho na zona Z2, com o objetivo de ajudar no processo de consolidação da sua imagem e programa, principalmente quando a comparamos com outras áreas mais antigas.

"*Ora, pode afirmar-se que o carácter distintivo* (…) *da estética urbana, é a tensão que se criou e se cria entre as áreas e elementos, entre um sector e o outro. Esta tensão é dada pela diferença dos factos urbanos existentes num certo lugar e deve ser medida não só em termos de espaço, mas também de tempo.*"[139].

O terceiro aspeto será talvez o principal, uma vez que se prende com a exploração e ampliação da componente cultural. Apesar de, ao longo do canal de S. Roque estarem presentes três equipamentos dedicados à prática e ensino cultural (um centro de teatro, uma escola de música e uma escola de dança), estes, claramente, revelam-se insuficientes para a realização ou dinamização de eventos, pela sua qualidade.

Este é um tópico que raramente esteve presente nos planos analisados e que apenas nos finais do século XIX começou a ganhar relevo para a população. Como tal, contemporaneamente, é um dos setores menos desenvolvidos em Aveiro e um dos essenciais para promover e dinamizar uma cidade. Adicionalmente, e como já mencionado, o desenvolvimento da esfera cultural poderá propiciar um maior interesse turístico na região.

Assim, justifica-se a escolha de uma zona, a Z3, que pela sua desocupação possa ser adaptada a um núcleo dedicado a atividades e eventos culturais, através de equipamentos próprios e novos espaços livres, cuja relação promova a expansão deste setor.

Finalmente, em quarto lugar, colocam-se novamente questões de consolidação urbana. Uma das características mais atuais em Aveiro é a vontade de construir novas unidades de habitação plurifamiliar, devido à expansão que está a

---

[139] **ROSSI, Aldo -** *A Arquitectura da Cidade*. (p. 122).

experienciar. Logo, e tal como foi um dos principais tópicos, transversais aos planos urbanos analisados, desenvolver neste plano uma estratégia de expansão e investimento em programa de habitação torna-se tema de interesse.

Ademais, esta vontade já se encontra realizada junto à zona Z4, mas ainda num estado embrionário. Assim, esta será a área dedicada à nova habitação, procurando organizar este vasto espaço desocupado, para dar continuidade ao espaço urbano entre as traseiras do quartel e o canal de S. Roque. E para rematar o momento de intervenção nesta zona, permitindo, assim, que no futuro se inicie a consolidação para norte. Não obstante, falta salvaguardar que a acompanhar a componente habitacional estará também programa de serviços.

Importa referir que todos estes aspetos a ter em consideração na elaboração do plano não poderão estar totalmente restritos a uma só área, sendo que devem ser trabalhados numa condição de transversalidade, com o objetivo de evitar zonamentos radicais.

5.2 Proposta

Uma vez estabelecida a informação a trabalhar no plano, assim como a sua organização e distribuição pelo terreno, resta o momento de atribuir forma e materialidade a estes dados, definindo, mais concretamente, as premissas em elementos urbanos e arquitetónicos com utilidade. Deste modo, o momento seguinte será uma reflexão dos dados recolhidos e uma exposição de intenções a planear, ou seja, um processo projetual escrito que enunciará a solução desenhada.

5.2.1 *Intenções*

"*Um aspecto que me impressiona muito na arquitectura e na cidade do nosso tempo, é a pressa de concluir tudo rapidamente. Esta tensão para uma solução definitiva impede a complementaridade entre as várias escalas, entre o tecido urbano e o monumento, entre o espaço aberto e a construção*."[140].

[140] **SIZA, Álvaro –** *Imaginar a Evidência*. (p. 103).

Começando pela primeira zona, o objetivo, como descrito, será o de transformar esta área numa grande superfície relvada, dotada de percursos, neste caso um parque, podendo-se interpretar como uma continuação do já existente. Aqui ir-se-ão procurar relações com os espaços dos canais, valorizando a sua excecionalidade no núcleo urbano, numa estratégia de solucionar a questão do potencial destaque destes. Do mesmo modo, a posição estratégica deste lugar no espaço urbano poderá ser usada para a criação de um filtro visual entre o espaço edificado e o ruído gerado pelas vias. Uma solução semelhante à que o arquiteto Fernando Távora desenvolveu para tornar a circulação mais discreta.

A possibilidade desta alteração, com a extensão do parque, está na oportunidade dispensável de edificação desta zona, uma vez que as suas características não facilitam a sua densificação, apesar do que aqui se verifica. Contudo, não se deverão estabelecer imposições à criação futura de volumes, onde esteja inserido pequeno comércio (cafés, bares ou restaurantes), com o objetivo de potencializar o interesse nesta Z1, mesmo que não estejam incluídos nos desenhos do plano.

Não obstante, as recentes expansões do Parque Municipal, impulsionadas pelo *Parque de Sustentabilidade*, promovendo uma cidade mais verde, vieram comprovar a clara escassez deste tipo de espaços na cidade.

A formulação desta zona ir-se-á basear na criação de um corredor verde pela cidade, composto pelas duas zonas do atual parque, pelo bairro do Alboi, onde se devia recuperar a sua natureza de quarteirão ajardinado, e pela Z1 que faria a articulação entre estas áreas e o jardim do Rossio. Assim, estabelecer-se-ia um percurso arbóreo, unindo a zona sul da cidade ao centro histórico.

No desenho desta zona, identicamente ao parque da cidade, deverão constar as áreas de circulação pedonal, uma das quais estabelecerá a ligação entre este lugar e o Rossio, sobre o canal Central; os elementos arbóreos, que posicionados no extremo sul e juntos à estrada irão regularizar o desenho do parque e isolá-lo; e uma linha de água. Em complemento, o canal do Paraíso, que outrora servia a indústria, e que ainda possui, na sua composição, as cicatrizes de servir esse programa, será também redesenhado, com o objetivo de ficar mais regular.

Para a realização destas intervenções será necessária a demolição dos lotes aqui presentes, com a exceção do edifício de habitação plurifamiliar, devido às implicações que acarretaria.

Passando para a área Z2, esta será alvo de intervenções mais complexas, onde se pretende uma modernização e revitalização do edificado do canal de S. Roque, com o objetivo de se adaptar a novas circunstâncias.

Uma das questões demonstradas por estes quarteirões é a irregularidade dos edifícios que os constituem, que, à semelhança da zona do Rossio nos anos 60, carecem de uma intervenção para harmonização da sua imagem e volumetria. O propósito destas alterações prende-se com a reformulação das relações volumétricas entre o edificado, tornando-o mais coerente através do acerto de cérceas e pisos.

Tal como elaborado no *Plano de Pormenor da Área Central para Aveiro*, o primeiro momento de intervenção na zona Z2 será a revisão dos edifícios defronte do canal de S. Roque, onde serão selecionados alguns lotes, com base no seu programa, estado de degradação ou desenho, para serem demolidos e substituídos por novos que solucionem as questões de harmonia do canal, e tornem este percurso mais atrativo.

"*A noção do belo move-se no tempo e tem como âncora (precária) a continuidade, a estabilidade em paralelo ao impulso de inovação, à inquietação ante um evoluir sem pausas, contemporaneamente explosivo. Move-se assim entre conformismo e ruptura.*"[141].

De forma a investir no desenvolvimento destes novos edifícios dever-se-á, também, atribuir-lhes programa. No entanto, o seu aprofundamento, em termos de uma solução final, não irá constar no plano, pois apenas se pretende dimensionar o lote, as cotas e os pisos. Ou seja, criar um cenário propício a que num futuro se possa atribuir cada um dos lotes para a realização de um projeto, dentro das diretrizes do plano. Outra razão para esta escolha é o facto de que a imagem do canal se assume, maioritariamente, através de pequenos volumes de habitação, o que resulta numa grande diversidade de alçados. Assim, parece razoável a decisão de deixar o aprofundamento destas novas construções fora do plano, reforçando esta característica.

Quanto ao espaço viário presente nesta zona, também haverá alterações a ter em conta no exercício de planificação. Primeiro, perante as dimensões dos vários elementos da rua junto ao canal, tornar-se-á importante redimensionar o passeio, com o objetivo de valorizar o espaço de circulação pedonal. A segunda intenção será, como já mencionado, a introdução de elementos arbóreos ao longo de ambas as margens do canal, perspetivando uma transformação das vias aquáticas da cidade em lugares verdes, como acontece, por exemplo, em Amesterdão, Haia ou Roterdão.

Finalmente, o aumento de pontos de transição entre os dois lados do canal é mais uma das necessidades presente. Para um melhor acesso e permeabilidade

[141] **SIZA, Álvaro –** *01 Textos*. (p. 246).

ao que será a Z3 torna-se fulcral a criação de transições pedonais. Esta alteração, além de resolver as atuais questões de mobilidade no percurso do canal de S. Roque, promove ainda um maior contacto visual com este espaço.

Em relação à Z3, como referido, é objetivo transformá-la num novo núcleo cultural da cidade. Visto que a zona histórica já possui algum programa museológico, apesar de incipiente, e apenas uma sala de concertos, torna-se pertinente dinamizar outras áreas da cultura. Assim, uma das hipóteses a título de ser explorada é o desenvolvimento de outras vertentes artísticas como a dança ou o teatro, como já acontece no canal de S. Roque, contudo não se pode ignorar a precaridade na resposta dada a essas áreas.

Como estratégia para solução desta insuficiência em Aveiro constará no plano a implantação de uma escola de dança e teatro, que além de ser dedicada ao ensino, também servirá como sala de espetáculos. Tendo em conta que a difusão das artes é escassa em Aveiro, então tornar-se-á oportuno trabalhar a versatilidade do programa deste edifício, permitindo a realização de uma multiplicidade de eventos.

"*…, o trabalho do arquitecto não pode ter o intento de substituir ou imitar aquele sopro; mas sim de acrescentar algo à cidade, por ele transportado, isolado sem que o deseje, esperando o momento de ser, entre os homens, como o puxador de porta da cidade: rigoroso e anónimo.*"[142].

Quanto às questões de desenho urbano, a implantação da escola na proximidade com a ria torna-se num motivo de valorização do espaço do canal de S. Roque, visto que a relação entre o ambiente da escola e a natureza do canal promove um cenário singular na cidade, para possíveis atuações, eventos ou exposições.

Naturalmente, a planificação da escola irá obrigar a uma reformulação de toda a margem norte do canal, com a criação de novos acessos e espaços de circulação pedonal e de estar. Perante a estrutura atual do espaço, estas alterações vêm corrigir o desaproveitamento notório deste, promovido pelo aglomerado de veículos na área de estacionamento. Contudo, as intervenções a fazer no espaço público deverão manter algumas das características deste, preservando a sua identidade de um espaço relvado, de percurso e lazer.

A última zona, a Z4, corresponde ao lugar onde será introduzida a maioria do programa habitacional, através de blocos de habitação plurifamiliar. A intenção de densificação desta, parte de um objetivo de dar continuidade à expansão urbana e preencher e rematar as cicatrizes das demolições da indústria desta zona.

[142] **SIZA, Álvaro –** *01 Textos*. (p. 186).

Aqui, visto que a zona se encontra totalmente desocupada, sendo de referir que a sua envolvente próxima já está num estado de desenvolvimento avançado, a primeira intenção projetual será a colmatação do sistema viário entre a cidade e o este novo polo habitacional, e consequentemente, com a área do canal de S. Roque.

Outra intenção que se procurará desenvolver, será o potencial de novos elementos urbanos como vias e zonas que se tornem relevantes para a imagem da cidade.

Estas conexões viárias, iniciadas para servir as construções contemporâneas, serão o ponto de partida para a disposição dos novos edifícios de habitação, como tal a sua organização ir-se-á basear numa grelha gerada pelas vias envolventes.

Quanto aos edifícios que deverão ser introduzidos, estes serão dispostos, na sua maioria, em frente das ruas perpendiculares ao trajeto de água. A razão para esta decisão reside na orientação solar, uma vez que, nesta posição, os blocos terão as fachadas orientadas nascente-potente. Adicionalmente, a relação com a envolvente a nordeste conduz a esta implantação, devido aos três edifícios de planta quadrada e ao retangular que se situa paralelo a estes. Eventualmente, na faixa interior do terreno poder-se-á criar situações em que os blocos estejam paralelos ao canal, com o objetivo de quebrar a excessiva longitudinalidade gerada pela implantação acima descrita. Ou para fazer os remates junto ao canal ou nas traseiras do quartel.

No entanto, este indício de desenho não se deverá aplicar na faixa de terreno que perfaz a frente do canal e onde já se encontram poucos edifícios de habitação unifamiliar. Aqui uma das preocupações será a articulação entre os grandes blocos habitacionais e as pequenas casas, assim como a transição entre estes dois tipos de volumetrias. Como estratégia de resolução deste problema uma das hipóteses poderá ser a implantação de volumes, destinados a serviços ou comércio, que se transformariam em bases para os edifícios plurifamiliares. Outra solução poderá ser o remate desta marginal com habitações de acesso direto, evitando contactos diretos entre os grandes volumes e o edificado menor.

Por último, à semelhança da Z2, o aprofundamento do trabalho quanto a estes blocos de habitação será apenas quanto ao seu programa, número de pisos, cérceas e tipologia de acesso. Assim, o seu desenvolvimento projetual não estará envolvido no plano.

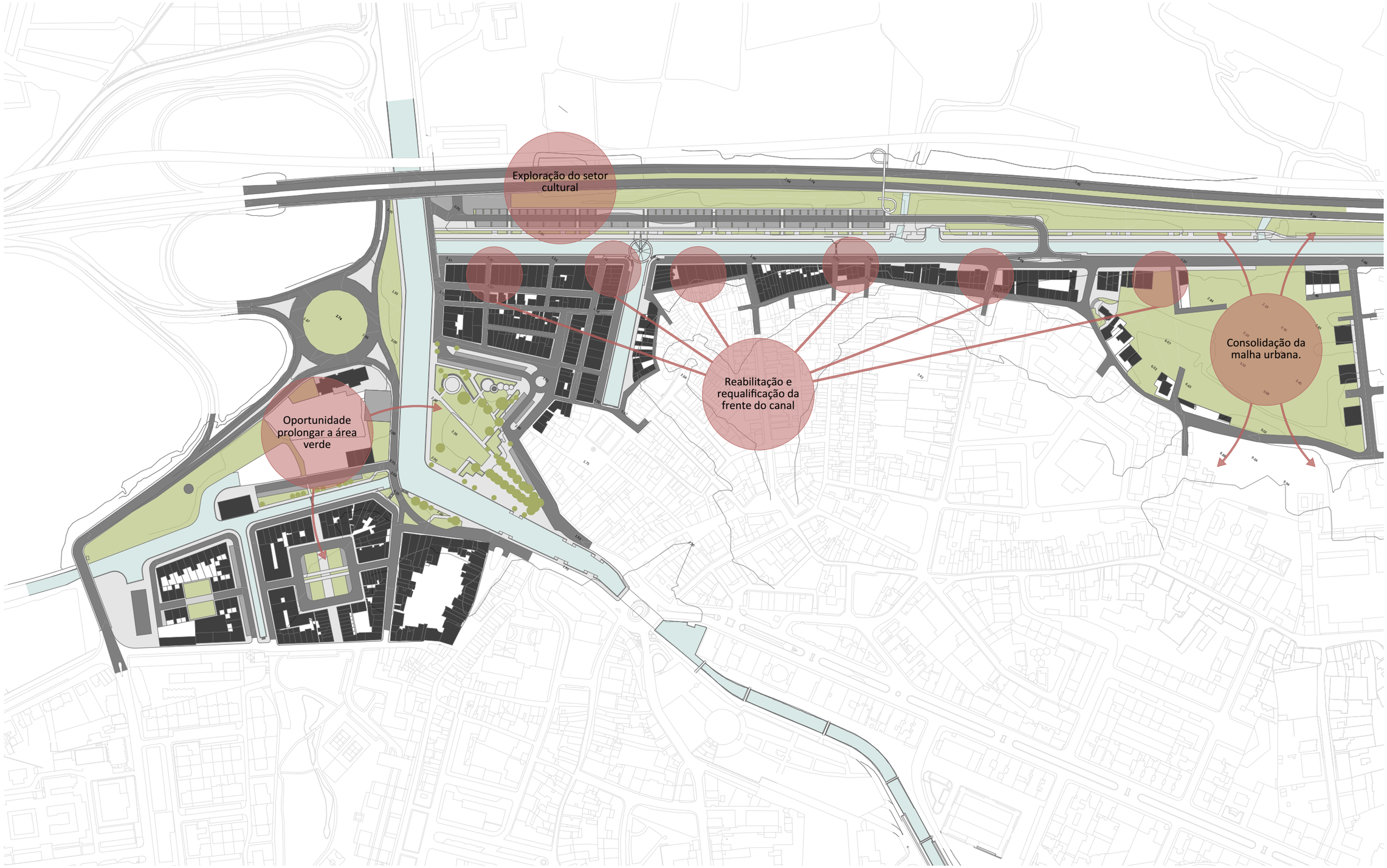


Fig. 133 - Planta da cidade de Aveiro, onde se observam as várias intenções a materializar no plano.

5.2.2 *Síntese*

Com base nas intenções de intervenção descritas no subcapítulo anterior, na presente proposta poder-se-á observar a expressão destas pelos diversos desenhos representativos das alterações nas várias zonas do território em estudo.

Relativamente à zona Z1, foi implantada uma nova superfície verde em toda a sua extensão. Para esse efeito demoliram-se os edifícios situados na margem do canal do Paraíso. A ramificação deste canal, que entrava pelo terreno, foi transformada num corpo de água, com uma forma orgânica, de modo a complementar a paisagem natural do parque. No contacto do terreno com a estrada foi criada uma parede verde constituída por elementos arbóreos que veio a definir o fim deste espaço, criando uma barreira para o ruído viário. Por último, desenharam-se percursos pela marginal do canal e pelo interior do terreno, consequentemente, propôs-se um novo ponto de transição que estabeleceu uma ligação com o Rossio e o bairro do Alboi.

Quanto ao espaço do canal de S. Roque, zonas Z2 e Z3, a primeira intervenção relacionou-se com a regularização das dimensões dos espaços viários, assim como as das áreas de estacionamento, objetivando-se a requalificação do espaço do canal. Para além destas intervenções criaram-se novas pontes, extensões das ruas dos antigos bairros, para permitir uma melhorar transição entre os dois lados do canal. O momento de transição viário sobre o canal foi também redesenhado, alinhando-se com as vias existentes. No que respeita à frente sul, demoliram-se vários edifícios e propostos novos nos seus lotes para garantir a organização das cérceas, das funções e da imagem do canal. Importa mencionar que todos os edifícios aqui criados foram destinados quase exclusivamente a habitação, por ser a função mais adequada ao contexto.

Na margem norte, devido à ausência de edificado, foi implantado um edifício dedicado ao ensino de dança e teatro, promovendo a realização de espetáculos neste local da cidade. O seu programa polivalente permite, ainda, a realização de eventos e exposições. Como consequência desta implantação e devido às demolições nesta zona, as áreas de espaço público foram redesenhadas. Nesta intervenção manteve-se uma reorganização semelhante, devido às questões da memória do lugar enquanto espaço desportivo, e às de preservar o caminho pedonal junto à Ria para Esgueira.

Na última zona (Z4) para a introdução do novo traçado viário foram demolidos alguns edifícios a sudoeste, introduzindo-se organização viária ortogonal como

matriz reguladora da densificação deste terreno. Após a definição das vias foram definidos os lotes onde se edificaram os edifícios plurifamiliares. A maioria dos volumes encontra-se na perpendicular ao canal, tirando partido da orientação poente-nascente para as suas frentes. As restantes unidades plurifamiliares encontram-se paralelas, com o intuito de construir a frente do canal, ou por questões de loteamento. Foram, ainda, implantadas 3 unidades unifamiliares para rematar as casas que já se encontravam no terreno. Quanto ao programa para estes volumes, além do habitacional, encontra-se o comércio nos edifícios a sul, visto que nesta zona já existe algum. No centro do terreno, as unidades habitacionais foram complementadas com programa de serviços, tendo em conta que estas zonas não serão tão movimentadas como as periféricas.

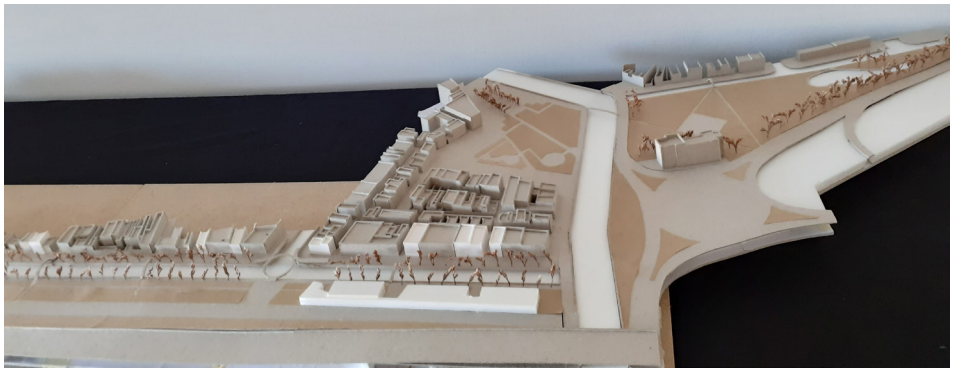


Fig. 134 - Maqueta, onde se observa a solução proposta.

Fig. 135 - Planta da cidade de Aveiro, onde se observa o estado atual do território a intervir.

Planta Atual

Escala: 1:2000

Fig. 136 - Planta do território a intervir, onde se observam as premissas do plano.

Planta de Intervenções

Escala: 1:2000

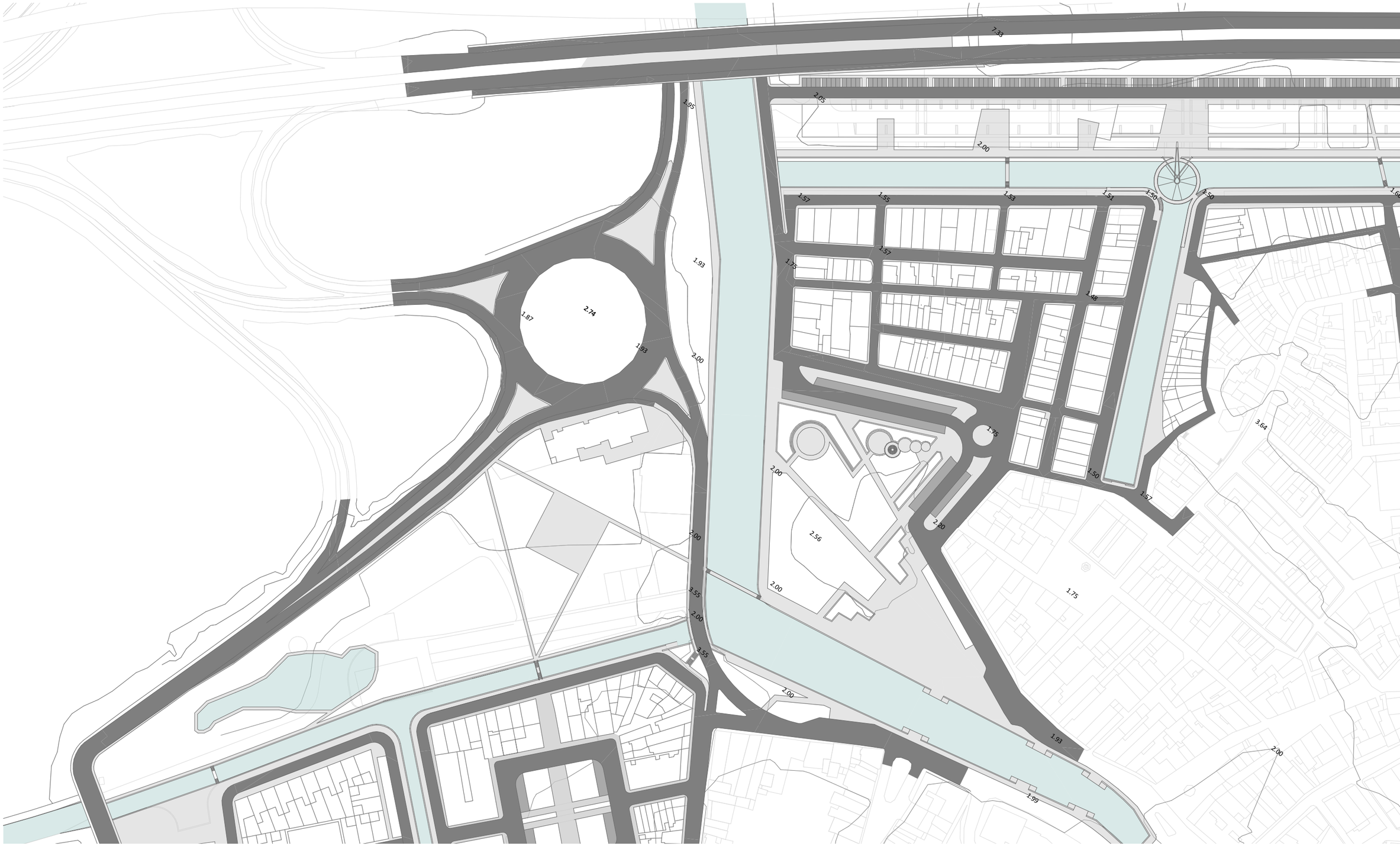
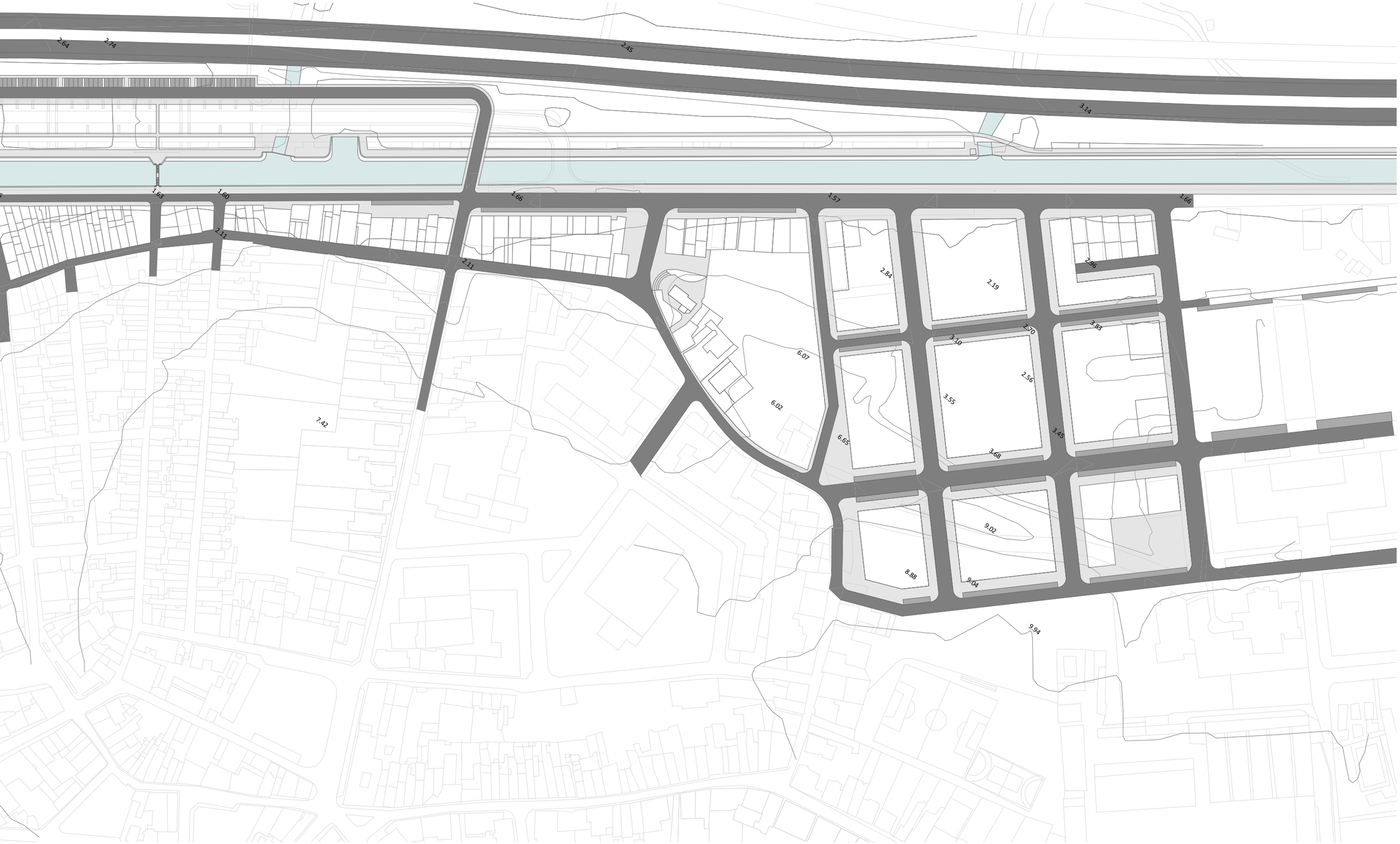


Fig. 137 - Planta do território, onde se observam vários espaços públicos.



Planta de Zonas Públicas

Escala: 1:2000

Fig. 138 - Planta do território, onde se observam os novos espaços verdes.

Planta de Zonas Verdes

Escala: 1:2000

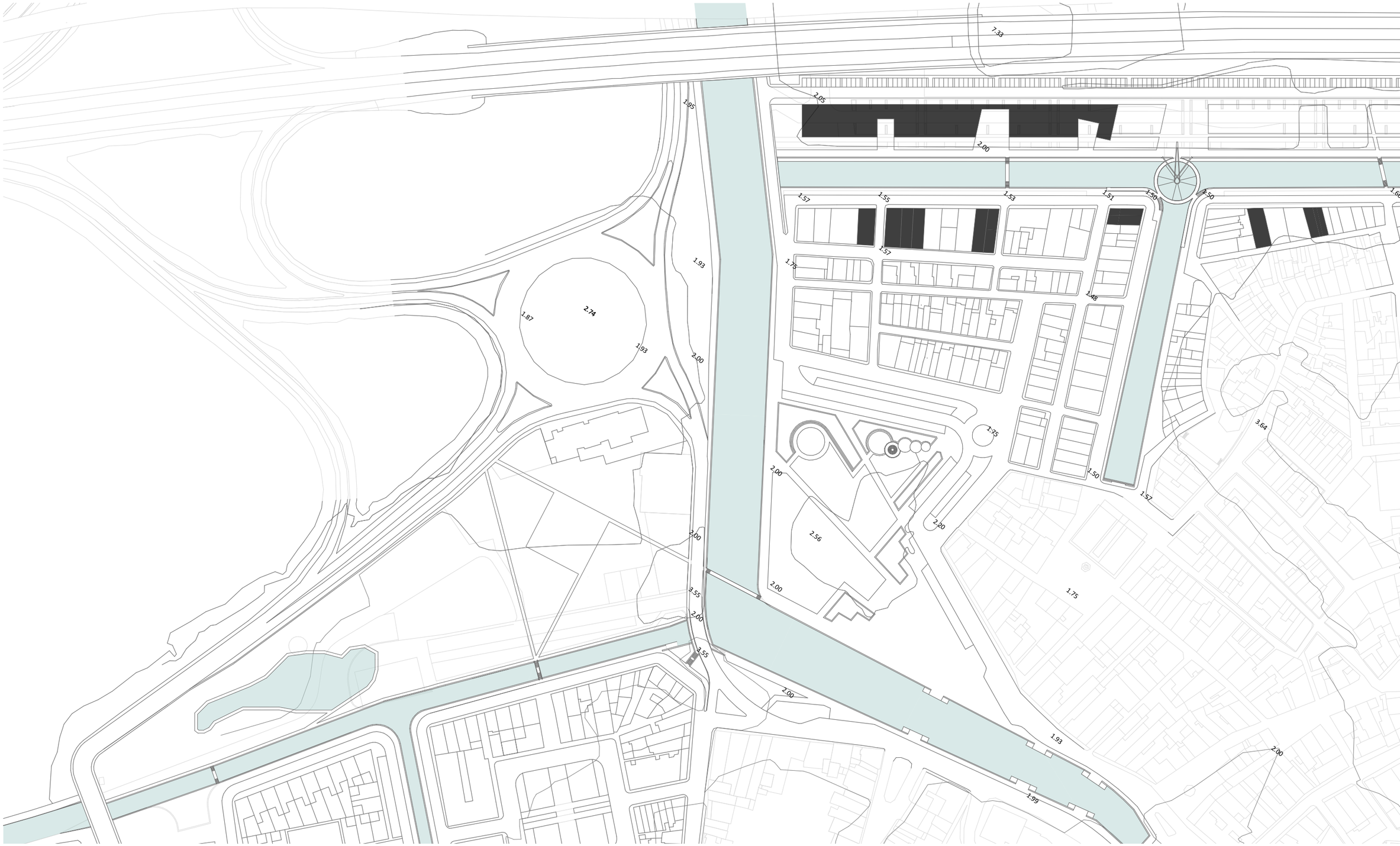
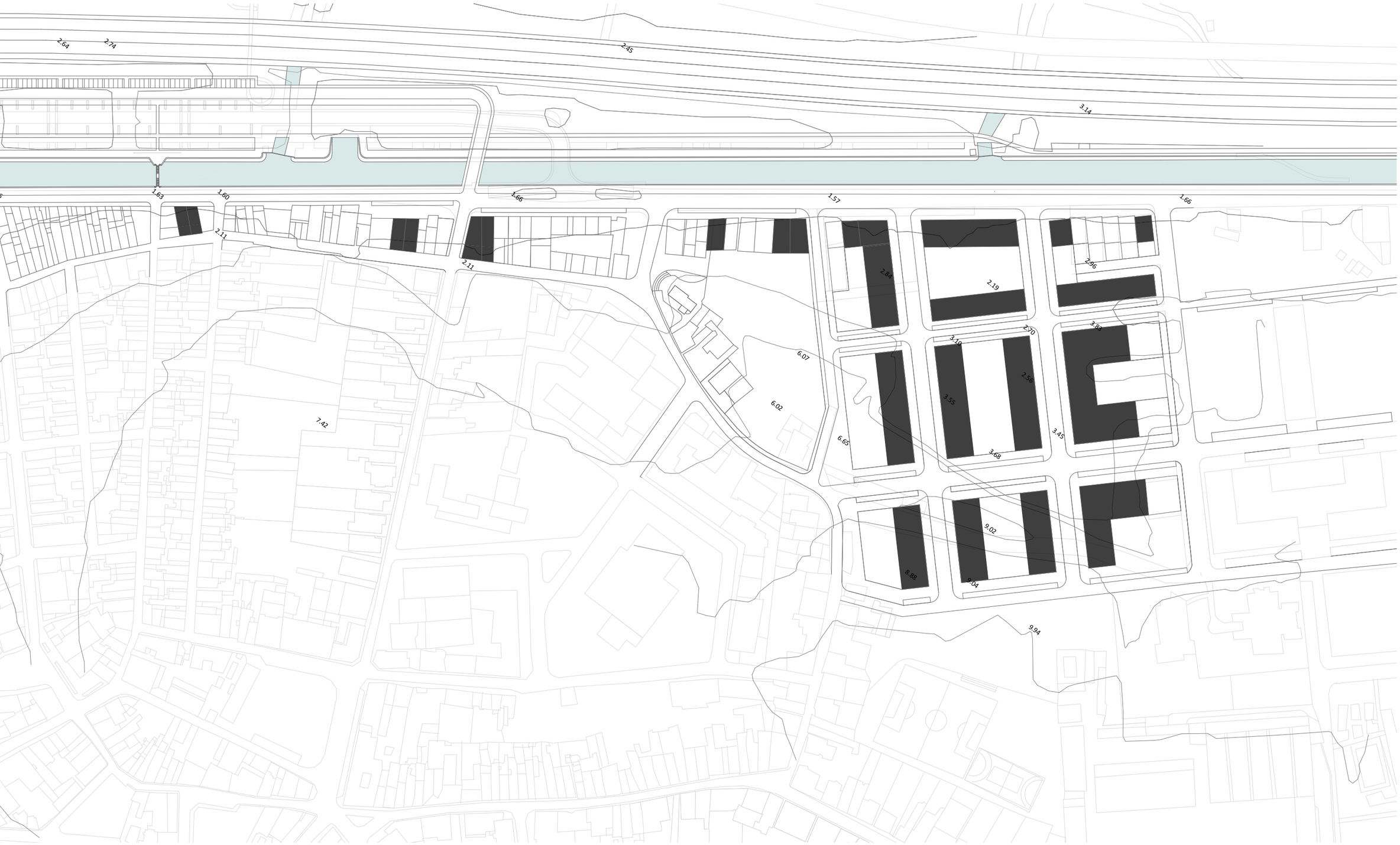


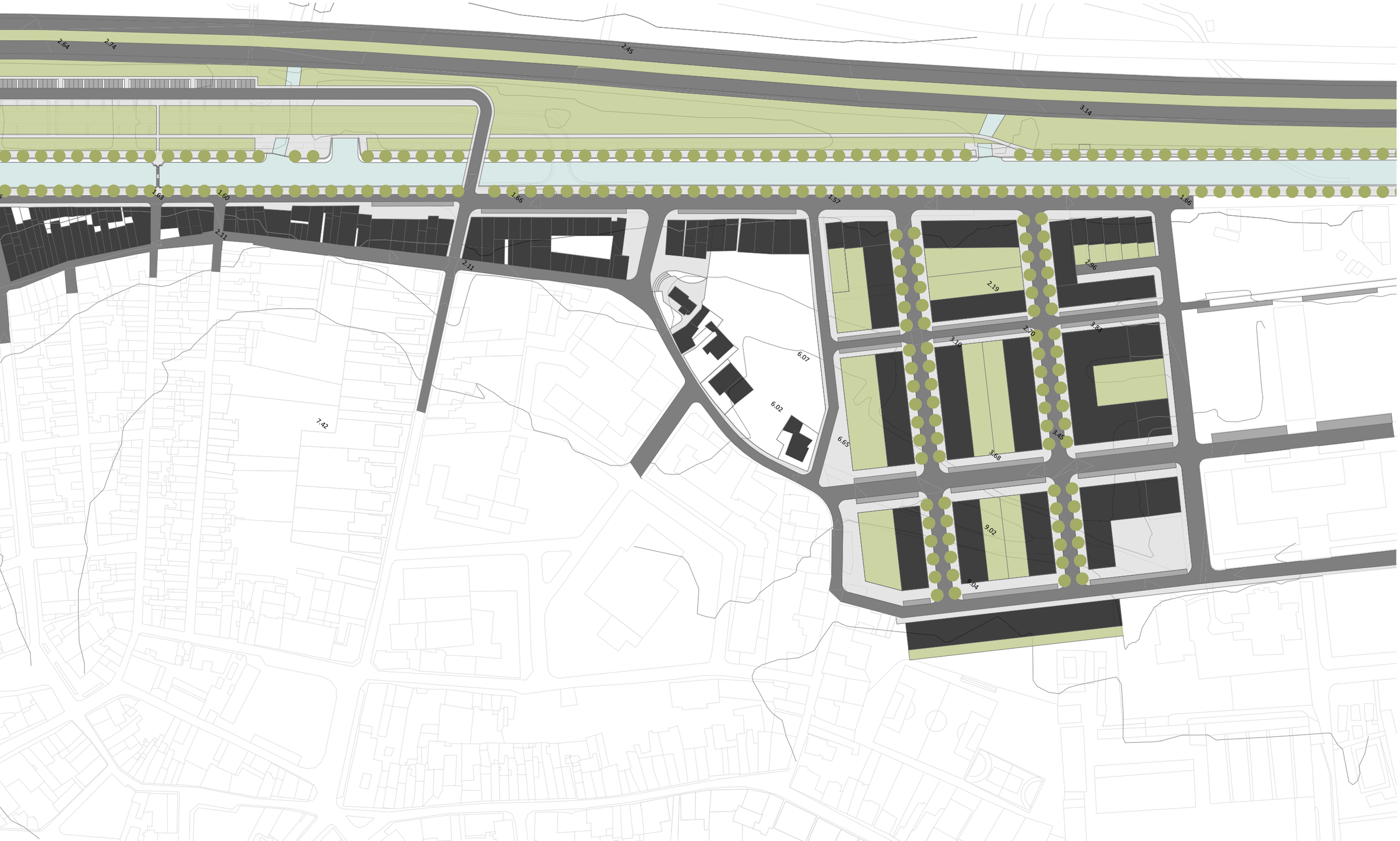
Fig. 139 - Planta do território, onde se observa o novo edificado.



Planta de Novo Edificado

Escala: 1:2000

Fig. 140 - Planta do território, onde se observa a proposta de intervenção.



Legenda

- Novos Espaços Verdes
- Novos Elementos Arbóreos
- Ria
- Edificado

Planta de Zonas Verdes

Escala: 1:2000

Zona 1

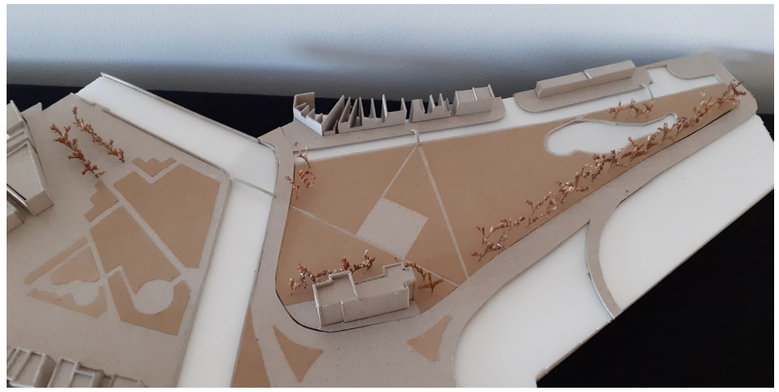


Fig. 141 - Maqueta, onde se observa a solução proposta na zona Z1.

Legenda

Espaços Pedonais
Espaços Viários
Estacionamento
Edificado
Espaços Verdes
Elementos Arbóreos
Ria
Áreas de Intervenção

Planta Atual

Escala: 1:1000

Fig. 142 - Planta atual da zona Z1.

Legenda

Propostas

Demolições

Edificado

Planta de Demolições

Escala: 1:1000

Fig. 143 - Planta da zona Z1, onde se observam as demolições e intervenções a realizar.

Legenda

Espaços Pedonais
Espaços Viários
Estacionamento
Ria
Espaços Verdes
Elementos Arbóreos

Planta de Espaço Público

Escala: 1:1000

Fig. 144 - Planta da zona Z1, onde se evidenciam as áreas de espaço público.

Fig. 145 - Planta da zona Z1, onde se observa a solução proposta.

Zona 2

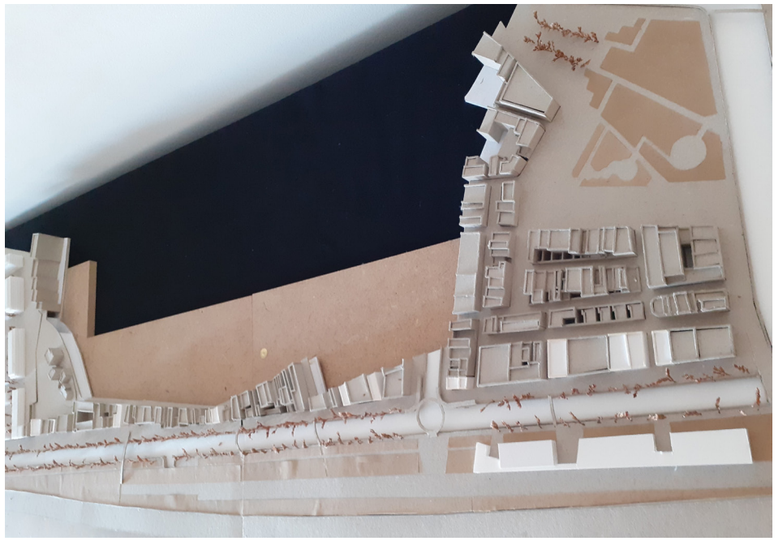


Fig. 146 - Maqueta, onde se observa a solução proposta nas zonas Z2 e Z3.

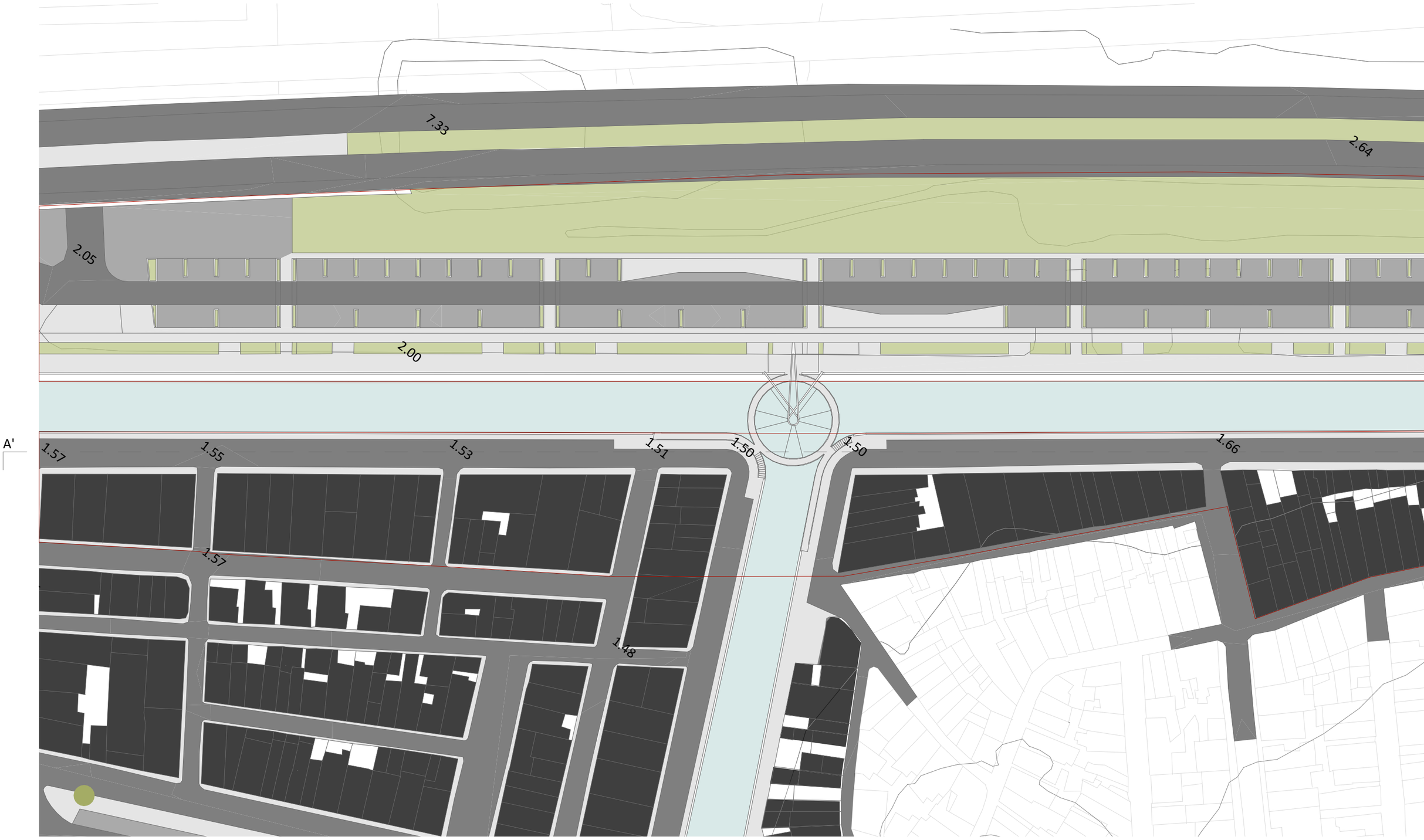
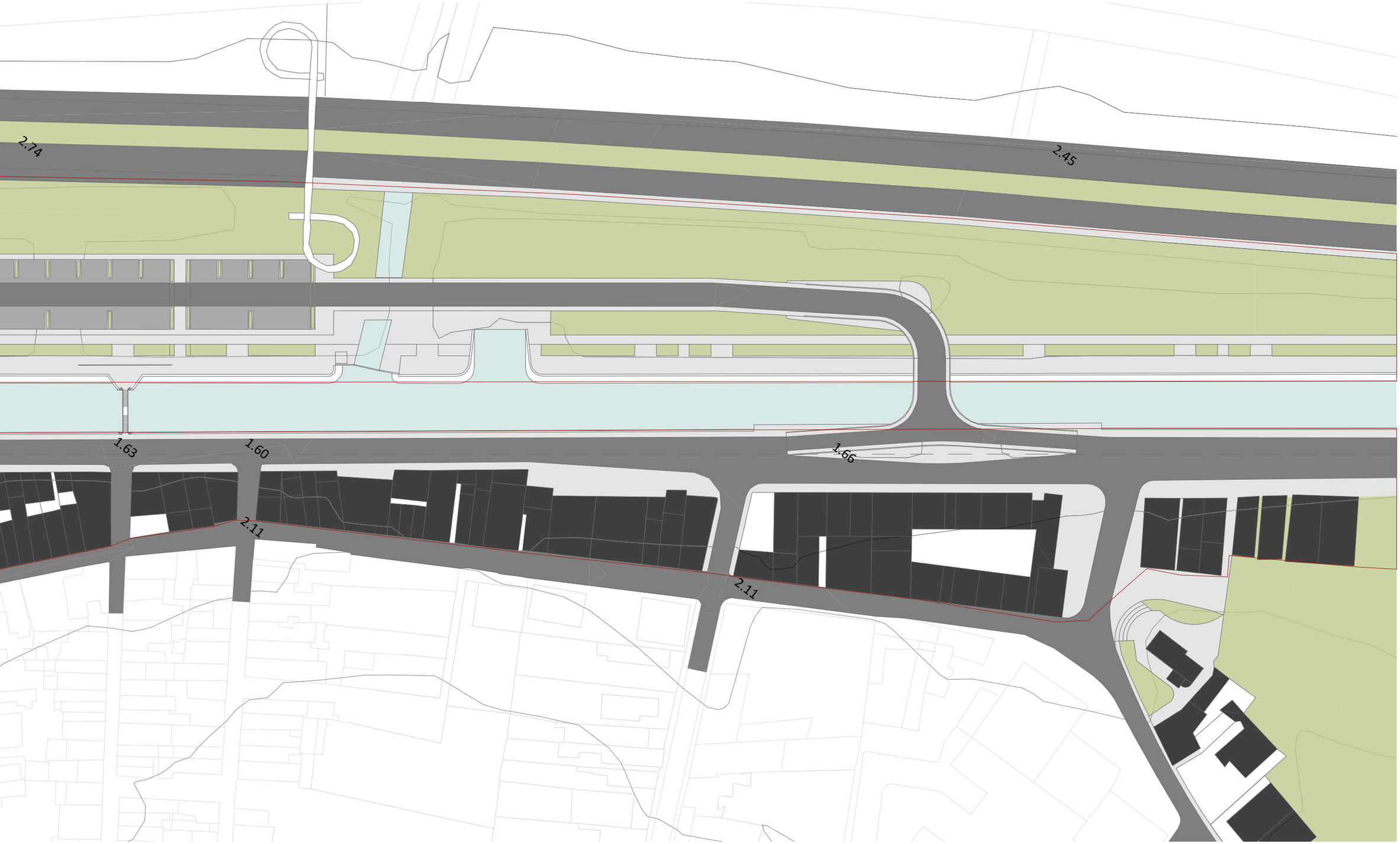


Fig. 147 - Planta atual das zonas Z2 e Z3.



Planta Atual

Escala: 1:1000

B'

Legenda

Propostas

Demolições

Edificado

Fig. 148 - Planta das zonas Z2 e Z3, onde se observam as demolições e intervenções a realizar.

B

Planta de Demolições

Escala: 1:1000

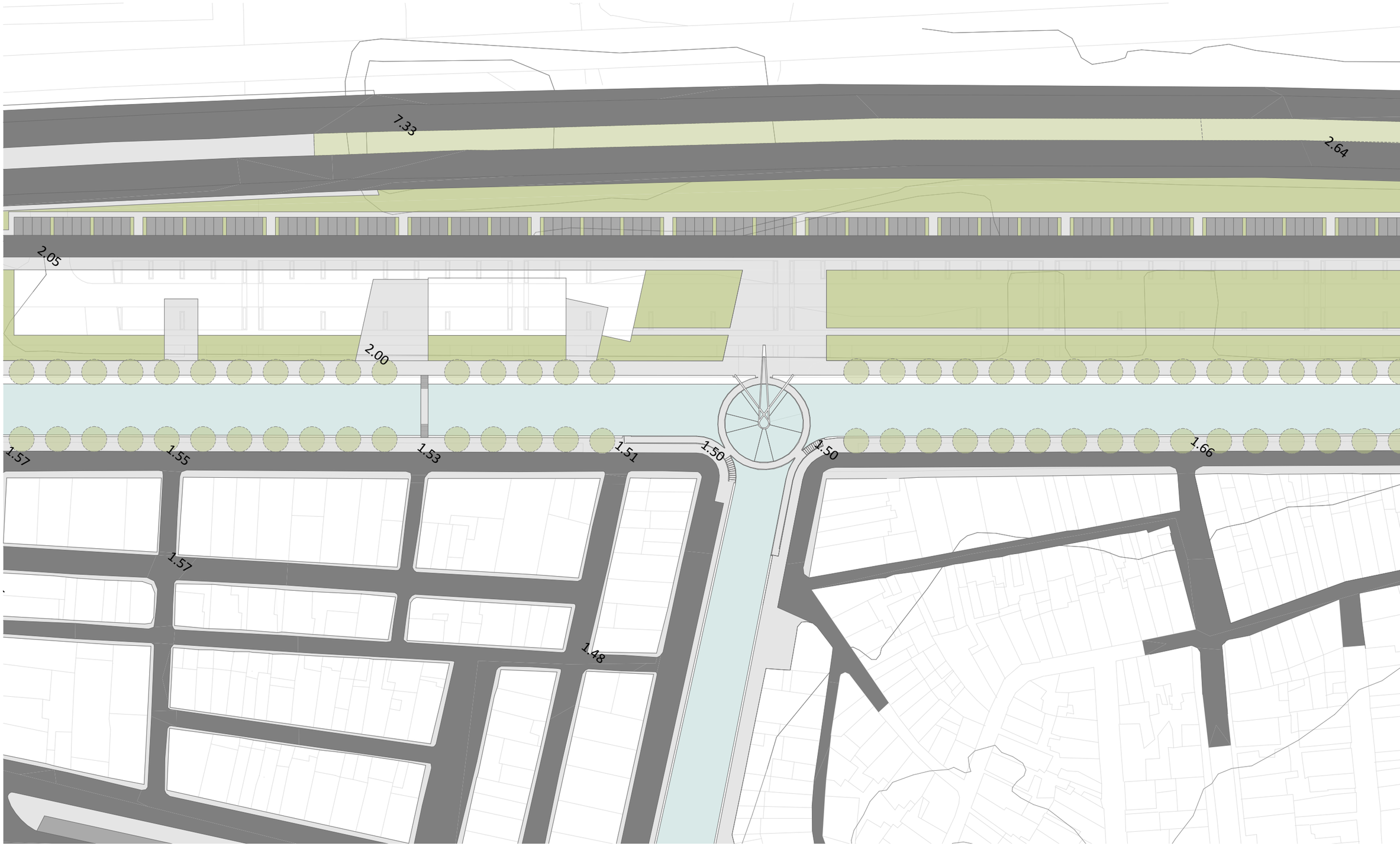
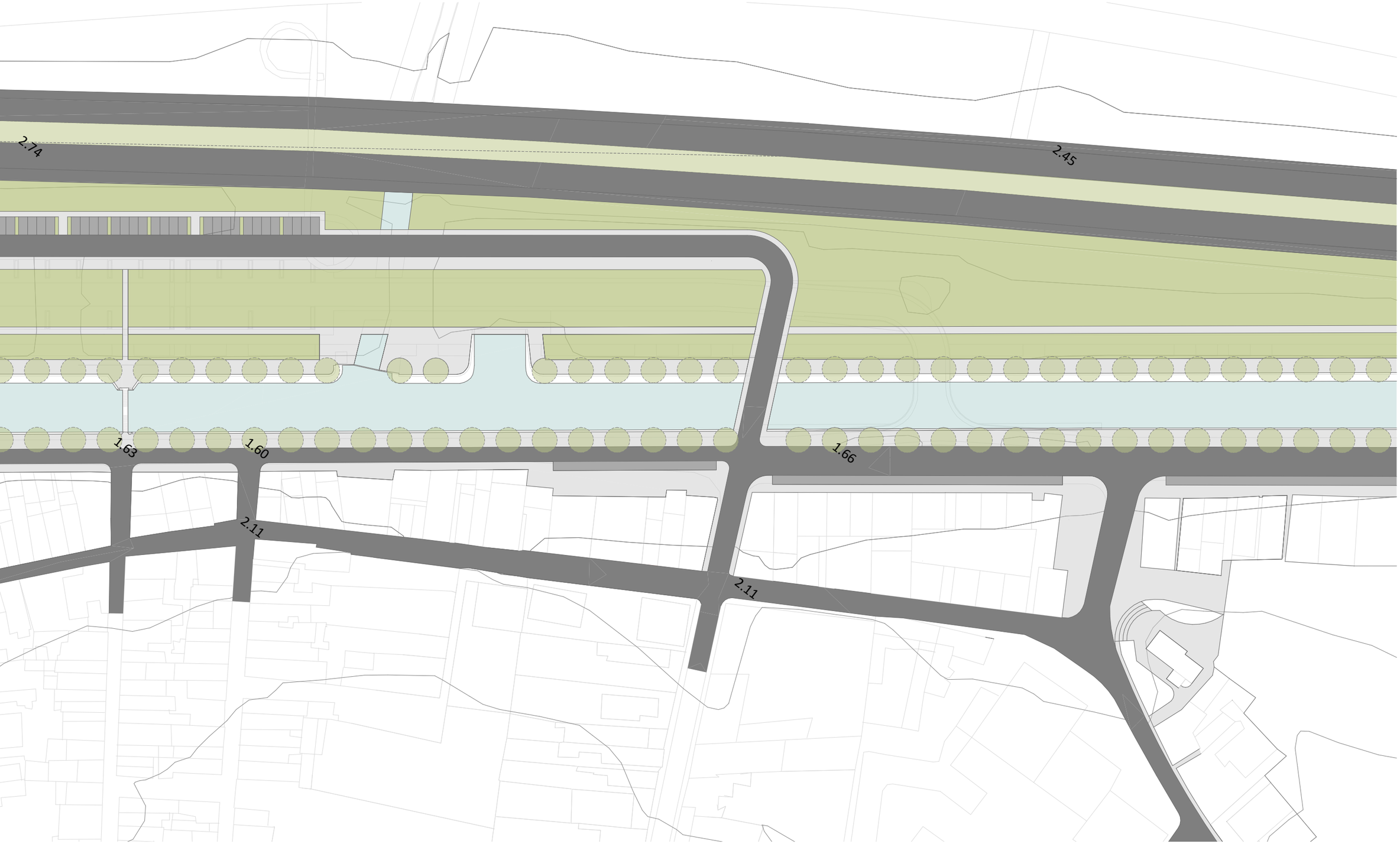


Fig. 149 - Planta da zona Z2 e Z3, onde se evidencia as áreas de espaço público.



Planta de Espaço Público

Escala: 1:1000

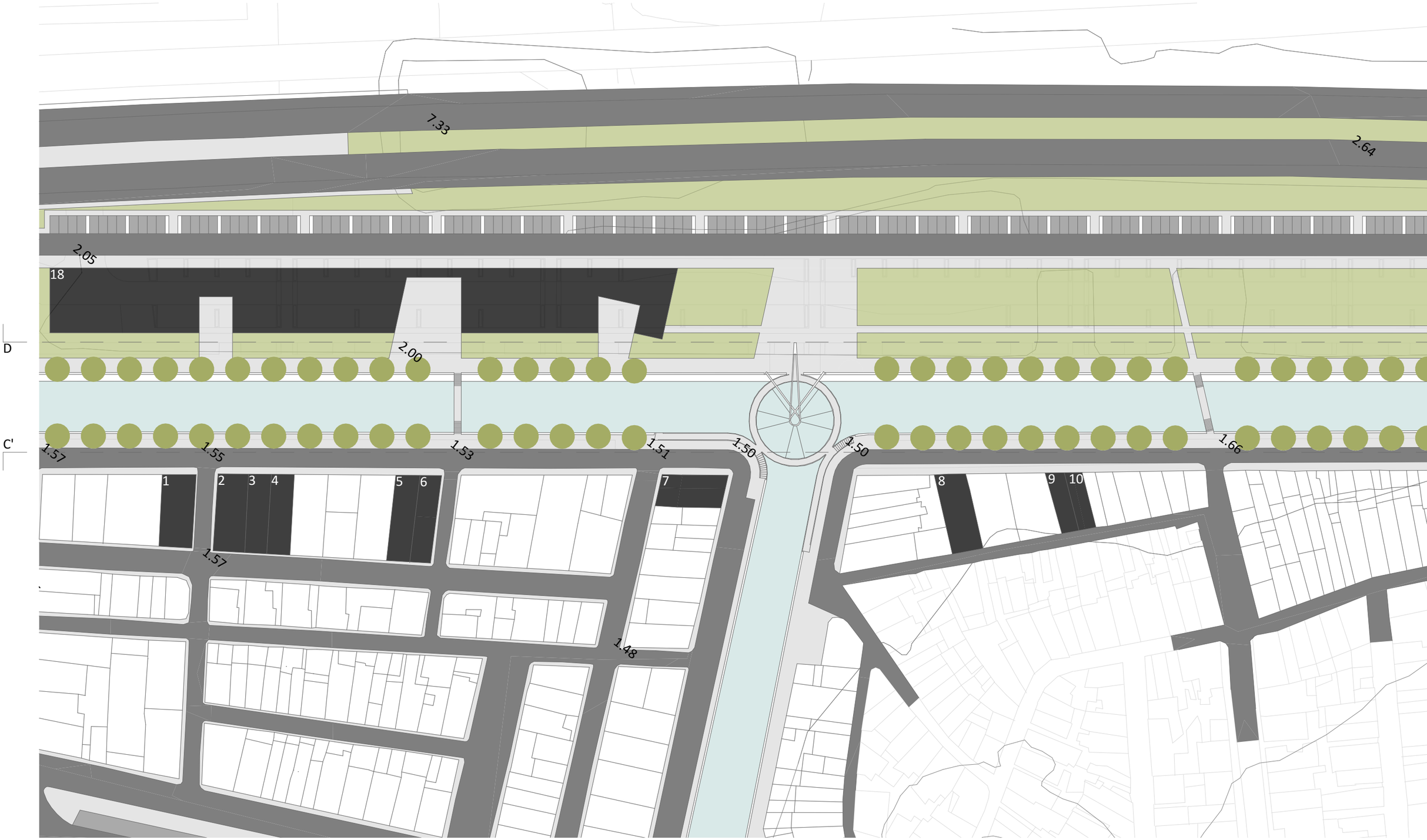
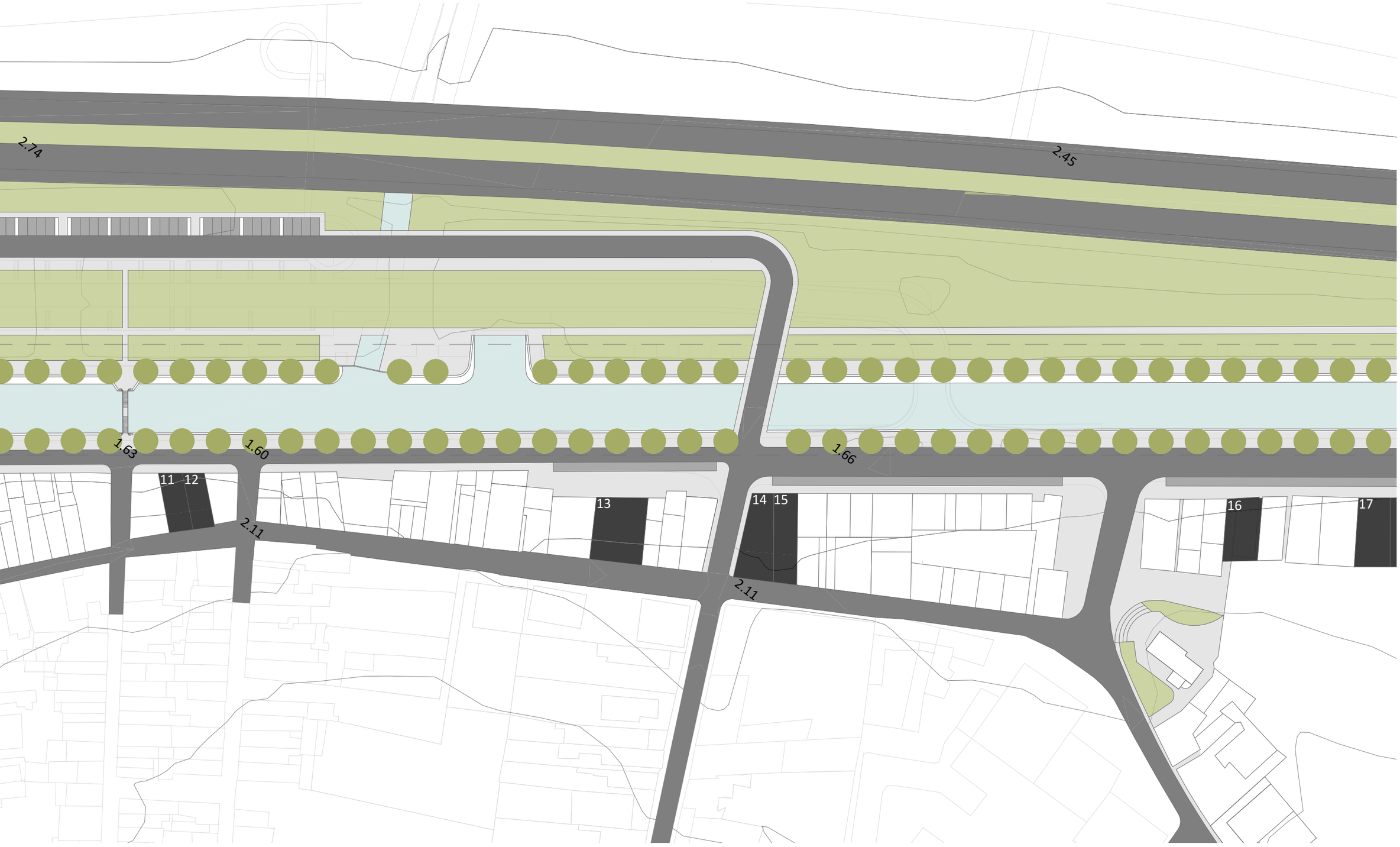


Fig. 150 - Planta das zonas Z2 e Z3, onde se observa a solução proposta.



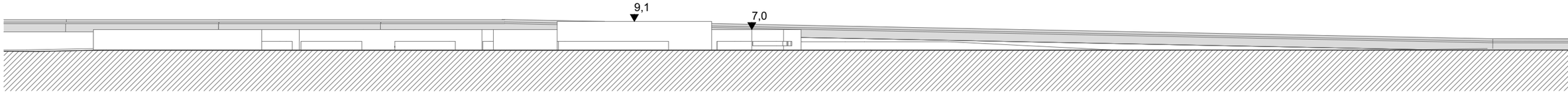
Planta de Intervenções

Escala: 1:1000

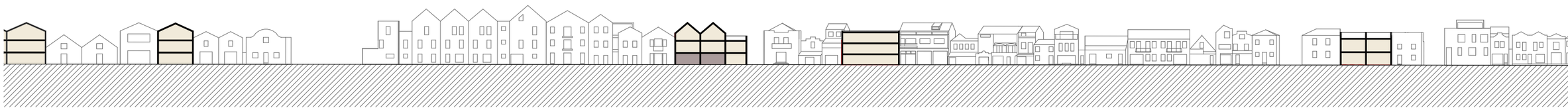
Perfil AA' I Escala 1:1000

Perfil BB' I Escala 1:1000

Perfil CC' I Escala 1:1000



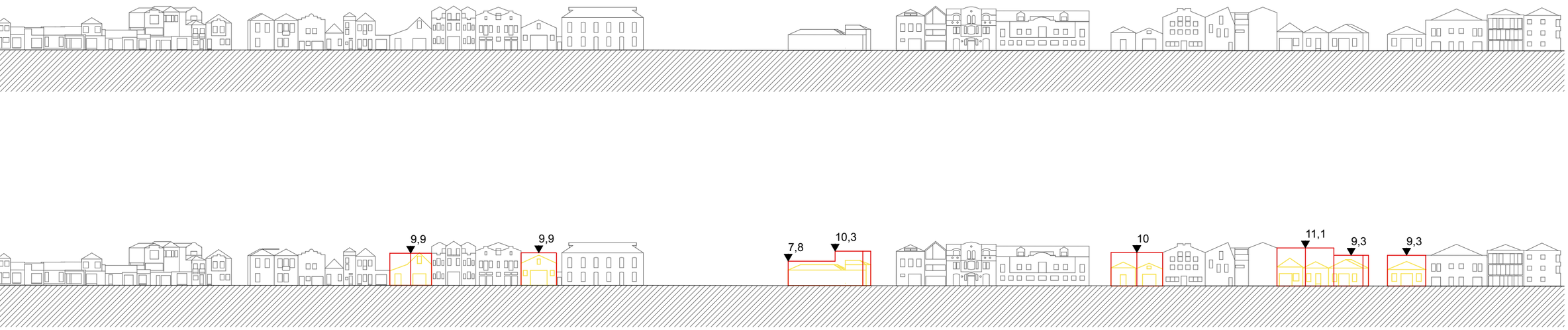
Perfil DD' I Escala 1:1000

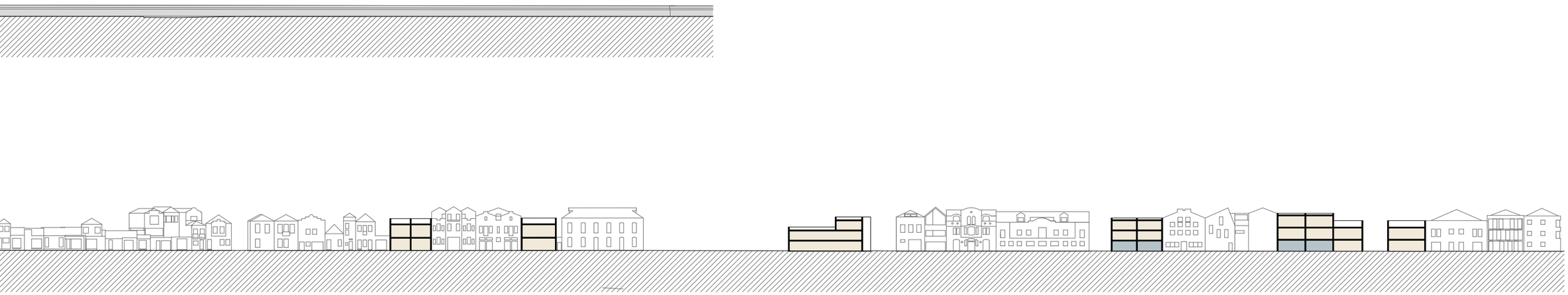


Legenda

Propostas
Demolições
Habitção
Comércio
Serviços

Fig. 151 - Conjunto de perfis das zonas Z2 e Z3.


9,9
9,9
7,8
10,3
10
11,1
9,3
9,3



Edificio	Cércea	Número de Pisos	Programa
1	7,3 m	2	Habitação
2	7,3 m	2	Habitação
3	9,1 m	3	Habitação Comércio
4	9,1 m	3	Habitação Comércio
5	8,0 m	3	Habitação Comércio
6	8,0 m	3	Habitação Comércio
7	5,8/8,3 m	3	Habitação
8	7,9 m	2	Habitação
9	7,9 m	2	Habitação
10	7,9 m	2	Habitação
11	7,4 m	2	Habitação
12	7,4 m	2	Habitação
13	8,5 m	3	Habitação
14	10,6 m	3	Habitação Serviços
15	10,6 m	3	Habitação Serviços
16	10,6 m	3	Habitação
17	10,6 m	3	Habitação
18	5,0/7,1 m	1	Cultural

Fig. 152 - Tabela de informação dos edifícios propostos nas zonas Z2 e Z3.

Zona 3

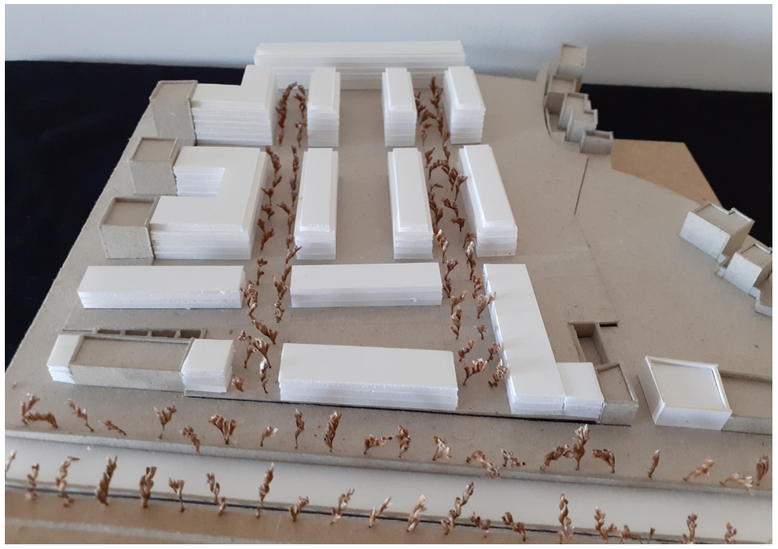


Fig. 153 - Maqueta, onde se observa a solução proposta na zona Z4.

Fig. 154 - Planta atual da zona Z4.

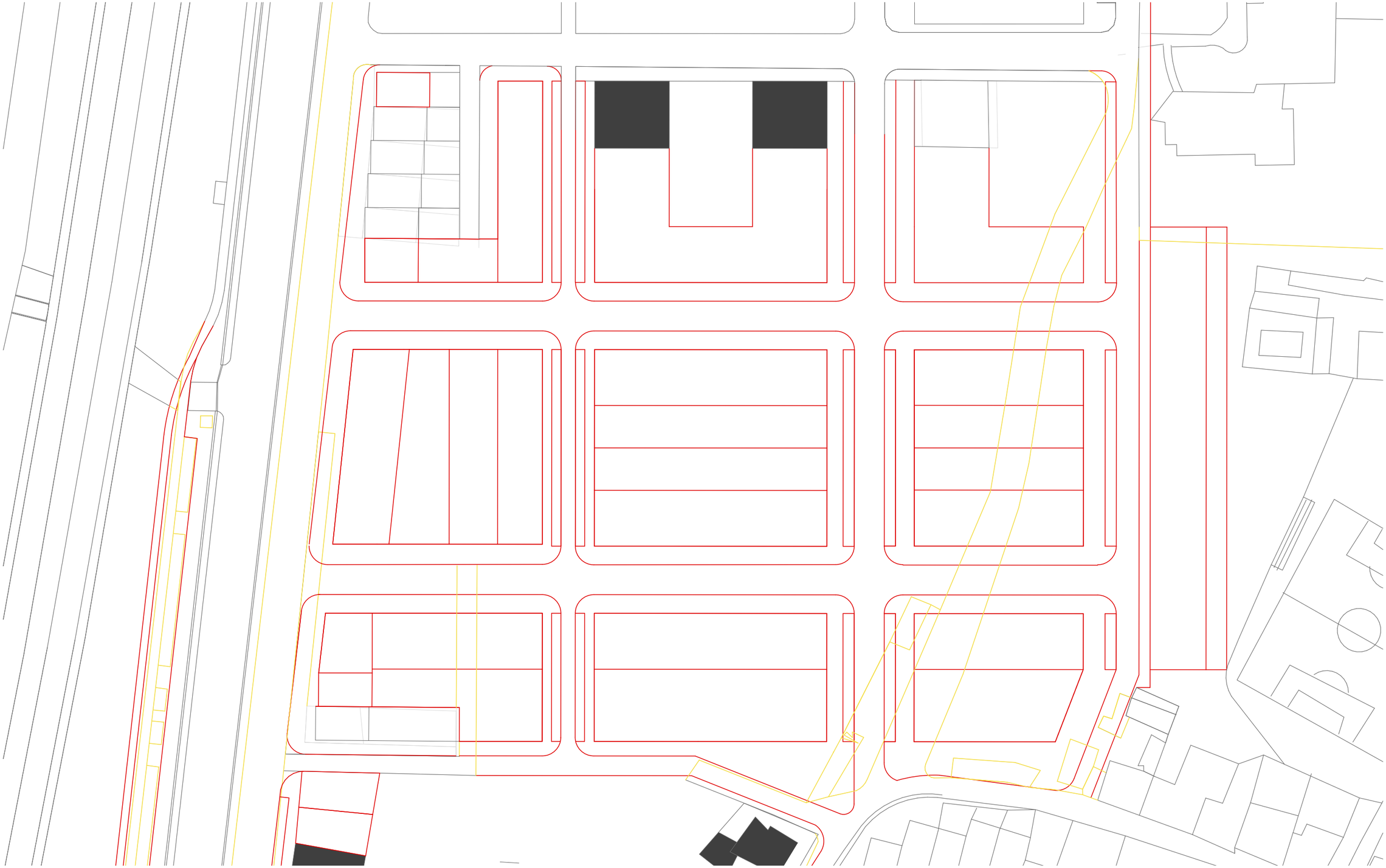
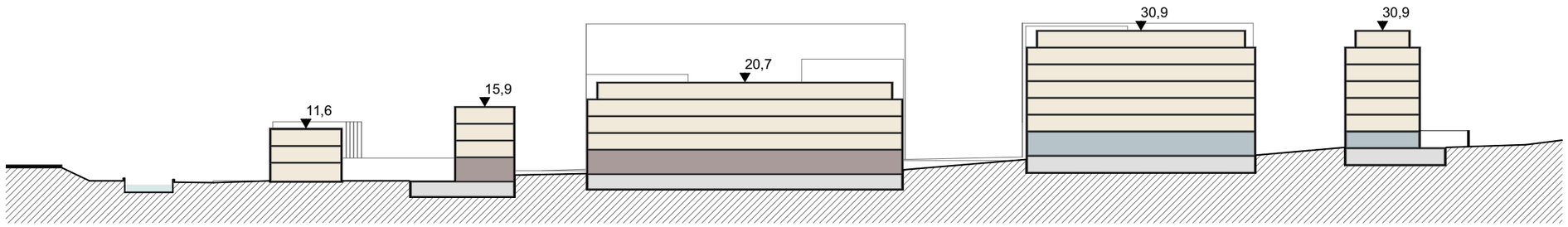


Fig. 155 - Planta da zona Z4, onde se observam as demolições e intervenções a realizar.

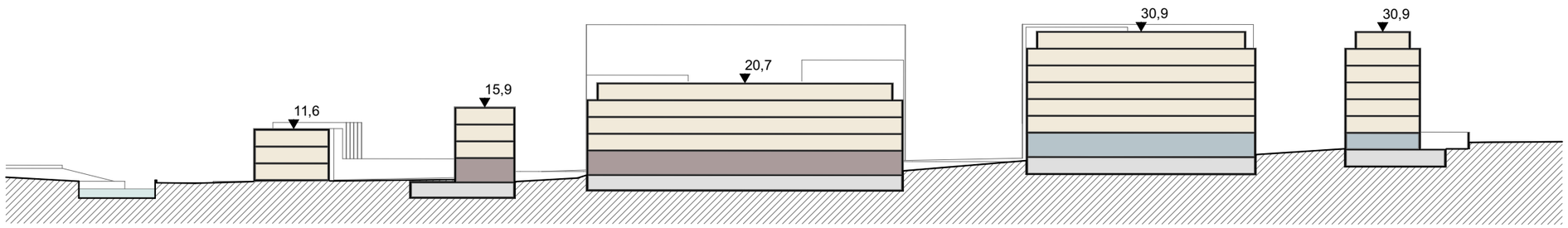
Fig. 156 - Planta da zona Z4, onde se evidencia as áreas de espaço público.

Fig. 157 - Planta da zona Z4, onde se observa a solução proposta.

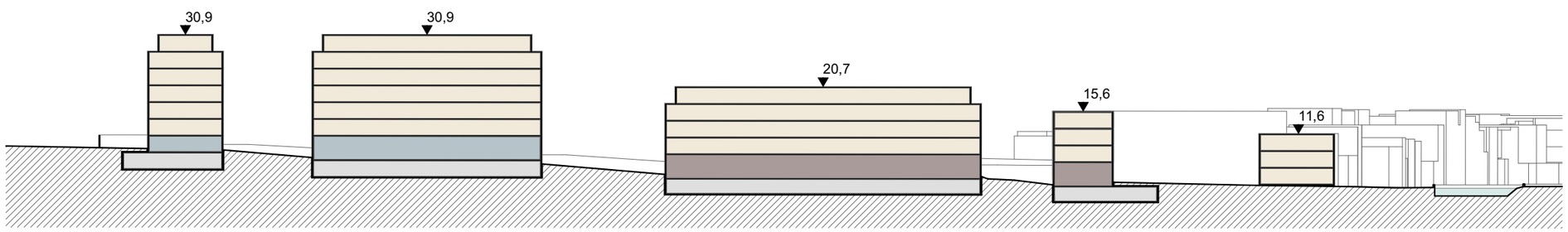
Perfil AA' I Escala 1:1000



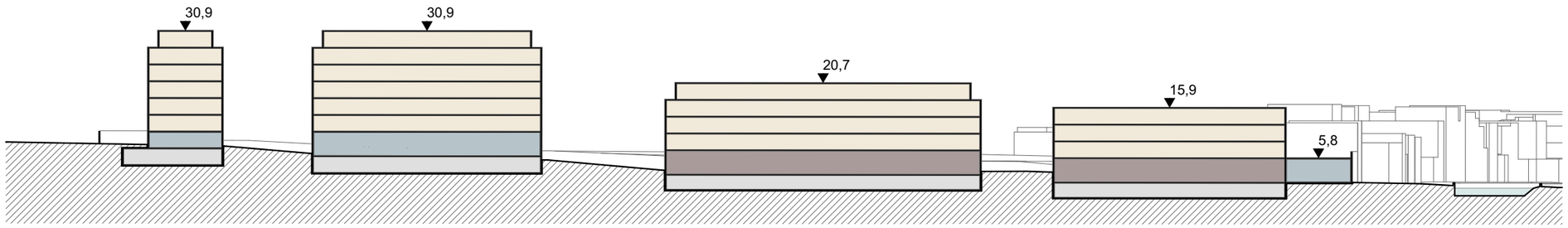
PerfilBB' I Escala 1:1000



Perfil CC' I Escala 1:1000



Perfil DD' I Escala 1:1000



Legenda

Habitção
Serviços
Comércio
Estacionamento

Fig. 158 - Conjunto de perfis da zona Z4..

Edificio	Cércea	Número de Pisos	Programa	Acesso
1	24,6	7	Habitação Comércio	Vert. Múltiplo
2	18,0	5	Habitação Serviços	Vert. Múltiplo
3	14,7	4	Habitação	Direto
4	10	3	Habitação Serviços	Galeria
5	24,6	7	Habitação Comércio	Vert. Múltiplo
6	18,0	5	Habitação Serviços	Vert. Múltiplo
7	24,6	7	Habitação Comércio	Vert. Múltiplo
8	18,0	5	Habitação Serviços	Vert. Múltiplo
9	14,7	4	Habitação Serviços	Galeria
10	10	3	Habitação	Direto
11	23,1	7	Habitação Comércio	Vert. Múltiplo
12	24,6	7	Habitação Comércio	Vert. Múltiplo
13	18,0	5	Habitação Serviços	Vert. Múltiplo
14	14,7	4	Habitação Serviços	Vert. Múltiplo

Fig. 159 - Tabela de informação dos edifícios propostos na zona Z4.

5.3 Reflexão

Torna-se pertinente desenvolver uma reflexão quanto ao propósito deste plano. Uma autorreflexão crítica perante as alterações apresentadas, exprimindo as qualidades e os constrangimentos daquilo que se resolveu e do que ficou por resolver.

Na primeira zona (Z1) desenhou-se a ligação do Rossio ao cais do Paraíso, numa intenção semelhante à do Plano Polis, que contribui para solucionar a escassez de pontos de travessia do canal Central, sendo um momento de ligação importante no extremo oposto desta via de água. Essa ponte evita a constante necessidade deslocação até à Ponte Praça para a travessia.

Importa referir que a relevância dada à criação de zonas verdes esteve presente em todos os planos analisados. Deste modo, propôs-se igualmente uma zona verde com impacto na cidade, cujos percursos são ditados pela posição da nova ponte e pelo espaço público do bairro do Alboi. Assim, resultando na dinamização de zonas de passeio junto ao centro histórico. A proposta destas vias pedonais aliada aos espaços de percurso do Parque Municipal criou a possibilidade de atravessamento da cidade, da zona da *Universidade de Aveiro* até ao centro histórico, por um corredor verde, o que vai ao encontro do objetivo da Câmara em priveligiar os espaços pedonais face aos viários.

Apesar de englobado na primeira zona, decidiu-se não intervir no Rossio, no entanto, este carece de rearranjo formal. Também se constata a necessidade de um esquema viário mais organizado. Toda a zona indicia a falta de equipamentos de estacionamento e o plano não contempla uma resposta. Na realidade, existem já projetos que visam a solução dessa questão, mas, por obstáculos vários, encontram-se interrompidos.

Quanto à segunda zona (Z2), a primeira intervenção foi a criação de uma frente arbórea e uma redefinição das dimensões do passeio e da estrada, que objetivam um maior conforto ao percurso pela marginal sul do canal. A implantação das árvores ao longo desta linha de água garante, ainda, um filtro visual à autoestrada, amenizando a sua presença.

Relativamente às alterações de edificado, propôs-se a demolição de vários edifícios para acerto de cérceas e volumetrias, o que proporciona, pontualmente, um alçado mais conciso. Esta foi já uma das preocupações trabalhadas no plano de Fernando Távora. Devido à complexidade da composição da malha urbana, tornou-se impossível a conceção de uma frente regida por uma só matriz de desenho, uma vez que para esse objetivo seria necessária a demolição dos

bairros que perfazem a frente do canal de S. Roque. Como tal, aceitou-se a diversidade do espaço e incorporou-se essa condição no plano.

Adicionalmente, foram propostos mais dois momentos de travessia entre as duas margens do canal de São Roque, sendo que uma das novas pontes reforça a implantação do equipamento cultural. Como última intevençao na Z2, alterou-se a posição da ponte viária, criando uma maior relação com as restantes vias da cidade e resolvendo a obstrução visual do espaço do canal que a anterior impunha.

Quanto à terceira zona (Z3), como atrás referido, implantou-se um grande equipamento cultural capaz de dinamizar as artes e que visa contribuir para colmatar o parco investimento que se tem observado nessa área e que, simultaneamente, pode potenciar a ambicionada candidatura de Aveiro a capital europeia da cultura em 2027. A ausência de edifícios com aquela função já havia sido notada pela dupla Moreira da Silva, o que os motivou a propor zonas de interesse público. Para complemento de desenho, acrescentam-se no Plano espaços públicos regulares, de apoio ao equipamento proposto e também predispostos ao uso de lazer.

Em relação com as intervenções indicadas para este lado do canal, desenhou-se um espaço público mais regular, zonas verdes, passeios e praças. Por sua vez, a criação de uma frente arbórea junto à linha de água resulta num maior conforto para quem percorre o espaço. Uma intervenção semelhante, quanto à arborização das margens do canal, já constava no Plano Polis, não tendo contudo sido concretizada. Ainda quanto ao espaço público, afastou-se a estrada do Canal de S. Roque e diminui-se a área de estacionamento, contendo-a entre a autoestrada e a nova estrada. Assim, reduziu-se a presença automóvel junto ao canal, e nas zonas de percurso na marginal deste, e aumentou-se concomitantemente a área de espaço público.

Devido às condições do terreno foi impossível criar uma frente edificada e consolidada do lado norte do canal. Em resultado, apesar das intervenções propostas, o plano apenas parcialmente se mostra capaz de abstrair a presença da autoestrada.

Perante as questões consideradas mais prementes da zona Z4, constata-se que o Plano colmata as iniciativas de edificação desse lugar. Pode observar-se que a implantação e desenho dos edifícios propostos estão condicionados pelos volumes do seu contexto. Os edifícios que se apresentam fazem ainda a frente do canal e rematam e escondem as traseiras do quartel. Quanto à abertura de novos arruamentos, as intervenções nesta zona possibilitam a ligação entre o

canal e a zona da cidade já consolidada.

Como já observado, a zona Z4 já havia sido alvo de intervenções por parte dos arquitetos Moreira da Silva, através da implantação de um conjunto habitacional organizado por um traçado ortogonal, nunca chegando a ser edificado.

Esta nova organização urbana, presente no plano, veio a clarificar o desenho deste lugar e a ordená-lo. Não obstante, a sua matriz reguladora possibilita a expansão da cidade para poente, se se decidir continuar a densificar estes lugares próximos do Canal de São Roque. Igualmente, a continuação da expansão da malha urbana para nascente não é condicionada pela intervenção.

Referidas as ações de intervenção nas zonas do território em estudo, ponderam-se as limitações no Plano desenvolvido.

Na zona 1, perante as implicações da demolição do edifício plurifamiliar, aceita-se que este se transforma num elemento ruidoso junto ao novo espaço verde criado.

Considerando a zona Z2, no Plano não se desenha uma frente para a totalidade do canal, devido à existência de um quarteirão cujos edifícios viram as traseiras para esse espaço. Para evitar soluções como a de demolição do quarteirão, ou a da divisão dos lotes e transformação da frente de garagens em novo edificado, aceitou-se preservar a sua volumetria.

No novo desenho da terceira zona (Z3), a praça de receção à Ponte dos Botirões não abstrai por completo o ambiente da autoestrada.

Por último, referem-se os aspetos relativas aos edifícios da zona Z4. Devido aos novos volumes do contexto pode considerar-se que a edificação proposta é um pouco densa comparativamente à zona, pelo número de edifícios e pela sua altura. Outro aspeto a ter em conta refere-se ao edificado unifamiliar que condiciona fortemente as vias a poente, e consequentemente a frente destas ruas é feita pelos muros de loteamento dos edifícios.

Considerações Finais

"*Uma cidade é uma organização mutável com fins variados, um conjunto com muitas funções criado por muitos, de um modo relativamente rápido. Uma especialização total, uma engrenagem perfeita* (...). *A forma tem, de certo modo, que ser não comprometedora, moldável aos propósitos e às perceções dos cidadãos*."[143].

[143] **LYNCH, Kevin** - *A Imagem da Cidade*. (p. 95).

A realização da presente dissertação considera-se de especial relevância por duas principais razões. Por um lado, permitiu todo um estudo, maioritariamente histórico e urbano, quanto a uma realidade espacial próxima do autor. Por outro, pela elaboração da solução desenvolvida que, pertinentemente, dá resposta a várias insuficiências da cidade.

A presença marcante e histórica das linhas de água na região de Aveiro foi, durante vários séculos, a imagem da cidade. Nessas épocas a ria era o motor económico, demográfico e industrial e era o elemento definidor de uma sociedade e cultura. Como realidade urbana dependente da ria, a estabilidade de Aveiro, assim como a sua evolução, estava entregue à estabilidade daquela. Consequentemente, a espontaneidade de crescimento associada à influência do corpo lagunar sobre a cidade, por sua vez aliada à construção vernacular, resultou numa composição urbana sem ordem e organização que não se definia como um todo.

Num universo, aparentemente livre de diretrizes urbanas, mas que se poderia afirmar desenhado pelas linhas de água que o trespassavam, Aveiro aparece no século XX com uma composição orgânica marcada pela severidade da Ria. Assim, numa época caracterizada pela experimentação de estratégias urbanísticas, a índole natural da espacialidade urbana de Aveiro mostrou-se uma condição essencial para aí se conduzirem diversos estudos de planeamento.

Apesar de contínuos investimentos na requalificação e expansão da cidade foram mais as ações que ficaram em papel do que as materializadas, caracterizando-se os planos produzidos pela incompletude na sua aplicação. No entanto, não se pode desprezar o impacto que estes tiveram enquanto motores de mudança do paradigma da realidade urbana Aveirense, na qual já se sentiam melhorias notórias. Num século de grandes mudanças e intervenções, os canais, os elementos mais singulares da cidade, pareciam os únicos a reter o património histórico na sua imagem.

O momento do trabalho, que se insere nos primeiros três capítulos, focalizado na consolidação de um conhecimento contextual de uma realidade material, permitiu o desenvolvimento de uma abordagem ao desafio projetual com base na estrutura identitária, como meio de enumeração e explicitação de premissas e diretrizes regentes da ação de planeamento.

Ao longo daqueles capítulos, as respostas e entendimentos quanto às questões de como é a cidade, como foi a cidade e como se agiu sobre a cidade revelaram-se essenciais para construir uma relação entre a identidade histórica de uma realidade urbana e a identidade que ambiciona ter. Processo subjetivo, pois depende da interpretação dos factos por parte de quem quer agir, mas

significante para gerir as ações de planeamento e mudança, objetivando um interesse de conjunto.

Das informações recolhidas surgiram as primeiras premissas e inquietações a trabalhar no plano, escolhendo-se os espaços junto aos canais para atuar, devido à sua resiliência perante as mudanças do tempo, mas também ao simbólico património no qual a cidade de Aveiro se revê.

Entendeu-se, na argumentação contextual do primeiro momento do trabalho, que os tempos contemporâneos, além de não comportarem ações de requalificação das linhas de água, se caracterizam por um processo interventivo que progressivamente desconstrói a excecionalidade destas no panorama da cidade.

Crucial para a elaboração de uma proposta de cariz urbano foi também a apreensão do território a intervir. Ver, percorrer, entender e sentir a espacialidade que o lugar evoca são, inevitavelmente, ações necessárias à prática da transformação do espaço, mesmo que algumas das intuições de projeto e planeamento sejam inconscientes.

Uma vez escolhido um lugar e estudada a sua contextualização atual, histórica e de planeamento urbano, o estudo foi guiado para um propósito projetual. Ou seja, a elaboração de um plano urbano que permitiu a realização, desenhada e escrita, de uma solução que se pudesse afirmar síntese dos pressupostos desenvolvidos ao longo do trabalho.

No entanto, não se pode basear o processo projetual unicamente na contextualização da realidade, ou na experiência pessoal, a ação tem de ter propósito. Deste modo, enumeraram-se algumas das carências que a cidade demonstra nos espaços junto aos canais, com o objetivo de se transformarem em dados de projeto. Ou seja, após a criação de um conhecimento sobre esta realidade, Aveiro, foi necessária a construção da inquietação projetual à qual se produziria uma resposta, neste caso uma proposta urbana.

Assim, nos últimos momentos da dissertação desenvolveu-se uma solução. Explorando a relação entre as necessidades programáticas contemporâneas e a intervenção em preexistência, o plano foi desenvolvido para dar resposta a quatro grandes zonas, com necessidades bastante distintas, nas quais se desenvolveram soluções de natureza diversa. A criação de espaços públicos, a requalificação da frente de linhas de água, a ampliação da esfera cultural, e a reorganização do espaço urbano foram as principais premissas de desenho.

Apesar da divisão do território, para uma melhor gestão das intervenções a

projetar, e das diferentes características inerentes a cada uma, o conceito de uma visão global, e do todo, foi sempre uma preocupação no desenvolver da solução. Para atingir esta finalidade recorreu-se ao redesenho de espaços pedonais e viários e à redefinição da imagem dos canais como corredores arbóreos.

Devido à natureza deste trabalho, e tratando-se esta proposta de um exercício projetual fruto de uma motivação pessoal, a necessidade de uma autorreflexão crítica surge, naturalmente após a apresentação do plano. Nesse subcapítulo pretendeu-se compreender a limitação das ações de intervenção. A cidade mostra-se como um corpo altamente complexo, e não se pode desprezar a diversidade que a componente social adiciona no ambiente urbano. Assim, deve reconhecer-se que qualquer transformação urbana, apesar da qualidade de resposta, tem sempre uma limitação perante aquilo que se tenta resolver.

Em conclusão, quer afirmar-se que a realização deste trabalho permitiu compreender a pertinência e por em prática todo um conjunto de saberes, que caracterizam um percurso académico em arquitetura, através da elaboração de um plano urbano, materializando-se numa síntese de história, teoria, desenho e projeto.

"*Creio que o aprendizado, em arquitectura, signifique exactamente uma ampliação da área das referências. Quando se começa, é quase sempre uma figura carismática que nos interessa de modo particular e, consequentemente, nos influencia de maneira determinante*. (...) *A articulação destas influências é um acto de criação irrepetível. O arquitecto trabalha manipulando a memória, disso não há dúvida, conscientemente mas a maioria das vezes subconscientemente. O conhecimento, a informação, o estudo dos arquitectos e da história da arquitectura tendem ou devem tender a ser assimilados, até se perderem no inconsciente ou no subconsciente de cada um.*"[144].

[144] **SIZA, Álvaro –** *Imaginar a Evidência*. (p. 35 e 37).

Referências

Bibliografia

AMORIM, Inês - *Aveiro e Sua Provedoria no Séc. XVIII (1690-1814): Estudo Económico de um Espaço Histórico*. Porto: Universidade do Porto, Faculdade de Letras, 1996. Dissertação de Doutoramento.

ARROTEIA, Jorge Carvalho - *Aveiro: Aspectos Geográficos e do Desenvolvimento Urbano*. Aveiro: Câmara Municipal de Aveiro, 1997.

AUGÉ, Marc - *Não Lugares: Introdução a uma Antropologia da Sobremodernidade*. Lisboa: 90º Editora, 2005.

AUZELLE, Robert - *Plano Director da Cidade de Aveiro*. Aveiro, 1964.

BRANCO, Maria João - *Aveiro Medieval*. Aveiro: Câmara Municipal de Aveiro, 1991.

BRANDÃO, Mariana Soares - *Quinta do Tanque em Ponta Delgada, Desígnios de Projeto entre Gerações: (de)Composição de uma Intervenção Próxima.* Porto: Universidade do Porto, Faculdade de Arquitectura, 2020. Dissertação de Mestrado.

BRANDÃO, Raul - *Os Pescadores*. Guimarães: Opera Omnia, 2018.

CALVINO, Italo - *As Cidades Invisíveis*. Alfragide: Publicações Dom Quixote, 2016.

CHRISTO, António; GASPAR, João Gonçalves - *Calendário Histórico de Aveiro*. Aveiro: Câmara Municipal de Aveiro, 1986.

CRUZ, Sara Ventura - *Aveiro, a Avenida: Bases para um Plano*. Coimbra: Universidade de Coimbra, Departamento de Arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologia, 2011. Dissertação de Mestrado.

CURADO, Maria José; ALMEIDA, João - *Evolução Urbana de Aveiro: Espaços e Bairros com Origem entre os Séculos XV e XIX*. Aveiro: Sana, 2019.

FERREIRA, Alfredo Matos - *Aspectos da Organização do Espaço Português*. Porto: Universidade do Porto, Faculdade de Arquitectura, 1995.

GASPAR, João Gonçalves - *A Princesa Santa Joana e a Sua Época*. Aveiro: Câmara Municipal de Aveiro, 1988.

GASPAR, João Gonçalves - *Aveiro na História*. Aveiro: Câmara Municipal de Aveiro, 1997.

GRANDE, Nuno - *O Verdadeiro Mapa do Universo*. Coimbra: Universidade de Coimbra, Departamento de Arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologia,

2002.

HALBWACHS, Maurice - *La Mémoire Collective.* Paris: PUF, 1968.

LÔBO, Margarida Souza - *Planos de Urbanização: A Época de Duarte Pacheco*. Porto: Universidade do Porto, Faculdade de Arquitectura, 1995.

LYNCH, Kevin - *A Imagem da Cidade*. Lisboa: Edições 70, 2020.

MADAHIL, António Rocha - *Milenário de Aveiro*. Aveiro: Câmara Municipal de Aveiro, 1959.

MENDES, Carlos Galante - *Arranjo da Zona Central de Aveiro, de Fernando Távora (1962-67)*. Coimbra: Universidade de Coimbra, Departamento de Arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologia, 2016. Dissertação de Mestrado.

MONEO, Rafael - *Remarks on 21 Works*. Nova Iorque: The Monacelli Press, 2010.

NEVES, Amaro - *Judeus e Cristãos-Novos de Aveiro e a Inquisição*. Aveiro: Fedrave, 1997.

NEVES, Amaro; FERREIRA, Delfim Bismarck - *História de Aveiro: Sínteses e Perspectivas*. Aveiro: Câmara Municipal de Aveiro, 2009.

PATRÃO, Paulo Saraiva - *Aveiro: Cidade e Arquitectura (uma) Leitura do Espaço Urbano*. Coimbra: Universidade de Coimbra, Departamento de Arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologia, 2000.

PESSOA, Fernando - *Livro do Desassossego.* Porto: Book Cover Editora, 2020.

PINA, João Pedro - *A Cidade do Sal*. Coimbra: Universidade de Coimbra, Departamento de Arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologia, 2014. Dissertação de Mestrado.

PROGRAMA POLIS - *Viver Aveiro: Programa Polis: Plano Estratégico*. Lisboa: Programa Polis - MAOT, 2001.

ROSSI, Aldo - *A Arquitetura da Cidade*. Lisboa: Cosmos, 2001.

SILVA, Cristina Ramos - *Aveiro: Território e Cidade: Arqueologia de uma Forma Urbana*. Coimbra: Universidade de Coimbra, Departamento de Arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologia, 1999. Prova final de licenciatura.

SILVA, David Moreira da; SILVA, Maria Moreira da - *Anteplano de Urbanização da Cidade de Aveiro: Peças Escritas*. Porto, 1948.

SILVA, David Moreira da; SILVA, Maria Moreira da - *Anteplano de Urbanização da Cidade de Aveiro: Peças desenhadas*. Porto, 1960.

SIZA, Álvaro - *01 Textos*. Lisboa: Parceria A. M. Pereira, 2019.

SIZA, Álvaro - *02 Textos*. Lisboa: Parceria A. M. Pereira, 2018.

SIZA, Álvaro - *Imaginar a Evidência*. Lisboa: Edições 70, 2019.

TÁVORA, Fernando - *Da Organização do Espaço*. Porto: Universidade do Porto, Faculdade de Arquitectura, 2006.

TÁVORA, Fernando - *Memória Descritiva e Justificativa do Arranjo Arquitectónico e Urbanístico da Zona Central: Estudo Prévio*. Porto, 1963.

ZEVI, Bruno - *Saber Ver a Arquitectura*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

Páginas Web

http://aveiro-espaco-tempo-memoria.blogspot.com/

https://www.cm-aveiro.pt/

http://www.monumentos.gov.pt/

https://patrimonioreligiosodeaveiro.blogspot.com/

Referências de Imagens

Introdução

Fig. 1 – Aspecto da cheia, na Rua de João Mendonça. Fotografia de 1910. Disponível: *Aveiro Antigo*. (p. 113).

1. Imagem

Fig. 2 – Vista aérea do Centro Histórico. Fotografia da década de 1960. Disponível: Arquivo Fundação Instituto Marques da Silva: FIMS_FT_0126-02-0025

Fig. 3 – Planta dos principais limites da cidade de Aveiro e respetivas fotografias. Escala 1:10000. Desenho de autor.

Fig. 4 – Vista aérea da autoestrada A25. Disponível: https://www.google.com/maps/place/Aveiro

Fig. 5 – Vista aérea do Canal do Cojo. Disponível: https://www.google.com/maps/place/Aveiro

Fig. 6 – Vista aérea da Avenida Europa. Disponível: https://www.google.com/maps/place/Aveiro

Fig. 7 – Vista aérea de parte da Ria de Aveiro junto à cidade. Disponível: https://www.google.com/maps/place/Aveiro

Fig. 8 – Planta das principais vias da cidade de Aveiro e respetivas fotografias. Escala 1:10000. Desenho de autor.

Fig. 9 – Vista da frente da Rua João Mendonça. Fotografia de autor.

Fig. 10 – Vista da frente da Rua do Clube dos Galitos. Fotografia de autor.

Fig. 11 – Vista da Avenida da Universidade. Fotografia de autor.

Fig. 12 – Vista da Avenida Dr. Lourenço Peixinho. Disponível: https://www.cm-aveiro.pt/municipio/comunicacao/noticias/noticia/arranca-obra-da-av-dr-lourenco-peixinho

Fig. 13 – Vista da Avenida 5 de Outubro. Fotografia de autor.

Fig. 14 – Vista da Avenida 25 de Abril. Fotografia de autor.

Fig. 15 – Vista da Avenida Santa Joana. Fotografia de autor.

Fig. 16 – Planta das principais zonas da cidade de Aveiro e respetivas fotografias. Escala 1:10000. Desenho de autor.

Fig. 17 – Vista aérea da área do Fórum Aveiro. Disponível: https://www.google.com/maps/place/Aveiro

Fig. 18 – Vista aérea da área do Bairro de Beira-Mar e Jardim do Rossio. Disponível: https://www.google.com/maps/place/Aveiro

Fig. 19 – Vista aérea da área da Universidade de Aveiro. Disponível: https://www.google.com/maps/place/Aveiro

Fig. 20 – Vista aérea da área do Cais da Fonte Nova. Disponível: https://www.google.com/maps/place/Aveiro

Fig. 21 – Vista aérea da área do Bairro do Liceu. Disponível: https://www.google.com/maps/place/Aveiro

Fig. 22 – Vista aérea da área do Parque Municipal. Disponível: https://www.google.com/maps/place/Aveiro

Fig. 23 – Vista aérea da área do Bairro de Santiago. Disponível: https://www.google.com/maps/place/Aveiro

Fig. 24 – Planta dos principais cruzamentos da cidade de Aveiro e respetivas fotografias. Escala 1:10000. Desenho de autor.

Fig. 25 – Vista aérea da Praça do Peixe. Disponível: https://www.google.com/maps/place/Aveiro

Fig. 26 – Vista aérea da Ponte Praça. Disponível: https://www.google.com/maps/place/Aveiro

Fig. 27 – Vista aérea da Rotunda do Hospital. Disponível: https://www.google.com/maps/place/Aveiro

Fig. 28 – Vista aérea da Praça 14 de Julho. Disponível: https://www.google.com/maps/place/Aveiro

Fig. 29 – Vista aérea da Praça da República. Disponível: https://www.google.com/maps/place/Aveiro

Fig. 30 – Vista aérea da Rotunda Santa Joana. Disponível: https://www.google.com/maps/place/Aveiro

Fig. 31 – Vista aérea da Praça Marquês de Pombal. Disponível: https://www.google.com/maps/place/Aveiro

Fig. 32 – Planta dos principais pontos marcantes da cidade de Aveiro e respetivas fotografias. Escala 1:10000. Desenho de autor.

Fig. 33 – Vista do edifício Aveiro Palace. Fotografia de autor.

Fig. 34 – Vista do edifício da Antiga Capitania. Fotografia de autor.

Fig. 35 – Vista do edifício da Câmara Municipal. Fotografia de autor.

Fig. 36 – Vista do edifício do Museu de Santa Joana. Fotografia de autor.

Fig. 37 – Vista do edifício da Segurança Social. Fotografia de autor.

Fig. 38 – Vista do edifício da antiga Estação de Aveiro. Fotografia de autor.

Fig. 39 – Vista do edifício do Centro de Congressos de Aveiro. Fotografia de autor.

Fig. 40 – Vista do edifício da Sé de Aveiro. Fotografia de autor.

Fig. 41 – Planta das inter-relações dos elementos urbanos da cidade de Aveiro e respetivas fotografias. Escala 1:10000. Desenho de autor.

Fig. 42 – Vista aérea da zona de Beira-Mar. Disponível: https://www.google.com/maps/place/Aveiro

Fig. 43 – Vista aérea do Cais da Fonte Nova. Disponível: https://www.google.com/maps/place/Aveiro

Fig. 44 – Vista aérea do Centro Religioso e Cultural. Disponível: https://www.google.com/maps/place/Aveiro

Fig. 45 – Vista aérea do Centro da Cidade. Disponível: https://www.google.com/maps/place/Aveiro

Fig. 46 – Planta da imagem da cidade de Aveiro com base na planta da imagem de Boston. Escala 1:10000. Desenho de autor.

2. Momento

Fig. 47 – Vista da zona muralhada da antiga Vila de Aveiro. Gravura do século XVIII. Disponível: https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Muralhas_de_Aveiro.jpg

Fig. 48 – Vista da costa aveirense. Gravura do século XVIII. Disponível: Atlas de Pedro Teixeira de 1634.

Fig. 49 – Planta da contextualização geográfica histórica da beira litoral e da cidade de Aveiro. Escala 1:250000. Desenho de autor.

Fig. 50 – Planta da evolução da Barra na costa da beira litoral. Escala 1:250000. Desenho de autor.

Fig. 51 – Planta da Vila de Aveiro no final do século XV. Escala 1:10000. Desenho de autor com base em desenhos já existentes.

Fig. 52 – Planta dos espaços públicos e privados da Vila de Aveiro no final do século XV. Escala 1:10000. Desenho de autor com base em desenhos

já existentes.

Fig. 53 – Planta da Vila de Aveiro no final do século XVI. Escala 1:10000. Desenho de autor com base em desenhos já existentes.

Fig. 54 – Planta dos espaços públicos e privados da Vila de Aveiro no final do século XVI. Escala 1:10000. Desenho de autor com base em desenhos já existentes.

Fig. 55 – Planta da cidade de Aveiro no final do século XVIII. Escala 1:10000. Desenho de autor com base em desenhos já existentes.

Fig. 56 – Planta dos espaços públicos e privados da cidade de Aveiro no final do século XVIII. Escala 1:10000. Desenho de autor com base em desenhos já existentes.

Fig. 57 – Planta da cidade de Aveiro no final do século XIX. Escala 1:10000. Desenho de autor com base em desenhos já existentes.

Fig. 58 – Planta dos espaços públicos e privados da cidade de Aveiro no final do século XIX. Escala 1:10000. Desenho de autor com base em desenhos já existentes.

Fig. 59 – Planta da cidade de Aveiro em 1950. Escala 1:10000. Desenho de autor com base em desenhos já existentes.

Fig. 60 – Planta dos espaços públicos e privados da cidade de Aveiro em 1950. Escala 1:10000. Desenho de autor com base em desenhos já existentes.

Fig. 61 – Planta atual da cidade de Aveiro. Escala 1:10000. Desenho de autor.

Fig. 62 – Planta atual dos espaços públicos e privados da cidade de Aveiro. Escala 1:10000. Desenho de autor.

3. Ordem

Fig. 63 – Foto da maqueta do *Plano de Pormenor da Área Central para Aveiro*. Disponível: https://arquivoatom.up.pt/index.php/arranjo-da-zona-central

Fig. 64 – Planta das zonas já existentes na altura do *Anteplano de Urbanização da Cidade de Aveiro*. Escala 1:10000. Desenho de autor com base nos desenhos originais.

Fig. 65 – Planta das intervenções do *Anteplano de Urbanização da Cidade de Aveiro*. Escala 1:10000. Desenho de autor com base nos desenhos originais.

Fig. 66 – Planta das zonas a criar no *Anteplano de Urbanização da Cidade de Aveiro*. Escala 1:10000. Desenho de autor com base nos desenhos originais.

Fig. 67 – Planta das zonas da cidade resultantes do *Anteplano de Urbanização da Cidade de Aveiro*. Escala 1:10000. Desenho de autor com base nos desenhos originais.

Fig. 68 – Planta das zonas já existentes à data do *Plano Director da Cidade de Aveiro*. Escala 1:10000. Desenho de autor com base nos desenhos originais.

Fig. 69 – Planta das zonas a criar no *Plano Director da Cidade de Aveiro*. Escala 1:10000. Desenho de autor com base nos desenhos originais.

Fig. 70 – Planta da rede de circulação a criar no *Plano Director da Cidade de Aveiro*. Escala 1:10000. Desenho de autor com base nos desenhos originais.

Fig. 71 – Planta das zonas da cidade resultantes do *Plano Director da Cidade de Aveiro*. Escala 1:10000. Desenho de autor com base nos desenhos originais.

Fig. 72 – Planta do centro histórico à data do *Plano de Pormenor da Área Central*. Escala 1:2500. Desenho de autor com base nos desenhos originais.

Fig. 73 – Planta das intervenções do *Plano de Pormenor da Área Central*. Escala 1:2500. Desenho de autor com base nos desenhos originais.

Fig. 74 – Planta da proposta do Bairro de Santiago do *Plano Geral de Urbanização*. Escala 1:5000. Desenho de autor com base nos desenhos originais.

Fig. 75 – Planta da proposta da Universidade de Aveiro do *Plano Geral de Urbanização*. Escala 1:5000. Desenho de autor com base nos desenhos originais.

Fig. 76 – Planta da proposta de articulação do Bairro de Santiago e da Universidade de Aveiro do *Plano Geral de Urbanização*. Escala 1:5000. Desenho de autor.

Fig. 77 – Planta das intervenções do *Plano Estratégico do Polis de Aveiro*. Escala 1:10000. Desenho de autor com base nos desenhos originais.

Fig. 78 – Planta das zonas a criar no *Plano Estratégico do Polis de Aveiro*. Escala 1:10000. Desenho de autor com base nos desenhos originais.

Fig. 79 – Planta das zonas da cidade resultantes do *Plano Estratégico do Polis de Aveiro*. Escala 1:10000. Desenho de autor com base nos desenhos originais.

4. Lugar

Fig. 80 – A nova ponte dos Carcavelos, palheiros e montes de sal. Fotografia de 1953. Disponível: *Aveiro Antigo*. (p. 113).

Fig. 81 – Vista aérea do terreno a intervir no plano. Disponível: https://www.google.com/maps/place/Aveiro

Fig. 82 – Planta do percurso no terreno a intervir. Desenho de autor.

Fig. 83 – Planta do percurso na zona sul do canal de S. Roque e respetivas fotografias. Desenho de autor.

Fig. 84 – Vista do início do primeiro quarteirão. Fotografia de autor.

Fig. 85 – Vista do contraste entre arquiteturas no primeiro quarteirão. Fotografia de autor.

Fig. 86 – Vista do início do segundo quarteirão. Fotografia de autor.

Fig. 87 – Vista das novas construções no segundo quarteirão. Fotografia de autor.

Fig. 88 – Vista do início do terceiro quarteirão. Fotografia de autor.

Fig. 89 – Vista dos edifícios reabilitados no terceiro quarteirão. Fotografia de autor.

Fig. 90 – Vista do quarto quarteirão. Fotografia de autor.

Fig. 91 – Vista da Ponte do Botirões. Fotografia de autor.

Fig. 92 – Vista do espaço do canal dos Botirões e do Mercado do Peixe. Fotografia de autor.

Fig. 93 – Planta do percurso na zona sul do canal de S. Roque e respetivas fotografias. Desenho de autor.

Fig. 94 – Vista do início do quinto quarteirão. Fotografia de autor.

Fig. 95 – Vista do quinto quarteirão. Fotografia de autor.

Fig. 96 – Vista do início do sexto quarteirão. Fotografia de autor.

Fig. 97 – Vista do sexto quarteirão. Fotografia de autor.

Fig. 98 – Vista da Ponte dos Carcavelos. Fotografia de autor.

Fig. 99 – Vista do sétimo quarteirão. Fotografia de autor.

Fig. 100 – Vista do início do oitavo quarteirão. Fotografia de autor.

Fig. 101 – Vista do final do oitavo quarteirão. Fotografia de autor.

Fig. 102 – Vista do início do último quarteirão. Fotografia de autor.

Fig. 103 – Planta do percurso na zona norte e sul do canal de S. Roque e respetivas fotografias. Desenho de autor.

Fig. 104 – Vista da ponte viária sobre o canal. Fotografia de autor.

Fig. 105 – Vista das novas construções no último quarteirão. Fotografia de autor.

Fig. 106 – Vista dos últimos edifícios dispersos no terreno a intervir. Fotografia de autor.

Fig. 107 – Vista das últimas habitações unifamiliares. Fotografia de autor.

Fig. 108 – Vista das últimas habitações unifamiliares. Fotografia de autor.

Fig. 109 – Vista do início do lado norte do canal. Fotografia de autor.

Fig. 110 – Vista do canal de S. Roque da Ponte dos Carcavelos. Fotografia de autor.

Fig. 111 – Vista da zona de estacionamento no lado norte do canal. Fotografia de autor.

Fig. 112 – Vista da zona de estacionamento no lado norte do canal. Fotografia de autor.

Fig. 113 – Planta do percurso na zona do Rossio e respetivas fotografias. Desenho de autor.

Fig. 114 – Vista do canal Central. Fotografia de autor.

Fig. 115 – Vista de uma típica habitação portuguesa no Rossio. Fotografia de autor.

Fig. 116 – Vista dos quarteirões junto ao estacionamento do Rossio. Fotografia de autor.

Fig. 117 – Vista dos quarteirões junto ao estacionamento do Rossio. Fotografia de autor.

Fig. 118 – Vista dos quarteirões junto à rotunda do Rossio. Fotografia de autor.

Fig. 119 – Vista do percurso entre o Rossio e o canal Central. Fotografia de autor.

Fig. 120 – Vista do percurso entre o Rossio e o canal Central. Fotografia de autor.

Fig. 121 – Vista do percurso entre o Rossio e o canal Central. Fotografia de autor.

Fig. 122 – Vista do largo do Rossio. Fotografia de autor.

Fig. 123 – Planta do percurso na zona do Cais do Paraíso e respetivas fotografias. Desenho de autor.

Fig. 124 – Vista de antigas habitações no início do Cais do Paraíso. Fotografia de autor.

Fig. 125 – Vista dos edifícios junto ao canal do Paraíso. Fotografia de autor.

Fig. 126 – Vista do início do espaço do canal do Paraíso. Fotografia de autor.

Fig. 127 – Vista do espaço do canal do Paraíso. Fotografia de autor.

Fig. 128 – Vista do espaço do canal do Paraíso. Fotografia de autor.

Fig. 129 – Vista do espaço do canal do Paraíso. Fotografia de autor.

5. Plano

Fig. 130 – Desenhos e esquissos do processo do plano. Fotografia de autor.

Fig. 131 – Planta das quatro zonas do terreno a intervir. Desenho de autor.

Fig. 132 – Planta das funções dos edifícios no terreno a intervir. Desenho de autor.

Fig. 133 – Planta das intenções do plano. Desenho de autor.

Fig. 134 – Fotografia da maqueta da solução proposta.

Fig. 135 – Planta atual do território a intervir. Desenho de autor.

Fig. 136 – Planta das intenções do plano. Desenho de autor.

Fig. 137 – Planta dos espaços públicos da proposta. Desenho de autor.

Fig. 138 – Planta dos espaços verdes da proposta. Desenho de autor.

Fig. 139 – Planta do edificado proposto. Desenho de autor.

Fig. 140 – Planta da solução proposta. Desenho de autor.

Fig. 141 – Fotografia da maqueta da solução proposta para a zona Z1.

Fig. 142 – Planta atual da zona Z1. Desenho de autor.

Fig. 143 – Planta de demolições e intervenções da zona Z1. Desenho de autor.

Fig. 144 – Planta do espaço público da zona Z1. Desenho de autor.

Fig. 145 – Planta da solução proposta na zona Z1. Desenho de autor.

Fig. 146 – Fotografia da maqueta da solução proposta para as zonas Z2 e Z3.

Fig. 147 – Planta atual das zonas Z2 e Z3. Desenho de autor.

Fig. 148 – Planta de demolições e intervenções das zonas Z2 e Z3. Desenho de autor.

Fig. 149 – Planta do espaço público das zonas Z2 e Z3. Desenho de autor.

Fig. 150 – Planta da solução proposta nas zonas Z2 e Z3. Desenho de autor.

Fig. 151 – Perfis das transformações nas zonas Z2 e Z3. Desenho de autor.

Fig. 152 – Tabela de informação dos edifícios das zonas Z2 e Z3. Desenho de autor.

Fig. 153 – Fotografia da maqueta da solução proposta para a zona Z4.

Fig. 154 – Planta atual da zona Z4. Desenho de autor.

Fig. 155 – Planta de demolições e intervenções da zona Z4. Desenho de autor.

Fig. 156 – Planta do espaço público da zona Z4. Desenho de autor.

Fig. 157 – Planta da solução proposta na zona Z4. Desenho de autor.

Fig. 158 – Perfis das transformações na zona Z4. Desenho de autor.

Fig. 159 – Tabela de informação dos edifícios da zona Z4. Desenho de autor.

Anexo

Fig. 160 – Planta da Imagem de Boston derivada das entrevistas verbais. Disponível: *A Imagem da Cidade*.

Fig. 161 – Representação das fases da formação da ria de Aveiro. Disponível: *Aveiro: Aspectos Geográficos e do Desenvolvimento Urbano.*

Fig. 162 – Representação da evolução da barra desde 1200 a 1808. Disponível: *Aveiro: Aspectos Geográficos e do Desenvolvimento Urbano.*

Fig. 163 – Planta do núcleo muralhado da Vila de Aveiro nos séculos XV e XVI. Disponível: *Aveiro: Aspectos Geográficos e do Desenvolvimento Urbano.*

Fig. 164 – Planta da Vila de Aveiro no final do século XVII. Disponível: *História de Aveiro: Sínteses e Perspectivas*.

Fig. 165 – Planta da Vila de Aveiro no final do século XVIII. Disponível: Depósito do Museu de Aveiro

Fig. 166 – Planta da Vila de Aveiro no final do século XVIII. Disponível: http://patrimonioreligiosodeaveiro.blogspot.com/p/paroquia-da-vera-cruz-de-aveiro.html

Fig. 167 – Planta da cidade de Aveiro de 1964, onde se sobrepõe o edificado dos séculos XVIII e XIX. Disponível: *Plano Director da Cidade de Aveiro.*

Fig. 168 – Planta da cidade de Aveiro em 1931.

Fig. 169 – Planta de intervenções presente no *Anteplano de Urbanização da Cidade de Aveiro* de 1960. Disponível: *Anteplano de Urbanização da Cidade de Aveiro: Peças desenhadas*.

Fig. 170 – Planta das intervenções da Zona Central presente no *Anteplano de Urbanização da Cidade de Aveiro* de 1958. Disponível: *Anteplano de Urbanização da Cidade de Aveiro: Peças desenhadas*.

Fig. 171 – Planta das zonas residenciais existentes e propostas no *Plano Director da Cidade de Aveiro* de 1964. Disponível: *Plano Director da Cidade de Aveiro*.

Fig. 172 – Planta das zonas portuárias e industriais existentes e propostas no *Plano Director da Cidade de Aveiro* de 1964. Disponível: *Plano Director da Cidade de Aveiro*.

Fig. 173 – Planta das zonas existentes e propostas no *Plano Director da Cidade de Aveiro* de 1964. Disponível: *Plano Director da Cidade de Aveiro*.

Fig. 174 – Planta das zonas verdes existentes e propostas no *Plano Director da Cidade de Aveiro* de 1964. Disponível: *Plano Director da Cidade de Aveiro*.

Fig. 175 – Planta da rede de circulação proposta no *Plano Director da Cidade de Aveiro* de 1964. Disponível: *Plano Director da Cidade de Aveiro*.

Fig. 176 – Planta do estudo prévio do *Plano de Pormenor da Área Central para Aveiro* de 1963-1965. Disponível: Arquivo da Fundação Marques da Silva.

Fig. 177 – Planta das intervenções do *Plano de Pormenor da Área Central para Aveiro* de 1963-1965. Disponível: Arquivo da Fundação Marques da Silva.

Fig. 178 – Fotografia da maqueta do *Plano de Pormenor da Área Central para Aveiro* de 1963-1965. Disponível: Arquivo da Fundação Marques da Silva.

Fig. 179 – Planta do *Plano Integrado de Aveiro* de 1979 a 1981.

Fig. 180 – Planta do *Plano Geral da Universidade* de Aveiro de 1979.

Fig. 181 – Plano das zonas de intervenção do *Plano Estratégico do Polis de Aveiro.*

Fig. 182 – Planta da divisão do território do *Plano Estratégico do Polis de Aveiro.*

Fig. 183 – Planta das zonas do *Plano Estratégico do Polis de Aveiro.*

Fig. 184 – Planta com o conjunto de planos de pormenor do *Plano Estratégico do Polis de Aveiro.*

Anexos

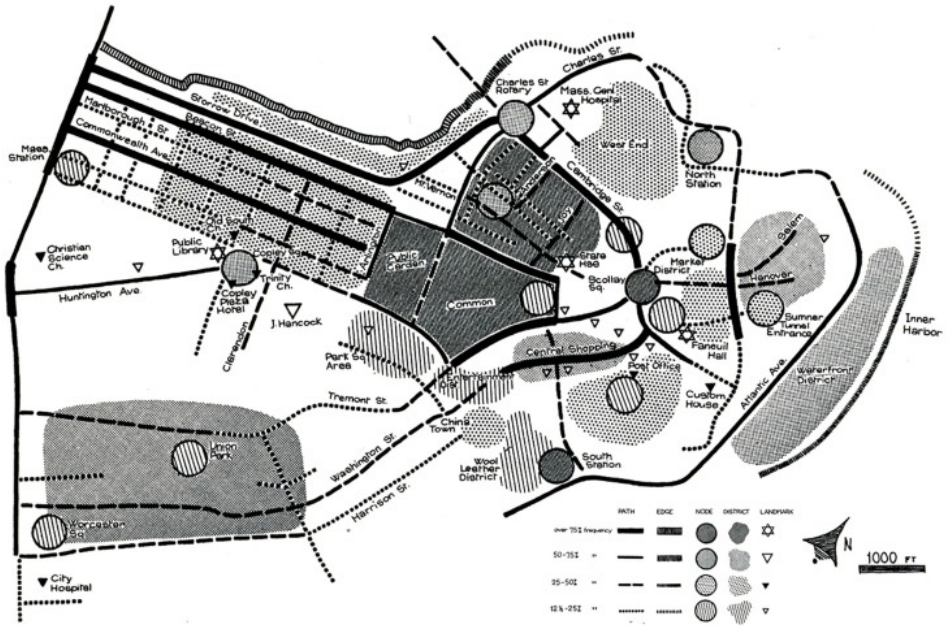


Fig. 160 - A imagem de Boston derivada das entrevistas verbais.

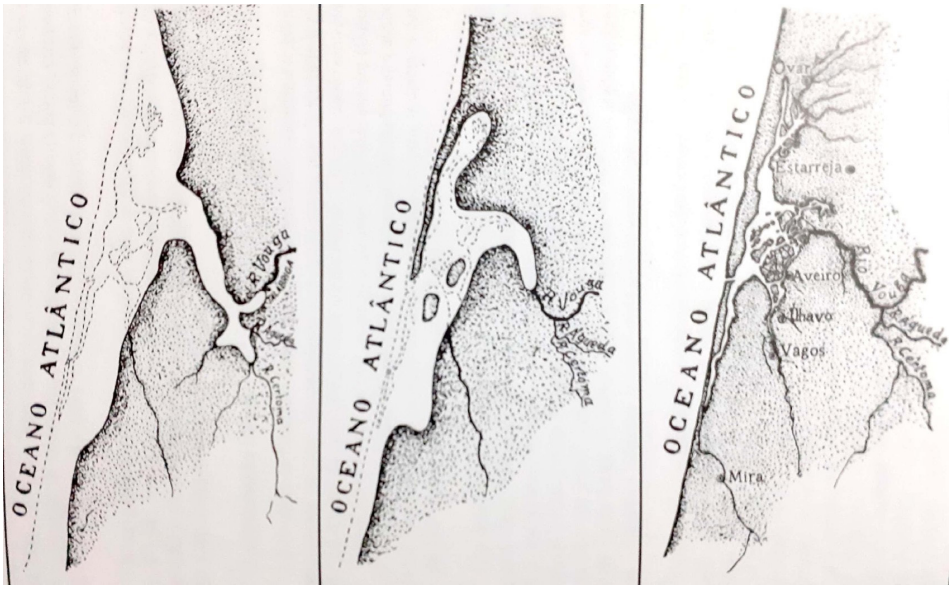


Fig. 161 - Representação das fases da formação da ria de Aveiro.

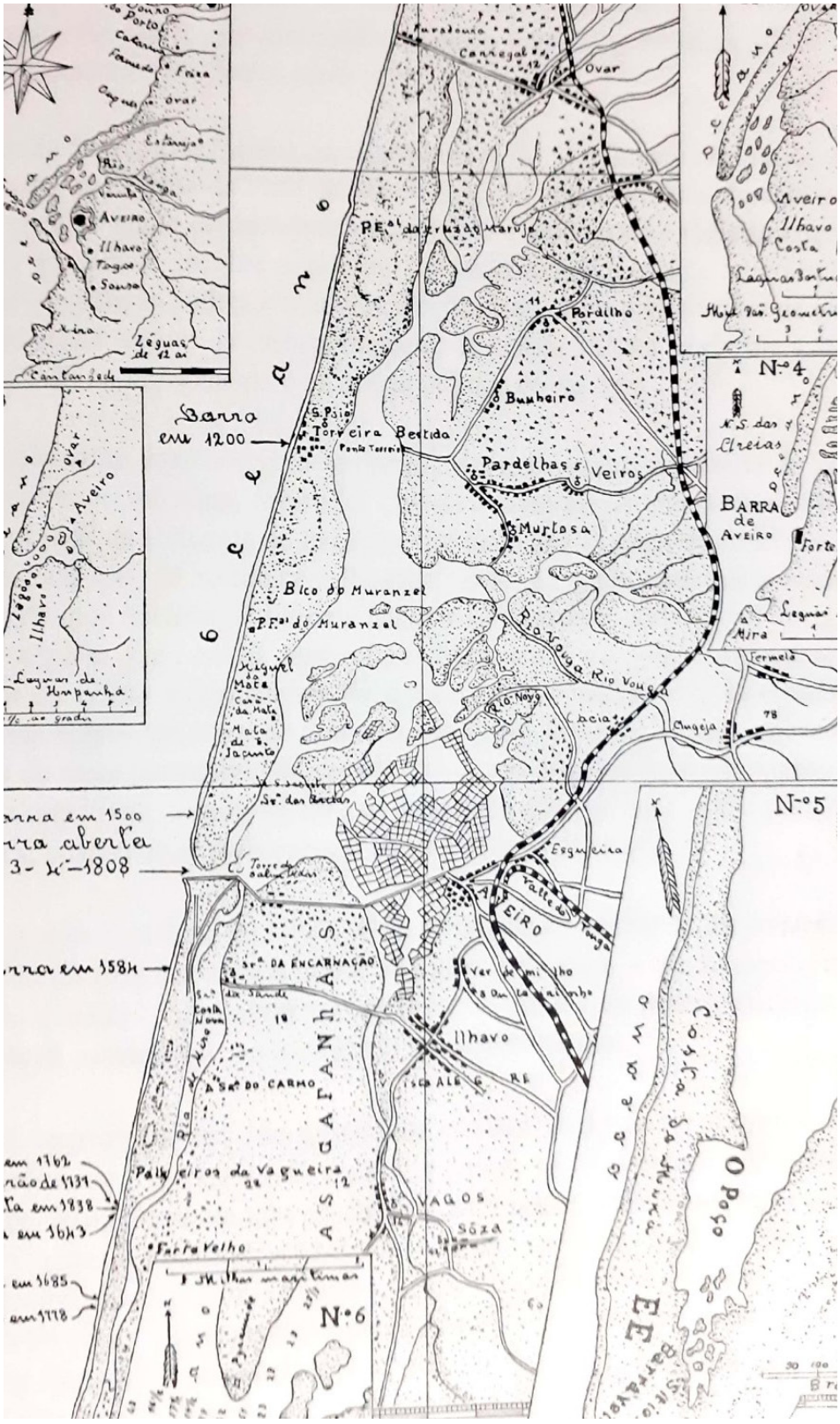


Fig. 162 - Representação da evolução da barra, 1200-1808.

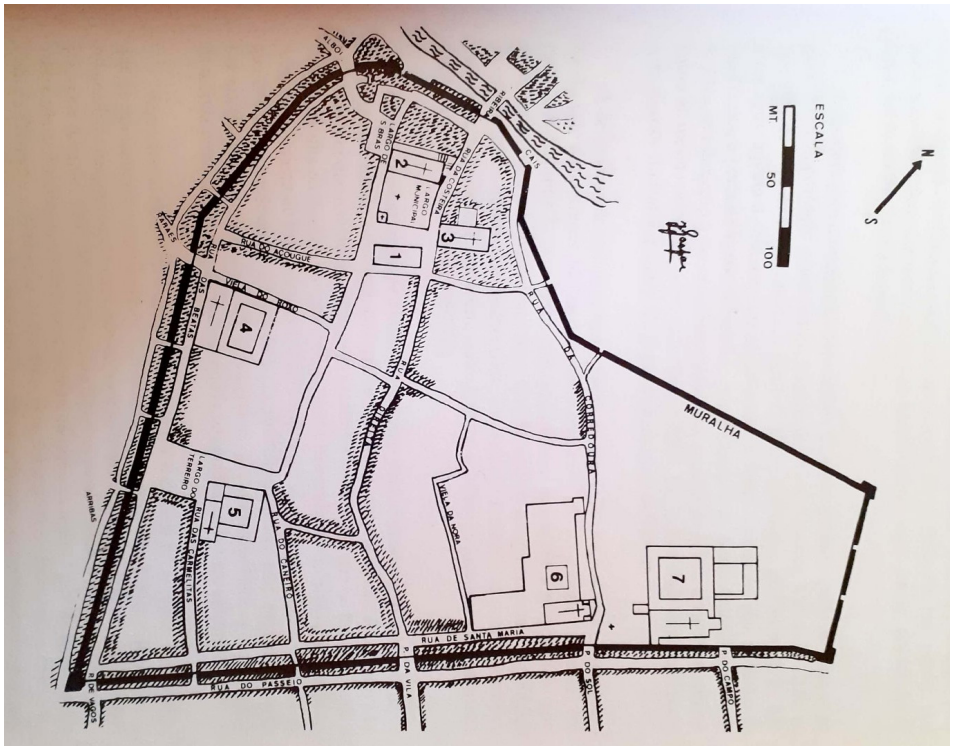


Fig. 163 - Planta do núcleo muralhado, século XV-XVI.

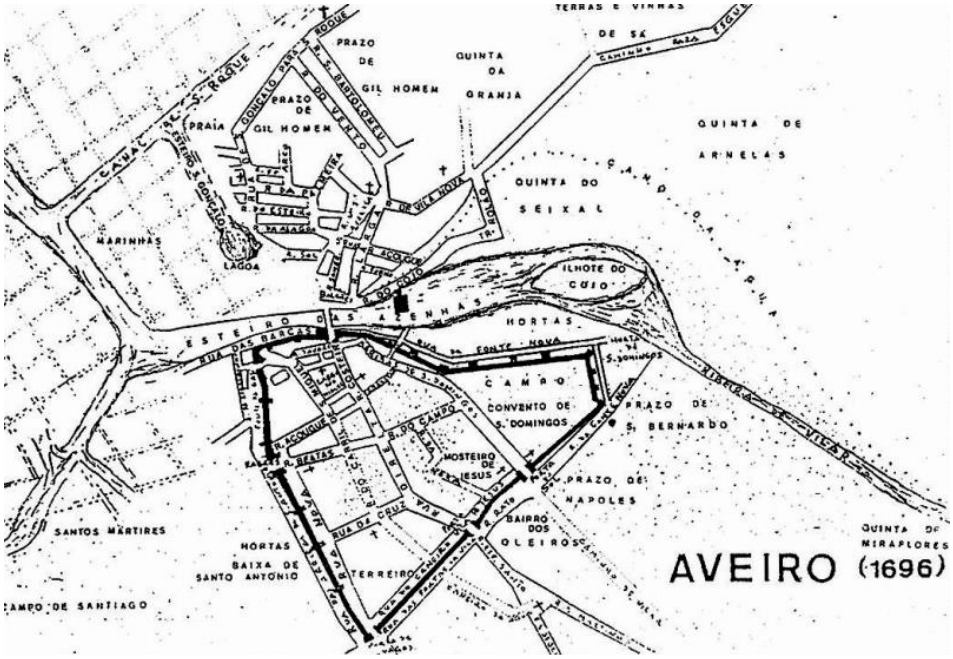


Fig. 164 - Planta da Vila de Aveiro, 1696.

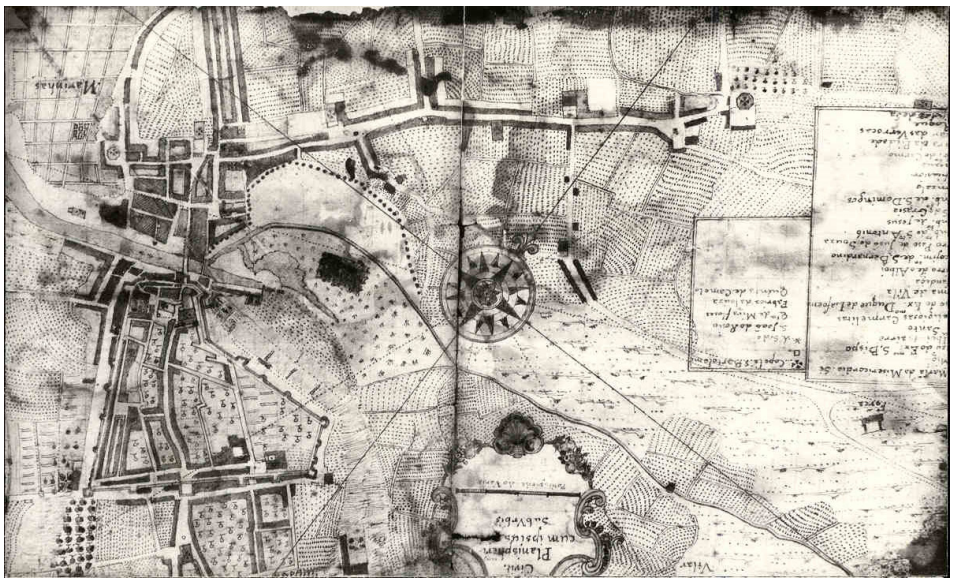


Fig. 165 - Planta da cidade de Aveiro, finais do século XVIII.

Fig. 166 - Planta da cidade de Aveiro, 1780.

Fig. 167 - Planta da cidade de Aveiro, onde se evidencia o edificado dos séculos XVIII e XIX, 1964.

Fig. 168 - Planta da cidade de Aveiro, 1931.

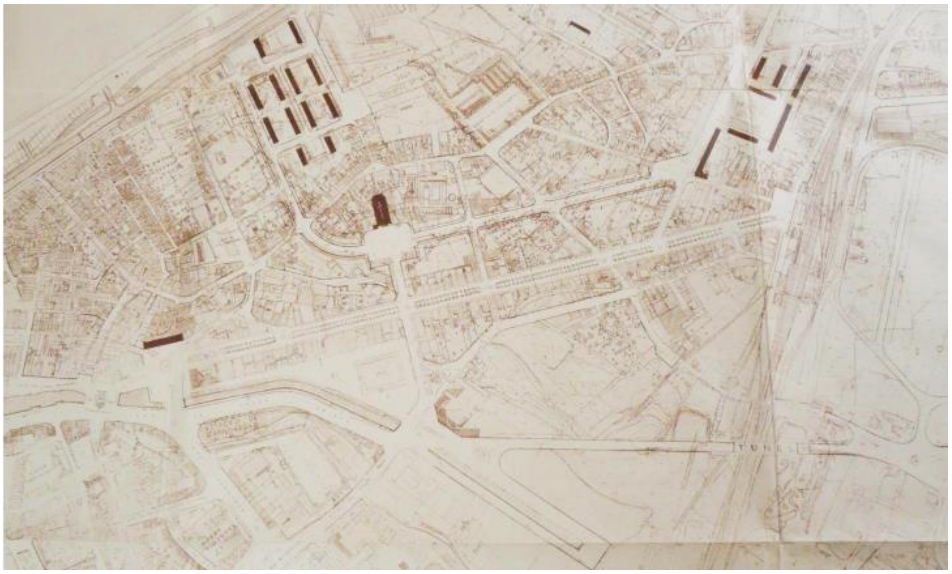


Fig. 169 - Planta do *Anteplano de Urbanização da Cidade de Aveiro*, 1960.

Fig. 170 - Planta da Zona Central do *Anteplano de Urbanização da Cidade de Aveiro*, 1958.

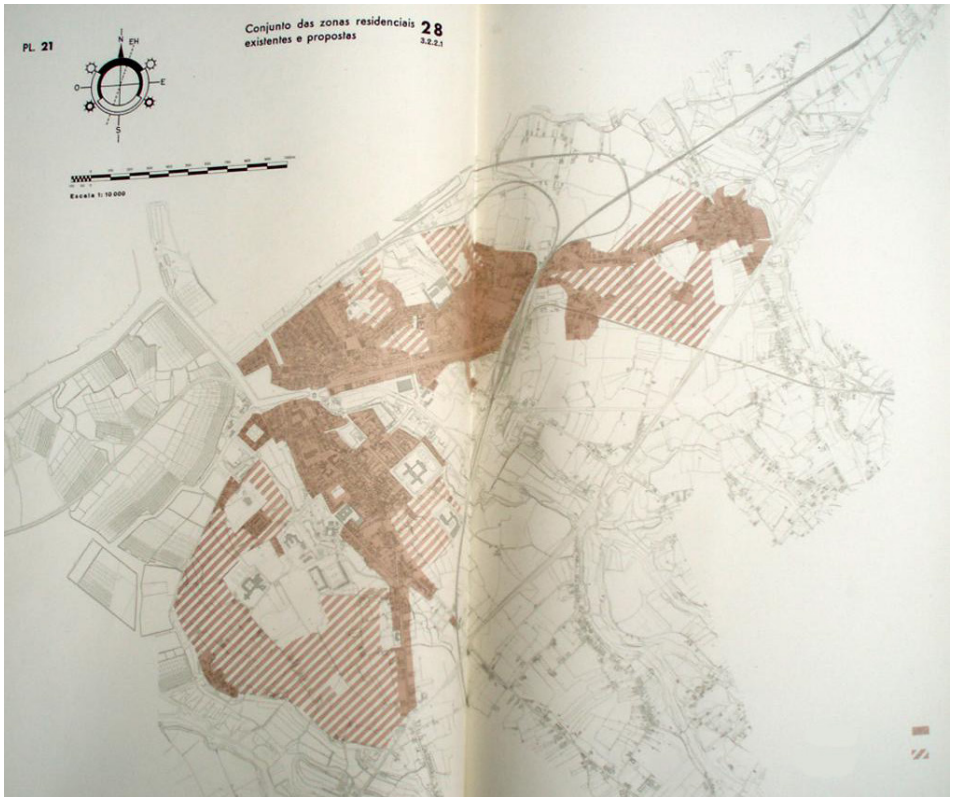


Fig. 171 - Planta das zonas residenciais do *Plano Director da Cidade de Aveiro*, 1964.

Fig. 172 - Planta das zonas portuárias e industriais do *Plano Director da Cidade de Aveiro*, 1964.

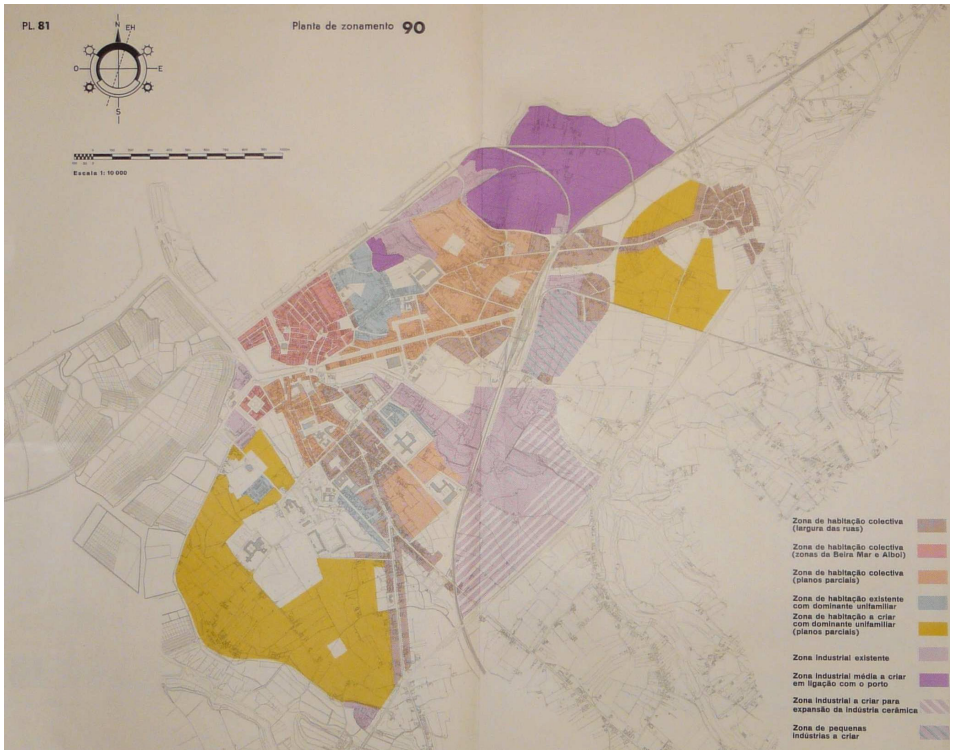


Fig. 173 - Planta de zonamento do *Plano Director da Cidade de Aveiro*, 1964.

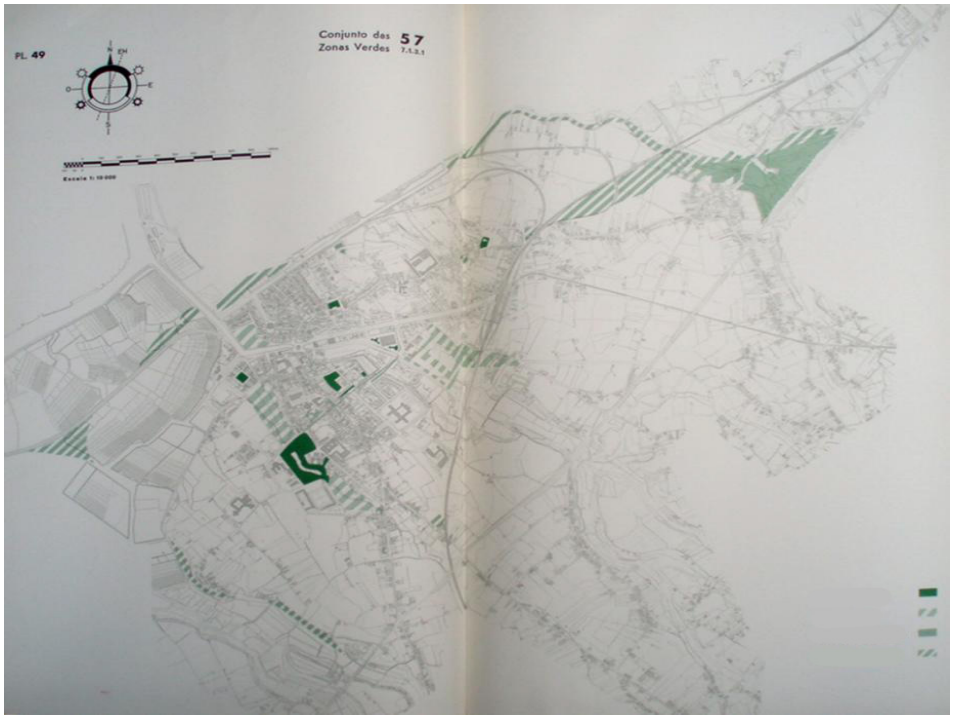


Fig. 174 - Planta das zonas verdes do *Plano Director da Cidade de Aveiro*, 1964.

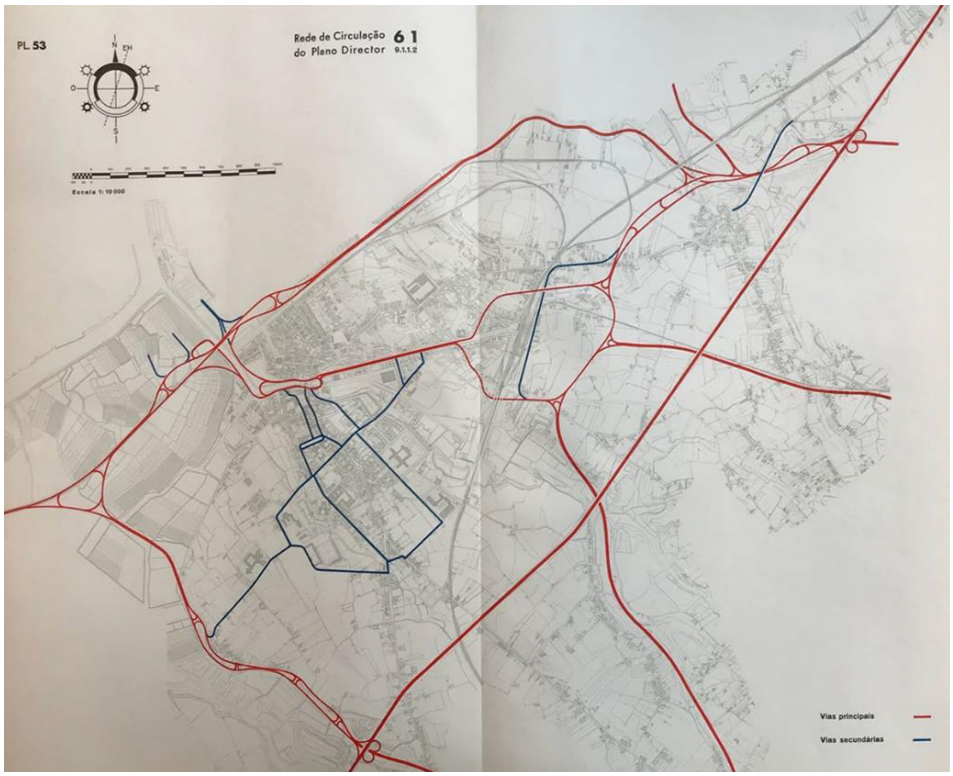


Fig. 175 - Planta da rede de circulação do *Plano Director da Cidade de Aveiro*, 1964.

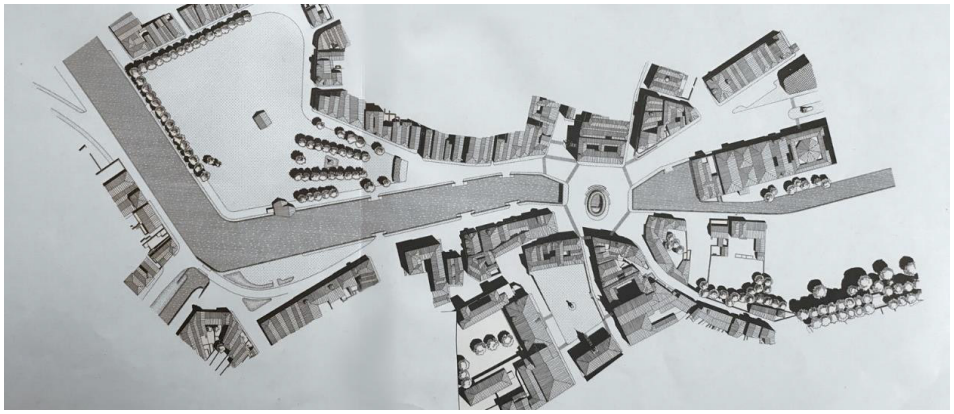


Fig. 176 - Estudo prévio do *Plano de Pormenor da Área Central para Aveiro*, 1963-1965.

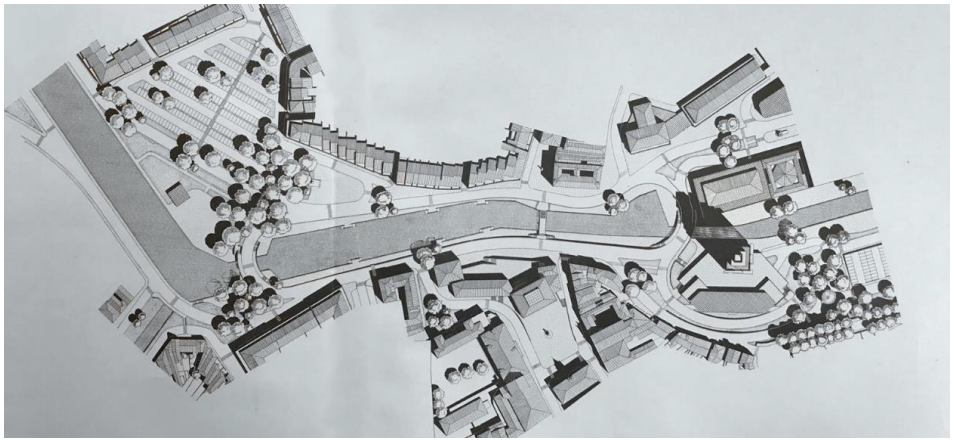


Fig. 177 - Proposta do *Plano de Pormenor da Área Central para Aveiro*, 1963-1965.

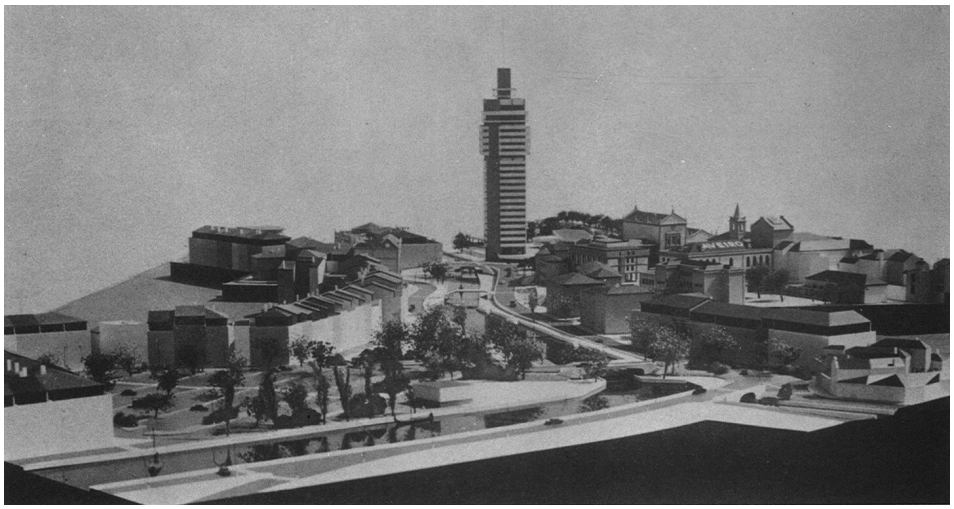


Fig. 178 - Maqueta do *Plano de Pormenor da Área Central para Aveiro*, 1963-1965.

Fig. 179 - Plano do Bairro de Santiago, 1979.

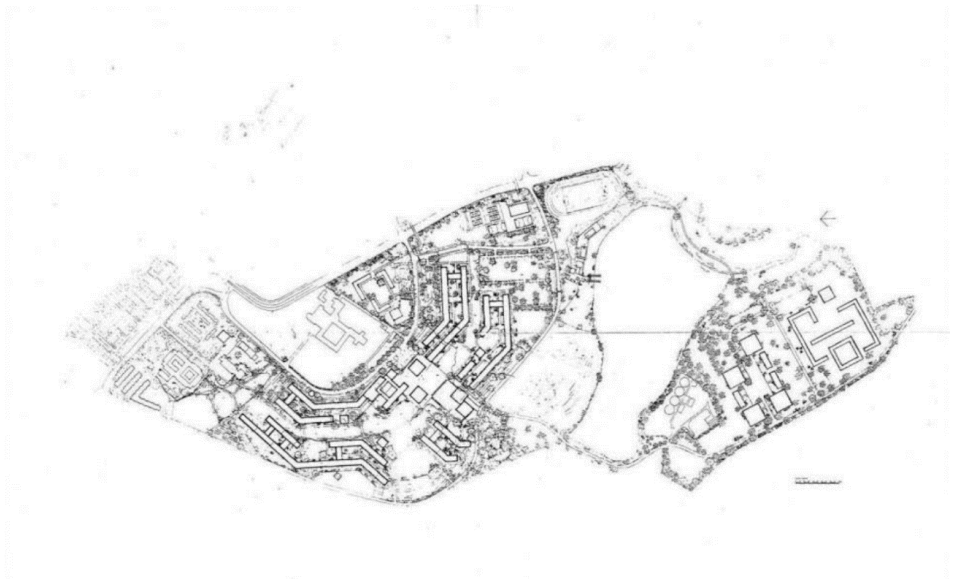


Fig. 180 - Plano Geral da Universidade de Aveiro, 1979.

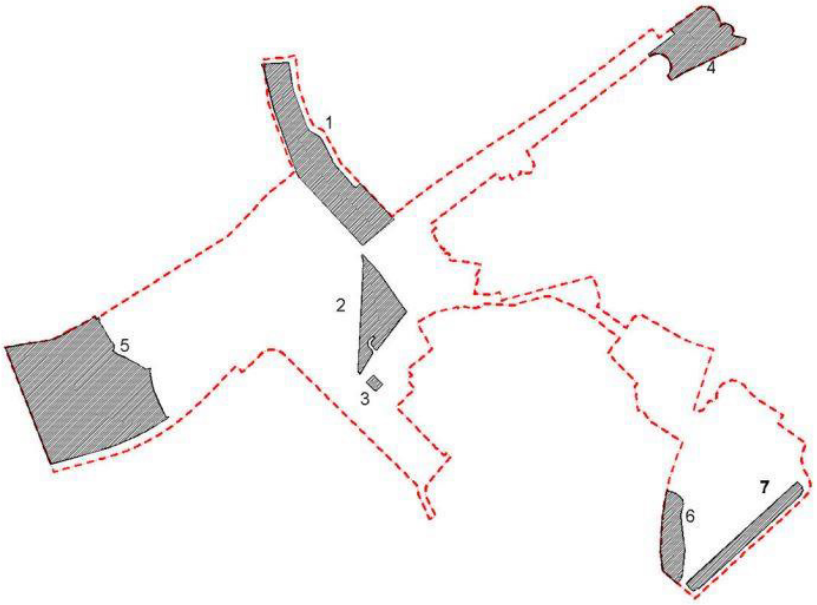


Fig. 181 - Plano das zonas de intervenção do *Plano Estratégico do Polis de Aveiro.*

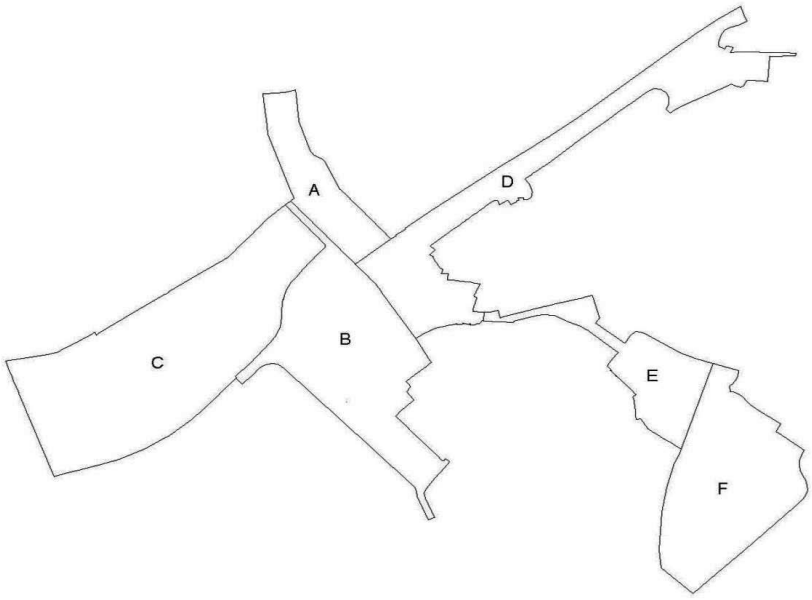


Fig. 182 - Planta da divisão do território do *Plano Estratégico do Polis de Aveiro.*

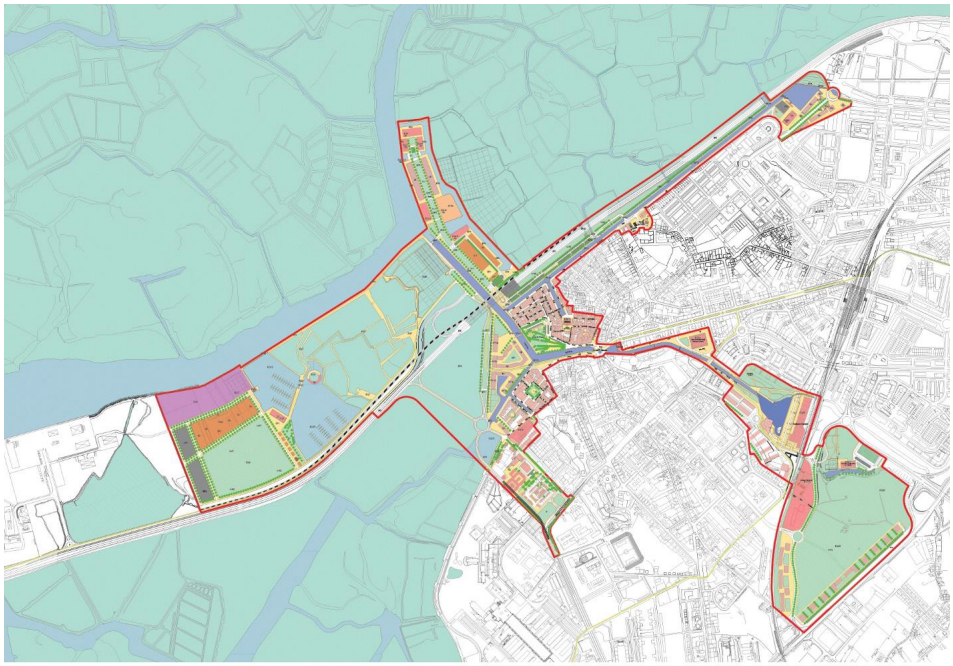


Fig. 183 - Planta do *Plano Estratégico do Polis de Aveiro.*

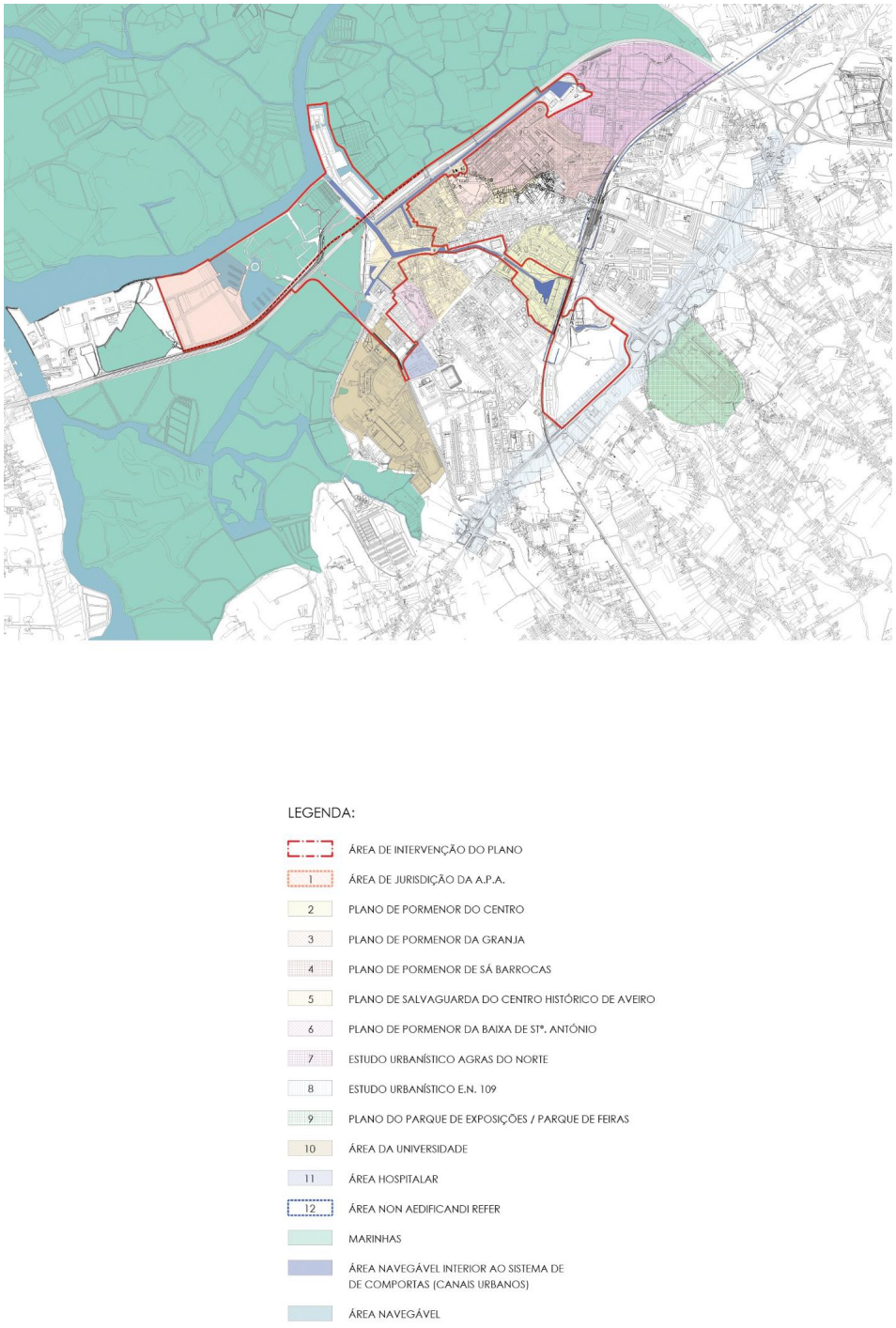


Fig. 184 - Planta dos planos de pormenor do *Plano Estratégico do Polis de Aveiro.*

Plano Urbano em Aveiro: Da Identidade e História à (de)composição do projeto

João Pedro Rebelo Pinto Freitas Naia

FACULDADE DE ARQUITETURA